

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

André Valva

**Aplicação da Teoria Geertziana para Análise de Textos Religiosos Antigos:
Uma perspectiva epistemológica em Ciências da Religião.**

Goiânia

2024

ANDRÉ VALVA

**Aplicação da Teoria Geertziana para Análise de Textos Religiosos Antigos:
Uma perspectiva epistemológica em Ciências da Religião.**

Apresentação de Tese para obtenção do
título de Doutor em Ciências da Religião do
Programa de Pós-graduação Stricto Sensu
em Ciências da Religião da PUC Goiás.
Orientador: Prof. Dr. Clóvis Ecco.

Goiânia
2024

Catálogo na Fonte - Sistema de Bibliotecas da PUC Goiás

V215a Valva, André.

Aplicação da teoria geertziana para análise de textos religiosos antigos : uma perspectiva epistemológica em ciências da religião / André Valva.-- 2024.

218 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês.

Orientador: Prof. Dr. Clovis Ecco.

Tese (doutorado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2024.

Inclui referências: f. 201-218.

1. Geertz, Clifford, 1926-2006. 2. Bíblia - N.T - Marcos. 3. Religião. I. Ecco, Clóvis. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - 13/08/2024. III. Título.

CDU: 27-247.6(043)

Márcia Rita Freire - Bibliotecária - CRB1/1551



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pontifical Catholic University of Goiás
Av. Universitária, 1069, Setor Universitário
Caixa Postal 86 - CEP 74.605-010
Goiânia - Goiás - Brasil

ATA Nº 124-2024
SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DOUTORADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

No dia **13 de agosto de 2024**, às **14h**, foi realizada via Webconferência, a sessão pública de Defesa de Tese de **ANDRÉ VALVA**, discente do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em **Ciências da Religião** da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, com trabalho intitulado "INVESTIGAÇÃO DA TEORIA GEERTZIANA PARA ANÁLISE DE TEXTOS RELIGIOSOS ANTIGOS - UMA PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO". A Banca Examinadora foi composta por: Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás (Presidente); Prof. Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho / PUC Goiás; Profa. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás; Prof. Dr. Manoel Ribeiro de Moraes Júnior / UEPA; Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes / PUC Rio; Prof. Dr. Frederico Pieper Pires / UFJF; Prof. Dr. Moésio Pereira de Souza / PUC Goiás (Suplente) e Prof. Dr. Pedro Sahium / UEG (Suplente). O trabalho da Banca Examinadora foi conduzido pelo(a) Presidente da Banca que, inicialmente após apresentar os docentes integrantes da Banca Examinadora, concedeu 30 minutos ao(a) discente para que este(a) expusesse seu trabalho. Após a exposição o(a) Presidente da Banca concedeu a palavra a cada membro para que estes arguissem o(a) discente. A banca examinadora deliberou pela alteração do título do trabalho apresentado, **APLICAÇÃO DA TEORIA GEERTZIANA PARA ANÁLISE DE TEXTOS RELIGIOSOS ANTIGOS - UMA PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**. Durante a arguição os membros da banca apresentaram suas contribuições ao trabalho, com sugestões para conclusão do estudo e apresentação dos resultados da pesquisa. Após o encerramento das arguições a banca examinadora, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho do(a) discente, considerando sua trajetória no curso e o trabalho produzido. Como resultado a Banca Examinadora deliberou pela **APROVAÇÃO da Tese**. Proclamado o resultado pelo(a) Presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente Ata que é assinada pelos membros da banca e pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

Goiânia, GO, 13 de agosto de 2024

Assinam esta Ata,
Banca Examinadora

Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás (Presidente); Prof. Dr. José Reinaldo Felipe Martins Filho / PUC Goiás; Profa. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás; Prof. Dr. Manoel Ribeiro de Moraes Júnior / UEPA; Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes / PUC Rio e Prof. Dr. Frederico Pieper Pires / UFJF

Prof. Dr. Clóvis Ecco - Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Escolher um item.

Todo meu trabalho é feito a várias mãos, mas somente duas me afagam à noite,
quando a fadiga vence a batalha:

Sâmia Denadai

Meu eterno muito obrigado:

À Sâmia, não importa o destino, sei que ela estará lá.

Ao meu orientador Prof. Clóvis Ecco, cuja paciência, dedicação e carinho comigo extrapolaram qualquer relação educacional; ao corpo docente do Programa de Stricto Senso em Ciências da Religião, por transformar o ambiente universitário numa reunião prazerosa e produtiva; e ao corpo discente do Programa, pela alegria de fazer amigos incríveis, que levo no coração!

À CAPES pela confiança na concessão da bolsa de estudos e no investimento em minha educação; sem ela não seria possível engendrar todo o trabalho investigativo.

À Pontifícia Universidade Católica de Goiás e à Sociedade Goiana de Cultura, pela oportunidade de crescer, aprender e produzir, saindo maior e melhor do que quando cheguei!

À minha família paulista e monte altense. São minha base, meus caminhos, meu Norte e o meu fim. Amo mais que chocolate!

Aos amigos e amigas, da capital, do interior e Goiânia, por toda compreensão, recepção, afeição e auxílio ao longo dos quatro anos.

À Márcia, Marcos e Emi; à Denise; ao Bell Belleza; ao Flávio, ao Cosme, Gustavo e ao Gustavo; Christian, Luciana e Mai;

À ABIB, à Anpuh e à ABHR pela receptividade e oportunidade de conhecer pessoas incríveis!

The moment you give up is the moment you let someone else win.

Kobe Bryant

RESUMO

A tese intitulada "Aplicação da Teoria Geertziana para Análise de Textos Religiosos Antigos: uma perspectiva epistemológica em Ciências da Religião" explora os conceitos e ideias de Clifford Geertz, propondo uma aplicação de sua abordagem interpretativa na análise de manuscritos religiosos antigos, especificamente o Evangelho de Marcos presente no Códice Sinaítico. O objetivo principal é desenvolver um modelo científico, denominado Teoria Geertziana (T.G.), que permita uma compreensão contextualizada e simbólica dos textos religiosos, contribuindo para a Ciências da Religião e outras áreas das humanidades. A metodologia adotada é bibliográfica, qualitativa e indutiva, centrada na análise das obras de Geertz. A pesquisa investiga conceitos-chave como cultura, religião, símbolo e senso comum, aplicando-os na interpretação de Mc 3,17 do Evangelho de Marcos. Este versículo foi escolhido por sua exclusividade e pela possibilidade de investigar a comunidade marcana e seus contextos simbólicos. O Códice Sinaítico (κ/01), um manuscrito do século IV, é utilizado como base textual para essa análise, devido à sua importância histórica e integridade preservada. O estudo foi estruturado em três capítulos principais. O primeiro capítulo apresenta uma biografia de Clifford Geertz, suas influências intelectuais e principais obras, seguido de uma análise detalhada do Evangelho de Marcos, sua história, características e contextos redacionais, e uma discussão sobre o Códice Sinaítico, suas particularidades e relevância. O segundo capítulo desenvolve a Teoria Geertziana, aplicando seus conceitos ao trecho específico de Mc 3,17, examinando a interseção entre os contextos cultural e religioso. O terceiro capítulo foca nas análises e discussões das aplicações geertzianas, estratificando os significados do texto em níveis literal, contextual, teológico e pragmático. Os resultados revelam que a aplicação da T.G. proporciona uma compreensão mais aprofundada e contextualizada do texto religioso, destacando nuances simbólicas e culturais significativas. A análise de Mc 3,17, por exemplo, mostra como os apelidos dados por Jesus aos irmãos Boanerges refletem aspectos culturais e sociais da comunidade cristã primitiva. A pesquisa conclui que a T.G. é um modelo funcional e eficaz para a análise de manuscritos religiosos, podendo ser replicado em outros estudos textuais. Além disso, a tese destaca a interdisciplinaridade da T.G., relacionando-a com a Nova História, Sociologia da Religião, Filosofia da Ciência e Hermenêutica, proporcionando novas perspectivas e contribuindo significativamente para o campo de estudos religiosos.

Palavras-chave: Teoria Geertziana. Clifford Geertz. Evangelho de Marcos. Códice Sinaítico. Ciências da Religião.

ABSTRACT

The Doctoral Dissertation entitled "Application of Geertzian theory for the analysis of ancient religious texts: an epistemological perspective on Religion Studies" explores the concepts and ideas of Clifford Geertz, proposing an application of his interpretive approach to the analysis of ancient religious manuscripts, specifically the Gospel of Mark present in the Codex Sinaiticus. The main objective is to develop a scientific model, called Geertzian Theory (G.T.), that allows a contextual and symbolic understanding of religious texts, contributing to the Religion Studies and other areas of Humanities. The methodology adopted is bibliographic, qualitative, and inductive, centered on the analysis of Geertz's works. The research investigates key concepts such as culture, religion, symbol, and common sense, applying them to the interpretation of Mk 3:17 of the Gospel of Mark. This verse was chosen by its exclusivity and the possibility of investigating the markan community and its symbolic contexts. The Codex Sinaiticus (ⲛ/01), a fourth century manuscript, is used as a textual basis for this analysis, due to its historical importance and preserved integrity. The study was structured in three main chapters. The first chapter presents a biography of Clifford Geertz, its intellectual influences, and main works, followed by a detailed analysis of the Gospel of Mark, its history, characteristics and writing contexts, and a discussion about the Codex Sinaiticus, its particularities and relevance. The second chapter develops Geertzian Theory, applying its concepts to the specific stretch of Mk 3:17, examining the intersection between the cultural and religious contexts. The third chapter focuses on the analyzes and discussions of Geertzian applications, stratifying the meanings of text at literal, contextual, theological, and pragmatic levels. The results show that the application of G.T. provides a deeper and more contextual understanding of the religious text, highlighting significant symbolic and cultural nuances. The analysis of Mk 3:17, for example, shows how the nicknames given by Jesus to the Boanerges brothers reflect cultural and social aspects of the early Christian community. The research concludes that G.T. is a functional and effective model for the analysis of religious manuscripts and can be replicated in other textual studies. In addition, the doctoral dissertation highlights the interdisciplinarity of G.T., relating it to the new history, sociology of religion, philosophy of science and hermeneutics, providing new perspectives and contributing significantly to the field of Religion Studies.

Keywords: Geertzian theory. Clifford Geertz. Gospel of Mark. Codex Sinaiticus. Religion Studies.

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS.

TABELA 1- PORCENTAGEM DE COMPARTILHAMENTO DOS VERSÍCULOS, PRESENTES NO EVANGELHO DE MARCOS, COM OS LIVROS SINÓTICOS.....	26
TABELA 2- MANUSCRITOS ANTIGOS E SEUS CONTEÚDOS DE ACORDO COM OS CAPÍTULOS MARCANOS.	28
TABELA 3- TRANSCRIÇÃO EM PORTUGUÊS E TRADUÇÃO PARA O GREGO KOINÉ DO TRECHO DE Mc 3,17; FONTES DAS VARIANTES E CONVERGÊNCIAS QUE SUSTENTAM O TEXTO.....	37
TABELA 4- CRITÉRIOS DE FUNCIONALIDADE PARA METODOLOGIA GEERTZIANA, SEGUNDO HEES.....	63
TABELA 5- SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE T.G. E MHC.	69
TABELA 6- SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE A T.G. E O MÉTODO EXEGÉTICO.....	74
TABELA 7- SEMELHANÇAS ENTRE A T.G. E A ANÁLISE DO DISCURSO.....	80
TABELA 8- DIFERENTES ENTRE A T.G. E A ANÁLISE DO DISCURSO.	80
TABELA 9- SÍNTESE DAS SEMELHANÇAS ENTRE T.G. E ANÁLISE DE CONTEÚDO (AC).....	86
TABELA 10- SÍNTESE DAS DIFERENÇAS ENTRE T.G. E ANÁLISE DE CONTEÚDO (AC).....	89
TABELA 11- SÍNTESE DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE HERMENÊUTICA E A T.G.....	94
TABELA 12- TABELA DE PONTOS CONVERGENTES E DIVERGENTES ENTRE AS ESTRUTURAS PRESENTES EM Mc 3,17.....	162

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1- PRIMEIRA FOLHA DO LIVRO DE MARCOS, PRESENTE NO CODEX SINAITICUS.	31
FIGURA 2- IMAGEM DO PERGAMINHO SINAÍTICO A RESPEITO DE Mc 3,17.....	38
FIGURA 3- CÓDICE VATICANO, DESTACANDO O VERSÍCULO Mc 3,17.....	39
FIGURA 4- Mc 3,17 APARENTE NO CÓDICE WASHINGTONIANO W/032.....	39
FIGURA 5- ESQUEMA METODOLÓGICO GEERTZIANO, COM TODAS AS ETAPAS DO PROCESSO.	61

LISTA DE ABREVIACÕES:

1Rs: Primeiro livro de Reis;	ϕ: Papiro (geralmente seguido de um número sobrescrito para identificação do correto do documento);
2Tm: Segunda a Timóteo;	ϕ⁴⁵: Papiro 45;
AC: Análise de Conteúdo;	Jr: Livro de Jeremias;
AD: Análise do Discurso;	Lc: Evangelho de Lucas;
aEC: antes da Era Comum;	Mc: Evangelho de Marcos;
AT: Antigo Testamento;	MHC: Método Histórico-Crítico;
At: Ato dos Apóstolos;	Mt: Evangelho de Mateus;
B/03: Códice Vaticano;	N.T.: Notas do tradutor;
BJ: Bíblia de Jerusalém;	NA28: Bíblia Novum Testamentum Graece;
Cl: Colossenses;	NT: Novo Testamento;
EC: Era Comum;	NTG: Novum Testamentum Graece;
EUA: Estados Unidos da América;	Sl: Livro de Salmos;
Ex: Livro de Êxodo;	T.G.: Teoria Geertziana;
Fm: Livro de Filemon;	W/032: Códice Washingtoniano;
Gn: Livro de Gênesis;	ⲁ/01: Códice Sinaítico;
HEES: Hierarquia Estratificada de Estruturas Significantes;	

Sumário

Introdução	4
1) Clifford Geertz, o Evangelho de Marcos e o Códice Sinaítico	10
1.1) Clifford Geertz: biografia, influências e produções.....	10
1.1.1) Breve biografia de Clifford Geertz.....	11
1.1.2) Influências intelectuais para Geertz.....	14
1.1.3) Produções acadêmicas e pesquisas.....	17
1.2) O Evangelho segundo Marcos: história e características.....	23
1.2.1) Breve história sobre o livro marcano.....	24
1.2.2) Características do Evangelho de Marcos.....	26
1.3) Códice Sinaítico (κ/01): história, trajetória e características.....	30
1.3.1) Breve contexto e significado do Códex Sinaiticus.....	32
1.3.2) História do manuscrito.....	34
1.3.3) Características singulares sinaíticas.....	35
1.3.4) O trecho Sinaítico estudado: Mc 3,17.....	36
2) Teoria Geertziana e o Códice Sinaítico	40
2.1) Epistemologia geertziana e aplicação ao manuscrito.....	41
2.1.1) Conceito de símbolo e contexto Mc 3,17.....	42
2.1.2) Conceito de senso comum e contexto Mc 3,17.....	46
2.1.3) Conceito de cultura e contexto Mc 3,17.....	49
2.1.4) Conceito de Religião e o contexto Mc 3,17.....	53
2.2) Metodologia geertziana e aplicação ao Códex.....	56
2.3) Comparação da Teoria Geertziana (T.G.) com outros métodos de análises de textos antigos.....	64
2.3.1) O Método Histórico-Crítico (MHC).....	65
2.3.2) O Método Exegético.....	70
2.3.3) O método de Análise do Discurso (AD) e Análise de Conteúdo (AC) ..	76
2.3.4) O Método Hermenêutico.....	89
3) Análises e discussões das aplicações geertzianas ao Códice	95
3.1) Estratificação de Significados de Mc 3,17.....	112
3.1.1) Significado literal.....	113
3.1.2) Significado Contextual.....	115
3.1.3) Significado Teológico.....	118

3.1.4)	Significados pragmáticos.	121
3.1.5)	Integração dos quatro significados de Mc 3,17.	123
3.1.6)	Interconexão dos quatro significados de Mc 3,17.	125
3.2)	Estruturas de Significado (ou Estruturas Sociais).	129
3.2.1)	Estruturas Sociais presente no contexto do Evangelho de Marcos. ..	130
3.2.2)	O Império Romano e a dominação imperial.	132
3.2.3)	O judaísmo e seus grupos religiosos.	134
3.2.4)	A sociedade judaica e a estrutura familiar.	136
3.2.5)	A economia rural e a pobreza.	137
3.2.6)	A Cultura Helenística.	138
3.2.7)	Análise das cinco estruturas apresentadas.	140
3.3)	Hierarquização de elementos simbólicos.	142
3.3.1)	Desmembramento de <i>Boanerges</i>	142
3.3.2)	A Hierarquia Estrutural do Símbolo <i>Boanerges</i>	144
3.4)	Comparação das Estruturas de Significados.	148
3.4.1)	Análise de "Boanerges" nas Estruturas Sociais.	148
3.4.2)	Análise de "Boanerges" nas estruturas de significados.	152
3.5)	Convergência e divergência nas estruturas de significados.	155
3.5.1)	Pontos de convergência entre as estruturas sociais e de significado. 156	
3.5.2)	Pontos de Divergência entre as Estruturas Sociais e de Significado. 158	
3.5.3)	Análise comparativa entre as diferentes estruturas.	162
3.6)	Determinação das características formativas dos elementos simbólicos..	164
3.6.1)	Integração das camadas de significado.	164
3.6.2)	A convergência entre as estruturas sociais e os significados simbólicos. 167	
3.6.3)	A divergência entre as estruturas sociais e os significados simbólicos. 169	
3.6.4)	A coesão entre as camadas de significado e as estruturas sociais. ..	172
3.6.5)	Articulação das estruturas de significado e a construção da identidade do símbolo "Boanerges".	174
3.7)	Justaposição do Senso Comum e Religião.	177
3.7.1)	Esfera do Senso Comum.	177

3.7.2)	Esfera da Religião.....	178
3.7.3)	Padrões Culturais Criados pela Interação das Esferas.....	180
3.7.4)	Convergência entre Senso Comum e Religião.	182
3.7.5)	Divergência entre Senso Comum e Religião.	184
3.7.6)	Impacto das Esferas na Formação do Símbolo.	186
3.7.7)	Discussão final sobre as esferas e suas justaposições.	189
3.8)	Conclusão do Capítulo de Análises e Discussões.	191
3.9)	Síntese dos Resultados.	192
	Considerações Finais.	196
	Referências	201

Introdução.

“Aplicação da Teoria Geertziana para Análise de Textos Religiosos Antigos: uma perspectiva epistemológica em Ciências da Religião” é um trabalho investigativo, e de aplicação, sobre os conceitos e ideias de Clifford Geertz e como estes constroem uma teoria acadêmica apta a estudar manuscritos religiosos antigos. Acredita-se que a teoria sugerida compõe uma proposta de modelo científico de estudos, a fim de contribuir para área da Ciências da Religião e, se possível, para as humanidades em geral.

O tema proposto se alicerçou em uma hipótese de que era possível a aplicação dos conceitos e ideias de Clifford Geertz, especialmente em relação à sua abordagem sobre cultura, religião, símbolos e senso comum, na construção de uma teoria acadêmica para análise de manuscritos antigos, resultando em um instrumento investigativo alternativo e coerente, aplicável a Ciências da Religião e aos demais campos das humanidades.

A Teoria Geertziana (T.G.) – como designou-se a referida proposta – permitiu uma compreensão contextualizada e fundamentada dos textos religiosos, revelando nuances e características sociais por meio dos aspectos simbólicos e culturais observados. Além disso, o modelo geertziano proposto, foi capaz de contribuir significativamente para o estudo religioso e histórico-antropológico dos trechos marcanos escolhidos como objeto de aplicação, fornecendo novas perspectivas para a interpretação desse texto.

Sendo assim, é possível afirmar que a hipótese, em questão, pressupôs a aplicação conceitual das ideias de Geertz num modelo analítico de estudos, para um determinado manuscrito religioso. A aplicação decorrente conduziu ao desenvolvimento de uma teoria funcional, cuja capacidade de oferecer uma compreensão contextualizada do texto investigado, mostrou-se eficiente e adequada, ampliando as possibilidades de produção científica de conhecimento em relação ao texto religioso selecionado.

Dessa forma, a pesquisa partiu deste um pressuposto hipotético para formular sua problematização. A proposta é: *“como as ideias de Clifford Geertz sobre cultura, religião e símbolos podem constituir um modelo de estudos científicos, para serem aplicadas de forma eficaz na análise de textos religiosos antigos,*

estabelecendo uma Teoria Geertziana capaz de proporcionar uma compreensão alternativa e contextualizada desses manuscritos?”

Dessa perspectiva, entendia-se que a problematização supramencionada abrange elementos essenciais para o alcance das metas, o que inclui a base teórica em Geertz e seus principais conceitos, o desenvolvimento de um modelo de estudos (denominado Teoria Geertziana) específico para análise textual de manuscritos religiosos e, por fim, a aplicação prática da Teoria na passagem exclusiva do texto do Evangelho de Marcos, presentes no Códice Sinaítico (κ/01), sobre os irmãos Boanerges.

Portanto, a pesquisa visa não apenas compreender o manuscrito descrito acima, mas também avançar teoricamente na área de estudos religiosos, antropológicos e históricos, com vistas à Ciências da Religião, por meio da sugestão de um modelo de estudos alternativos com base em Clifford Geertz.

O objeto central de estudo desta pesquisa são as ideias de Clifford Geertz presentes em suas obras. O propósito é desenvolver e, posteriormente, avaliar a Teoria Geertziana, por meio da interpretação simbólica do texto religioso Mc 3,17. A metodologia empregada foi de natureza bibliográfica, qualitativa e indutiva. Resumindo, trabalhou-se somente com os livros e artigos de Geertz, analisou-se o conteúdo de seus estudos e pesquisas, e investigou-se um pequeno trecho de um texto religioso (Mc 3,17) para, posteriormente, investigar-se algo maior. Por meio da investigação qualificada das obras de Geertz, buscou-se identificar os fundamentos epistemológicos e metodológicos que compuseram a base do modelo teórico.

As análises realizadas no texto marcam parte de quatro conceitos-chave de Geertz: cultura, religião, símbolo e senso comum. Dessa forma, o material selecionado e analisado (símbolos), a partir do texto (Mc 3,17, do Códice Sinaítico), deve estar alinhado a esses quatro conceitos. Estes, por sua vez, foram destacados com base na importância que Geertz lhes atribuiu em seus estudos, cuja relevância pôde ser aferida observando-se a recorrência desses termos em suas obras. Relevância que serviria de argumento para atestar a validade e confiabilidade das conclusões alcançadas pela Tese, em relação a aplicação da Teoria no texto religioso.

Para Geertz, a realidade é um sistema dialético, onde o ser humano se adapta ao seu contexto, ao mesmo tempo que o contexto se ajusta ao ser humano. Essa adaptação ocorre por meio das interpretações de sistemas complexos de

símbolos, que formam novos conjuntos complexos de símbolos, e assim por diante. Essa troca simbólica contínua, visando a adaptação mútua entre ser humano e realidade (contexto), é a característica fundamental do que é considerado real, segundo a compreensão geertziana.

As ideias de Clifford Geertz se concretizam quando observamos um determinado contexto e somos capazes de identificar “caminhos” pelos quais o conhecimento percorre. Dessa forma, é possível retroceder no tempo, tentando reconstruir a simbologia que possibilitou a formação desse conhecimento. Da mesma maneira, podemos tentar inferir quais formas de conhecimento aquele primeiro pode gerar, diante das diferentes interações a que é submetido.

A essência dessas ideias de Geertz reside na preocupação com o ser humano inserido em sua realidade. Na antropologia geertziana, tudo é relevante, e o ser humano é compreensível quando situado no contexto apropriado. Uma parte significativa desse contexto é histórica, permitindo uma construção mais próxima da realidade e facilitando a compreensão da relação dialética entre o ser humano e sua realidade, e vice-versa.

Os parágrafos anteriores trouxeram algumas características centrais para compreender a essência do pensamento de Geertz. Eles se fizeram necessários para conectar o autor ao objetivo da presente investigação: a análise das representações simbólicas do cotidiano na construção do discurso religioso, especificamente no texto religioso de Mc 3,17. O modelo de estudos geertziano busca compreender a interação entre o cotidiano e a religião por meio das representações simbólicas que permeiam o discurso e a mentalidade dos redatores e/ou copiadore de manuscritos religiosos.

A fundamentação epistemológica e metodológica da teoria deriva dos conceitos desenvolvidos por Geertz ao longo de sua carreira acadêmica e antropológica, conforme salientado anteriormente. As particularidades de sua abordagem, centradas em conceitos como cultura, religião, símbolo e senso comum, permitem a formulação de um modelo teórico alternativo para observar e analisar o ser humano, estendendo-se de maneira aplicável aos textos religiosos.

Isto porque, os símbolos presentes nos textos religiosos foram submetidos ao modelo geertziano para análise, recorrendo-se aos mesmos paradigmas conceituais praticados por Geertz, utilizando a abordagem teórica, analítica, bibliográfica, documental e indutiva supramencionada. A observação de fatores sócio-

históricos em relação aos resultados obtidos nas análises foi relevante para estabelecer indicadores eficazes de conhecimento, garantindo a confiabilidade e validade das conclusões alcançadas.

A manutenção rigorosa dos parâmetros estabelecidos na epistemologia e metodologia geertziana reflete o comprometimento científico na produção de conhecimentos advindos da Teoria Geertziana (T.G.), demonstrando a interdisciplinaridade inerente ao modelo proposto pela Tese.

A título de exemplos de interdisciplinaridade, no âmbito da História, a T.G., enquanto modelo de estudos, baseou-se nas propostas da Nova História e *Annales*, na Sociologia da Religião trabalhada por Peter Berger e Thomas Luckmann, na epistemologia apresentada por Luiz Henrique Dutra e inserida na Filosofia da Ciência, além da Hermenêutica e Exegese de Michael Gorman. Estes são os principais alicerces interdisciplinares da pesquisa, já que seria difícil incluir todos os campos acadêmicos consultados a fim de conseguir viabilizar a investigação, o que denotou uma flexibilidade e abrangência ao modelo proposto.

Sendo assim, depreende-se que a Teoria Geertziana postula que conjuntos complexos de símbolos formam a realidade, destacando que o ser humano e seu contexto constantemente ressignificam e criam esses conjuntos para construir uma determinada compreensão da realidade.

Portanto, a análise de textos religiosos antigos é viável por meio da T.G., considerando que os símbolos contidos nesses textos são constituídos por elementos diacrônicos e sincrônicos, tornando-os passíveis de investigação. A inserção do discurso humano reflete a mentalidade moldada pelo contexto, sendo os discursos religiosos, nesse caso, manuscritos antigos, expressões de conjuntos complexos de símbolos ressignificados a partir de outras estruturas sociais para conferir significado religioso.

Para fins de aplicação e análise textual, escolheu-se o trecho exclusivo do Evangelho de Marcos 3,17, presente no Códice Sinaítico (κ/01). A passagem refere-se aos irmãos boanerges, apelido dado à Tiago e João por Jesus. O apelido só aparece no livro marcano e não é mencionado no restante do Novo Testamento. Assim, esta particularidade foi considerada importante para a escolha desse trecho e desse símbolo, para aplicar-se o modelo teórico geertziano. Isto porque, pela exclusividade do termo, é possível investigar a comunidade marcana (redatores e

leitores) pelo viés simbólico, na busca de compreender a razão dessa construção simbólica e seu impacto para aquela comunidade.

Sendo assim, para que os objetivos fossem alcançados, a Tese estruturou-se em eixos temáticos, dois mais especificamente, a saber: Cultura e Religião. Estes eixos são dois dos principais conceitos trabalhados por Clifford Geertz em suas obras e em seu longo caminho como pesquisador. Assim, como sugerido para a banca, desde o início da Tese, os eixos temáticos balizaram as discussões.

Além disso, também se introduziu – desde o início – a análise textual do Evangelho de Marcos, outra sugestão da banca. Entendeu-se que a aplicação da análise ao longo da investigação, seria fundamental na explicação, demonstração e compreensão do modelo de estudos denominado ‘Teoria Geertziana’.

A Tese, portanto, possui uma estrutura com introdução, três capítulos centrais e uma conclusão. Dessa forma, o primeiro capítulo (Clifford Geertz, o Evangelho de Marcos e o Códice Sinaítico), foi dividido em duas partes: na primeira parte, apresentar-se-á uma breve biografia de Clifford Geertz, dissertando, também, sobre seu caminho acadêmico, os pensadores e intelectuais que influenciaram e inspiraram-no em sua jornada como profissional e pesquisador e, finalizando, analisando brevemente suas principais obras disponíveis. Na segunda parte apresentar-se-á o Evangelho de Marcos do Códice Sinaítico (κ/01), sua história e suas principais características e estruturas. E na terceira parte abordar-se-á o Códice κ/01, dispondo sua história, sua trajetória, seu contexto histórico e social além de seu significado para as ciências e para religiões cristãs.

Para o segundo capítulo (Teoria Geertziana e o Códice Sinaítico), o intuito foi utilizar eixos temáticos para, desde o início dos trabalhos analisar o trecho Mc 3,17 do Evangelho de Marcos presente no Códice Sinaítico (κ/01). Portanto, à medida que as explicações sobre a Teoria são apresentadas, ao passo que os elementos que compõe cada aspecto do modelo teórico sugerido são introduzidos, o manuscrito religioso foi sendo analisado, de forma separada por meio dos eixos da cultura e da religião. É importante ressaltar que símbolo e senso comum não entraram como eixos temáticos, uma vez que funcionam como instrumento específicos na metodologia desenhada para o modelo de estudos propostos pela Tese.

No terceiro capítulo (Análise e Discussão das Aplicações Geertzianas ao Códice) pensou-se em quatro seções. Cada uma delas representa um dos termos

principais trabalhados por Geertz, sendo dois deles os eixos temáticos da Tese, a saber: cultura, religião, símbolo e senso comum. Cada sessão discutiu os resultados obtidos pela sua perspectiva, focando, em primeiro plano, o eixo temático e, em segundo plano, seu próprio viés. Ou seja, a primeira seção é o eixo da cultura, a segunda seção é o eixo religioso, a terceira seção é o símbolo (primeiro discutido pelo viés do eixo cultural e, posteriormente, pelo eixo da religião), e, por fim, a quarta seção é o senso comum (assim como o símbolo, primeiramente é discutido pelo eixo da cultura e, na sequência, pelo eixo religioso).

Por último, na conclusão, o objetivo foi sintetizar os principais resultados da pesquisa para compreensão do trecho Mc 3,17. Além disso, apresentou-se uma discussão sobre a efetividade do modelo teórico proposto para análise de manuscritos religiosos e possíveis contribuições da Teoria Geertziana enquanto instrumento alternativo e eficaz em estudos textuais, sejam eles religiosos ou não, tanto na Ciências da Religião, quanto em diferentes áreas do conhecimento.

1) Clifford Geertz, o Evangelho de Marcos e o Códice Sinaítico.

Para compreender adequadamente o modelo de estudos proposto pela Tese, se faz necessário iniciar as discussões por meio da exposição da breve biografia de Clifford Geertz e de uma parte de sua vasta obra acadêmica, na primeira parte. Na segunda, também é pertinente a apresentação do livro de Marcos e suas principais características. Por fim, na terceira parte, é fundamental que se apresente o Códice Sinaítico, um dos manuscritos dos quais provém o texto marcano e um dos objetos de pesquisa da Tese.

Em se tratando de Geertz, primeiro é exposto sua biografia com foco maior em sua vida acadêmica. Posteriormente, introduz-se pensadores e intelectuais que forjaram, inspiraram e influenciaram o pensamento do antropólogo americano. Por fim, expõe-se e analisa-se as principais obras de Geertz disponíveis, uma vez que diversos estudos do autor ficaram exclusivamente em solo americano.

Já na segunda parte, se faz um “raio x” do Evangelho de Marcos, pela necessidade que o modelo teórico possui de se trabalhar com cultura. Sendo assim, é imprescindível estabelecer um local e uma data para o livro canônico; da mesma forma que é imperioso determinar possíveis redatores e leitores do manuscrito. Portanto, as informações são disponibilizadas de forma que se possa compreender aspectos fundamentais do Evangelho e como ele foi utilizado pelas comunidades religiosas.

Na terceira e última parte, abordar-se-á o Códice Sinaítico (κ/01), considerando seu contexto histórico, sua descoberta, suas características e significado para a elaboração da Bíblia cristã como também para estudos antropológicos, históricos e sociais.

Com esta sucinta introdução sobre o funcionamento do capítulo, parte-se para a primeira parte sobre Clifford Geertz.

1.1) Clifford Geertz: biografia, influências e produções.

À medida que se estuda as obras de Geertz, se pode perceber algumas formas recorrentes do autor realizar suas observações; assim, é plausível argumentar que existe uma metodologia geertziana, destacando-se por uma abordagem interpretativa que envolve a descrição densa e a análise detalhada dos sistemas simbólicos e das práticas culturais.

Este tópico explora a natureza bibliográfica, qualitativa e indutiva das produções de Geertz, revelando como ele integra a análise contextual e reflexiva para compreender as culturas humanas. O intuito é conhecer, com certa profundidade, o autor tido como referencial teórico principal da Tese doutoral, suas ideias centrais e suas obras mais prestigiadas.

1.1.1) Breve biografia de Clifford Geertz.

Clifford Geertz nasceu em 23 de agosto de 1926, em São Francisco, Califórnia (EUA) e faleceu em 30 de outubro de 2006, na Filadélfia, Pensilvânia (EUA). Entre esses dois eventos, Geertz criou, desenvolveu e estabeleceu um ‘novo olhar, uma nova luz sobre a Antropologia’¹ que marcou o século XX. Assim como afirmou Gilberto Velho (1945-2012), no prefácio de “Observando o Islã” (Geertz, 2004, p. 7), Geertz pode ser considerado um dos maiores pensadores das Ciências Sociais e Humanidades em geral, pois sua contribuição para compreensão do mundo moderno foi extremamente significativa.

Para chegar ao universo acadêmico, Geertz percorreu um caminho curioso e tortuoso. Ele foi abandonado pelos pais aos três anos, devido à crise que assolava a economia americana; foi entregue e criado por uma senhora que Geertz chamada Nana, vivendo a infância e adolescência pelas colinas, ao norte da Califórnia (Inglis, 2000, p. 3-4). Sem muitas expectativas, principalmente profissionais, Geertz alistou-se como voluntário na Marinha para defender seu país na Segunda Guerra Mundial (1939–1945), aos 17 anos. Mesmo sem experiência, foi admitido como técnico em eletrônica para conserto de radares no USS Saint Paul. Neste navio, Geertz vivenciou uma experiência significativa: enquanto a esquadra naval se dirigia ao Japão, a tripulação temia por uma invasão americana em terras orientais (Saint Paul History: USS St. Paul., 2004), mas a explosão atômica salvou, de certa forma, as vidas de todos os marinheiros, incluindo a de Geertz, pois a temida incursão terrestre não seria mais necessária. Isso gerou um conflito moral irreparável em Geertz, pois ele sofria e se envergonhava pelas mortes japonesas causadas pelas explosões, mas sentia alívio por não ter que lutar pela própria sobrevivência. Além disso, a solidão do pacífico vazio incitava impulsos suicidas na tripulação do USS Saint Paul; na tentativa de não

¹ A inspiração para esta colocação foi um dos títulos de sua obra, cuja descrição completa se encontra nas Referências Bibliográficas.

sofrer os mesmos impulsos, Geertz lia o que cabia em suas mãos, buscando se afastar do tédio e dos pesos da consciência moral (Inglis, 2000, p.4-6).

Ao voltar para os Estados Unidos e sair do serviço militar aos 20 anos, Geertz procurou o Serviço para Veteranos, do Departamento Americano de Assuntos de Veteranos, a fim de ingressar na educação superior; por meio do Programa GI Bill Benefits, Geertz conseguiu uma bolsa de estudos integral na Antioch College, em Ohio, para estudar Literatura.

Por conseguinte, Geertz graduou-se primeiramente em Literatura e, posteriormente em Filosofia, ambas pela Antioch College. A Antropologia só entrou no em seu radar em seus estudos de pós-graduação (mestrado e doutorado), na Universidade de Harvard, onde formou-se em 1957, no Departamento de Relações Sociais.

Em Harvard, foi convidado a participar de pesquisas, de cunho observacional de campo, em três países: Indonésia, Marrocos e Sumatra. Alguns destes estudos e pesquisas duraram anos; e lhe proporcionaram a elaboração de alguns livros e artigos importantes e significativos de sua bibliografia. Ao longo de sua vida de pesquisador, recorrentemente Geertz revisitava estes estudos a fim de atualizá-los.

Como docente, lecionou em importantes universidades ao longo de sua carreira profissional, como na Universidade de Chicago (de 1960 até 1970) e na Universidade de Princeton (de 1970 até 2000). Seu trabalho docente notável lhe rendeu prêmios e títulos como Honnory Doctor em Direito pela Harvard University, em 1974 e Colby University (2003). Honnory Doctor em Letras Humanas pela University of Chicago (1979), Bates College (1980), Knox College de Illinois (1982), Princeton University (1995), entre outras. Honnory Doctor em Ciências Sociais pela Yale University em 1987; Honnory Doctor em Letras pela University of Cambridge (1997), Georgetown University (1998) e Antioch College (1999) (Shweder e Good, 2005, p. 127-129).

Na sua vida pessoal, ele sempre foi discreto e reservado. Geertz foi casado com Hildred Story Geertz (1927-2022), por mais de trinta anos (1948-1981), com quem teve dois filhos, Erika e Benjamin, e com quem trabalhou e publicou diversas pesquisas. Em 1987, casou-se pela segunda vez, com Karen Blu (1945-), que esteve ao seu lado até seu último dia de vida (Mörth e Fröhlich, 2022).

Aos 80 anos, ainda ativo enquanto profissional e pesquisador do Instituto de Estudos Avançados de Princeton (IAS²), Nova Jersey (EUA), Geertz não resistiu às complicações decorrentes de uma cirurgia no coração (Yarrow, 2006), falecendo em outubro de 2006.

Clifford Geertz (1926 – 2006) deixou um legado significativo para a Antropologia Interpretativa, ao redefinir a forma como os profissionais da área abordam e interpretam culturas. Seu método construído a partir da “descrição densa”, transformou a análise cultural ao enfatizar a necessidade de um olhar detalhado e contextual dos fenômenos sociais.

Geertz propôs, como será apresentado ao longo da Tese, que a cultura deve ser vista como um sistema de símbolos significativos, onde as práticas sociais e crenças só podem ser compreendidas por meio de um olhar pormenorizado destes significados. Algumas de suas obras, como “A Interpretação das Culturas”, ou “Uma Nova Luz Sobre a Antropologia”, promoveram uma abordagem interpretativa e semiótica, afastando-se de análises estruturalistas rígidas e oferecendo uma compreensão contextualizada das dinâmicas culturais. Este enfoque interpretativo, centrado na análise dos símbolos e significados, continua a ser uma metodologia central na antropologia contemporânea.

Além de seu impacto na sua área de atuação, Geertz também influenciou profundamente outras ciências humanas e áreas do conhecimento. Suas ideias sobre a interpretação simbólica e a importância do contexto cultural foram adotadas em disciplinas como a sociologia, a história, os estudos religiosos, e a filosofia. Em banco de dados, de dissertações e teses, é possível encontrar a influência de Geertz em trabalhos e pesquisas na sociologia, contribuindo na compreensão das interações sociais e das construções de significados dentro das sociedades; existem pesquisas históricas, cujos autores se beneficiaram de suas abordagens para contextualizar eventos e práticas históricas dentro dos quadros culturais específicos. Além disso, sua ênfase na reflexividade e na sensibilidade cultural encorajou pesquisadores de todas as disciplinas a considerar seus próprios preconceitos e a abordar suas investigações com uma maior consciência crítica. Assim, é possível argumentar que Geertz deixou uma marca indelével no campo acadêmico, promovendo uma visão mais holística e interdisciplinar do estudo das culturas humanas.

² Sigla em inglês para *Institute For Advanced Study* .

1.1.2) Influências intelectuais para Geertz.

Conhecido por suas contribuições para a teoria antropológica e a prática etnográfica, Geertz desenvolveu uma abordagem interpretativa para a antropologia, enfatizando a interpretação dos símbolos culturais, conceito presente principalmente em *A Interpretação das Culturas* (2015), para compreender diferentes culturas, como apresentado em *O Saber Local* (2014), onde o “local” é mais importante do que o “global”. A Antropologia Interpretativa de Geertz pode ser caracterizada por três focos principais (Shweder e Good, 2005, p.1-2): (I) a natureza da compreensão humana, (II) a oposição entre relativismo e absolutismo, (III) o entendimento do local e do global. Estes dois últimos itens estão conectados, pois o relativismo é o olhar científico para o que é local, conforme seus contextos socio-histórico-culturais; enquanto o global é uma visão mais absolutista de determinadas ações humanas.

Estes posicionamentos são arrojados para o momento em que foram concebidos e propostos para a Antropologia. Entretanto, quais são as influências intelectuais que permitiram a Geertz formular tais conceitos audaciosos?

Durante seus estudos literários, Geertz teve contato com as obras de Shakespeare (1564-1616), que o fascinaram pela diversidade de ideias sobre a natureza humana, mas foi William Faulkner³ (1897–1962) e sua abordagem às contradições sociais que causaram o primeiro impacto em sua visão de mundo, levando Geertz a incorporar, corriqueiramente em sua redação, o que Fred Inglis chamou de ‘maneirismo torturado’ (2000, p.7). Faulkner foi um romancista norte-americano, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1950, conhecido por sua escrita experimental e inovadora, bem como por seu estilo complexo e elaborado (Elias, 2022). Ele explorou temas como a decadência do sul dos Estados Unidos, discriminação, preconceito, guerra e morte, utilizando múltiplos pontos de vista narrativos, fluxo de consciência e narrativa fragmentada (Azevedo, 2004, p. 74-76).

Essas características inspiraram Geertz a perceber o entorno, o meio, como parte integrante do ser humano, sendo fundamental sua análise integrada ao estudo de uma determinada realidade. Assim, Geertz desenvolveu um estilo característico, recaindo, por vezes, no que ele chamou de ‘involução’: quando há um

³ William Faulkner foi um escritor romancista norte-americano, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1950, tido como um dos maiores romancistas do século XX e um dos mais importantes escritores da literatura americana (Grangeiro, 2011, p.11-13).

super impulsionamento de formas estabelecidas que se tornam rígidas pelo excesso de detalhes nas anotações (Inglis, 2000, p.7). Este foi um conceito que Geertz apropriou de Alexander Goldenweiser⁴ (1880–1940), antropólogo ucraniano orientado por Franz Boas (1858-1942), que trabalhou em diversos países e se envolveu principalmente com estudos de cunho religioso (Kan, 2021). Goldenweiser desenvolveu o conceito para descrever padrões culturais que aparentemente alcançaram uma forma definitiva, mas que internamente continuam um desenvolvimento progressivo, tornando-se cada vez mais complexos e complicados (Geertz, 1974b, p.80-81).

Outra influência significativa para Geertz foi Kenneth Burke⁵ (1897-1993), que o fez lapidar seu estilo no sentido da crítica literária, chamada por Inglis de “nova crítica” (2000, p.7): uma abordagem preocupada com uma linguagem do ‘real’, de fácil compreensão, além da dedicação a temas como vida, morte e cotidiano. Contudo, Geertz viu lacunas nesta abordagem, levando-o a buscar outros alicerces para suas exigências científicas, encontrando-os em John Austin⁶ (1911–1960) e Gilbert Ryle⁷ (1900–1976). Inglis expõe que “Geertz pegou Ryle, Austin e Kenneth Burke da Literatura e da Filosofia e os colocou na Antropologia” (2000, p.9).

Gilbert Ryle, filósofo britânico, atuou no Círculo de Oxford e foi responsável pela mudança do tradicionalismo filosófico por estudos contemporâneos neste famoso Círculo (Oliveira, 2021, p.12). Ryle possuía características em sua filosofia que são fundamentos para a Antropologia que Geertz premeditava: o estudo de “enunciados linguísticos” para compreender a realidade e um “forte apego ao espírito científico” (Oliveira, 2021, p. 15). Geertz se inspirou em Ryle para o desenvolvimento do termo ‘descrição densa’: a visão de que nossa apreensão conceitual da realidade é de um fato simbolicamente fabricado e constituído (Inglis, 2000, p.8-9), considerando as nuances culturais do meio.

⁴ Antropólogo e psicólogo ucraniano, introduziu estudos importantes sobre as limitações do desenvolvimento cultural e da involução cultural (Kan, 2021).

⁵ Kenneth Burke, filósofo e escrito norte americano, é conhecido por suas contribuições no campo da teoria da retórica, comunicação, crítica literária e estudos culturais (Gonzaga, 2015, p.33-34).

⁶ John Austin – filósofo britânico que revolucionou sua área ao questionar o positivismo lógico nos estudos da linguagem (Ottoni, 2002, p.126-130).

⁷ Gilbert Ryle – filósofo britânico, que segundo Victória de Oliveira, atuou no Círculo de Oxford e foi responsável pela mudança do tradicionalismo filosófico por estudos contemporâneos neste famoso Círculo (2021, p.12).

De Austin, filósofo britânico que questionou o positivismo lógico nos estudos da linguagem, Geertz absorveu e adequou as teorias de performatividade (ou metáfora) às questões antropológicas. Como Ottoni explica, as divisões conceituais propostas por Austin sobre performance, linguagem e ação, denotam características simbólicas presentes em tudo o que envolve o ser humano (Ottoni, 2002, p. 126-130). Geertz empregou a metáfora de Austin a objetos inusitados como fórmulas científicas ou constituições políticas; Clifford entende que tudo, no fundo, é simbólico (metafórico, nas palavras de Austin) (Inglis, 2000, p.9).

De Burke, Geertz incorporou a noção de 'ato simbólico'. Burke afirmava que a performance possui dois aspectos: um é a prática e o outro é o ato simbólico. Neste sentido, Geertz entendeu que a própria prática é, em si, um ato simbólico; conceito que desenvolveu, aprimorou e levou consigo em toda sua jornada acadêmica e investigativa (Inglis, 2000, p.9). Kenneth Burke é conhecido por suas contribuições no campo da teoria da retórica, comunicação, crítica literária e estudos culturais. Sua abordagem interdisciplinar incorporou conceitos da literatura, psicologia, sociologia, filosofia e antropologia, tornando-se uma figura importante no movimento chamado "Nova Retórica" ou "Retórica da Comunicação" (Gonzaga, 2015, p. 21-26).

Outra influência importante na obra de Geertz é Max Weber⁸ (1864-1920), sociólogo e cientista político alemão. Weber é conhecido por suas contribuições para a compreensão da sociedade, da economia e do sistema político, desenvolvendo conceitos como "ação social", que se refere às ações dos indivíduos influenciadas pelo significado que atribuem a elas e pela interpretação do comportamento dos outros. Ele também desenvolveu a teoria da "burocracia", examinando a estrutura e o funcionamento das organizações burocráticas na sociedade (Jayme, 1998, p.196-207).

Paralelamente, a hermenêutica, especialmente as ideias de Schleiermacher⁹, Dilthey¹⁰ e Gadamer¹¹, reforça a metodologia geertziana ao enfatizar

⁸ Max Webber, sociólogo e cientista político alemão, tido como um dos pensadores mais influentes do século XX.

⁹ Friedrich Schleiermacher (1768-1834), filósofo e teólogo alemão que se dedicou a interpretação da religião de viés protestante. Ele é considerado por alguns estudiosos como um dos pioneiros da área enquanto forma de "arte" (Ruedell, 2011; Mancilla, 2022).

¹⁰ Wilhelm Dilthey (1833-1911), filósofo, historiador e sociólogo alemão que propunha um desenvolvimento científico sobre as ciências do espírito (Evangelista, 2021, p. 591).

¹¹ Hans-Georg Gadamer (1900-2002), filósofo alemão, é considerado um dos principais nomes da hermenêutica, sendo citado, inclusive, pelos autores dos demais textos utilizados sobre o tema (Araujo; Paz; Moreira, 2011).

a importância da interpretação contextualizada. O “círculo hermenêutico” (Ruedell, 2012, p. 7) e a “fusão de horizontes” (Araújo e Paz e Moreira, 2012, p. 203) são paralelos à “descrição densa” de Geertz, pois ambos envolvem uma compreensão interativa e contextual dos textos. A hermenêutica permite uma abordagem reflexiva e rigorosa dos manuscritos religiosos, alinhada com a proposta de uma teoria interpretativa e contextualizada. Assim como Geertz propõe a necessidade de interpretar os símbolos culturais dentro de seus contextos específicos, a hermenêutica busca entender os textos não apenas por seu conteúdo, mas pela interação dinâmica entre o leitor e o texto, considerando os contextos históricos e culturais em que foram produzidos e são lidos.

1.1.3) Produções acadêmicas e pesquisas.

Clifford Geertz, ao longo de sua trajetória acadêmica, escreveu 18 livros (dos quais 12 são analisados pela tese), 100 artigos científicos (muitos destes compõem os livros que foram compilados pelo próprio autor) e 26 revisões de ensaios (Shweder e Good, 2005, p.130-139). Foram inúmeras palestras e seminários, além de diversas conferências realizadas, muitas delas disponíveis na internet na página de Mörth e Fröhlich (2022).

Sua obra, muitas de suas anotações acadêmicas, fichamentos de pesquisa, fotos, palestras e aulas, estão arquivadas no acervo The Hanna Holborn Gray Special Collections Research Center, da Biblioteca da Universidade de Chicago. São 295 caixas de arquivos, com milhares de documentos, alguns destes são restritos a pesquisadores selecionados e autorizados pela Instituição, porém, a maior parte do conteúdo é aberta a pesquisadores cadastrados junto à universidade.

A seguir, lista-se um resumo das obras de Geertz estudadas pela tese e uma breve relação de cada uma delas com os objetivos da investigação.

Em “The Religion of Java” (1960; edição de 1976), Clifford Geertz investiga detalhadamente a religião javanesa, centrando-se na cidade de Modjokuto, Indonésia, e nas diversas práticas religiosas que definem a vida cotidiana e cultural dos abangans, santris e priajais. Geertz introduz o conceito de sistema numerológico “pétungan”, que permeia todas as esferas da vida javanesa, unificando feriados civis e religiosos para evitar a má sorte (Geertz, 1976, p.30). Ele destaca o sincretismo religioso como uma característica central, onde influências do hinduísmo, islamismo e

animismo coexistem, promovendo uma “tolerância relativística” (Geertz, 1976, p.373) entre os grupos. Os rituais são essenciais na análise de Geertz, funcionando como eventos simbólicos que estruturam a ordem social, fortalecem as relações com o divino e consolidam a identidade coletiva (Geertz, 1976, p.113-118). Além disso, Geertz explora a interseção entre religião e poder, demonstrando como líderes religiosos legitimam estruturas de poder locais e influenciam a política mais ampla (Geertz, 1976, p.11-15, 199-214).

Em “Agricultural Involution: the processes of ecological change in Indonesia” (1963, edição de 1974), Clifford Geertz investiga a economia agrícola javanesa sob uma perspectiva cultural. Geertz introduz o conceito de “involução agrícola”, argumentando que sociedades como a de Java tendem a intensificar suas práticas agrícolas em vez de expandir sua área cultivada (Geertz, 1974b, p.70). Ele demonstra como isso ocorre através de um aumento da complexidade técnica e da divisão do trabalho agrícola (1974b, p.93). Além disso, Geertz explora a relação entre agricultura e estrutura social, destacando como as práticas agrícolas são moldadas pelas estruturas sociais e como mudanças econômicas e políticas influenciam essas dinâmicas (Geertz, 1974b, p.52-82; 145-147).

Em “Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia” (1968, edição de 2004), Clifford Geertz explora o Islã como um sistema complexo de símbolos religiosos que estruturam crenças e práticas dos muçulmanos (Geertz, 2004, p.31; 105-106). Ele enfatiza a importância de compreender esses símbolos dentro de seus contextos sociais, culturais e políticos específicos, argumentando que a religião não pode ser dissociada das dinâmicas mais amplas que a envolvem (2004, p.50). Geertz também investiga a interação entre Islã e política, destacando como as práticas religiosas influenciam as estruturas políticas e as ideologias nas sociedades muçulmanas (Geertz, 2004, p.98-99).

“Myth, Symbol, and Culture” (1972, edição de 1974), editado por Clifford Geertz, é uma obra que explora as interações complexas entre mito, símbolo e cultura através de uma série de artigos distintos. O livro enfatiza que a cultura é intrinsecamente simbólica, argumentando que os seres humanos dão significado ao mundo por meio da criação e interpretação de símbolos carregados de significado cultural (Geertz, 1974). Os diversos artigos abordam temas variados, como a metáfora na produção simbólica por James Fernandez, o uso de alimentos como códigos

simbólicos por Mary Douglas, e a interpretação de mitos históricos por Frank e Fritzie Manuel, entre outros. Cada contribuição destaca como os símbolos são fundamentais para a construção de identidades individuais e coletivas, assim como para a compreensão de eventos históricos e relações sociais.

“A Interpretação das Culturas” (1973, edição de 2015) é uma compilação seminal de artigos por Clifford Geertz, que define a abordagem interpretativa na antropologia. Geertz fundamenta sua análise na concepção de cultura como um sistema simbólico complexo que estrutura o comportamento humano e a vida social (Geertz, 2015^a). Ele introduz o conceito de “descrição densa”, enfatizando a necessidade de uma imersão completa no campo para capturar a complexidade das práticas culturais e seus significados subjacentes (Geertz, 2015^a). Além disso, Geertz discute o papel do antropólogo como intérprete cultural, explorando como os símbolos religiosos e outras práticas culturais podem moldar modelos de realidade e padrões de comportamento social.

“Kinship in Bali” (1975) é um estudo antropológico conduzido por Clifford Geertz e sua esposa Hildred Geertz, focado na estrutura de parentesco na sociedade balinesa. O livro explora os padrões de organização social, sistemas de parentesco e dinâmicas familiares dessa cultura.

Um dos principais temas abordados pelos Geertz é a “organização bilateral” em Bali, onde tanto os laços patrilineares quanto os matrilineares são reconhecidos e valorizados. Segundo os autores, essa organização bilateral é fundamental para compreender as obrigações e responsabilidades que os indivíduos têm tanto em relação à linha paterna quanto à materna (Geertz e Geertz, 1975, p.160-162). Outra contribuição significativa é a discussão sobre o “gasto ritual” nas relações de parentesco. Os Geertz observam como as práticas rituais, como festivais e cerimônias, desempenham um papel essencial na sustentação das relações familiares em Bali, através de trocas de presentes e outras manifestações de solidariedade ritualística (1975, p.60-116). Além disso, o livro examina as relações de parentesco à luz da estrutura social e da hierarquia em Bali, enfatizando como as diferentes castas e estratificações sociais influenciam as dinâmicas familiares e as expectativas sociais (Geertz e Geertz, 1975, p.8-31).

“Negara: the theatre state in nineteenth-century Bali” (1980) é uma obra relevante de Clifford Geertz que explora o conceito de “estado teatral” e sua aplicação

na sociedade balinesa do século XIX. Geertz investiga detalhadamente como o poder político em Bali era estruturado em torno de rituais e performances elaboradas, transformando o governo em um “espetáculo político”. Geertz introduz o conceito de estado teatral como uma estrutura política baseada em rituais e performances dramáticas que sustentavam o poder do raja (rei) e legitimavam sua autoridade através da encenação pública de poder e prestígio (1980, p.134-135). Ele argumenta que essa forma de governança não se baseava apenas na coerção física, mas também na habilidade de capturar a imaginação pública e garantir obediência através de representações simbólicas impressionantes. Além disso, Geertz analisa como a cultura e a religião balinesas estavam entrelaçadas com o estado teatral. Ele mostra como as práticas religiosas eram incorporadas às performances políticas, destacando a importância dos rituais religiosos na legitimação do poder político e na coesão social (Geertz, 1980, p.102-103). A obra revela como as dinâmicas entre poder, performance e religião moldaram a estrutura social e política de Bali durante o século XIX.

“O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa” (1983) é uma coletânea de ensaios que ampliam as ideias de Clifford Geertz sobre a interpretação cultural e o conhecimento local. Geertz enfatiza que o conhecimento local não deve ser subestimado em relação ao conhecimento acadêmico ocidental, mas sim visto como uma perspectiva válida e completa sobre a realidade social. Ele argumenta que esse saber é construído através de experiências práticas, narrativas transmitidas e símbolos complexos que carregam significados culturais complexos (Geertz, 2014, p.171-172). Geertz também destaca a natureza simbólica e interpretativa do saber local, sugerindo que a cultura é essencialmente um sistema de símbolos que molda como as pessoas percebem e interpretam o mundo ao seu redor. Ele propõe uma abordagem hermenêutica para a interpretação desses símbolos, buscando entender como eles influenciam a visão de mundo das comunidades estudadas (Geertz, 2014, p.145-149). Além disso, Geertz sublinha a importância do contexto social, histórico e cultural na formação e transformação do saber local, enfatizando que esse conhecimento está em constante evolução e adaptação às mudanças sociais e históricas.

“Obras e Vidas: o antropólogo como autor” (1988) de Clifford Geertz examina o papel do antropólogo como intérprete e autor na produção do conhecimento antropológico. Geertz enfatiza que a escrita é um ato interpretativo e

criativo que permite ao antropólogo dar sentido e significado às práticas culturais observadas (Geertz, 2018, p.19-29). Ele argumenta que a escrita antropológica vai além da mera descrição dos fatos, envolvendo uma análise detalhada e interpretativa dos símbolos, significados e contextos culturais. A escrita, portanto, é crucial para a produção do conhecimento antropológico, proporcionando uma compreensão mais completa das culturas estudadas.

“Atrás dos Fatos: dois países, quatro décadas, um antropólogo” (1995) é uma obra autobiográfica de Clifford Geertz, na qual ele compartilha suas experiências e reflexões sobre seu trabalho de campo na Indonésia e no Marrocos ao longo de quatro décadas. Geertz destaca a importância da interpretação e do significado na antropologia, defendendo que os antropólogos devem ir além dos fatos observáveis para compreender os significados culturais subjacentes. Ele argumenta que a cultura é um sistema de símbolos complexos, e a tarefa do antropólogo é desvendar esses símbolos e seus significados para captar a essência de uma sociedade (Geertz, 2012, p.21-24). Essa interpretação detalhada requer uma imersão completa na cultura e atenção cuidadosa aos detalhes. Geertz também discute o papel do contexto histórico e social na análise antropológica. Ele enfatiza que as práticas culturais são moldadas por eventos históricos, processos sociais e estruturas de poder, destacando a importância de considerar as influências do passado e as dinâmicas presentes na sociedade estudada (Geertz, 2012, p.136-138). Ele defende uma abordagem diacrônica, que leva em consideração as mudanças culturais ao longo do tempo, e uma abordagem sincrônica, que analisa as relações sociais e estruturas em um determinado momento. Além disso, Geertz destaca a necessidade de uma perspectiva interpretativa reflexiva na antropologia, reconhecendo que os antropólogos não são observadores neutros, mas são influenciados por suas próprias experiências, preconceitos e perspectivas. Ele encoraja a reflexividade como uma maneira de melhor compreender as dinâmicas culturais e evitar interpretações simplistas ou estereotipadas. Geertz também discute a relação entre antropologia e política, destacando as implicações políticas e éticas do trabalho antropológico e a importância de uma abordagem sensível e responsável (Geertz, 2012, p.39-40).

“Nova Luz sobre a Antropologia” (2000) é uma coletânea de textos de Clifford Geertz que abrange diversos temas e questões relacionadas à antropologia e filosofia. Geertz revisita e amplia suas principais ideias, aprofundando-se no

envolvimento de questões psicológicas e sentimentais em aspectos culturais, e investigando processos de interpretação e reinterpretação cultural. Ele destaca a importância do pensamento como ato social e a responsabilidade social inerente a esse aspecto cultural, salientando que o pensamento é eficiente socialmente ao expor problemas, mais do que ao encontrar soluções. Geertz também reflete e critica o anti-relativismo e o moralismo na antropologia, defendendo que o trabalho etnográfico é essencial para estudar a diversidade cultural intrínseca às sociedades em diferentes contextos históricos. Ele argumenta que o discurso anti-anti-relativista deve fundamentar os estudos antropológicos para guiar corretamente as investigações culturais de uma dada realidade. Outro ponto abordado é o problema da “identidade” na antropologia, dado o desaparecimento dos “povos primitivos” e o isolamento das pesquisas. Geertz enfatiza que o diferencial da antropologia social em relação a outras ciências é o trabalho etnográfico de campo (Geertz, 2001, p.89). Ele também comenta o debate entre Sahlins e Obeyesekere sobre o significado do contato do Capitão Cook com os nativos do Havaí, usando isso para discutir a contribuição da antropologia para outras áreas da ciência e como essas podem contribuir para os estudos antropológicos. Geertz reflete sobre a relação da antropologia com a história, destacando as visões de Pierre Clastres e James Clifford, e relativizando o saber local, que pode ser fragmentado e representar diferentes conhecimentos para pessoas da mesma localidade (Geertz, 2001, p.124). Geertz explora teorias culturalistas, reflexões filosóficas, reconfiguração religiosa e a compreensão do mundo pós-queda do Muro de Berlim. Nos últimos ensaios, ele se debruça sobre a relação entre psicologia, subjetividade e antropologia, alinhando-se às proposições filosóficas de Andy Clark (Geertz, 2001, p.180). Em resumo, Geertz demonstra como a antropologia pode contribuir para a compreensão do mundo fragmentado em que vivemos.

“A Vida Entre os Antros e Outros Ensaios” (2001), de Clifford Geertz, é uma coletânea que destaca seu amplo conhecimento e inteligência, reunindo reflexões sobre suas décadas de pesquisa em Marrocos e Indonésia. Em um ensaio, Geertz discute o antropólogo Malinowski, revelando sua antipatia e preconceito em relação às pessoas que estudava, contrastando isso com os ensinamentos contemporâneos que enfatizam a identificação com os sujeitos de estudo (Geertz, 2015b). Apesar da falta de empatia, Malinowski produziu um extenso corpo de trabalho, o que Geertz usa para discutir a evolução da metodologia antropológica. Em outro ensaio, Geertz

aborda a devastação da Amazônia, referenciando “Trevas no Eldorado” de Patrick Tierney, que expõe abusos contra os Yanomami na Venezuela. Geertz destaca os impactos negativos deixados pelos antropólogos nos Yanomami e discute as conotações negativas do termo “antro” (Geertz, 2015b). O ensaio mais significativo, “Mudando objetivos, movendo alvos”, apresenta a abordagem metodológica de Geertz e suas teorias simbólicas e hermenêuticas. Ele enfatiza que o significado é construído socialmente no fluxo da vida por meio de sinais e gestos, explorando a incorporação material do significado e o papel dos dispositivos religiosos na expressão cultural. Geertz conclui que a verdadeira essência da religião é revelada quando os recursos culturais falham ou enfrentam desafios insuperáveis. Em resumo, “A Vida Entre os Antros e Outros Ensaio” demonstra a compreensão abrangente de Geertz das sociedades árabes e muçulmanas, sua crítica às práticas antropológicas e suas percepções sobre a manifestação da religião diante das limitações culturais.

Estas foram as análises de algumas obras de Clifford Geertz, que influenciaram a Antropologia Moderna e que inspiraram a presente investigação, a ponto de construir-se um modelo de estudos teóricos para análise de manuscritos religiosos, denominado Teoria Geertziana.

1.2) O Evangelho segundo Marcos: história e características.

Analisar o Evangelho de Marcos (Mc) e examinar as peculiaridades de sua formulação não se revelou uma tarefa simples; entretanto, com os instrumentos adequados, foi possível realizar essa pesquisa.

A investigação exigia um exame detalhado do texto marcano, uma vez que se estabeleceu uma análise cultural sobre sua redação. Sendo assim, concomitantemente à utilização da Bíblia de Jerusalém (BJ), empregou-se a Bíblia Novum Testamentum Graece, também conhecida como Nestle-Aland (NA28). Dessa forma, as duas fontes fundamentaram o processo investigativo para conectar as análises culturais propostas com o contexto histórico, social e cultural do trecho canônico referenciado: Mc 3,17.

A partir dessas fontes, chegou-se ao manuscrito antigo que guiou os estudos sobre o Evangelho marcano: o Códice Sinaítico (α /01), além daqueles consultados para análises comparativas: o Códice Vaticano (B/03), o Papiro 45 (P45) e o Códice Washingtoniano (W/032).

Em relação ao texto 'original' de Marcos, este não resistiu ao tempo e sua provável manipulação excessiva. Além desses dois fatores, as primeiras comunidades cristãs eram perseguidas e discriminadas, fazendo-as esconder os textos que, pode-se inferir, deveriam ser frágeis e de qualidade baixa, danificando-os ainda mais. Portanto, pode-se afirmar que, por volta do fim do século III e início do IV, cópias de melhor qualidade começaram a circular nos meios cristãos (Paroschi, 2012, p. 10-12); assim, a redação que conhecemos hoje são os fragmentos das cópias antigas e alguns códices produzidos após o século IV.

Consequentemente, concluiu-se que qualquer análise cultural e simbólica do trecho selecionado (Mc 3,17) deveria ser realizada a partir dessas cópias (Códice Sinaítico), para que a pesquisa pudesse obter resultados adequados e concretos, levando em consideração seus prováveis redatores, os possíveis locais de redação e seus contextos para uma investigação apropriada.

1.2.1) Breve história sobre o livro marcano.

Antes de analisar o Códice Sinaítico, é relevante situar o Evangelho de Marcos, sua história, características principais e especificidades, para garantir a credibilidade das informações encontradas no Códice.

O Evangelho de Marcos, reconhecido como o mais antigo dos textos sinóticos, é fundamental para a compreensão do cristianismo primitivo. Sua datação e autoria têm sido amplamente debatidas entre os estudiosos, gerando debates e suscitando pesquisas importantes sobre a tradição oral e escrita da época.

De acordo com Konings (1990, p. 172-173), o Evangelho de Marcos foi elaborado entre as décadas de 30 e 60 da Era Comum (EC), poucos anos após a morte de Jesus e algumas décadas antes do livro de Mateus. Contudo, a maioria dos acadêmicos sugere um período entre 65 e 70 EC, coincidente com a Guerra Judaica contra Roma. Raymond Brown (2016, p.45) argumenta por uma data mais precisa entre 68 e 73 EC, baseando-se na profecia de Jesus sobre a destruição de Jerusalém (Mc 13). Algumas correções textuais posteriores ao fato histórico demonstram que o cerne do texto corresponde à datação sugerida, e que copistas adaptaram o Evangelho para que as profecias fossem cumpridas conforme narrado (Gerd Theissen, 2007, p.74).

Sobre a localidade, existem divergências. A tradição católica, presente, por exemplo, na Bíblia de Jerusalém, destaca que o Evangelho de Marcos foi escrito em Roma. Pesquisadores como Elaine Pagels, Johan Konings, Elizabeth Malbon, John Paul Meier, entre outros, argumentam que a região provável seria a Palestina.

Oriundo de uma linhagem de proeminentes copistas, de acordo com Paroschi (2012, p. 103-107), Eusébio de Cesareia (~265-~339) é a principal referência católica para sustentar Roma como sítio redacional. Ao escrever sua obra “História Eclesiástica”, Eusébio consegue conectar Pedro, por meio de João e sua passagem por Esmirna, a Marcos e seus serviços de interpretação para Pedro, na capital do Império. Ele traz referências como Papias de Hierápolis (~70-~155) para corroborar a hipótese de Roma, além de mencionar o pedido de Constantino, que encomendou diversas cópias dos livros cristãos ao scriptorium de Cesareia para distribuir nas igrejas romanas.

A defesa da região da Palestina como local provável se faz por meio de argumentos mais científicos do que históricos. Elaine Pagels trabalha com o estilo literário de suavização de figuras romanas no texto marcano, pois as redações que sustentam o Evangelho são cópias de versões latinas (Nestle-Aland, 2012, p. 69) de manuscritos mais próximos do original (1996, p. 31). John Dominic Crossan investiga evidências arqueológicas sobre Pôncio Pilatos e sua perseguição regional aos judeus, e como isso é perceptível nos evangelhos sinóticos (1995, p. 150). Elizabeth Malbon (2009, p.186) e Van Iersel (1998, p.34) discutem questões linguísticas, como os aramaísmos dispostos na redação marcana; Gerd Theissen (2009, p. 241) e Paul Achtemeier (1986, p. 128) focam seus argumentos em metáforas alusivas às características palestinas, entre outros argumentos.

Em relação à autoria do Evangelho de Marcos, é comum encontrar a sustentação da não-identificação do autor, como John Meier (2003), Gerd Theissen (2009) ou Ched Myers (1992). Contudo, há pesquisadores que aceitam argumentos a favor de alguém próximo a Pedro, como Paul Achtemeier (1986), Elizabeth Malbon (2009), David Rhoads (2012), Rita Maria Gomes (2020), Walmor de Azevedo (2002), entre outros. Sellier (2011, p. 161) argumenta que, ao saber das trágicas mortes de Paulo e Pedro, alguém denominado “Marcos” percebeu a importância de registrar por escrito um relato completo da trajetória de Jesus, utilizando as narrações que Pedro teria feito a ele sobre o período em que esteve com Jesus de Nazaré.

Portanto, assume-se que o Evangelho de Marcos foi escrito entre 60 e 70 EC, na região da Palestina, por alguém que esteve perto de Pedro ou que teve acesso privilegiado às informações deste seguidor de Jesus. A narrativa marcana reflete o conhecimento íntimo de Pedro sobre os eventos e pessoas mencionados, sustentando a tradição de que o redator, denominado “Marcos”, escreveu baseado nas memórias e testemunhos de Pedro.

1.2.2) Características do Evangelho de Marcos.

Ao longo dos 16 capítulos (com 678 versículos), é possível identificar 43 trechos exclusivos (5%) do livro marcano. Aproximadamente 28% do Evangelho é compartilhado com o livro de Mateus e cerca de 12% com a redação de Lucas. Assim, o restante do livro, por volta de 53% do Evangelho de Marcos, é compartilhado com os dois livros sinóticos (Mt e Lc).

É importante destacar que as porcentagens consideram o 16º capítulo do texto marcano. Isso é relevante porque, provavelmente, o texto original marcano não contemplava versículos além de Mc 16,8. O texto, como o conhecemos atualmente (que finda em Mc 16,20), é uma inclusão posterior. Por exemplo, o Códice Sinaítico, texto utilizado pela Tese, compreende somente os oito primeiros versículos do último capítulo do Evangelho; entretanto, outros textos do século posterior contemplam todos os 20 versículos (Paroschi, 2012, p.208).

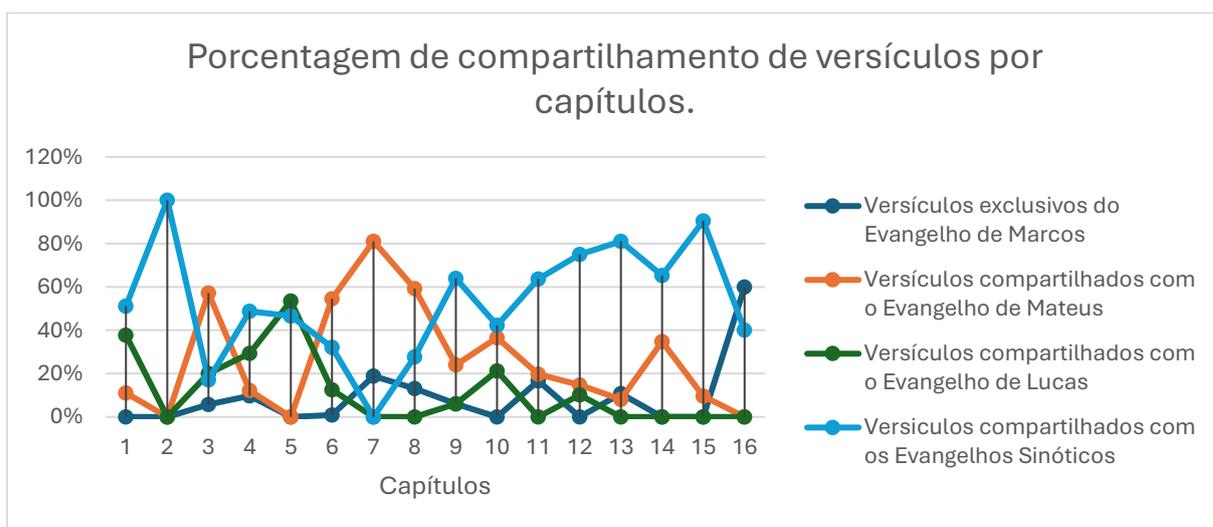


Tabela 1- Porcentagem de compartilhamento dos versículos, presentes no Evangelho de Marcos, com os livros sinóticos.

Na tabela acima, é possível perceber a distribuição do compartimento de textos entre os evangelhos sinóticos. Destaca-se o aumento de assuntos exclusivos em Marcos tanto no capítulo 7 quanto no capítulo 16. Curiosamente, à medida que o manuscrito marcano apresenta mais materiais próprios, percebe-se uma diminuição do compartilhamento de conteúdo com os livros sinóticos. Isso provavelmente se deve à teoria do constrangimento¹²: esse conceito defende que redatores cristãos, posteriores a Marcos, viam um Jesus marcano retratado de forma mais humana do que divina e, portanto, reescreveram algumas passagens para descrevê-lo mais como Messias do que como homem.

A redação marcana que aparece nas Bíblias atualmente é oriunda de uma série de manuscritos redigidos e/ou copiados ao longo dos séculos, principalmente nos séculos II, III e IV EC (Anglada, 2014, p. 20-21; Aland e Aland, 2013, p. 84).

A partir das versões latinas, siríacas e coptas, encontrou-se os manuscritos basilares para a composição do livro marcano. Segundo Nestle-Aland, o Evangelho está fundado em três papiros (P⁴⁵, P⁸⁴, P⁸⁸), quarenta e dois unciais (tendo como protagonistas o Sinaítico 01/κ e Vaticano B/03), oito manuscritos minúsculos, dois lecionários e duas grandes famílias textuais (f¹ e f¹³) (Nestle-Aland, 2012, p.63-64).

Os manuscritos são categorizados por qualidade, onde a categoria I engloba os mais antigos e confiáveis, enquanto a categoria II inclui aqueles com influências culturais respeitáveis. Manuscritos na categoria III apresentam múltiplos textos-tipo, enquanto a categoria IV inclui textos ocidentais, como o Códice Beza, datado do início do século VI, notório pelo seu caráter bilíngue (Paroschi, 2012, p. 53; Aland e Aland, 2013, p. 169-174).

A tabela¹³ abaixo mostra alguns dos manuscritos supracitados e as relações que cada um possui com o conteúdo textual dos capítulos do Evangelho de Marcos, de acordo com as separações contemporâneas encontradas na Bíblia de Jerusalém¹⁴.

¹² Para informações sobre a teoria, cf.: WALLACE, Daniel B. *Crítica Textual: e o critério de constrangimento*. p.103-140. In: BOCK, Darrell L.; KOMOSZEWSKI, Ed J. *O Jesus Histórico: critérios e contextos no estudo das origens cristãs*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

¹³ Baseada nas tabelas de Aland e Aland (2013, p. 109 e 142); na primeira tabela, os autores apresentam os conteúdos dos papiros que embasam o livro marcano; na segunda tabela, os autores apresentam os conteúdos dos códices e manuscritos antigos que apoiam o material textual do Evangelho de Marcos.

¹⁴ A letra “C” representa o conteúdo completo em relação ao capítulo; a letra “I” representa o conteúdo incompleto em relação ao capítulo.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
Ⲫ ⁴⁵																
Ⲫ ⁸⁴																
Ⲫ ⁸⁸																
κ	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
A	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
B	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
C		C	C	C	C				C	C	C			C	C	C
D	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
K	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
L	C	C	C	C	C	C	C	C	C		C	C	C	C		C
N						C										
P																
W	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C		C
Γ	C	C					C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
Δ	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
Θ	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
Ψ										C	C	C	C	C	C	C
059																
069																
072																
083																
087																
099																
0107																
0126																
0131																
0132																
0143																
0146																
0167																
0184																
0187																
0188																
0213																
0214																
0269																
0274																

Tabela 2- Manuscritos antigos e seus conteúdos de acordo com os capítulos marcanos¹⁵.

Assim, percebe-se que o Evangelho de Marcos é resultado do amálgama de diversos textos escritos e copiados em momentos históricos e lugares distintos.

¹⁵ Baseada nas tabelas de Aland e Aland (2013, p. 109 e 142); na primeira tabela, os autores apresentam os conteúdos dos papiros que embasam o livro marcano; na segunda tabela, os autores apresentam os conteúdos dos códices e manuscritos antigos que apoiam o material textual do Evangelho de Marcos.

Todavia, é possível detectar temas que configuram a redação marcana. Desde o início, o redator de Marcos identifica Jesus como o Messias, destacando sua divindade; esta característica do texto conduz ao tema sobre o Segredo Messiânico, onde Jesus é retratado, frequentemente, pedindo silêncio sobre sua identidade messiânica após realizar milagres e usa parábolas para ocultar sua mensagem (Azevedo, 2002, p. 123).

O Evangelho é caracterizado por uma narrativa rápida e dinâmica (Edwards, 2018, p. 37), que retrata Jesus como um homem de ação heroica. A narrativa inclui diversos milagres e exorcismos, demonstrando o poder e a autoridade de Jesus sobre a natureza, doenças, espíritos malignos e a morte (Gomes, 2020, p. 103). Jesus prega sobre a chegada do Reino de Deus, chamando as pessoas ao arrependimento e à fé, e utiliza parábolas para ilustrar a natureza do Reino.

Os discípulos são retratados como figuras que frequentemente não compreendem as implicações dos milagres e ensinamentos de Jesus (Rhoads et al, 2012, p. 123). Esse tema destaca a natureza humana dos discípulos e a necessidade de entendimento espiritual mais aprofundado, que só é plenamente alcançado após a morte de Jesus. Jesus enfrenta crescente oposição das autoridades religiosas judaicas, que culmina em sua prisão e crucificação (Myers, 1992, p. 83). Ele é rejeitado pelas autoridades, pelo povo de Nazaré e até por seus próprios discípulos em momentos cruciais, o que denota a resistência ao seu ministério e a rejeição de sua mensagem.

A teologia de Marcos é única, com um vocabulário distintivo e uma ênfase no presente histórico e no segredo messiânico. A peça central da teologia de Marcos é a imagem de Jesus como o Messias sofredor, cumprindo as profecias do Antigo Testamento (Malbon, 2009, p. 3-5). A narrativa da ressurreição está oculta durante todo o evangelho, revelando-se plenamente apenas após a morte de Jesus.

O livro marcano também discute a teologia adocionista, uma crença minoritária que vê Jesus como plenamente humano, que se torna divino em seu batismo; teoria muito difundida para tentar conciliar o problema do monoteísmo e da messianidade de Jesus. Embora essa visão seja discutida, a teologia dominante no Evangelho de Marcos é a de Jesus como o Filho de Deus desde o início de sua missão (Huebenthal et al, 2021, p.4).

Como foi colocado, é possível identificar variações textuais, principalmente no início e no final da redação, provavelmente frutos de revisões e interpolações ao longo do tempo (Konings, 1992). Porém, como a Novum Testamentum Graece (NA28) demonstra, essas diferenças textuais e variantes linguísticas não afetaram significativamente o conteúdo teológico do Evangelho de Marcos.

Esses temas centrais proporcionam uma visão abrangente da narrativa redacional do livro marcano, salientando características exclusivas de sua narrativa. Talvez, por estas razões, o Evangelho de Marcos seja frequentemente considerado a fonte primária, ao lado do Documento Q, de informações sobre Jesus e suas mensagens, para os demais evangelhos sinóticos, constituindo uma base sólida para o estudo do Novo Testamento.

1.3) Códice Sinaítico (ⲛ/01): história, trajetória e características.

“O nome ‘Codex Sinaiticus’ significa literalmente ‘o Livro do Sinai’. Reflete dois aspectos importantes do manuscrito: sua forma e um lugar muito especial em sua história” (Project, 2009). É assim que o Projeto Codex Sinaiticus introduz o manuscrito; talvez, não haja forma mais sucinta e impactante de iniciar a apresentação de uma obra que marcou a história religiosa cristã.

O Códice Sinaítico, também conhecido pela sigla 01/ⲛ, é um manuscrito da Bíblia cristã escrito em meados do século IV EC e é considerado a cópia mais antiga completa do Novo Testamento (Paroschi, 2012, p.48). Entretanto, às vezes o manuscrito é alocado mais precisamente da metade desse século, pois estudiosos baseiam-se na paleografia para determinar um período mais preciso. Certamente, como afirma Wilson Paroschi, ao lado do Códice Vaticano (B/03) são os escritos cristãos deste tipo mais antigos ainda em existência. Alguns outros textos, como o Papiro 45 (ⲑ⁴⁵), são mais antigos do que os manuscritos supracitados, mas estão em fragmentos ou com graves ausências em seu conteúdo (2012, p.49-49).

O texto manuscrito está em grego maiúsculo e é de alta qualidade e credibilidade; a “escrita é bela e sem adornos, com quatro colunas de texto por página”, conclui Paroschi (2012, p.48).

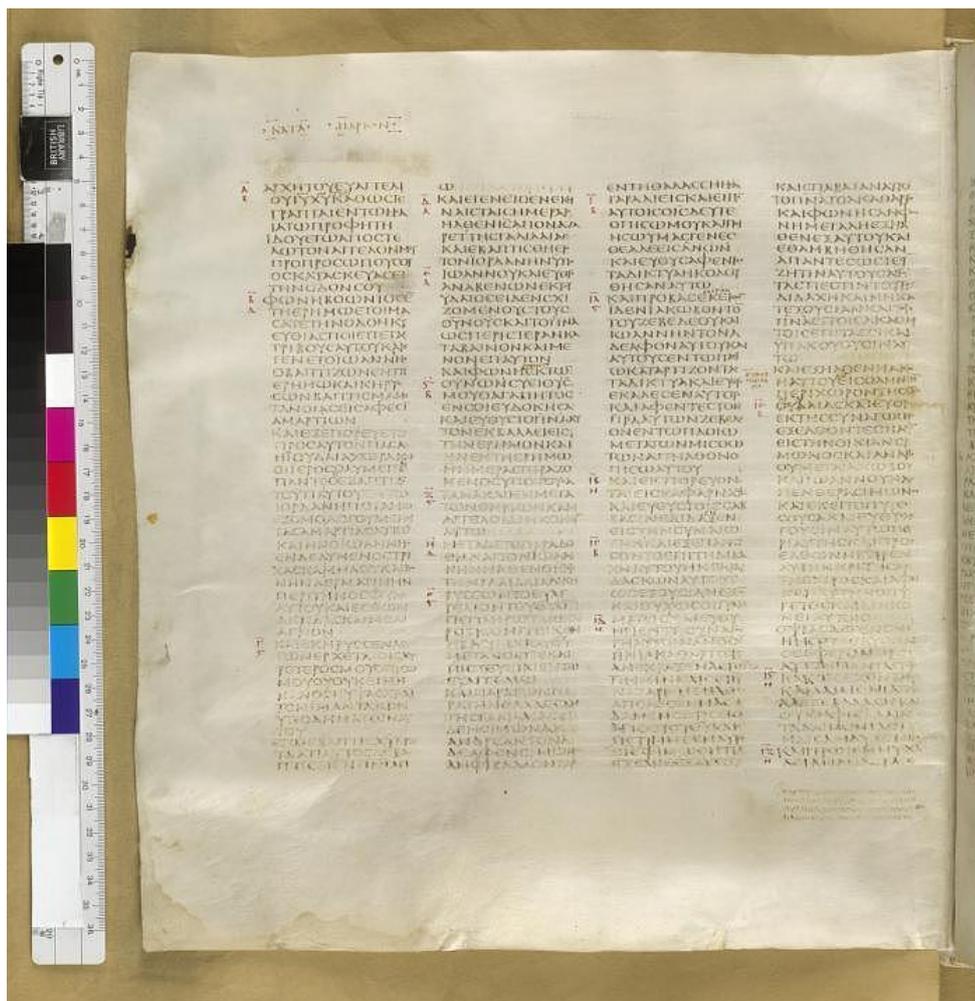


Figura 1- Primeira folha do livro de Marcos, presente no Codex Sinaiticus¹⁶.

Segundo o site do Projeto Codex Sinaiticus¹⁷, o manuscrito foi elaborado em pergaminho de excelente qualidade, compreendendo 402 folhas (entre Antigo e Novo Testamento), medindo 48cm por 34,5cm. A partir de análises paleográficas, concluiu-se que o Códice provavelmente foi escrito por três escribas diferentes, nas primeiras décadas do século IV EC (Paroschi, 2012, p.48).

O Códice foi descoberto por Constantin von Tischendorf em 1844 no Mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai, e partes dele foram levadas para São Petersburgo, Rússia. Em 1933, o governo soviético vendeu o Códice ao Museu Britânico, onde está atualmente. Algumas partes ainda permanecem no mosteiro, e outras em Leipzig, Alemanha. Este manuscrito é uma testemunha essencial para a

¹⁶ Imagem disponível em: https://codexsinaiticus.org/en/manuscript.aspx?__VIEWSTATEGENERATOR=01FB804F&book=34&chapter=1&lid=en&side=r&zoomSlider=0. Acessada em 25 de março de 2024, às 18h06m.

¹⁷ Projeto transnacional que procura proteger, preservar, traduzir e divulgar informações sobre o manuscrito. Cf. <https://codexsinaiticus.org/en/>.

reconstrução do texto original da Bíblia cristã e para a história da produção de livros no Ocidente (Paroschi, 2012, p.48-49).

1.3.1) Breve contexto e significado do Códex Sinaiticus.

De acordo com o Projeto Codex Sinaiticus, ainda hoje o manuscrito é uma referência linguística sobre o grego utilizado pela Septuaginta e sobre o Koiné empregado no Novo Testamento. Segundo informações do projeto, “Nenhum outro manuscrito antigo da Bíblia cristã foi tão extensivamente corrigido” (Project, 2009).

Kurt e Bárbara Aland corroboram a informação de que o manuscrito apresenta correções evidentes, principalmente nas redações do Antigo Testamento, porém, elas estão por todo o documento (2013, p.116). Entretanto, como destaca o texto do Projeto, as correções são de diversos tipos e ocorrem desde o século IV até o século XII.

Por ser a versão mais completa e antiga, o Códice foi preservado e copiado com muito cuidado. Este aspecto insere uma característica relevante ao Sinaítico: o texto da Septuaginta possui redações ausentes na Bíblia Hebraica, como 2º Esdras, Tobias, Judite, 1º e 4º Macabeus, Sabedoria e Sirac; textos considerados apócrifos em diversas linhas cristãs. O Novo Testamento também apresenta textos considerados apócrifos em seu conteúdo, como a Epístola de Barnabé e “O Pastor” de Hermas (Project, 2009), além de uma distribuição particular de outros livros: as cartas paulinas aos Tessalonicenses estão à frente da carta aos Hebreus e, como destaca o Projeto Codex Sinaiticus, “os Atos dos Apóstolos entre as Epístolas Pastorais e Católicas” (N.T.) (Project, 2009).

O comprometimento, a mão-de-obra empregada e os conhecimentos envolvidos pelos responsáveis pela confecção do Códice Sinaítico, não há como não reconhecer a dedicação das pessoas que proporcionaram esta peça única de arte, como bem salienta a página do Projeto (2009):

A qualidade do seu pergaminho e a estrutura de encadernação avançada, que seria necessária para suportar mais de 730 folhas de grande formato, tornam o Codex Sinaiticus um exemplo excepcional de manufatura de livros e, também, possibilitaram o conceito de uma ‘Bíblia’ (N.T.) (Project, 2009).

A compilação das informações religiosas e a conseqüente reunião dos textos considerados sagrados para comunidades cristãs do século IV poderiam configurar os alicerces do pensamento coletivo dessas pessoas, fazendo-os destinar parte significativa de seus esforços para a constituição de um “projeto audacioso” (Project, 2009) de perpetuar suas tradições e memórias. Estes esforços podem ter repercutido nas comunidades, podendo aparecer vestígios dessa repercussão nos símbolos, formados ou ressignificados, inseridos nas redações canônicas.

Um esforço notável, empregado na confecção do Códice, é a mudança de material utilizado para escrever e a forma como este material era disposto. Durante séculos, os textos foram armazenados em rolos, cujo material, peles de animais ou plantas de papiro, eram colocados e enrolados. Os responsáveis pelo Sinaítico, confeccionaram folhas de pergaminho (pele de animal tratada de forma diferente) para copiar as redações sagradas; além disso, os pergaminhos não eram mais colocados, mas dobrados e encadernados, “em um formato que ainda usamos até hoje” (N.T.) (Project, 2009).

Cristãos primitivos não confeccionaram somente códices de cunho religioso; entretanto, como lembra Paroschi, não há literatura sagrada cristã em outro formato além de códice (2012, p.22). Aliás, a palavra ‘Codex’ significa ‘livro’ em latim e não possui uma tradução correspondente; ou seja, a denominação desse formato de encadernação alude à forma como textos religiosos passaram a ser transmitidos, principalmente pelos cristãos primitivos (Paroschi, 2012, p.19-22).

Atualmente, o Códice Sinaítico se encontra em quatro lugares distintos: a Biblioteca Britânica preserva as 347 páginas encontradas por Tischendorf, cuja expedição foi patrocinada pelo Tsar Alexandre II; 43 folhas, originalmente publicadas com o nome de Codex Friderico-Augustanus, em homenagem a Frederico Augusto II, Rei da Saxônia, que foi o patrono do estudioso bíblico alemão e editor do Codex Sinaiticus, estão na Biblioteca da Universidade de Leipzig; a Biblioteca Nacional da Rússia, em São Petersburgo, preserva três folhas fragmentadas; e, por fim, as 12 folhas descobertas em 1975, no Mosteiro de Santa Catarina, se encontram preservadas no mesmo local (Project, 2009; Paroschi, 2012, p.48-49).

1.3.2) História do manuscrito.

O Codex Sinaiticus (α/01) recebe seu nome do Mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai, onde foi preservado até meados do século XIX (Project, 2009).

O primeiro registro escrito do Codex Sinaiticus pode ser identificado no diário de um visitante italiano ao Mosteiro de Santa Catarina em 1761. Nele, o naturalista Vitaliano Donati relatou ter visto no mosteiro “uma Bíblia composta de folhas de pergaminho bonitas, grandes, delicadas e quadradas, escrita em um script redondo e bonito (Project, 2009).

Porém, até 1844, o Codex Sinaiticus ficou perdido na história. Até que Constantine Tischendorf, viajando à procura de manuscritos no Oriente Médio, ficou sabendo do Mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai. Tischendorf reparou em alguns pergaminhos destinados à fogueira; dessa forma, os monges lhe entregaram 129 folhas da parte do Antigo Testamento, em algum momento entre 24 de maio e 1º de junho. As lideranças do mosteiro permitiram ao pesquisador ficar com 43 folhas para estudos, que foram prontamente entregues à Universidade de Leipzig – onde se encontram até hoje – em janeiro de 1845 (Project, 2009; Paroschi, 2012, p.48-49).

Essas folhas receberam a alcunha de Codex Friderico-Augustus, em homenagem ao Rei Frederick Augustus II da Saxônia, que apoiara as jornadas de Tischendorf em 1843 e sua edição de 1846 (Project, 2009). No entanto, para preservar a localidade da descoberta, o Mosteiro de Santa Catarina não foi mencionado na publicação.

De acordo com o site do Projeto Codex Sinaiticus, o Arquimandrita russo Porfirij Uspenskij também visitou o mosteiro e conheceu as folhas ali presentes, em 1845, confirmando a existência das 86 folhas vistas por Tischendorf. Nesta excursão pelo Oriente Médio, além de outros itens antigos, Uspenskij também adquiriu fragmentos de folhas do Códice, que encaminhou para a Rússia. Estes fragmentos até hoje compõem o acervo da Biblioteca Nacional da Rússia, em São Petersburgo (Project, 2009; Paroschi, 2012, p.48-49).

Em 1859, Tischendorf fez sua terceira e última visita a Santa Catarina, desta vez sob o patrocínio do czar russo Alexandre II e patrono da Igreja Ortodoxa. Em 4 de fevereiro, segundo seu próprio relato (Project, 2009), ele se encontrou novamente com o restante do Códice, quando um monge levou o documento até seu quarto. Tischendorf passou a noite investigando e estudando o manuscrito, porém não obteve

autorização para continuar seus estudos, uma vez que o documento seria conduzido até o Cairo na manhã seguinte. Somente vinte dias depois o mosteiro transferiu o manuscrito para a cidade, que posteriormente viajaria até Constantinopla (Project, 2009; Paroschi, 2012, p.48-49).

Por meio do abade, Tischendorf conseguiu autorização para continuar seus estudos; durante três meses, de março a maio, teve acesso ao Codex juntamente com dois assistentes e conseguiram transcrever “as cerca de 110 mil linhas do texto” (Paroschi, 2012, p.49). Estes estudos dirigidos ainda no Egito, conforme afirma o Projeto Codex Sinaiticus, confirmam a importância religiosa, artística e cultural do documento para a humanidade (Project, 2009). Paroschi destaca o intenso trabalho de Tischendorf, por meio de sua diplomacia e persistência, para convencer os monges a assinarem um empréstimo das 347 folhas ao czar Alexandre II (2012, p.49). Segundo o Projeto, “no recibo, Tischendorf afirmou que o propósito do empréstimo era permitir-lhe levar o manuscrito para São Petersburgo e comparar sua transcrição anterior com o original como parte de suas preparações para sua publicação” (2009).

Assim, o Codex foi levado para a Universidade de Leipzig para estudos e publicação, em 1862, e, posteriormente, encaminhado para a Biblioteca Nacional da Rússia. Contudo, durante a revolução bolchevique, seus líderes entenderam que não tinham interesse no documento e o venderam para o Museu Britânico em 1933. Com a separação institucional entre Museu e Biblioteca, em 1973, o Codex foi transferido para a Biblioteca Britânica, onde se encontra até os dias atuais. Mesmo Tischendorf tendo prometido em recibo, o manuscrito nunca mais retornou ao Mosteiro Santa Catarina (Project, 2009; Paroschi, 2012, p.48-49).

1.3.3) Características singulares sinaíticas.

O Codex Sinaiticus compreende “pouco mais de 400 grandes folhas de pele de animal preparada, cada uma medindo 380 mm de altura por 345 mm de largura” (Project, 2009). É composto por 43 fólhos do Antigo Testamento, incluindo apócrifos como 2º Esdras, Tobias, Judite, 1º e 4º Macabeus, Sabedoria e Sirácida, e o restante dos fólhos corresponde ao Novo Testamento (Aland e Aland, 2013, p.116-117). Contudo, o manuscrito possui uma distribuição diferente dos textos em relação às Bíblias atuais: a “Carta aos Hebreus é colocada após a Segunda Carta de Paulo aos Tessalonicenses, e os Atos dos Apóstolos entre as Epístolas Pastorais e as Epístolas

Católicas” (Project, 2009). Além disso, há textos apócrifos no NT, como uma carta “atribuída a um escritor desconhecido que afirma ser o Apóstolo Barnabé, e ‘O Pastor’, escrito pelo romano Hermas do início do século II” (Project, 2009).

Segundo o Projeto Codex Sinaiticus, parte significativa do manuscrito, incluindo os livros históricos (de Gênesis a 1ª e 2ª Crônicas), deve ter-se perdido ao longo dos séculos (2009).

Outra característica importante diz respeito aos redatores do 01/κ. O manuscrito foi redigido (ou copiado) por mais de um escriba. Estudos contemporâneos que apontam três redatores já investigam a possibilidade de um quarto copista (Paroschi, 2012, p.48-49; Project, 2009). A identificação dos três escribas é consensual entre estudiosos, dada a particularidade empregada em seus textos (Aland e Aland, 2013, p.79-80), mais especificamente sobre vogais, cuja metodologia de escrita era desenvolvida por cada copista individualmente (Project, 2009).

Escrever (ou copiar) o manuscrito envolvia várias atividades, como a diagramação da página, das linhas, entre outras preparações. A organização que envolvia a confecção do Codex era compartilhada com diversos trabalhadores e escribas, dada a complexidade no manuseio do pergaminho, no preparo das tintas, na finalização dos fólhos e na dobração destes para compor o manuscrito (Aland e Aland, 2013, p.82-83; Paroschi, 2012, p.1-40; Project, 2009).

Em suma, as características singulares do Codex Sinaiticus destacam um período cristão de produção textual, cuja relevância está além da própria mensagem textual, abrangendo questões sociais, produtivas, tecnológicas, religiosas e educacionais.

1.3.4) O trecho Sinaítico estudado: Mc 3,17.

O trecho Sinaítico, exclusivo o livro marcano, investigado pela Tese, é Mc 3,17: “(...) a Tiago, o filho de Zebedeu, e a João, o irmão de Tiago, impôs o nome de Boanerges, isto é, filhos do trovão (...)” (BJ). Segundo a NTG, podemos dispor desse trecho da seguinte forma, em grego: ‘καὶ Ἰάκωβον τὸν τοῦ Ζεβεδαίου καὶ Ἰωάννην τὸν ἀδελφὸν τοῦ Ἰακώβου καὶ ἐπέθηκεν αὐτοῖς ἰὸνόμα[τα] Ἰ Βοανηργές, ὃ ἐστὶν υἱοὶ Βροντῆς. (NA28, 2012, p. 112).

Esta passagem narra a escolha dos discípulos por Jesus. Em Mc 3,17, após a escolha de Pedro, Jesus escolhe dois irmãos e lhes atribui um apelido,

“Boanerges”. Esta alcunha é exclusiva de Marcos, pois os redatores de Mateus e Lucas omitem ou desconhecem essa denominação. Mateus menciona o parentesco entre Tiago e João em Mt 10,2, mas Lucas (Lc 6,14) é mais sucinto. A divergência entre os evangelhos levou à pergunta: por que o redator de Marcos destaca esta alcunha?

A investigação focou-se em entender o apelido “Boanerges” utilizando a Teoria Geertziana (T.G.) para testar sua eficácia como modelo alternativo de estudos. Para compreender adequadamente Mc 3,17 e o apelido “Boanerges”, foi construída a seguinte tabela:

Mc	Transcrição (BJ)	
3,17	a Tiago, o filho de Zebedeu, e a João, o irmão de Tiago, impôs o nome de Boanerges, isto é, filhos do trovão,	
	Transcrição (NA28)	
	ἰκαὶ Ἰάκωβον τὸν τοῦ Ζεβεδαίου καὶ Ἰωάννην τὸν ἀδελφὸν τοῦ Ἰακώβου καὶ ἐπέθηκεν αὐτοῖς ἰὸνόμα[τα] ἰ Boanηργές, ὅ ἐστιν υἱοὶ Βροντῆς.	
Fontes das variantes citadas NA28		Fontes convergentes NA28
ἰκοινως δε αυτους εκαλεσειν – W/032, e, (b, q, c) ἰονομα – B/03, D/05, 28, sy ^p , bo ^{ms}		Explícitas: κ/01, A/02, C/04, K/017, L/019, Γ/036, Δ/037, Θ/038, f ¹ , f ³ , 33, 565, 579, 700, 892, 1241, 1424, 2542, 28, latt, sy ^h , co Implícitas: it, sy, a, sy ^s , vg, d, ff ² , l, t, P/024, Σ/042, f, aur, r ¹ , S/028, 2211, 30

Tabela 3- Transcrição em português e tradução para o grego Koiné do trecho de Mc 3,17; Fontes das variantes e convergências que sustentam o texto.

Percebe-se poucas variações textuais nos principais manuscritos, onde cinco textos possuem uma expressão diferente no início do versículo, e outros incluem a variante bizantina grega de “nome”¹⁸. Abaixo, disponibiliza-se o trecho descrito no Códice Sinaítico. Nota-se que a escrita é maiúscula e contínua, e o 01/κ não inclui

¹⁸ Utilizou-se a tradução “nome”, mas para fins textuais, pode-se supor plausível um sinônimo, como ‘apelido’, ‘alcunha’, entre outros.

divisões de capítulos e versículos como as Bíblias modernas. As margens das colunas mostram as referências eusebianas sobre a disposição dos conteúdos marcanos.

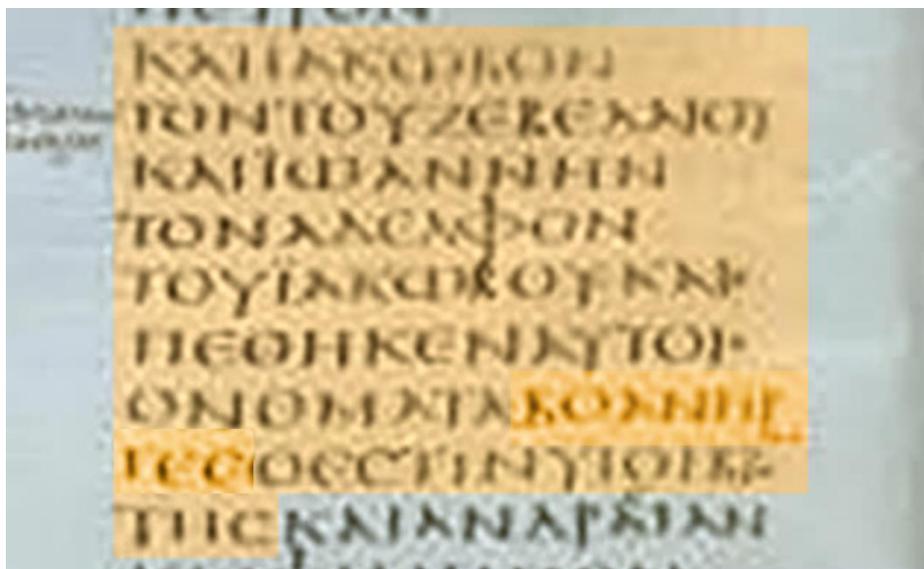


Figura 2- Imagem do pergaminho Sinaitico a respeito de Mc 3,17¹⁹.

Mesmo com uma pequena variação do grego, o Códice B/03 coincide com a redação sinaítica; ambos os manuscritos são considerados de categoria I, ou seja, manuscritos de qualidade excepcional que devem ser considerados em análises e estudos do texto original (Aland e Aland, 2013, p.169).

Para exemplificar, seguem duas imagens: a primeira do Códice Vaticano, mostrando a similaridade com Mc 3,17 do Sinaitico; a segunda do Códice Washingtoniano W/032, produzido no século V EC, classificado na categoria III, contendo uma redação independente que apoia o estabelecimento do texto original, mas é mais empregado em estudos da história do texto (Aland e Aland, 2013, p.169).

¹⁹ A imagem, sem as sombras inseridas somente no versículo, está disponível em https://codexsinaiticus.org/en/manuscript.aspx?__VIEWSTATEGENERATOR=01FB804F&book=34&chapter=3&lid=en&side=r&zoomSlider=0. Acessado em 25 de março de 2024, às 17h47m.

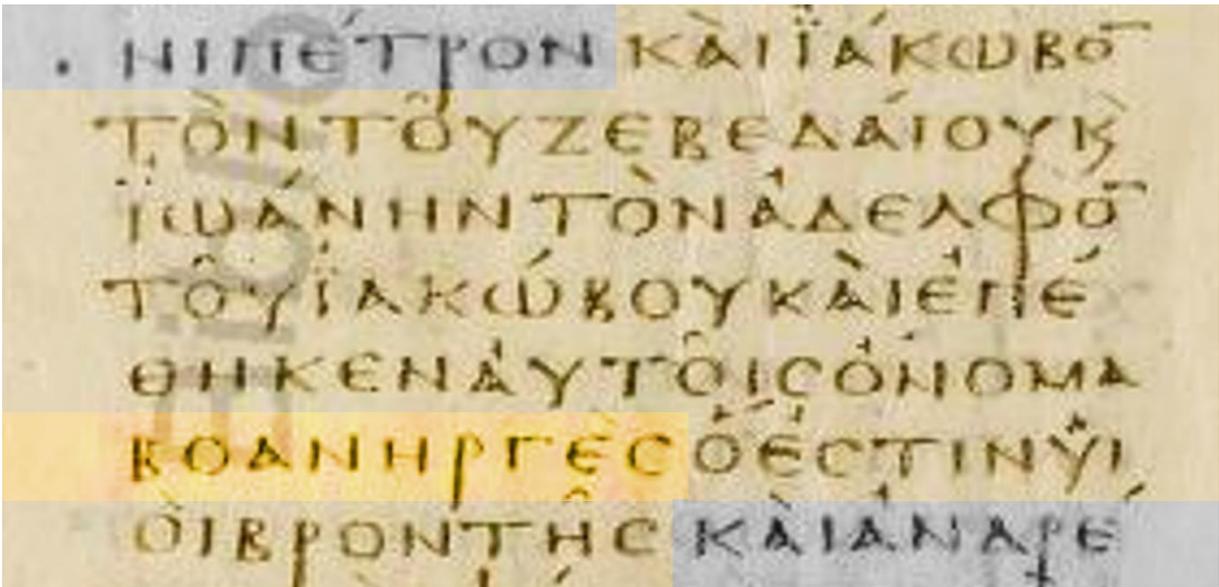


Figura 3- Códice Vaticano, destacando o versículo Mc 3,17²⁰.

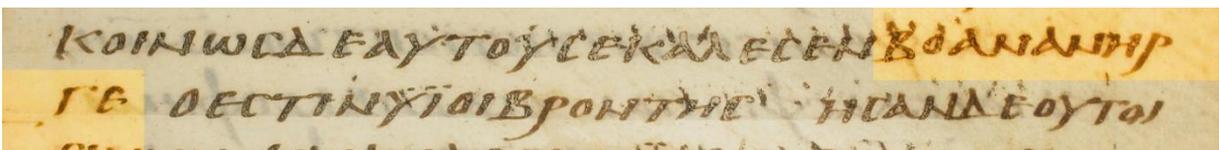


Figura 4- Mc 3,17 aparente no Códice Washingtoniano W/032²¹.

Essas variações podem representar algo significativo? Refletem uma visão peculiar da vida? São fruto de questões idiomáticas, linguísticas, intencionais ou acidentais? Essas perguntas podem ser respondidas pela Teoria Geertziana (T.G.), modelo de estudos sugerido pela Tese. O trabalho simbólico e cultural empregado em textos antigos, neste caso, o Evangelho de Marcos presente no Códice Sinaítico, proporciona uma análise aprofundada.

As observações sobre as diferenças nos textos são discutidas no terceiro capítulo deste trabalho. Alinhadas a eixos temáticos, o mesmo símbolo é analisado pelo viés cultural e religioso, usando uma metodologia particular formulada a partir dos conceitos de Clifford Geertz.

²⁰ A imagem, sem as sombras inseridas para destaque do trecho referido, está disponível em https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.gr.1209. Acessado em 25 de março de 2024, às 19h07m.

²¹ A imagem, sem os destaques inseridos, está disponível em https://www.si.edu/object/washington-manuscript-iii-four-gospels-codex-washingtonensis:fsg_F1906.274. Acessado em 25 de março de 2024, às 20h01m.

2) Teoria Geertziana e o Códice Sinaítico.

Para falar da Teoria Geertziana (T.G.) e sua aplicação ao Códice Sinaítico, é essencial destacar algumas características de Geertz, suas concepções de pensamento, e aspectos próprios do modelo de estudos. Este posicionamento é necessário para compreender as medidas adotadas para analisar os símbolos presentes no texto marcano.

Richard Shweder, em seu livro sobre o simpósio realizado sobre Clifford Geertz, aponta que seus posicionamentos podem ser alocados em três grandes alicerces. O primeiro é o foco amplo em estudos sobre a natureza da compreensão humana – alicerce notoriamente presente em todas as obras produzidas pelo antropólogo americano. O segundo alicerce são suas pesquisas preocupadas com o antagonismo entre relativismo e "absolutivismo" – preocupação demonstrada desde o início de suas pesquisas e se aprofundando à medida que seu trabalho amadurece. Finalmente, o terceiro alicerce é o interesse de Geertz pelo conhecimento "local", assim como pelo "global" – outra característica que se associa às outras duas, moldando as pesquisas interpretativas de Geertz (Shweder, 2005, p.1-2).

Shweder explica sua síntese do posicionamento de Geertz, pontuando que, em sua visão, o antropólogo americano compreende a diversidade como algo inerente à condição humana. Ademais, Geertz também entende o comportamento humano como independente das essências ditas universais. Seguindo sua explicação, Shweder ainda salienta que a cultura não cria universalidades e não atinge bons resultados quando tenta criá-las. Por último, Shweder ressalta que, para Geertz, a natureza humana é transformada ao longo do tempo e espaço pelos esforços das próprias pessoas, e de suas comunidades, em conhecer a si mesmas e a realidade onde estão inseridas, além de criar um mundo que manifeste essas concepções (2005, p.2).

Lawrence Rosen, além de concordar com Shweder, acrescenta que "Geertz não é um monista, mas um pluralista" (2005, p.11), pois valoriza a diversidade humana, os valores morais e costumes sociais, características que o antropólogo americano carregou consigo ao longo de todas as suas pesquisas.

Dessa forma, é plausível argumentar que uma marca indelével da antropologia geertziana é a dinâmica cultural em seu contexto social, observando a

simbiose entre estruturas sociais e a produção, ressignificação e reprodução simbólica como veículo condutor da dinâmica e dos padrões culturais.

Observando o Códice por estas perspectivas mencionadas acima, é aceitável defender uma análise simbólica alternativa, colocando-as no centro das reflexões e debatendo-as com os conceitos geertzianos por meio de eixos temáticos. Sendo assim, a Teoria Geertziana, assim como sua aplicação em Mc 3,17, do Códice Sinaítico, será alicerçada por essas três colunas de sustentação e estes posicionamentos de Geertz para a construção do modelo de estudos sugeridos.

2.1) Epistemologia geertziana e aplicação ao manuscrito.

Na tese, os conceitos fundamentais de cultura, religião, símbolo e senso comum de Clifford Geertz serão empregados como a base epistemológica para a Teoria Geertziana. Ao analisar Mc 3,17, esses conceitos delimitam os entendimentos provenientes dos símbolos presentes na passagem mencionada. O objetivo é que estes conceitos orientem a compreensão da metodologia (explicada no tópico 2.2), norteando as análises e conferindo rigor científico ao modelo de estudos sugerido.

Portanto, destaca-se que a Teoria Geertziana opera em seus próprios termos, uma vez que tanto as bases epistemológicas quanto os elementos metodológicos foram extraídos das obras de Clifford Geertz. Além disso, o modelo de estudos sugerido aborda as análises pelos três níveis simbólicos, a saber: “(...) o nível exploratório (a função do objeto simbólico é expressar o significado e a presença do sagrado)”, “(...) o nível etnográfico (como as pessoas usam, de fato, o objeto natural ou o artefato que serve de símbolo), e o nível exegético (como elas próprias explicam as qualidades do objeto simbólico)” (Guimarães, 2000, p. 42).

Essas duas características, tanto a operação em seus próprios termos quanto a abordagem de três níveis, são essenciais para o modelo ao fundamentar as epistemologias oriundas de Geertz. Elas são definições atuantes na metodologia e na configuração dos resultados analíticos; ou seja, não são meras abstrações teóricas.

Em seguida, por meio dos eixos temáticos, inicia-se a explicação da epistemologia concomitantemente às aplicações em Mc 3,17, presente no Códice Sinaítico.

2.1.1) Conceito de símbolo e contexto Mc 3,17.

Para iniciar a discussão epistemológica, é importante compreender o que Clifford Geertz entende por 'símbolo' e seus elementos constitutivos. Portanto, antes mesmo da exposição dos eixos temáticos, abordar-se-á símbolos e, posteriormente, 'senso comum' (item 2.1.2), pois são fundamentais para a compreensão metodológica.

A epistemologia geertziana compreende que os símbolos não são meras representações, mas construções complexas que articulam seus componentes para retratar a realidade. Segundo Geertz, eles sintetizam a ética e a estética de uma cultura, além de fundamentar sua visão de mundo, fornecendo um arcabouço interpretativo. Dessa maneira, símbolos são representações concretas de elementos materiais e imateriais, abrangendo concepções abstratas que se tornam "formulações tangíveis de noções", ou seja, podem ser "ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças" (2015a, p. 68).

Sendo assim, é admissível entender 'Boanerges', 'filhos do trovão' e/ou 'trovão', como símbolos oriundos da passagem de Mc 3,17. Isto porque todos esses destaques se enquadram na definição de símbolo de Geertz: elementos abstratos (palavras) que constituem um significado que pode agir concretamente na sociedade onde são empregados.

Portanto, é possível afirmar que os símbolos são amálgamas do estilo de vida particular de uma pessoa (ou comunidade) e do 'mundo' contextual (e/ou supratemporal, no caso de símbolos religiosos) em que acredita (Geertz, 1973, p. 90); esta convergência dos dois 'mundos' promove uma troca de forças e autoridades em suas jurisprudências, fazendo com que se sustentem mutuamente.

Assim sendo, símbolos:

(...) funcionam para sintetizar o ethos de um povo - o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, o seu estilo e humor moral e estético - e a sua visão do mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, a suas ideias mais abrangentes sobre ordem (Geertz, 2015a, p. 67).

Depreende-se que, segundo Geertz, os símbolos são compostos por dois elementos simbólicos fundamentais: o ethos e a visão de mundo. O autor ainda destaca que "é função dos símbolos, portanto, ligá-los de tal maneira que se confirmem mutuamente. Tais símbolos tornam a visão de mundo crível e o ethos

justificável, e fazem-no invocando cada um em apoio do outro” (Geertz, 2004, p. 105). A interação entre ethos e visão de mundo, mediada pelos símbolos, sustenta a estrutura social e cultural de uma comunidade por meio da dinâmica cultural. Ademais, torna ambos os elementos pilares complementares, sustentando a coesão social e a continuidade cultural dentro de uma comunidade.

O ethos refere-se ao estilo de vida, às práticas e preferências culturais de uma comunidade, focando-se no "problema da ação" e tornando-se compreensível quando alinhado com uma realidade que admite esse estilo de vida. Já a visão de mundo abrange as crenças e entendimentos sobre a realidade, centrando-se no "problema da crença" e sendo crível quando refletida em um ethos correspondente.

Isto posto, é possível alegar que ‘Boanerges’, ‘filhos do trovão’ e/ou ‘trovão’ possuem ethos e visão de mundo, já que se constituem como símbolos. Ao decompor-se Boanerges, encontram-se discussões sobre sua etimologia, que revelam características dos elementos simbólicos fundamentais da comunidade marcana; assim como acontece com ‘filhos do trovão’ (βροντησ), em relação à comunidade de Cesareia.

A distinção acima citada é pertinente, uma vez que o símbolo precisa estar contextualizado para poder ser decomposto e apresentar os elementos simbólicos fundamentais de maneira adequada. Portanto, mesmo que o texto só tenha sido copiado no scriptorium de Eusébio, em Cesareia, sua mensagem alcança as pessoas da região de maneira distinta daquela que o texto marcano alcançou seus leitores.

Estes símbolos presentes em Mc 3,17 refletem o que a comunidade enxerga, pensa e compreende de mundo. Os símbolos, dentro de seu contexto e considerando-os "como formas de pensamentos, um idioma a ser interpretado" (2014, p. 123), desempenham um papel vital na vida de uma sociedade, permitindo sua existência e transmissão de significados (2014, p. 122).

Com isto posto, a análise dos símbolos religiosos, conforme proposta pela epistemologia advinda das ideias de Clifford Geertz, é fundamental para a construção de uma compreensão histórico-antropológica das dinâmicas culturais e sociais refletidas em Mc 3,17, assim como em todo o Evangelho de Marcos.

Disposição e Motivação.

Clifford Geertz considera disposição e motivação como resultados significativos da atuação simbólica, categorizando-as como elementos simbólicos fundamentais. Na sua obra, ele descreve a religião como "um sistema de símbolos que atua para estabelecer disposições e motivações poderosas, abrangentes e duradouros nos homens" (Geertz, 2015a, p. 67). Portanto, é coerente tratá-las como componentes simbólicos importantes.

Disposição é uma qualidade escalar, variando em intensidade sem direcionamento específico, medindo a quantidade e a qualidade das informações armazenadas em um símbolo. A relevância das disposições está intimamente ligada às condições contextuais de seu surgimento. Em contrapartida, motivação é uma qualidade vetorial, com uma orientação definida, avaliando a quantidade de informações e associando-as com suas finalidades. Geertz enfatiza que "interpretamos motivações em termos de suas realizações, mas interpretamos disposições em termos de suas fontes" (Geertz, 2015a, p. 72).

O autor revisita esses conceitos em "Como pensamos hoje: a caminho de uma etnografia do pensamento moderno" em "Saber Local" (2014), afirmando que disposição e motivação são fundamentais tanto para a compreensão simbólica do texto estudado quanto para a comunidade que o produziu. Ele destaca que, para serem consideradas 'coisas sociais' efetivas, é necessário ponderar as implicações inerentes às suas inferências, incluindo as traduções e o "tráfico" das "formas simbólicas disponíveis" (2014, p. 154-155).

No trecho revisitado, Geertz reafirma a centralidade das disposições e motivações na análise simbólica, enfatizando sua importância tanto para a compreensão do texto religioso quanto para a comunidade que o produziu. Ele sublinha que esses elementos não podem ser vistos isoladamente, mas devem ser considerados dentro de suas implicações sociais e culturais, refletindo a complexidade das inferências simbólicas. Ao destacar a necessidade de se ponderar as traduções e o "tráfico" das formas simbólicas disponíveis, o autor alerta para a dinâmica e a circulação dos símbolos em contextos específicos, ressaltando que a interpretação simbólica deve levar em conta os fluxos e trocas culturais que moldam e reconfiguram os significados, conectando-se de forma explícita à hermenêutica de Dilthey e Gadamer. Dessa forma, a análise das disposições e motivações se torna não apenas um exercício de interpretação de símbolos, mas uma investigação das práticas sociais

e culturais que conferem sentido a esses símbolos, tornando-os instrumentos efetivos de construção e manutenção da realidade social.

É pertinente salientar que 'Boanerges' é um apelido aramaico, empregado a judeus, para que atuassem junto de pessoas, sobretudo, de outras origens étnicas. Além disso, é importante pontuar que os leitores do texto marcano, aparentemente, em sua maioria, também não eram judeus ou cristãos. Portanto, traduzir o apelido, empregá-lo a dois irmãos bem-sucedidos, fazê-lo no meio da multidão, e registrar tudo isso no texto, demonstra como o tráfico de formas simbólicas foi explorado a fim de ressignificar sentidos, padrões e estruturas sociais.

Esta dinâmica também pode ser empregada ao contexto do Códice Sinaítico. Isto porque não se percebe correções ou glossas neste trecho do Evangelho, ou seja, os escribas – por alguma razão – não consideraram pertinente alterar a narração na qual estavam trabalhando. Pode-se inferir que acreditaram que aquela redação funcionaria para o contexto na qual se destinava, se não, teriam realizado mudanças, como ocorre em outros trechos.

Nas análises simbólicas de manuscritos religiosos, é importante considerar as disposições e motivações implícitas, contextualizando-as e ponderando os paradoxos de sua origem, assim como suas representações simbólicas. Estas emoções e sentimentos lidam com complexidades como a representação de autoridade, demarcação de limites, retórica da persuasão, expressão de compromissos e registro de discordâncias (2014, p. 156).

Geertz desenvolve a Análise Semiótica das Emoções (2001, p. 183) em "Nova Luz sobre a Antropologia", argumentando que as emoções e sentimentos são analisáveis por meio das perguntas corretas: "A questão é como essas emoções [...] passam a ter a força, a pertinência e o efeito que têm?" (2001, p. 186). As emoções, disposições e motivações são intangíveis pela "íntima essência" (2001, p. 186), mas podem ser compreendidas culturalmente, dado que o cérebro humano está inserido e funciona dentro de uma realidade cultural (2001, p. 180-181).

Portanto, percebe-se que os elementos simbólicos são complexos, mas estão interligados. Desde a visão de mundo, a disposição, o ethos e a motivação, todos eles convergem para o mesmo ponto: atribuir sentido e significado a um símbolo. Justamente pela complexidade que, acredita-se, tenha ficado evidente, a tese se concentrou em um único versículo, Mc 3,17. Cada um constitui uma parte do

símbolo, mas todos formam os pilares complementares da mesma estrutura social que os sustentam.

Assume-se, então, a epistemologia para o termo símbolo como construção complexa que articula elementos materiais e imateriais, sintetizando a ética, a estética e a visão de mundo de uma cultura. Símbolos devem representar ideias concretas, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças, funcionando como amálgamas do estilo de vida de uma comunidade e seu contexto. Eles devem conectar o ethos, a visão de mundo, as disposições e as motivações de tal forma que se confirmem mutuamente, sustentando a estrutura social e cultural. Portanto, símbolos são essenciais para a coesão social e a continuidade cultural, permitindo a interpretação e transmissão de significados dentro de uma sociedade.

2.1.2) Conceito de senso comum e contexto Mc 3,17.

Este conceito, cuja reflexão foi adotada de Bronislaw Malinowski,

(...) o senso comum consiste em um conjunto de suposições, algumas delas conscientes, mas a maioria simplesmente adotada, sobre o modo como as coisas são – sobre o que é normal e o que não é, o que é razoável e o que não é, o que é real e o que não é. (Geertz, 2004, p. 101).

Ao descrever o senso comum como um conjunto de suposições, conscientes ou não, sobre a realidade circundante, Geertz destaca sua importância na construção de significados compartilhados e na estabilização das práticas sociais. Essas suposições não são apenas individuais, mas coletivamente adotadas, formando um sistema de crenças e juízos enraizados na interação social.

Estes aspectos que configuram o senso comum são importantes para o estabelecimento do modelo de estudos sugerido pela tese. Isto porque o conceito advém do coletivo, e não de uma instituição ou indivíduo em particular. Também não há gerência de um determinado grupo sobre o conhecimento comum, uma vez que ele se forma por meio do relacionamento e convivência coletiva. Assim, ele serve como uma lente através da qual os símbolos e práticas religiosas podem ser interpretados. Ao reconhecer o senso comum como uma construção cultural dinâmica, é possível analisar Mc 3,17 e seus símbolos, uma vez que, por mais que existam

elementos voluntários e intencionais imbuídos nos símbolos, também existem elementos constitutivos oriundos do senso comum.

Geertz ainda reforça que o ser humano não é capaz de sobreviver sem o senso comum; pois é a insuficiência de respostas deste conceito que proporciona o alcance da religião, por exemplo, na realidade social (1968, p. 94-95). Ou seja, o senso comum é passível de ser compreendido como um sistema cultural, que é composto por “crenças e juízos, com conexões vagas”, porém enraizadas num determinado grupo de pessoas que interagem na mesma realidade (Geertz, 2014, p. 16). Portanto, o conceito se relaciona “mais com a forma como se lida com um mundo onde determinadas coisas acontecem do que com o mero reconhecimento de que elas acontecem” (2014, p. 17). Dessa maneira, o senso comum tem como base informacional, para elaborar seus argumentos, a vida de forma geral, pois “o mundo é sua autoridade” (Geertz, 2014, p. 79). Por esta razão, Geertz salienta que “o senso comum continua a ser mais um fenômeno assumido do que analisado” (Geertz, 1983, p. 77).

Sendo assim, observando Mc 3,17, pode-se concluir que o senso comum é uma esfera social na qual se produzem conhecimentos, símbolos e sentidos, interagindo com as demais. Além do conceito ser um locus para produção, reprodução, significação e ressignificação de símbolos, ele, em si, também é um símbolo.

Geertz costumava argumentar sobre a marginalização do conceito ‘senso comum’ nos meios acadêmicos, denominando-o de ‘subúrbio’. Entretanto, ele destacava a importância do conceito para formulação de suas análises. “Sendo um dos mais antigos subúrbios da cultura humana, (o senso comum) revela de uma forma particularmente evidente o impulso sobre o qual tais desenvolvimentos são construídos: o desejo de tornar o mundo distinto” (Geertz, 1983, p. 77).

É apenas isolando o que poderia ser chamado de suas características estilísticas, as marcas de atitude que lhe conferem sua marca peculiar, que o senso comum (ou mesmo qualquer um de seus gêneros irmãos) pode ser caracterizado transculturalmente (Geertz, 2014, p. 88).

Sobre ser caracterizado transculturalmente, percebe-se que essas características não apenas delineiam como as pessoas percebem e interpretam a

realidade, mas também refletem as normas sociais e os valores compartilhados em uma comunidade específica.

A transculturalidade do senso comum oferece uma metodologia hábil na compreensão dos símbolos interpretados e internalizados dentro de contextos culturais variados ao longo do tempo. Portanto, essas características são: naturalidade, praticabilidade, leveza, não metodicidade e acessibilidade (Geertz, 2014, p. 89).

‘Naturalidade’ se refere àquelas explicações que sugerem que algo é o que é por sua natureza, ou como Geertz descreve “Eles são retratados como inerentes à situação, aos aspectos intrínsecos da realidade, à forma como as coisas acontecem” (Geertz, 2014, p. 89). Por sua vez, ‘praticabilidade’ alude à sagacidade, ao uso do senso comum para compreender melhor uma determinada situação, sem que isso exija cientificidade. Geertz ainda destaca que a praticabilidade não faz menção à utilidade de algo ou alguém, mas ao atendimento das demandas cognitivas para entendimento da realidade (Geertz, 1983, p. 87-88).

‘Leveza’ aborda a forma como o senso comum enxerga a realidade: algo simples, transparente; “a tendência das visões de senso comum sobre este ou aquele assunto, de representá-los como sendo precisamente o que parecem ser, nem mais nem menos” (Geertz, 2014, p. 92-93). Em relação a ‘não metodicidade’, é importante salientar que demonstra como o senso comum não possui uma forma definida de transmissão e produção de conhecimento; ele pode obter diferentes formatos dependendo das variáveis que se impõem: contexto cultural, histórico, público, entre outras (1983, p. 90-91). Por fim, a ‘acessibilidade’ é uma consequência dos demais elementos. O conhecimento do senso comum deve ter uma forma de fácil acesso, onde diferentes pessoas, com diferentes níveis cognitivos possam acessar seu conteúdo e fazer uso dele.

Consequentemente, Mc 3,17 está sedimentado, pelo viés simbólico, no senso comum. Aliás, não somente este trecho, mas todo o manuscrito. À medida que o tempo passa e o documento se firma em seu contexto, ele próprio passa a ser um constituinte da geração de sentidos comuns que ditam e moldam os comportamentos e as bases sociais. Assim, enquanto esfera social, muitos dos impactos narrados de Jesus, no livro marcano, se devem ao fato de ele desafiar e confrontar muitos conhecimentos oriundos do senso comum, mas também do conhecimento religioso e

cultural. Ao sentar-se com pecadores para se alimentar, Jesus desafia alguns destes conhecimentos supramencionados; atitude que gerou espanto e indagações dos presentes (Mc 2,15-17).

O que se pode inferir é que, de posse desse trecho, os leitores do texto marcano, no contexto da produção do Códice Sinaítico, podem ter adquirido o hábito de excluírem não-cristãos de suas mesas; a mesma atitude que Jesus repreende na narração. Assim, do mesmo modo que o senso comum e demais conhecimentos moldaram uma atitude social entre os judeus, o Evangelho – depois de enraizado na comunidade – pode ter sido mais um instrumento para moldar e direcionar condutas coletivas e individuais de seus novos leitores.

Portanto, assume-se a epistemologia para o termo senso comum como o conjunto de suposições, conscientes e inconscientes, sobre a realidade, formando um sistema de crenças coletivamente adotadas que estabilizam práticas sociais. Ele deve ser um fenômeno cultural, dinâmico e essencial para a sobrevivência humana, funcionando como uma lente através da qual símbolos e práticas são interpretados. Precisa caracterizar-se pela naturalidade, praticabilidade, leveza, não metodicidade e acessibilidade, refletindo normas e valores sociais.

2.1.3) Conceito de cultura e contexto Mc 3,17.

O modelo de estudo proposto, baseado em Clifford Geertz, é estruturado a partir de seu conceito de cultura, devido ao enfoque interpretativo e simbólico das ações humanas no contexto em que vivem e interagem. Assim, é imprescindível abordar o que Geertz escreve sobre este conceito. Para ele, a cultura é um sistema de símbolos que contribui para a construção da realidade vivida, englobando todos e tudo que estão contidos neste contexto. Essa abordagem é útil na análise de textos religiosos antigos, onde a interpretação dos símbolos e dos significados atribuídos aos textos deve considerar o contexto cultural e social. Dessa forma, o conceito de cultura é empregado como uma base epistemológica funcional para a investigação de representações culturais que moldam e refletem a vida cotidiana das comunidades humanas.

Geertz define a cultura como popular e pública, formada por estruturas de significados representadas por símbolos. Esta visão semiótica considera a cultura como um “contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível”

(Geertz, 2015a, p. 10). Portanto, para o autor, a cultura não exige coerência perfeita, pois "as representações não determinam as condutas humanas, elas servem para governar o comportamento" (Geertz, 2015a, p. 32).

Os seres humanos não podem viver sem cultura, necessitando de um sistema simbólico representativo da realidade para a sobrevivência de um grupo. Ele afirma que "nossas ideias, nossos valores, nossos atos, até nossas emoções, são, como nosso sistema nervoso, produtos culturais" (Geertz, 2015a, p. 36), revelando a profunda relação humana com as representações de sentido que forjam para compreender sua própria realidade.

Por este viés, é possível afirmar que somos o que somos porque estamos inseridos em uma realidade cultural. Como explica um ditado árabe: "os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais" (Bloch, 2001, p. 60). Este ponto de vista destaca como os elementos que parecem intrinsecamente humanos e naturais são, na verdade, moldados pela cultura na qual estamos inseridos.

Em "Interpretação das Culturas" (1973), Geertz esclarece que:

O conceito de cultura que defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (Geertz, 2015a, p. 4).

Geertz compreende cultura como tramas, onde os seres humanos constroem-nas ao mesmo tempo em que são envolvidos em seus enredos. Esta construção não segue uma lógica, não há um padrão, que garanta o mesmo destino e o mesmo final àqueles que se envolvam neste processo; ele é único, é peculiar e específico para cada contexto em cada momento. O que se pode fazer é observar, interpretar e analisar os vieses que tramam uma determinada construção, em um determinado tempo e espaço.

O autor também destaca que sua meta é a "explicação," ou seja, a interpretação das expressões sociais que, na superfície, podem parecer enigmáticas. A cultura, portanto, é vista como um sistema de significados compartilhados, onde a análise cultural se concentra na compreensão desses significados dentro de seus

contextos específicos. Este enfoque interpretativo busca decifrar como os indivíduos e os grupos constroem e compreendem suas realidades sociais por meio de símbolos.

Essa visão é central para a construção da Teoria Geertziana, pois sugere que os pesquisadores devem focar nas nuances e nos contextos das práticas culturais para revelar os significados intrínsecos subjacentes a elas. Na prática, isso implica que a análise de textos religiosos antigos deve considerar os símbolos e os significados atribuídos a esses textos dentro de seus contextos culturais específicos, revelando como eles moldaram a identidade e a vida cotidiana das comunidades antigas.

No caso de Mc 3,17, seus símbolos e significados podem apresentar uma interpretação para a comunidade marcana do primeiro século EC (data provável da redação do Evangelho). Contudo, os copistas cesarienses podem compreender os mesmos símbolos de forma distinta, já que produziram o Códice no século IV EC. Mesmo que se entendesse que mudanças culturais são mais vagarosas em tempos passados em relação ao mundo contemporâneo, não se pode ignorar o “tráfico” simbólico e o sincretismo religioso no entrelaçamento étnico, comum ao longo da história humana.

De forma mais direta, sem tantas metáforas, Geertz expõe o que entende por cultura:

De qualquer forma, o conceito de cultura ao qual me atendo não possui referentes múltiplos nem ambiguidade alguma fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes em relação à vida. (Geertz, 2015a, p. 66).

Nessa colocação, é possível depreender que Clifford Geertz apresenta uma definição clara e mais informal de cultura em relação à primeira citação, destacando sua natureza sistemática e simbólica. Ele afirma que a cultura é algo além de um simples conceito, ela é, então, um processo padronizado, desenvolvido ao longo do tempo, com a função de comunicar significados incorporados em símbolos.

Portanto, o manuscrito marciano, além de um símbolo em si mesmo, além de um elemento cultural, pode ser considerado também como uma cultura particular, cujo propósito é propagar um sistema específico de símbolos, que atuam para

incorporar e ressignificar sentidos a uma dada realidade temporal e supratemporal. Por consequência, é possível alegar que a cultura não é ambígua ou multifacetada em seu referencial; ao contrário, ela é um sistema coeso de concepções herdadas. Este processo permite que os indivíduos dentro de uma sociedade comuniquem e desenvolvam suas percepções sobre a vida.

A citação também complementa a visão de Geertz sobre a cultura enquanto processo; viés que permite compreender os símbolos como veículos, instrumentos de comunicação e continuidade cultural. Dessa forma, como viu-se anteriormente, símbolos possuem um papel importante na constituição social; de forma simbiótica e dialética, os símbolos carregam sentidos para formar novos significados, ao mesmo tempo em que são transformados pelos componentes sociais com os quais interage. Geertz também sublinha a funcionalidade prática da cultura, que serve para perpetuar e desenvolver conhecimentos e atitudes, demonstrando que a cultura é tanto um produto quanto um processo contínuo de criação e interpretação de significados.

Tendo abordado os principais aspectos do conceito de Geertz, pôde-se definir com cautela e responsabilidade as fronteiras pelas quais a Teoria Geertziana se balizará para analisar o texto marcano Mc 3,17. Ao conceber a cultura como um sistema de significados transmitidos e expressos simbolicamente, ele fornece as ferramentas essenciais para a formação de uma epistemologia qualificada a erigir a teoria proposta pelo presente trabalho. Epistemologia esta que é desenhada para orientar pesquisadores a focarem na interpretação dos significados simbólicos e na maneira como estes significados são negociados e mantidos dentro de uma sociedade.

Portanto, assume-se a epistemologia para o termo cultura como o sistema de significados historicamente transmitidos e expressos em símbolos. Esses significados devem permitir que os indivíduos comuniquem, perpetuem e desenvolvam seu conhecimento e atitudes em relação à vida. A cultura precisa ser um contexto público e polissêmico, que molda e reflete a realidade vivida, funcionando como uma teia de significados tecida pelos próprios seres humanos e essencial para sua sobrevivência e compreensão do mundo.

2.1.4) Conceito de Religião e o contexto Mc 3,17.

Religião A religião sempre esteve presente nas pesquisas de Geertz, influenciando a Antropologia e outras áreas do conhecimento. O autor aborda a religião como um sistema simbólico que fornece uma estrutura interpretativa para compreender as experiências humanas, destacando que ela deve ser entendida como um complexo sistema de símbolos que molda e é moldado pela cultura. Assim, a religião é alçada à condição de fenômeno cultural fundamental que influencia significativamente os comportamentos, valores e atitudes das pessoas, explorando os símbolos religiosos enquanto criadores de uma sensação de realidade objetiva e estabelecendo diretrizes morais e sociais.

Por esses vieses, é possível destacar que para Geertz:

Religião é (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas (Geertz, 2015a, p. 67).

Vê-se que a religião é conceituada de forma detalhada e sistemática, refletindo a amplitude de suas observações e aplicações da antropologia interpretativa de Geertz. Além disso, é evidente a esfera social na qual este conceito coloca a religião, transformando-a em uma cultura; por esta razão, o autor sublinha a religião como um sistema simbólico, um conjunto de sentidos que, por mais que se entenda incompleto, contempla todas as áreas humanas, sendo elas sentimentais, físicas, sociais e espirituais. Também razão pela qual a faz se conectar duradouramente por meio de fortes vínculos com aqueles que creem neste sistema e nesta maneira de pensar a vida e a realidade.

A forma peculiar como a religião trabalha seus sistemas simbólicos é descrevendo uma ordem geral de existência, justamente, para adequar a cognitividade da sociedade à realidade supratemporal que postula. De forma subjetiva ou realística, o sistema simbólico precisa dar conta de organizar os elementos que compõem o supratemporal de tal forma que faça sentido os acontecimentos – inteligíveis, explicáveis ou não – para a realidade em que se insere. Outra característica do sistema simbólico é seu revestimento de “factualidade”, para tornar os sentimentos e motivações tangíveis. Não basta a instrumentalização do sistema

com o propósito de explicar, digamos, o inexplicável; este conjunto simbólico necessita empregar credibilidade e realidade ao esclarecimento recomendado.

Ao longo do manuscrito marcano, o redator coloca Jesus adequando seus ensinamentos supratemporais à realidade daqueles que o ouviam, vestindo seus ensinamentos de fatualidade para se tornarem tangíveis. É possível verificar as adequações em Mc 2,15-17, quando Jesus se senta à mesa com publicanos e pecadores; em Mc 10,1-12, quando Jesus debate a questão do divórcio; em Mc 10,41-45, sobre a servidão como característica de uma liderança; além das metáforas, recorrência significativa no Evangelho de Marcos.

Para Geertz, a religião, ao criar um sistema de significados compartilhados e enraizados culturalmente, permite que os indivíduos compreendam suas experiências e a ordem do mundo ao seu redor de uma maneira que parece inquestionavelmente verdadeira. A abordagem interpretativa de Geertz sugere que o estudo da religião deve focar na análise desses símbolos e na maneira como são utilizados para construir e perpetuar significados culturais.

A definição de Geertz sobre religião não é apenas uma descrição estática, mas um modelo dinâmico que demonstra como os símbolos religiosos são ativos na formação das percepções e comportamentos humanos. Este modelo interpretativo é fundamental para a compreensão da religião como uma força cultural poderosa que molda as identidades e as práticas sociais.

É importante salientar a concepção supratemporal da realidade. Geertz entende que a temporalidade é uma característica do real, do cotidiano; portanto, o supratemporal²² é característica daquilo que a religião pretende descrever e determinar (Geertz, 1980, p. 82-83). Esse sistema simbólico não apenas influencia comportamentos éticos e socioculturais, mas também fundamenta valores sociais ao conferir objetividade ao mundo metafísico. Em Marcos, é notório como o texto frequentemente coloca Jesus ensinando quais valores e comportamentos são esperados no Reino de Deus (realidade supratemporal).

Os rituais religiosos, para Geertz, têm o papel de representar as preferências subjetivas das estruturas sociais e visões individuais dentro de um senso comum de objetividade estabelecido socialmente. Para que a religião e seu sistema

²² Em inglês, o termo correto é *transtemporal* (Geertz, 1968, p. 2). Entretanto, apropriou-se de Geertz o termo oriundo da tradução para o português disposta em *Observando o Islã*, p. 16, uma vez que todas as traduções consultadas abordam o termo dessa maneira.

simbólico façam sentido, é essencial que esses símbolos sejam investidos de uma autoridade persuasiva que sustente a ação religiosa, conforme destacado por Geertz (1980, p. 84-85).

Portanto,

(...) a essência da ação religiosa constitui, de um ponto de vista analítico, imbuir um certo complexo específico de símbolos – da metafísica que formulam e do estilo de vida que recomendam – de uma autoridade persuasiva (Geertz, 2015a, p. 82).

A essência da ação religiosa reside na habilidade de certos símbolos específicos, que formulam e recomendam um estilo de vida supratemporal, serem investidos com uma autoridade persuasiva. Geertz destaca que essa autoridade persuasiva é fundamental para conferir significado e direção às práticas religiosas dentro de uma cultura. Isso ocorre porque, conforme argumenta Geertz, símbolos são polissêmicos e assim o são em qualquer lugar do mundo, em qualquer realidade (1980, p.105). A persuasão em Mc 13,33-37 é um exemplo dessa característica. Jesus é narrado 'intimando' seus discípulos em relação à vigilância, sob risco de não participarem da realidade supratemporal que pregava em seus ensinamentos.

Pode-se argumentar que a “religião pode ser uma pedra lançada na terra; mas deve ser uma pedra palpável, e alguém deve lançá-la” (Geertz, 2004, p. 17). Ou seja, Geertz encapsula sua visão sobre a religião como uma força ativa e tangível na vida social e cultural, sugerindo que ela não é apenas uma abstração ou uma ideia distante, mas algo concreto e influente. Assim, a religião deve ser capaz de causar impacto direto na realidade das pessoas e das comunidades.

A ideia de que alguém deve lançar essa pedra sugere que a religião não surge espontaneamente, mas é ativada e propagada por indivíduos ou grupos que a promovem ativamente. Como destaca Geertz, “visualizar era ver, ver era imitar e imitar era incorporar” (N.T.). Portanto, o autor enfatiza a natureza dinâmica e participativa da religião como um fenômeno cultural e social que não apenas existe, mas também é criado e disseminado por meio de ações humanas concretas.

É possível argumentar que, em Marcos, Jesus é uma figura autoritária, persuasiva e um tanto rude (Valva, 2023). Seu ataque de insatisfação, para não dizer fúria, no Templo de Jerusalém (Mc 11,15-19), é a tônica de seu comportamento ao estabelecer padrões que, segundo os redatores do Evangelho, Jesus acreditava

serem os adequados. Sua liderança rude é um símbolo religioso de força, com o objetivo de transformar estruturas sociais, mediando abstrações supratemporais com ações concretas temporais.

Assim, para Clifford Geertz, a religião é essencialmente um sistema de imagens e metáforas que seus seguidores utilizam para interpretar e caracterizar a realidade. A capacidade persuasiva da religião deriva precisamente da realidade que ela própria constrói e define através dessas imagens e metáforas. Ao reconhecer a insuficiência das noções do senso comum para atribuir significado à experiência humana, a religião surge como uma resposta que oferece um arcabouço interpretativo mais abrangente.

Portanto, assume-se a epistemologia para o termo religião como o sistema simbólico complexo que oferece uma estrutura interpretativa para compreender a existência. Ela deve estabelecer disposições e motivações duradouras, formulando conceitos de ordem geral e tornando-os factualmente persuasivos. Esse sistema culturalmente enraizado precisa conectar o sentimental, físico, social e espiritual, moldando identidades e comportamentos sociais ao conferir tangibilidade e autoridade aos valores metafísicos, interpretando e definindo a realidade.

A partir das bases epistemológicas apresentadas, passa-se à explicação da metodologia pensada para a Teoria Geertziana.

2.2) Metodologia geertziana e aplicação ao Códex.

Geertz postulou que "todo pensamento é resultado de uma manipulação intencional das formas culturais" (Geertz, 2014, p. 153), ou seja, textos – como o Evangelho de Marcos – são reproduções de uma forma de ver o mundo, seja ela coletiva ou individual. Por este viés, essa redação pode ser considerada um sistema simbólico que estrutura o pensamento das pessoas que redigiram o texto original, mas também o Códice Sináptico (Granger, 2013, p. 136-142). Utilizando o exemplo muçulmano sobre a importância da linguagem, pode-se, pretensiosamente, transportar para as demais culturas antigas redatoras de textos religiosos que “o homem que desempenha o papel de poeta no islã faz o tráfico – não totalmente legítimo – da substância moral de sua cultura” (Geertz, 2014, p. 113).

Ao cristalizar seus pensamentos, valores, crenças e comportamentos em um texto, os redatores (incluindo os copistas) constroem uma ponte cultural entre suas

épocas e aquelas dos leitores. Esta ponte metafórica é formada por símbolos, que não só constituem o material de construção, mas também são os veículos que a atravessam de um lado para o outro, carregando sentidos. A partir dessa metáfora, é possível afirmar que o modelo de estudos proposto (T.G.) é um quadro de trabalho (Framework) (Geertz, 1980, p. 104) destinado à análise de significados simbólicos e culturais em textos religiosos antigos. Essa Teoria se destaca por seu compromisso em compreender os elementos culturais e simbólicos que subjazem às práticas sociais e textos (Geertz, 2014, p. 11-12). Para tanto, a epistemologia geertziana, conforme exposto acima, foi pensada a partir de alguns dos principais conceitos do antropólogo, a saber: religião, cultura, senso comum e símbolo. Conseqüentemente, esses conceitos delimitam o escopo do conhecimento derivado das investigações.

Instituição Social

O método geertziano proposto é estruturado a partir de uma instituição social. Segundo Geertz, a instituição religiosa é, em sua essência, um fenômeno social que utiliza símbolos para expressar devoção a suas entidades (Geertz, 2004, p. 16-32). Ele também salienta que uma instituição religiosa pode ser uma instituição de poder, como o palácio em Bali; seus rituais, disposição e decoração remetiam mais ao ethos e visões de mundo religiosas do que estatais (Geertz, 1980, p. 109; 112-113). O Palácio funcionava como um fenômeno social onde se interpretavam papéis para sustentação das estruturas religiosas e de poder sociais (p. 117-119). Por esta razão, assume-se uma instituição religiosa enquanto 'instituição social', conforme abordado acima.

Além disso, a Teoria Geertziana assume o Evangelho de Marcos (o texto do Códice Sinaítico) enquanto 'instituição social'. É plausível colocar o texto nesta posição, uma vez que ele é uma esfera (estrutura) social que agrupa uma cultura em particular, ao mesmo tempo que é um veículo (um símbolo, ou sistema simbólico) pelo qual sentidos são transmitidos e ressignificados.

Estruturas Sociais.

Geertz considera as estruturas sociais como redes complexas de relações que moldam e são moldadas pelas práticas e crenças culturais de uma sociedade. Essas estruturas fornecem um quadro de referência para entender os símbolos e suas

funções dentro do contexto cultural. No caso de Mc 3,17, as estruturas sociais atuam como eixos norteadores que contextualizam o símbolo de 'Boanerges' dentro de cada estrutura social. As estruturas sociais, portanto, são essenciais para compreender como o símbolo é interpretado e ressignificado pelos membros da sociedade que o produziu e pelos que o leem posteriormente.

As estruturas sociais são as diversas organizações e sistemas que compõem a sociedade e moldam as interações humanas. Elas fornecem o contexto dentro do qual os símbolos e práticas culturais ganham significado. Aqui estão alguns exemplos de estruturas sociais relevantes para a análise de textos religiosos antigos:

A família é uma das estruturas sociais mais fundamentais. Ela molda a identidade individual e coletiva, transmite valores culturais e religiosos, e influencia a interpretação de símbolos religiosos. No contexto do Evangelho de Marcos, a referência aos filhos de Zebedeu (Mc 3,17) pode ser analisada dentro da estrutura familiar para entender a importância das relações de parentesco e suas implicações sociais e religiosas.

A instituição religiosa abrange as práticas, crenças, rituais e organização das comunidades de fé. Esta estrutura é crucial para a análise de textos religiosos, pois fornece o contexto teológico e espiritual no qual os símbolos são criados e interpretados. No Evangelho de Marcos, as práticas religiosas judaicas da época, como o sabá e os rituais de purificação, são exemplos de elementos dentro dessa estrutura.

A estrutura política inclui as formas de governo, leis e instituições que regulam a vida em sociedade. No contexto do Novo Testamento, a ocupação romana da Palestina e a autoridade das lideranças religiosas judaicas são aspectos políticos que influenciam a narrativa e os símbolos presentes no texto. A interação de Jesus com as autoridades políticas e religiosas, como os fariseus e os saduceus, é um exemplo de como a estrutura política permeia o texto.

A estrutura econômica refere-se aos modos de produção, distribuição de recursos e relações de trabalho que sustentam a sociedade. No Evangelho de Marcos, referências a profissões, como pescadores e coletores de impostos, e a discussões sobre riquezas e pobreza (por exemplo, Mc 10,17-31) ilustram a importância da estrutura econômica na vida cotidiana e na interpretação dos símbolos religiosos.

A estrutura educacional engloba as formas de transmissão de conhecimento, sejam formais ou informais. No contexto bíblico, isso inclui a transmissão oral das escrituras, a educação nas sinagogas e o papel dos escribas. A formação religiosa e moral dos indivíduos na época de Jesus, e como isso moldava suas percepções e interpretações, pode ser explorada através dessa estrutura.

A estrutura social e de casta define a organização hierárquica e as divisões de classe dentro da sociedade. No contexto do Evangelho de Marcos, as interações de Jesus com diferentes grupos sociais, como os pobres, os ricos, os doentes e os marginalizados, refletem essa estrutura. A análise dessas interações pode revelar as dinâmicas de poder e status que influenciam a narrativa.

Atividade Social

Uma das principais funções de uma instituição religiosa, segundo Geertz, é a adoração. Em suas pesquisas, esta função aparece ligada às instituições de cunho supratemporal, trabalhando-a de formas distintas. Sendo a instituição religiosa, fundamentalmente social, Geertz conclui que a 'adoração' é uma atividade social. Para o autor, essa atividade é composta por dois elementos: atitude e experiência religiosa. Neste ponto, Geertz conecta a atividade social com seu conceito de símbolo, pois a atitude se associa ao ethos e à motivação, e a experiência à visão de mundo e à disposição (Geertz, 2004, p. 16-32).

Experiência Social

O próprio texto marcado é também um símbolo que pode ser decomposto e analisado pelas mesmas premissas que outros símbolos o são. Ou seja, Mc 3,17 pode ser investigado simbolicamente, da mesma forma que se pesquisa 'Boanerges', símbolo assumido enquanto um dos objetos de investigação da Tese. Geertz continua sua reflexão e afirma que esta atividade social (adoração) é sustentada por aparatos sociais que conferem significado à realidade (Geertz, 2004, p. 16-32). A sustentação de seus dois elementos constitutivos se encontra em outras estruturas sociais, corroborando a simbiose e a dialética entre diferentes esferas. Isso significa que não é possível observar e analisar o símbolo somente por um viés, mas é necessário trabalhá-lo de forma holística e contextualizada. Nesse sentido, os elementos constitutivos do símbolo ("ethos", "visão de mundo", "motivação" e "disposição") são

organizados hierarquicamente em estruturas de significados, conceituadas por Geertz como a "Hierarquia Estratificada de Estruturas Significantes" (HEES) (Geertz, 2015a, p. 15). O autor critica esta hierarquia em pesquisas de campo; alega que ela confunde o antropólogo ao se concentrar em demasia nesse aspecto; entretanto, a Tese assumiu a HEES, uma vez que, metodologicamente, era necessário estabelecer uma ordem investigativa para configurar caráter científico ao modelo de estudos proposto.

Atitude (ou Ação) Social

Este conceito funciona ao estabelecer uma hierarquia às estruturas de significado observadas. Assim, ao trabalhar-se com 'cultura', elementos culturais são alocados no topo desta hierarquia; ao trabalhar-se com 'religião', procede-se da mesma maneira. Dentro da cultura, observa-se a família de Zebedeu (Mc 3,17), por exemplo, então, esta estrutura social vem acima de outras como educação, economia etc. Ao hierarquizar as estruturas de significados, é possível contextualizá-las adequadamente à situação em que se encontra. Após a reunião das informações, é possível compará-las, para encontrar pontos concêntricos e determinar aspectos formativos do símbolo em questão. Esta justaposição mencionada acima, deve contemplar a esfera religiosa (visto que a Teoria Geertziana se destina à análise de textos religiosos) e a esfera do senso comum (representando a cultura). A razão da justaposição se deve ao trabalho de Geertz, que compreende o conceito de círculo hermenêutico, numa ação dialética entre as partes e o todo, onde essas "esferas" são tidas como estruturas sociais (Geertz, 1980, p. 103-104). Dessa forma, os pontos concêntricos devem se formar a partir das interações, sobreposições, complementos e aprofundamentos entre os elementos das esferas (Geertz, 2004, p. 102-103). Portanto, é possível inferir que as convergências desses elementos são resultados de padrões culturais encontrados em ambas as esferas (estruturas sociais); admitindo que símbolos, fenotipicamente semelhantes, podem coexistir, sendo geneticamente distintos.

Uma vez cumpridas essas etapas, prossegue-se com o estudo dos símbolos, compreendendo os quatro elementos (ethos, visão de mundo, motivação e disposição). Esses elementos, hierarquicamente organizados em estruturas de significados (HEES), indicam e identificam os aparatos simbólicos sociais, seu emprego como instrumento de poder e/ou como controle cultural. Isto se justifica

devido ao texto, enquanto materialização da língua e do pensamento, também ser dispositivo de autoridade e repressão por parte daqueles que o redigem (Geertz, 2001, p. 120-122). Abaixo, apresenta-se um quadro analítico representando o método anteriormente abordado.

Abaixo, apresenta-se um quadro analítico representando o método anteriormente abordado.

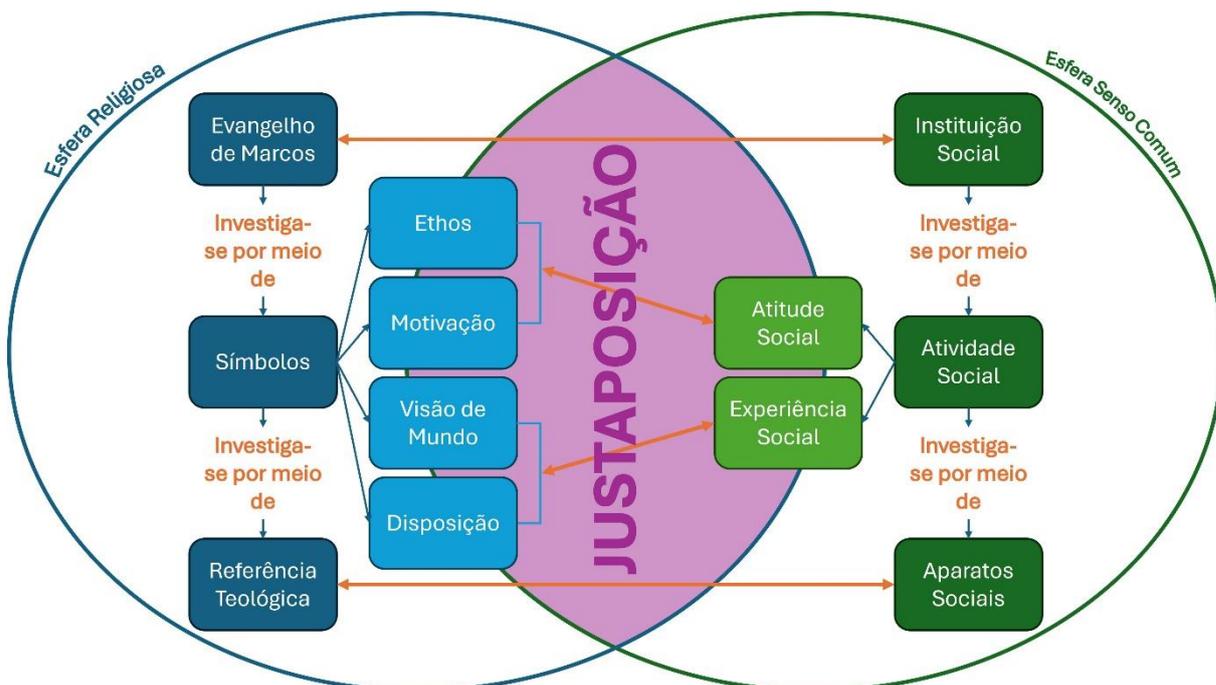


Figura 5- Esquema metodológico geertziano, com todas as etapas do processo.

Portanto, assume-se enquanto metodologia geertziana, inserida no modelo de estudos proposto denominado Teoria Geertziana, o quadro analítico exposto na imagem acima. Descrevendo-o sucintamente, apresenta-se a Esfera Religiosa à esquerda, contendo o Evangelho de Marcos (do Códice Sinaítico), que é analisado por meio de símbolos presentes no texto. Estes, por sua vez, são analisados por meio de referenciais teológicos a partir do próprio texto religioso contextualizado culturalmente. À direita, apresenta-se a Esfera do Senso Comum, contendo a instituição social que é analisada por meio da atividade social. Esta, por sua vez, é analisada por meio de aparatos sociais a partir do contexto cultural inerente. As esferas são justapostas a fim de identificar padrões que, hierarquicamente, indicam e estabelecem as formas das construções simbólicas que promovem ressignificações nas esferas sociais. Ressalta-se, ainda, que conforme demonstrado na imagem, os

símbolos (da Esfera Religiosa) possuem quatro elementos constitutivos investigados; as atividades sociais (Esfera Senso Comum) possuem, por sua vez, dois elementos constitutivos investigados. Os elementos constitutivos simbólicos ethos e motivação são equivalentes à atitude social; e os elementos visão de mundo e disposição são equivalentes à experiência social. Todos estes elementos são submetidos à uma hierarquização para identificar interpretações adequadas de acordo com o cenário investigado. Consequentemente, acredita-se que, ao final da investigação cultural, por meio da Teoria Geertziana, será possível identificar e compilar informações relevantes para uma interpretação simbólica alternativa adequada do manuscrito estudado. Portanto, agora se faz necessário aplicar a Teoria Geertziana ao Evangelho de Marcos – mais precisamente Mc 3,17, com o objetivo de demonstrar a capacidade de análise do modelo proposto.

Hierarquia Estratificada de Estruturas Significantes.

Para Clifford Geertz, a "Hierarquia Estratificada de Estruturas de Significados" (HEES) é um conceito que organiza os diversos níveis de significados culturais e simbólicos em uma estrutura ordenada, onde cada camada de significado é interligada e depende das camadas inferiores e superiores para sua compreensão completa. Em suas pesquisas, Geertz enfatiza que as culturas são compostas por redes de significados que são estratificadas e hierarquizadas, permitindo que se compreenda como os símbolos e suas interpretações variam conforme o contexto social e cultural.

Geertz critica a utilização rígida desta hierarquia nas pesquisas de campo, pois ela pode levar a uma supervalorização de certos aspectos culturais em detrimento de uma visão mais holística e contextualizada. Contudo, ele reconhece a utilidade metodológica da HEES ao proporcionar uma estrutura analítica que ajuda a organizar e interpretar os dados culturais de maneira mais sistemática.

Fundamentando-se na epistemologia e na metodologia propostas pela Tese, é essencial definir critérios claros para a Hierarquia Estratificada de Estruturas de Significados (HEES) a fim de proporcionar a funcionalidade do modelo de estudos sugerido. Abaixo estão delineados os critérios que devem ser seguidos

I.	Estratificação de Significados: As estruturas de significados devem ser organizadas em camadas, onde cada camada reflete um nível de complexidade e contextualização do símbolo.
a.	As camadas devem incluir: Significado Literal: A interpretação direta e textual do símbolo; Significado Contextual: O entendimento do símbolo dentro do contexto histórico, cultural e social da época; Significado Teológico: A interpretação religiosa e espiritual do símbolo; Significado Pragmático: A aplicação prática e o impacto do símbolo nas práticas sociais e culturais.
II.	Interconexão de Estruturas: As camadas devem estar interligadas, permitindo que a análise flua de uma camada para outra, destacando como os significados se influenciam mutuamente. Isso facilita a compreensão de como um símbolo pode ter múltiplas interpretações dependendo da estrutura em que é analisado.
III.	Contextualização Histórica e Cultural: A análise deve sempre levar em consideração o contexto histórico e cultural em que o símbolo foi produzido e interpretado. Este critério assegura que o símbolo não seja estudado de forma isolada, mas sim como parte integrante de uma rede complexa de significados.
IV.	Relevância Social: A HEES deve considerar a relevância social do símbolo, analisando como ele era utilizado e entendido pelas diferentes camadas sociais da época. Este critério ajuda a compreender o papel do símbolo nas dinâmicas sociais e culturais.
V.	Comparação entre Estruturas: Deve-se comparar os significados dos símbolos nas diferentes estruturas para identificar pontos de convergência e divergência. Esta comparação ajuda a mapear como o símbolo pode ter significados distintos em contextos diversos.
VI.	Adaptação Metodológica: A metodologia da Tese deve ser flexível para adaptar a HEES a diferentes textos e contextos. Isso inclui ajustar os critérios de análise conforme necessário para capturar a complexidade dos símbolos em estudo.

Tabela 4- Critérios de funcionalidade para Metodologia Geertziana, segundo HEES.

Esferas da Tese e seu Sentido no Trabalho

Na Tese, o conceito de "esferas" desempenha um papel fundamental para estruturar a análise dos textos religiosos antigos. As esferas são categorias analíticas que agrupam diferentes tipos de significados e contextos culturais, permitindo uma investigação mais detalhada e segmentada dos símbolos presentes nos textos. As duas principais esferas abordadas na Tese são a Esfera Religiosa e a Esfera do Senso Comum.

A Esfera Religiosa engloba todos os elementos teológicos, espirituais e ritualísticos que compõem a prática religiosa. Neste contexto, símbolos religiosos, como os encontrados no Evangelho de Marcos, são analisados em termos de suas interpretações teológicas e implicações espirituais. A análise nesta esfera busca compreender como os símbolos refletem e reforçam as crenças religiosas, como, por exemplo, a teologia do Messias sofredor presente no Evangelho de Marcos.

A Esfera do Senso Comum inclui os aspectos culturais, sociais e históricos que influenciam e são influenciados pelos símbolos religiosos. Esta esfera examina como os símbolos são entendidos e utilizados nas práticas cotidianas e nas interações sociais. A análise aqui se concentra em como os significados dos símbolos se manifestam na vida diária das pessoas, incluindo suas normas, valores e comportamentos.

O uso das esferas na metodologia da Tese permite uma análise mais organizada e multifacetada dos símbolos religiosos. Ao dividir a investigação em esferas, é possível explorar as diversas camadas de significados de maneira sistemática e contextualizada. Isso facilita a identificação das interações entre os diferentes níveis de significados e como eles se influenciam mutuamente.

Por exemplo, ao analisar o versículo Mc 3,17, a Esfera Religiosa ajudará a entender a conotação teológica do termo 'Boanerges', enquanto a Esfera do Senso Comum permitirá explorar como esse símbolo era percebido e utilizado na sociedade da época. A justaposição dessas esferas revela as conexões e divergências entre os significados religiosos e culturais, proporcionando uma compreensão mais completa e contextualizada do texto.

Assim, as esferas funcionam como eixos norteadores que estruturam e guiam a análise dos símbolos, garantindo que todos os aspectos relevantes sejam considerados e que as interpretações sejam robustas e bem fundamentadas.

2.3) Comparação da Teoria Geertziana (T.G.) com outros métodos de análises de textos antigos.

A aplicação da Teoria Geertziana (T.G.) ao estudo do Códice Sinaítico e, especificamente, ao versículo Mc 3,17, demonstrou a eficácia de uma abordagem simbólica e interpretativa no entendimento de textos religiosos antigos. A T.G. se fundamenta na análise profunda dos símbolos dentro de seus contextos culturais, históricos e sociais, oferecendo uma compreensão complexa e integradora dos significados que perpassam os textos sagrados. No entanto, para situar a T.G. dentro de um panorama metodológico mais amplo, é imprescindível comparar esse modelo com outros métodos de análise de textos antigos.

Neste subitem, será explorada a comparação entre a T.G. e métodos tradicionais como o Método Histórico-Crítico (MHC), entre outros. Essa comparação

visa destacar as potencialidades e limitações de cada abordagem, bem como suas semelhanças e diferenças no que tange à análise e interpretação de textos religiosos.

A análise comparativa permitirá não apenas situar a T.G. no cenário acadêmico contemporâneo, mas também esclarecer como ela se diferencia e, em alguns aspectos, se complementa com esses métodos. Essa discussão é crucial para evidenciar o caráter inovador e interdisciplinar da T.G., além de fortalecer sua aplicação em estudos futuros, demonstrando sua capacidade de lidar com as complexidades inerentes à interpretação de textos antigos, sem desconsiderar as contribuições valiosas dos métodos tradicionais.

Portanto, o objetivo deste subitem é iniciar uma reflexão crítica sobre as diferentes abordagens metodológicas disponíveis para o estudo de textos religiosos antigos, posicionando a T.G. em diálogo com essas outras metodologias e oferecendo uma visão mais abrangente sobre as ferramentas analíticas que podem ser utilizadas em pesquisas dessa natureza.

2.3.1) O Método Histórico-Crítico (MHC).

O Método Histórico-Crítico (MHC), segundo Adenilton Tavares Aguiar, constitui uma abordagem científica destinada a compreender os textos religiosos, com ênfase nos textos bíblicos, dentro de seu contexto histórico original (2023, p. 2). Por meio dessa abordagem, os textos são analisados criticamente, utilizando-se ferramentas da filologia, crítica textual, história e outras ciências humanas, a fim de reconstruir o sentido original pretendido pelos autores e o contexto em que foram produzidos (Aguiar, 2023, p. 3).

Esse método proporciona uma profundidade hermenêutica ao permitir que os textos religiosos sejam compreendidos em múltiplos níveis, considerando não apenas o que está escrito, mas também o que está implícito e o que foi moldado pelo contexto histórico (Adriano Filho, 2008, p. 34).

Para Augustus Nicodemus Lopes, o MHC é especialmente relevante para o estudo do Jesus histórico, onde se busca separar a figura histórica de Jesus das interpretações teológicas e mitológicas posteriores (2005, p. 126).

Ao abordar-se seus elementos fundamentais, se pode argumentar que a crítica das fontes desempenha um papel central no Método Histórico-Crítico, onde o texto é examinado para determinar sua autenticidade, autoria, datação e possíveis

interpolações (Lopes, 2005, p. 125). Esse processo visa distinguir o texto original de adições posteriores e de erros de copistas (Araujo, 2015, p. 97-99).

O método exige, de acordo com André de Melo Araújo, que os textos sejam estudados dentro de seu contexto histórico, social, cultural e religioso. Isso inclui a compreensão das circunstâncias históricas em que os textos foram escritos, as tradições orais que os precederam (etapa que André de Melo Araújo denomina de *Studium annalium grammaticum*) e as influências culturais que moldaram seu conteúdo (2015, p. 99). Também é um componente essencial, onde se busca entender a estrutura literária do texto, os gêneros literários empregados, e como esses elementos influenciam a mensagem e a interpretação do texto (Lopes, 2005, p.127-128; Aguiar, 2023, p. 5).

O MHC tem sido empregado na Ciências da Religião para reler mitos, narrativas sagradas e dogmas religiosos, permitindo uma reinterpretação dos textos a partir de uma perspectiva histórica e crítica. Isso inclui a releitura e decomposição de posicionamentos como das alegações de inspiração divina literal e o tratamento dos textos religiosos como produtos de suas épocas e culturas.

Embora o método tenha sido inicialmente controverso por desafiar a visão tradicional e literalista das Escrituras, como destaca Cassio Murilo Dias da Silva, ele tem possibilitado um diálogo mais profundo entre fé e razão, onde os textos religiosos são estudados como documentos históricos, sem que sua importância espiritual seja necessariamente negada (2023, p. 221).

Uma crítica comum ao Método Histórico-Crítico, especialmente do ponto de vista teológico, é que ele pode restringir a compreensão espiritual dos textos religiosos (Silva, 2023, p. 216), tratando-os exclusivamente como produtos humanos, sem considerar sua dimensão sagrada. Outra crítica reside na subjetividade presente nas interpretações históricas e na tendência ao relativismo, onde as verdades religiosas podem ser vistas apenas como construções culturais e históricas, como salienta Adriano Filho (2008, p. 32).

Na perspectiva da Ciências da Religião, o MHC é uma ferramenta essencial para o estudo acadêmico dos textos religiosos, como destaca Pedro Lima Vasconcellos (2013, p. 473), possibilitando uma análise detalhada e contextualizada, que reinterpreta os textos e os coloca em diálogo com o contexto histórico e cultural de sua produção. Isto porque, esse método contempla os critérios de excelência

elencados por Engler e Stausberg, a saber: a *confiança* “de um conjunto de dados ou da medida de um conceito”; a *validade*, quando “um indicador (...) reflete (...) adequadamente os conceitos para os quais foi projetado para refletir; e a *generalizabilidade* que é a “aplicabilidade dos resultados além da amostra específica de um determinado estudo” (2013, p. 66). Mesmo enfrentando críticas, o método permanece crucial para uma compreensão mais completa e crítica das religiões e de seus textos sagrados.

Sobre as potencialidades e fragilidades do MHC, pode-se destacar alguns pontos. As potencialidades do método encontram-se na reconstrução do contexto histórico. Tal afirmação se justifica devido o MHC permitir uma reconstrução detalhada do contexto histórico, social e cultural em que os textos bíblicos foram escritos, facilitando a compreensão das intenções dos autores e do significado original das narrativas religiosas, como destaca André Melo de Araújo (2015, p. 94). Além disso, também é plausível justificar pela análise crítica das fontes, como argumenta Augustus N. Lopes, onde essa análise possibilita a identificação de interpolações, erros de cópias e revisões posteriores, contribuindo para restaurar o texto em sua forma mais próxima do original (2005, p. 123-125).

Outra potencialidade é a análise textual detalhada, como reforça Cassio Murilo, enfatizando o exame literário e linguístico (2023, p. 244), pois o Método Histórico-Crítico utiliza ferramentas da filologia e da crítica literária para examinar a estrutura, os gêneros literários e as nuances linguísticas dos textos, enriquecendo a compreensão dos mesmos, de acordo com a apresentação de André M Araújo (2015, p. 97). Ademais, a abordagem crítica permite desconstruir narrativas mitológicas e dogmáticas, revelando as influências culturais e sociais que moldaram os textos religiosos (Lopes, 2005, p. 126-126).

O diálogo entre Fé e Razão, como sublinhado por Adenilton T. Aguiar, é uma potencialidade advinda do MHC, pois promove um diálogo entre fé e razão ao estudar os textos religiosos como documentos históricos, possibilitando a exploração de diferentes interpretações sem negar sua importância espiritual (2023, p. 6-7). Ainda sobre esse tema, o Método é amplamente aceito em contextos acadêmicos, como observa Cassio Murilo D. Silva (2023, p. 236), e utilizado para a análise crítica de textos religiosos em seminários e universidades, fornecendo uma base metodológica rigorosa para a pesquisa (Lopes, 2005).

Em relação às fragilidades do Método Histórico-Crítico, verifica-se uma limitação da compreensão do supratemporal, o que na Teoria Geertziana (T.G.) entende-se por experiência religiosa. Portanto, uma crítica comum ao MHC é que ele pode reduzir os textos religiosos a meros produtos humanos, ignorando ou minimizando sua dimensão espiritual e transcendental (Lopes, 2005, p. 132; Adriano Filho, 2008, p. 38; Silva, 2023, 247-248; Aguiar, 2023, p. 5-6). Isso pode alienar aqueles que veem esses textos como divinamente inspirados.

As interpretações subjetivas são pontos de fragilidades, como destaca Aguiar (2023, p. 5). O MHC depende fortemente da interpretação do pesquisador, o que pode resultar em subjetividades e interpretações variadas e contraditórias, como apontado por Lopes (2005, p. 122). Além disso, a ênfase no contexto histórico pode levar ao relativismo, onde as verdades religiosas são vistas apenas como construções culturais e históricas (Adriano Filho, 2008, p. 37).

Outro destaque sobre fragilidade, evidenciado por Augustus N. Lopes, é a fragmentação do texto (2005, p. 131). Adenilton Aguiar também aponta essa fraqueza (2023, p. 5), cujo foco diacrônico desconsidera a unidade literária e a integridade teológica dos textos religiosos.

Neste sentido, é inerente a desconexão com a prática religiosa no MHC, uma vez que o método pode criar uma distância entre o texto e a experiência religiosa dos crentes, como indicado por Lopes (2005, p. 130), dificultando sua aplicação na vida espiritual e prática das comunidades religiosas (Aguiar, 2023, p. 7).

O Método Histórico-Crítico (MHC) apresenta notáveis potencialidades, especialmente na reconstrução do contexto histórico dos textos religiosos e na análise textual detalhada. Ele é uma ferramenta fundamental para o estudo acadêmico e para o diálogo entre fé e razão. Contudo, suas fragilidades incluem a tendência a reduzir a dimensão espiritual dos textos, a subjetividade nas interpretações e o possível distanciamento das experiências religiosas dos crentes. Essas críticas indicam que, embora poderoso, o MHC deve ser utilizado com cautela e complementado por outras abordagens que considerem a totalidade dos textos religiosos e sua significância espiritual.

Semelhanças e Diferenças.

Uma melhor visualização das semelhanças e diferenças entre o modelo de estudos denominado Teoria Geertziana (T.G.) e outros métodos de análise de textos antigos é a comparação entre eles. Portanto, a tabela abaixo coloca lado-a-lado a Teoria Geertziana e o Método Histórico Crítico (MHC).

Tabela 5- Semelhanças e diferenças entre T.G. e MHC.

Semelhanças.	Diferenças
<p>Enfoque na Contextualização Histórica e Cultural: Tanto o método histórico-crítico quanto a Teoria Geertziana (T.G.) compartilham a ênfase na contextualização histórica e cultural dos textos religiosos. O método histórico-crítico busca situar os textos em seus contextos históricos, sociais e culturais originais para compreender melhor suas intenções e significados. De forma similar, a T.G. enfatiza a análise dos símbolos dentro de seus contextos culturais e históricos específicos, explorando como esses símbolos funcionam dentro da cultura que os gerou.</p>	<p>Foco no Simbolismo vs. Foco Histórico: A T.G. é centrada na análise dos símbolos religiosos e em como eles operam dentro de um contexto cultural específico para gerar e sustentar significados. Em contraste, o método histórico-crítico se concentra na reconstrução do contexto histórico dos textos, entendendo-os como produtos de seu tempo e cultura, sem se deter necessariamente nos símbolos como unidades primárias de análise.</p>
<p>Importância da Análise Textual Detalhada: Ambos os métodos utilizam uma análise detalhada dos textos, levando em consideração os aspectos linguísticos e literários. No método histórico-crítico, isso se reflete na crítica textual e literária. A T.G., por sua vez, inclui a análise dos símbolos e suas expressões linguísticas, visando compreender o significado profundo e o papel cultural desses símbolos.</p>	<p>Abordagem Holística vs. Diacrônica: A T.G. adota uma abordagem holística, analisando os símbolos em várias camadas de significado e considerando as inter-relações entre diferentes elementos simbólicos e contextuais. O método histórico-crítico, por outro lado, segue uma abordagem predominantemente diacrônica, estudando o desenvolvimento dos textos ao longo do tempo e as mudanças ocorridas durante sua transmissão e redação.</p>
<p>Integração de Diferentes Disciplinas: O método histórico-crítico integra disciplinas como a filologia, a história e a arqueologia para analisar os textos. De maneira semelhante, a T.G. adota uma abordagem interdisciplinar, incorporando conceitos da antropologia, história, sociologia e ciências da religião para construir uma compreensão mais abrangente dos textos religiosos antigos.</p>	<p>Objetivo Final: O objetivo da T.G. é compreender como os símbolos religiosos moldam e refletem as culturas em que estão inseridos, buscando uma leitura que revele as estruturas profundas de significados culturais e religiosos. Por outro lado, o método histórico-crítico visa reconstruir o texto bíblico em sua forma mais original possível, com o intuito de entender o que os autores pretendiam comunicar</p>

	em seus contextos originais, sem necessariamente buscar uma aplicação contemporânea ou uma compreensão simbólica mais ampla.
	Epistemologia: A T.G. propõe uma epistemologia que enfatiza a relação entre o simbólico, o social e o cultural, sugerindo que os símbolos são construções complexas que articulam elementos materiais e imateriais, sintetizando ética, estética e visão de mundo. O método histórico-crítico, por outro lado, baseia-se em uma epistemologia que privilegia a crítica racional e a verificação histórica, buscando verdades que possam ser demonstradas e sustentadas através de evidências textuais e contextuais.

Embora o Método Histórico-Crítico (MHC) e a Teoria Geertziana (T.G.) compartilhem semelhanças, como o foco na contextualização e a análise detalhada dos textos, eles diferem significativamente em seus objetivos, abordagens e epistemologias. O método busca uma reconstrução histórica rigorosa, enquanto a T.G. visa uma compreensão mais profunda dos símbolos religiosos dentro de seus contextos culturais e sociais. Dessa forma, a T.G. oferece uma perspectiva mais integrada e simbólica, enquanto o método histórico-crítico permanece focado na crítica e na autenticidade histórica.

2.3.2) O Método Exegético.

O método exegético, ou exegese, tanto na Teologia quanto na perspectiva da Ciências da Religião, é um conjunto de procedimentos analíticos e críticos destinado a estabelecer e interpretar o significado de textos religiosos, especialmente os textos bíblicos. A exegese busca desvendar o sentido original do texto em seu contexto histórico, cultural e literário, utilizando métodos científicos e interdisciplinares (Freedman, 1992, p.2732-2740).

A exegese é definida como a prática de "conduzir para fora" (ex-ago) o significado de um texto, ou seja, interpretar e extrair o sentido que o autor original pretendia comunicar (Gorman, 2017, p. 26). Esse processo exige uma compreensão

profunda do contexto em que o texto foi escrito, incluindo suas circunstâncias históricas, culturais e literárias (Freedman, 1992, p.2732-2740).

Embora exegese e hermenêutica sejam frequentemente utilizadas de maneira intercambiável, há distinções importantes entre elas. A exegese concentra-se em descobrir o significado original de um texto para seus contemporâneos, enquanto a hermenêutica foca em como esse texto pode ser interpretado e aplicado na atualidade (Almeida e Funari, 2016, p. 55). Seja na Teologia ou na Ciências da Religião, essas duas disciplinas são utilizadas para compreender tanto o texto em seu contexto original quanto sua relevância para o leitor contemporâneo.

A metodologia exegética envolve várias etapas, como a crítica textual, que busca reconstruir o texto original; a análise do contexto histórico e literário; e a crítica literária, que explora os gêneros literários e a estrutura do texto (Gorman, 2017, p. 126). Essas metodologias são aplicadas com rigor científico para garantir uma interpretação precisa e fundamentada (Schnelle, 2004, p. 15-144; Silva, 2000, 11-17).

Neste sentido, é plausível argumentar que a exegese moderna utiliza ferramentas de diversas disciplinas, como arqueologia, antropologia, sociologia e linguística, para contextualizar e interpretar os textos religiosos (Almeida e Funari, 2016, p. 48). Essa abordagem interdisciplinar vê a exegese não apenas como uma prática teológica, mas também como uma análise crítica e científica dos textos religiosos.

Dessa forma, a exegese é essencial para uma compreensão crítica dos textos religiosos. Ela permite que estudiosos e praticantes superem as barreiras temporais, culturais e linguísticas que separam o texto original do leitor contemporâneo, promovendo uma interpretação mais informada e contextualizada das Escrituras (Schreiner, 1974, p. 12-15; Almeida e Funari, 2016, p. 49; Schnelle, 2004, p. 165-170; Silva, 2000, p. 30-32).

Portanto, dentro do campo da Ciências da Religião ou da Teologia, a exegese é vista como uma ferramenta indispensável para a interpretação crítica e contextualizada dos textos religiosos, permitindo um diálogo entre o texto antigo e o mundo moderno, sem perder de vista a intenção original do autor e o contexto histórico em que o texto foi produzido.

Tendo em vista a proposta doutoral de análise de textos religiosos antigos, é possível identificar várias potencialidades e fragilidades do método exegético, especialmente em sua aplicação ao estudo dos textos bíblicos e religiosos.

Enquanto uma potencialidade notória desse método, destaca-se a aproximação crítica e rigorosa, conforme destaca Douglas Stuart. Para ele, a exegese permite uma análise crítica e rigorosa dos textos religiosos, oferecendo uma compreensão precisa e fundamentada do significado original dos textos bíblicos (Gorman, 2017, p. 138-139). Ao utilizar métodos científicos, ele garante uma interpretação mais exata e menos sujeita a distorções subjetivas (2008, p. 51).

Nesta direção, verifica-se sua potencialidade na contextualização histórica e cultural dos textos, essencial para compreender o sentido original pretendido pelos autores (Gorman, 2017, p. 89). Essa abordagem ajuda a evitar anacronismos e interpretações descontextualizadas que podem distorcer a mensagem do texto. Essa característica também aponta para a interdisciplinaridade da Exegese Moderna (Stuart, 2008, p. 33). Ela integra conhecimentos de várias disciplinas, como arqueologia, antropologia, sociologia e linguística, enriquecendo a interpretação dos textos religiosos, conforme indicado por Almeida e Funari (2016). Esse enfoque interdisciplinar permite uma compreensão mais holística e aprofundada dos contextos em que os textos foram produzidos.

Estes apontamentos salientam outra ferramenta potencial em seu cerne, a reflexão teológica. Assim, a exegese fornece bases sólidas para a construção teológica, permitindo que estudiosos e praticantes fundamentem suas doutrinas e práticas em uma interpretação cuidadosa e informada dos textos sagrados (Silva, 2000, p. 17; Shreiner, 1974, p. 99; Stuart, 2008, p. 354-355). Isto lhe garante uma flexibilidade metodológica que lhe permite ser adaptada para diferentes tipos de análise, seja histórico-crítica, literária ou até mesmo sociológica, o que a torna uma ferramenta versátil para a investigação dos textos religiosos.

Em relação às suas fragilidades, é possível frisar sua dependência do contexto histórico. Uma crítica frequente ao método exegético, especialmente ao método histórico-crítico, é sua dependência excessiva do contexto histórico, característica observada em todas as referências utilizadas (Almeida e Funari, 2016; Freedman, 1992; Gorman, 2017; Schnelle, 2004; Schreiner, 1974; Silva, 2000; Stuart,

2008). Isso pode levar à percepção de que os textos bíblicos são apenas documentos históricos, sem relevância espiritual ou prática para os leitores contemporâneos.

Evidencia-se, também, sua complexidade e, conseqüentemente, sua acessibilidade. O método exegético, por ser detalhado e rigoroso, pode ser inacessível para o público leigo, exigindo conhecimento especializado em línguas antigas, crítica textual e outras áreas acadêmicas, como indica Michael J. Gorman (2017, p. 56). Isso cria uma barreira entre estudiosos e o público em geral, que pode se sentir excluído do processo interpretativo.

Ressalta-se, enquanto mais um aspecto de sua fragilidade, o enfoque crítico e acadêmico da exegese pode, em alguns casos, gerar um distanciamento da leitura espiritual e devocional dos textos, algo valorizado por muitos praticantes religiosos (Gorman, 2017, p. 83-88). Isso pode resultar em uma divisão entre a interpretação acadêmica e a vivência religiosa, dificultando a integração entre fé e razão.

Outra característica é o risco de reducionismo. Isto porque, a exegese, especialmente quando aplicado de forma estrita, corre o risco de se tornar reducionista, focando-se exclusivamente em aspectos históricos ou literários, sem considerar a dimensão simbólica ou teológica dos textos (Silva, 2000, p. 344). Isso pode resultar em uma interpretação que, embora crítica e fundamentada, não capta a totalidade do significado religioso do texto.

Tendo observado essas características, depreende-se que a exegese, enquanto abordagem, recorre frequentemente à métodos históricos em suas análises. Sendo assim, o método histórico-crítico, amplamente utilizado na exegese moderna, é criticado por alguns estudiosos, como Almeida e Funari, por seu academicismo e pela tendência de desvalorizar as camadas redacionais mais recentes dos textos, privilegiando apenas as mais antigas (2016, p. 54-55). Além disso, ele pode ser visto como arrogante em relação a outras formas de leitura e pouco preocupado com a aplicabilidade prática das pesquisas para a vida cotidiana dos fiéis.

Portanto, é possível argumentar que o método exegético possui inúmeras potencialidades, especialmente em sua capacidade de oferecer uma interpretação crítica e contextualizada dos textos religiosos. No entanto, suas fragilidades, como a complexidade, o distanciamento espiritual e o risco de reducionismo, indicam que ele deve ser utilizado com cautela e equilíbrio, especialmente na interface entre academia

e prática religiosa. Na perspectiva da Ciências da Religião, é essencial reconhecer tanto os benefícios quanto as limitações da exegese, buscando sempre uma abordagem que respeite a riqueza dos textos sagrados em todas as suas dimensões.

Semelhanças e diferenças.

Ao comparar o método exegético com o modelo de estudos T.G. (Teoria Geertziana), pode-se identificar diversas semelhanças e diferenças. A seguir, apresenta-se as principais semelhanças e diferenças entre esses dois métodos de análise de textos religiosos.

Tabela 6- Semelhanças e diferenças entre a T.G. e o Método Exegético.

Semelhanças	Diferenças
<p>Foco na Contextualização:</p> <p><u>Exegese:</u> Tanto o método exegético quanto a T.G. enfatizam a importância de contextualizar o texto em seu ambiente histórico, cultural e social. A exegese procura entender o significado original do texto à luz de seu contexto específico, evitando anacronismos.</p> <p><u>T.G.:</u> A Teoria Geertziana também valoriza a contextualização, mas com um enfoque mais amplo, considerando a cultura como um sistema simbólico. O modelo T.G. busca compreender os símbolos presentes nos textos religiosos dentro de uma estrutura cultural mais ampla, que inclui ethos, disposições, visão de mundo e motivações.</p>	<p>Enfoque Central:</p> <p><u>Exegese:</u> O enfoque central da exegese é a interpretação do texto em si, buscando entender o que o autor original quis comunicar dentro de seu contexto histórico e literário. A exegese é fortemente textual e literária.</p> <p><u>T.G.:</u> A Teoria Geertziana, por outro lado, foca na análise dos símbolos dentro dos textos religiosos, entendendo-os como expressões de significados culturais mais amplos. O texto é um meio para explorar as estruturas culturais e simbólicas que moldam a compreensão religiosa.</p>
<p>Interdisciplinaridade:</p> <p><u>Exegese:</u> A exegese moderna integra várias disciplinas, como arqueologia, antropologia, sociologia e linguística, para enriquecer a compreensão dos textos bíblicos.</p> <p><u>T.G.:</u> A Teoria Geertziana também é inerentemente interdisciplinar, incorporando conceitos da antropologia cultural, sociologia da religião, filosofia e hermenêutica para oferecer uma análise mais abrangente dos textos religiosos.</p>	<p>Dimensão Simbólica e Cultural:</p> <p><u>Exegese:</u> Embora a exegese reconheça a importância dos símbolos, seu foco principal é o significado literal e teológico do texto. A dimensão simbólica é uma parte do processo, mas não é o centro.</p> <p><u>T.G.:</u> A Teoria Geertziana coloca a dimensão simbólica no centro da análise. O estudo dos símbolos, como 'Boanerges' em Mc 3,17, é fundamental para entender como a cultura e a</p>

	religião se entrelaçam e se manifestam através dos textos.
<p>Objetivo de Compreensão Profunda:</p> <p><u>Exegese:</u> O método exegético visa a uma compreensão profunda e fundamentada do texto, tanto em seu sentido literal quanto em suas implicações teológicas.</p> <p><u>T.G.:</u> De maneira semelhante, a Teoria Geertziana busca uma compreensão profunda dos textos religiosos, mas com um foco maior na interpretação dos símbolos e suas inter-relações dentro das estruturas de significados culturais.</p>	<p>Aplicabilidade e Finalidade:</p> <p><u>Exegese:</u> A exegese é frequentemente aplicada na construção teológica e na interpretação prática para comunidades de fé. Seu objetivo é oferecer uma leitura fiel e informada do texto sagrado.</p> <p><u>T.G.:</u> A Teoria Geertziana tem uma finalidade mais acadêmica e científica, focando na compreensão dos textos religiosos como produtos culturais. Ela busca revelar como os símbolos e estruturas de significados influenciam e moldam a cultura e a religião ao longo do tempo.</p>
<p>Uso de Métodos Rigorosos:</p> <p><u>Exegese:</u> A exegese utiliza métodos científicos e rigorosos para garantir que a interpretação seja precisa e objetiva.</p> <p><u>T.G.:</u> A Teoria Geertziana também emprega uma metodologia rigorosa, especialmente na análise hierárquica de significados, estruturas sociais e simbólicas, buscando identificar convergências e padrões culturais.</p>	<p>Hierarquia de Estruturas de Significados:</p> <p><u>Exegese:</u> A exegese tradicionalmente não organiza suas interpretações em uma hierarquia explícita de significados; ela analisa o texto como um todo, considerando os diferentes níveis de significado simultaneamente.</p> <p><u>T.G.:</u> A Teoria Geertziana emprega uma hierarquia estratificada de estruturas de significados (literal, contextual, teológica, pragmática) para decompor e analisar o texto em camadas, permitindo uma compreensão mais detalhada e complexa dos símbolos e suas interconexões.</p>

Embora tanto a Exegese quanto a T.G. compartilhem um compromisso com a contextualização e o rigor metodológico, elas diferem em seu foco central, com a Exegese priorizando a interpretação textual e teológica, enquanto a Teoria Geertziana enfatiza a análise simbólica e cultural dentro de uma estrutura mais ampla. Essas diferenças refletem os diferentes objetivos e abordagens de cada método, com a Exegese voltada para a interpretação direta dos textos religiosos e o modelo de estudos, denominado Teoria Geertziana, voltado para a compreensão das interações simbólicas e culturais subjacentes a esses textos.

2.3.3) O método de Análise do Discurso (AD) e Análise de Conteúdo (AC)

Análise do Discurso (AD).

A Análise do Discurso (AD) é um método teórico-metodológico que examina como a linguagem, em suas dimensões social e histórica, é usada para construir significados, identidades e relações de poder. A AD considera os textos e as práticas discursivas (orais, escritas ou visuais) em seus aspectos linguísticos e leva em conta o contexto social, político, cultural e ideológico em que esses discursos são gerados e interpretados (Chizzotti, 2014, p. 120).

Parte-se do pressuposto de que o discurso não é neutro, mas uma prática social que molda e é moldada por estruturas de poder e relações sociais. O discurso é entendido como o lugar onde as ideologias se manifestam e onde identidades, papéis sociais e relações de dominação e resistência são negociados e reconstruídos (Rodrigues, Antunes e Wada, 2017, p. 2).

A Análise do Discurso possui algumas abordagens distintas, como a Análise Crítica do Discurso (ACD), que é inspirada em autores como Norman Fairclough e Teun van Dijk. Ela concentra-se nas interações entre linguagem, poder e ideologia, buscando revelar como o discurso contribui para a manutenção ou contestação das estruturas de poder e desigualdade social (Rodrigues, Antunes e Wada, 2017, p. 3-4).

Outra abordagem frequentemente utilizada é a Análise do Discurso Francesa. Esta é originada dos trabalhos de Michel Pêcheux e essa vertente explora a interseção entre discurso, ideologia e subjetividade, destacando como os sujeitos são interpelados pelo discurso e como as ideologias são reproduzidas e transformadas (Oliveira, Campos e Oliveira, 2022, p. 51).

Uma terceira abordagem relevante é a Teoria do Discurso de Foucault. Seu proponente, Michel Foucault, investiga o discurso como um conjunto de práticas que produzem conhecimento e relações de poder (Ferreira, 2019, p. 82-87). Para ele, o discurso está intrinsecamente ligado às instituições sociais e ao poder, regulando o que pode ser dito e conhecido em determinados contextos históricos.

Dessa forma, é plausível arguir que a Análise do Discurso (AD) também analisa a constituição do sujeito no discurso, visto como resultado de processos sociais e históricos (Chizzotti, 2014, p. 121), o que a torna uma ferramenta essencial

para compreender como as identidades e subjetividades se constroem em contextos culturais e políticos.

Traçando-se o mesmo caminho de análise do Método Histórico-crítico e do Exegético, é salutar pontuar algumas potencialidades e fragilidades da Análise do Discurso (AD), tanto em termos gerais quanto em relação à Teoria Geertziana (T.G.), proposta pela Tese.

Um dos principais pontos fortes da AD está em sua capacidade de inserir a linguagem nos contextos sociais, históricos e políticos em que foi produzida, o que proporciona uma análise mais detalhada do texto ou discurso, considerando os fatores externos que influenciam sua produção e interpretação (Marques e Pereira, 2020, p. 9; Oliveira, Campos e Oliveira, 2022, p. 63; Mello e Valentim, 2021, p. 25; Rodrigues, Antunes e Wada, 2017, p. 4). Autores como Foucault exploram a relação entre discurso e poder, demonstrando como as práticas discursivas estão profundamente interligadas às estruturas sociais e à produção do conhecimento (Mello e Valentim, 2021, p. 31; Ferreira, 2019, p. 83).

A investigação das relações de poder e ideologia é outra potencialidade da AD que se destaca. A Análise Crítica do Discurso (ACD), como bem trabalhado por Vanuza Rodrigues, Ana Antunes e Elizabeth Wada ao longo de seu artigo (2017), por exemplo, revela como certos grupos sociais são marginalizados ou fortalecidos por meio do discurso, abordando de forma crítica o poder presente nas práticas discursivas. Esse aspecto é central nas obras de Fairclough e van Dijk, que analisam a dimensão ideológica da linguagem (2017, p. 5-6, p. 3-4; Oliveira, Campos e Oliveira, 2022, p. 56), algo que complementa, de maneira crítica, a interpretação simbólica proposta pela T.G.

Além disso, conforme os artigos consultados na pesquisa, a AD apresenta uma flexibilidade metodológica, permitindo sua aplicação em diferentes tipos de dados, desde textos escritos até discursos orais e materiais visuais. Isso dá à AD uma vantagem em termos de adaptação a diversos contextos discursivos (Fernandes e Vinhas, 2019, p. 144), especialmente quando comparada à T.G., que se concentra nos textos religiosos antigos e nos símbolos culturais e religiosos neles presentes. A flexibilidade metodológica da AD também facilita sua combinação com outras abordagens, como a própria T.G., permitindo uma análise mais abrangente.

Outro aspecto significativo da AD é seu enfoque na subjetividade e no sujeito discursivo – como Welisson Marques e Otaviano Pereira demonstram em seu artigo (2020) –, o que possibilita investigar como as identidades são negociadas e construídas dentro dos discursos (Oliveira, Campos e Oliveira, 2022, p. 58). Trabalhos de Pêcheux e Hall são exemplos de como a AD examina as múltiplas camadas de identidade que emergem nos discursos (2022, p. 51; Fernandes e Vinhas, 2019, p. 136), possibilitando explorar de forma mais crítica a construção dos sujeitos, em complemento à interpretação simbólica mais estruturada da T.G.

Por fim, a AD permite a desnaturalização de verdades sociais, expondo como "verdades" ou "fatos" sociais são construídos discursivamente, algo particularmente útil para questionar discursos hegemônicos e compreender novas perspectivas sobre o mundo social (Oliveira, Campos e Oliveira, 2022, p. 59; Fernandes e Vinha, 2019, p. 135; Ferreira, 2019, p. 91). Essa capacidade de desvelar as práticas discursivas oferece uma base sólida para analisar como textos religiosos, ao longo do tempo, foram utilizados para consolidar poder e estabelecer normas sociais, enriquecendo o escopo de análise da T.G.

Entretanto, a AD também apresenta fragilidades que devem ser consideradas, tanto em termos gerais quanto em relação à T.G. Primeiramente, a AD pode apresentar complexidade teórica, especialmente em suas vertentes críticas e pós-estruturalistas, como as de Foucault e Pêcheux. Como Mariana Mello e Marta Valentim apresentam em seu artigo (2021), essa complexidade teórica pode dificultar sua aplicação por pesquisadores que não estejam familiarizados com seus fundamentos filosóficos, como a desconstrução de conceitos ou a arqueologia dos saberes (2021, p. 35). Esse desafio teórico contrasta com a T.G., que oferece uma estrutura metodológica mais acessível e direcionada para a análise de textos religiosos antigos.

Outro ponto frágil da AD é a subjetividade inerente à interpretação discursiva, o que pode levar a análises enviesadas dependendo da perspectiva do analista, como salientou Fábio Ferreira (2019). Como os analistas trazem suas próprias percepções e contextos para a interpretação dos dados, a AD corre o risco de produzir resultados que reflitam mais as visões do intérprete do que as relações simbólicas subjacentes ao texto (2019, p. 87). A T.G., ao contrário, se apoia em uma

estrutura de análise mais controlada e indutiva, focando na hierarquia de significados dos símbolos a partir do contexto histórico e cultural.

Além disso, a AD pode sofrer críticas por seu foco excessivo no texto, negligenciando, em alguns casos, as práticas sociais e culturais mais amplas. Embora a AD se esforce para conectar discurso e práticas sociais, Carolina Fernandes e Luciana Vinhas (2019, p. 142-143) destacam como essa crítica se mantém válida em algumas abordagens. Em contrapartida, a T.G. oferece uma análise contextual mais rica, que não se limita ao discurso, mas inclui o ambiente cultural, religioso e social que molda os significados dos símbolos analisados.

Outro aspecto que pode ser uma limitação da AD é sua dificuldade de generalização, ponto apresentado Vanuza Rodrigues, Ana Antunes e Elizabeth Wada (2017). Como a AD depende fortemente do contexto específico e das relações de poder que envolvem determinado momento histórico, os resultados das análises tendem a não ser generalizáveis para outros cenários (2017, p. 2-5). Isso contrasta com a T.G., que oferece uma estrutura mais robusta e adaptada ao estudo de símbolos culturais e religiosos em textos antigos, sendo uma abordagem mais especializada para esse tipo de análise.

Por fim, a AD pode apresentar problemas metodológicos, especialmente quando as ferramentas analíticas não estão claramente definidas. Em algumas aplicações, como Carolina Fernandes e Luciana Vinhas expõe em sua pesquisa (2019), a AD pode se tornar vaga e imprecisa, o que limita a consistência dos resultados (2019, p. 137-138). A T.G., por outro lado, organiza sua análise em estruturas hierárquicas de significados (literal, contextual, teológica e pragmática), permitindo uma análise detalhada e sistemática de cada camada do texto, algo que a AD, em sua forma tradicional, não oferece de maneira tão estruturada.

As potencialidades da Análise do Discurso em relação à Teoria Geertziana são inegáveis, especialmente no que se refere à investigação das relações de poder, à flexibilidade metodológica e à capacidade de desnaturalizar discursos hegemônicos. AAD complementa a T.G. ao oferecer uma análise mais crítica e reflexiva das relações de poder e ideologia nos textos. No entanto, as fragilidades da AD incluem sua complexidade teórica, a subjetividade nas interpretações, o foco excessivo no texto e a falta de uma hierarquia estruturada de análise simbólica, o que limita sua

profundidade em relação à T.G., especialmente na análise de textos religiosos e históricos.

A Análise do Discurso, portanto, pode enriquecer as análises da T.G., mas deve ser usada com cautela em textos religiosos complexos, onde a T.G. demonstra maior especialização e profundidade na compreensão dos símbolos e suas camadas de significado.

Semelhanças e diferenças.

Ao comparar a Análise do Discurso (AD) com o modelo de estudos T.G. (Teoria Geertziana), pode-se identificar diversas semelhanças e diferenças. A seguir, apresenta-se as principais semelhanças e diferenças entre esses dois métodos de análise de textos religiosos.

Tabela 7- Semelhanças entre a T.G. e a Análise do Discurso.

Aspecto	Teoria Geertziana (T.G.)	Análise do Discurso (AD)
Foco no Contexto Cultural e Social	Considera a cultura como um sistema de símbolos que deve ser interpretado no seu contexto sociocultural.	Analisa como as práticas discursivas são moldadas pelas relações sociais e históricas.
Interpretação Simbólica	Analisa os símbolos culturais presentes nos textos religiosos, enfatizando como organizam disposições, visões de mundo e ethos.	Explora os símbolos discursivos para entender como os discursos moldam identidades e mantêm estruturas de poder.
Enfoque nas Relações de Poder	Reconhece que os símbolos culturais têm efeitos normativos que estruturam a sociedade, contribuindo para a manutenção da ordem social.	Revela como as relações de poder e ideologia estão presentes nos discursos, identificando a marginalização ou fortalecimento de grupos sociais.
Abordagem Interdisciplinar	Utiliza conhecimentos de antropologia, sociologia e outras áreas para interpretar os significados culturais e simbólicos.	Integra múltiplas áreas do conhecimento, como sociologia, antropologia e filosofia, para interpretar discursos complexos envolvendo aspectos sociais, culturais e ideológicos.

Tabela 8- Diferentes entre a T.G. e a Análise do Discurso.

Aspecto	Teoria Geertziana (T.G.)	Análise do Discurso (AD)
Objetivo Principal	Desenvolvida para a análise de textos religiosos antigos, focando nos símbolos culturais e religiosos presentes nos manuscritos para entender como moldam a cultura e a visão de mundo dos povos antigos.	Possui um objetivo mais amplo e generalista, aplicando-se a uma vasta gama de textos e discursos para analisar como produzem e reproduzem poder e ideologias nas sociedades contemporâneas. Embora possa ser aplicada a textos religiosos, seu escopo não é restrito a isso.
Método de Análise	Adota uma abordagem estratificada e hierárquica de significados, envolvendo níveis simbólicos como ethos, visão de mundo e motivações, organizados em camadas para encontrar convergências culturais.	Utiliza métodos variados dependendo da vertente específica (crítica, foucaultiana etc.), focando na análise do uso da linguagem e sua relação com o poder, com menos ênfase em modelos estratificados. Examina também as regras de formação discursiva e como o discurso configura campos de saber.
Teoria Subjacente	Baseada na antropologia interpretativa de Clifford Geertz, que vê a cultura como um sistema simbólico e o analista como um intérprete que "leia" os significados inseridos nas práticas culturais e textos religiosos.	Fundamentada em críticas às estruturas de poder e em como o discurso molda e restringe a produção de conhecimento, especialmente nas versões de Foucault, Laclau e Pêcheux. Concentra-se na linguagem que regula as relações sociais e constrói o saber.
Âmbito de Aplicação	Específico para a análise de textos religiosos antigos, focando na investigação simbólica dos manuscritos e como esses símbolos constroem realidades culturais e religiosas.	Mais flexível, podendo ser aplicada a uma variedade de contextos (políticos, midiáticos, educacionais, jurídicos etc.), analisando qualquer tipo de discurso e seus efeitos na sociedade.
Subjetividade versus Estrutura Discursiva	Enfatiza o símbolo e seu contexto cultural, com o pesquisador atuando como um intérprete	Foca nas estruturas discursivas que limitam e possibilitam o que pode ser dito e feito, e na maneira como os sujeitos são interpelados

	cultural que "entra" no mundo simbólico do texto.	pelo discurso. Busca revelar as regras ocultas que governam a produção discursiva, com menor ênfase na interpretação subjetiva do símbolo.
Tratamento de Camadas de Significado	Organiza a análise em estruturas hierárquicas de significados (literal, contextual, teológica, pragmática), permitindo uma análise detalhada e sistemática de cada camada do texto.	Não oferece uma hierarquia estruturada de análise simbólica, limitando-se a explorar significados mais amplos e ideológicos sem a mesma profundidade nas camadas de significado cultural e simbólico.
Especialização versus Generalização	Desenvolvida especificamente para a análise de manuscritos religiosos, com ferramentas calibradas para entender o simbolismo religioso em um nível mais profundo e específico.	Metodologia generalista que pode ser aplicada a muitos contextos diferentes, o que pode levar a análises menos específicas e adaptadas para o estudo de textos religiosos antigos.

Enquanto a Teoria Geertziana (T.G.) se concentra na interpretação simbólica e cultural de textos religiosos, com um foco mais histórico e antropológico, a Análise do Discurso (AD) explora as relações de poder e a construção de significados através da linguagem no discurso, utilizando uma abordagem mais abrangente e crítica. Ambos os métodos compartilham uma preocupação com o contexto social e a produção de significados, mas diferem em seus objetivos, métodos de análise e níveis de especialização.

A integração dessas abordagens pode proporcionar uma análise mais rica e multifacetada, onde a T.G. oferece uma compreensão profunda dos símbolos culturais e religiosos, enquanto a AD adiciona uma camada crítica sobre as dinâmicas de poder e ideologia presentes nos discursos.

Análise do Conteúdo (AC).

A Análise de Conteúdo (AC) é uma metodologia qualitativa que busca interpretar de maneira sistemática e organizada os significados presentes em dados de comunicação, como textos escritos, discursos orais, imagens ou qualquer tipo de registro que contenha conteúdo simbólico. Seu objetivo é identificar padrões,

categorias e temas relevantes que emergem desses dados, permitindo ao pesquisador compreender as estruturas e significados que permeiam a comunicação (Chizzotti, 2014, p. 114).

É possível identificar cinco principais características da AC. Um aspecto notório desse método analítico é sua sistematização de dados. A AC segue um processo estruturado, com etapas definidas, como pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Esse processo garante o rigor e a organização dos dados em categorias e subcategorias, facilitando uma análise detalhada e coerente (Pessoa e Crusoé, 2022, p. 172-176; Vieira, 2018, p. 91-92).

Esta sistematização é fundamental para a flexibilidade metodológica da AC; isto porque ela pode ser utilizada em estudos que envolvem textos, discursos, imagens e até dados de mídias digitais, sendo uma ferramenta útil em áreas como educação, saúde, antropologia e ciências sociais, adequando-se a diversos contextos de pesquisa (Mendes e Miskulin, 2017, p. 1052-1054).

Ambas as características acima podem ser alicerçadas na categorização, perspectiva apresentada ao longo de todo o artigo de Márcio Carlomagno e Leonardo da Rocha (2016). O método envolve a codificação dos dados, permitindo que o pesquisador organize os elementos relevantes em categorias temáticas (Vieira, 2018, p. 87). Essa organização auxilia na identificação de padrões e significados não evidentes, fornecendo uma visão mais clara e estruturada dos dados analisados (Sampaio e Lycarião, 2018, p. 33-34).

Mantendo a conexão entre as características, é notória a possibilidade de ampliar sua aplicação às análises tanto quantitativas, como qualitativas. Embora seja predominantemente qualitativa, a AC permite a incorporação de elementos quantitativos, como a contagem de palavras ou a análise de frequência de temas (Cardoso, Farias e Barreto, 2021, p. 6-8; Mendes e Miskulin, 2017, p. 1060-1061; Carlomagno e Rocha, 2016, p. 176). Essa combinação torna a metodologia versátil, unindo a profundidade da análise qualitativa com a precisão da abordagem quantitativa.

Estas características conferem objetividade e confiabilidade à AC, pois ao adotar procedimentos replicáveis e confiáveis, esse método analítico minimiza os vieses individuais do pesquisador, reforçando a validade dos resultados obtidos (Carlomagno e Rocha, 2016, p. 182-183; Sampaio e Lycarião, 2018, p. 33, 44-45).

Estes procedimentos podem ser descritos como: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

De acordo com Abadia e Sousa (2023), a pré-análise é a fase inicial, em que o material é organizado de acordo com os objetivos definidos para a análise, estabelecendo-se claramente o corpus que será investigado (2023, p. 11). É um momento preparatório, essencial para garantir o direcionamento adequado da pesquisa. Em seguida, passa-se à exploração do material, onde o pesquisador procede à codificação e categorização do conteúdo, dividindo-o em unidades de significação, que podem ser palavras, expressões ou temas, de acordo com sua relevância para os objetivos da investigação (2023, p. 11). Essa segmentação permite uma análise mais detalhada do conteúdo. Por fim, chega-se ao tratamento dos resultados, onde os dados categorizados são interpretados à luz do referencial teórico utilizado (2023, p. 7, 11). Aqui se dá a apresentação dos resultados, bem como a discussão dos padrões e significados identificados no material analisado.

A Análise de Conteúdo (AC) apresenta diversas potencialidades e fragilidades que podem ser avaliadas a partir do contexto em que é aplicada e das suas características metodológicas.

Como foi abordado acima, sobre suas características, seus pontos fortes são as propriedades que lhe garantem sua personalidade, ou seja, a flexibilidade metodológica, a organização sistemática dos dados, a integração de análises quantitativas e qualitativas, o rigor e confiabilidade, além da possibilidade de aprofundamento interpretativo.

Em relação às fragilidades, um ponto inicial a ser destacado é a subjetividade na codificação. Conforme apontou Abadia e Sousa (2023), apesar dos procedimentos rigorosos, a codificação e categorização dos dados dependem, em grande parte, da interpretação do pesquisador (p. 11). Isso pode introduzir vieses, especialmente na definição das categorias de análise, que refletem escolhas subjetivas sobre o que é relevante ou não no conteúdo analisado (Pessoa e Crusoé, 2022, p. 164; Carlomagno e Rocha, 2016, p. 182).

Outro aspecto de uma possível fragilidade é a dependência de categorias, cujas definições podem se tornar uma limitação quando as categorias são mal preconcebidas ou não abrangem completamente a complexidade do material analisado (Sampaio e Lycarião, 2018, p. 45; Abadia e Sousa, 2023, p. 10; Vieira, 2018,

p. 92; Carlomagno e Rocha, 2016, p. 178). Isso pode levar a uma simplificação excessiva dos dados, perdendo nuances importantes para a interpretação.

Além disso, a aplicação eficiente da AC exige um alto grau de dedicação e atenção ao detalhe. Assim como salientado por Pessoa e Crusoé, a análise meticulosa dos dados, a criação e refinamento das categorias, e a necessidade de assegurar a confiabilidade podem tornar o processo demorado e trabalhoso, especialmente em estudos com grandes volumes de dados (2022, p. 174).

Por este motivo, existe o risco de superficialidade, pois, em alguns casos, a AC pode se limitar à organização dos dados em categorias, sem que haja um aprofundamento significativo na interpretação dos significados culturais e simbólicos (Vieira, 2018, p. 101-102). Esse risco é especialmente relevante quando a análise depende exclusivamente de uma abordagem descritiva, sem uma conexão mais profunda com o contexto teórico ou histórico (Mendes e Miskulin, 2017, 1047). Estas particularidades evidenciam uma determinada dificuldade em lidar com dados complexos, quando estes apresentam múltiplas camadas de significados ou simbolismos culturais, como em textos religiosos antigos ou discursos altamente contextualizados, a AC pode não captar toda a profundidade necessária. Nesses casos, outras abordagens, como a Teoria Geertziana, podem ser mais adequadas para revelar as camadas de significado presentes.

Portanto, a Análise de Conteúdo é uma ferramenta metodológica versátil e útil para a organização e interpretação de dados comunicacionais. Sua flexibilidade, rigor e capacidade de combinar análise qualitativa e quantitativa tornam-na uma escolha robusta para diversas áreas de pesquisa.

No entanto, é essencial que o pesquisador esteja atento às fragilidades relacionadas à subjetividade, à definição das categorias e ao risco de simplificação excessiva, especialmente quando se busca uma compreensão mais profunda e contextualizada dos dados.

Semelhanças e diferenças.

A Análise de Conteúdo (AC) e a Teoria Geertziana (T.G.) possuem semelhanças e diferenças marcantes, especialmente em relação à forma de interpretar e analisar textos e dados simbólicos.

Tanto a AC quanto a T.G. buscam compreender os significados que emergem dos dados analisados. Enquanto a AC estrutura os dados em categorias e temas para identificar padrões, a T.G. analisa os símbolos culturais dentro de um contexto sociocultural mais amplo, mas ambos os métodos visam explorar os significados subjacentes presentes nos textos e discursos.

Ambas as abordagens consideram o contexto como fundamental para a interpretação. Na AC, o contexto dos dados, como o momento histórico ou a situação em que foram produzidos, é essencial para a correta categorização e análise. Na T.G., o contexto cultural, social e religioso em que os símbolos aparecem é a base para a interpretação dos significados. Assim, os dois métodos compartilham o entendimento de que os dados ou símbolos só podem ser adequadamente compreendidos quando inseridos em seus contextos específicos.

Embora com objetivos e enfoques diferentes, tanto a AC quanto a T.G. possuem uma flexibilidade metodológica que permite sua aplicação em diferentes áreas de estudo. A AC pode ser adaptada para diferentes tipos de comunicação (textos, imagens, discursos orais), enquanto a T.G. é capaz de se aplicar a diversos contextos culturais e históricos para explorar os símbolos presentes em textos religiosos antigos.

Além disso, as duas abordagens são amplamente interdisciplinares. A AC é utilizada em áreas como educação, saúde, ciências sociais, e pode se adaptar a diferentes campos de estudo. Da mesma forma, a T.G., ancorada na antropologia, pode ser aplicada em estudos de religião, história, antropologia e outras áreas que exploram a cultura e os símbolos.

Tabela 9- Síntese das semelhanças entre T.G. e Análise de Conteúdo (AC)

Aspecto	Teoria Geertziana (T.G.)	Análise de Conteúdo (AC)
Foco na Interpretação de Significados	A T.G. explora os símbolos culturais, interpretando seus significados e compreendendo como moldam disposições, visões de mundo e ethos no contexto sociocultural.	A AC organiza os dados em categorias e temas, buscando identificar padrões e significados emergentes dos textos, discursos e outras formas de comunicação.
Importância do Contexto	A T.G. enfatiza o contexto sociocultural e histórico dos símbolos, sendo essencial para	Considera o contexto dos dados (histórico, social) para organizar e

	entender como esses significados culturais são construídos.	analisar as categorias e padrões de maneira adequada.
Flexibilidade Metodológica	A T.G., embora mais focada em textos religiosos, pode ser aplicada em diferentes contextos culturais, explorando símbolos e significados dentro de diferentes campos de estudo.	A AC é adaptável a diversos tipos de comunicação (textos, discursos, imagens), aplicável em diferentes áreas como educação, saúde, antropologia e ciências sociais.
Interdisciplinaridade	A T.G., enraizada na antropologia, também pode ser aplicada em diversas disciplinas, como história, religião, ciências sociais e estudos culturais, dada sua base interpretativa.	Usada em diversas áreas de pesquisa, como ciências sociais, educação, antropologia e saúde, devido à sua adaptabilidade e flexibilidade metodológica.

Em relação às diferenças entre Análise de Conteúdo (AC) e a Teoria Geertziana (T.G.) é possível destacar o próprio objetivo principal de cada método. Enquanto a Análise de Conteúdo tem como foco principal a organização e categorização dos dados de forma sistemática, com o objetivo de identificar padrões, categorias e temas que emergem dos dados (o que é uma abordagem mais voltada para a identificação de estruturas e regularidades nos dados), a Teoria Geertziana, por outro lado, foca na interpretação simbólica profunda dos textos, buscando compreender como os símbolos culturais e religiosos moldam as disposições, visões de mundo e ethos de uma sociedade (uma vez que o objetivo principal da T.G. é explorar os significados culturais e sociais mais profundos presentes nos símbolos).

Outra divergência notória é em relação ao nível de profundidade interpretativa a que cada método se propõe. Embora a AC permita uma análise detalhada dos dados, ela tende a ser mais descritiva e categórica, limitando-se à identificação de padrões e temas que emergem dos dados – restringindo a profundidade da análise em casos que envolvem simbolismos complexos –, a T.G., por sua vez, vai além da categorização e foca na interpretação simbólica em camadas, explorando de forma mais profunda os significados culturais, religiosos e sociais. Na T.G., os símbolos são analisados hierarquicamente, considerando sua interação com disposições, motivações e a visão de mundo, permitindo uma compreensão mais rica e contextualizada dos textos.

A Análise de Conteúdo (AC) é estruturada em categorias e subcategorias, nas quais os dados são segmentados em unidades de significação e temas, pois o objetivo é organizar e interpretar os dados com base nessas categorias, proporcionando uma análise sistemática, mas, por vezes, mais superficial. A T.G., por sua vez, adota uma abordagem estratificada, onde os símbolos são analisados em diferentes níveis de significado (literal, contextual, teológico, pragmático). A análise estratificada da T.G. permite um aprofundamento maior na compreensão dos significados e símbolos, especialmente em textos religiosos e culturais.

Ainda em relação à Teoria Geertziana (T.G.), ela é especialmente voltada para a análise de símbolos culturais e religiosos, tratando os símbolos como elementos centrais na formação de significados culturais. A T.G. busca entender como esses símbolos organizam as disposições e moldam a visão de mundo de uma cultura ou sociedade.

Por outro lado, a AC concentra-se na identificação de padrões e temas discursivos que emergem do conteúdo analisado, seja textual ou visual. Embora a AC permita a identificação de significados, seu foco está mais em organizar e estruturar o conteúdo em categorias que podem ser interpretadas.

A respeito das técnicas de aplicação que cada um dos métodos utiliza, pode-se destacar que a AC é aplicável a qualquer tipo de dado comunicacional, desde entrevistas até textos midiáticos, podendo ser tanto qualitativa quanto quantitativa, dependendo da forma como os dados são analisados. Em contrapartida, a T.G. é mais especializada na análise de textos religiosos antigos e na interpretação simbólica desses textos no contexto cultural em que foram produzidos. A T.G. tem um objetivo mais específico de explorar a cultura e os símbolos, com um foco maior na hermenêutica e na antropologia.

Sendo assim, é possível argumentar que a Análise de Conteúdo e a Teoria Geertziana compartilham algumas semelhanças no que diz respeito à importância do contexto e à flexibilidade metodológica, além de serem ferramentas interdisciplinares que buscam interpretar significados presentes nos textos ou símbolos. No entanto, diferem amplamente em seus objetivos, nível de profundidade interpretativa e métodos de análise. A AC tende a ser mais sistemática e descritiva, com foco na categorização de padrões discursivos, enquanto a T.G. oferece uma interpretação mais profunda e estratificada dos símbolos culturais e religiosos, especialmente em

textos antigos. Ambas as abordagens podem ser complementares, dependendo da natureza e dos objetivos da pesquisa.

Tabela 10- Síntese das diferenças entre T.G. e Análise de Conteúdo (AC)

Aspecto	Teoria Geertziana (T.G.)	Análise de Conteúdo (AC)
Objetivo Principal	Foca na interpretação simbólica profunda dos textos, com ênfase nos símbolos culturais e religiosos e como moldam visões de mundo e disposições culturais.	Foca na organização e categorização dos dados, identificando padrões e temas emergentes para uma análise sistemática.
Nível de Profundidade Interpretativa	Analisa em camadas, buscando significados culturais profundos por meio de uma abordagem estratificada dos símbolos, explorando disposições, ethos e motivações.	Geralmente descritiva, com uma análise que se concentra na categorização de temas e padrões, podendo ser mais superficial em casos de simbolismos complexos.
Método de Análise	Utiliza uma abordagem estratificada, dividindo a análise dos símbolos em níveis (literal, contextual, teológico, pragmático) para explorar diferentes camadas de significados.	Estruturada em categorias e subcategorias, organizando os dados de maneira sistemática, permitindo uma análise quantitativa e qualitativa combinada.
Foco nos Símbolos vs. Padrões Discursivos	O foco é nos símbolos culturais e religiosos, explorando como eles organizam disposições e moldam a visão de mundo de uma cultura ou sociedade.	Concentra-se na identificação de padrões discursivos e temas emergentes, utilizando dados textuais, orais ou visuais para encontrar regularidades e temas.
Aplicação	Específica para a análise de textos religiosos antigos e para a interpretação simbólica no contexto cultural, com um foco mais profundo e especializado em símbolos e cultura.	Metodologia generalista, aplicável a diferentes tipos de dados (textos, imagens, discursos) e usada em várias áreas do conhecimento.

2.3.4) O Método Hermenêutico

A hermenêutica é a disciplina filosófica e metodológica dedicada à interpretação de textos, especialmente os que envolvem significados profundos, como as obras literárias, filosóficas e religiosas. Ela busca compreender e explicitar os

sentidos dos textos, indo além de uma leitura literal, envolvendo tanto o conteúdo quanto o contexto histórico, cultural e psicológico de sua produção (Dilthey, 1972, p. 229-230).

Segundo Schleiermacher, um dos fundadores da hermenêutica moderna, o processo interpretativo envolve dois eixos principais: a interpretação gramatical, que analisa o texto em seus aspectos linguísticos e formais, e a interpretação técnica ou psicológica, que se foca na intenção do autor (Roig, 2022, p. 740-741). Ele acreditava que a compreensão do texto deveria ocorrer por meio de um diálogo entre o leitor e o autor, sendo necessário entender o autor "melhor do que ele mesmo", pela reconstrução das condições em que o texto foi produzido (Mancilla, 2022, p. 195).

Gadamer, por sua vez, ampliou a hermenêutica para uma compreensão ontológica, onde o processo de interpretação está intrinsecamente ligado ao ser do intérprete e à tradição histórica em que o texto se insere. Para ele, a interpretação é sempre uma "fusão de horizontes", que combina as perspectivas históricas do autor e do leitor, resultando em uma nova compreensão do texto (Bilbao, 2022, p. 58; Tinoco, 2022).

Dilthey, um dos precursores da hermenêutica nas ciências humanas, afirmava que a hermenêutica é fundamental para a compreensão da experiência humana. Ele defendia que, ao contrário das ciências naturais, as ciências do espírito, como a história e a sociologia, devem buscar compreender os fenômenos humanos dentro de seu contexto, e não apenas explicá-los causalmente (Dilthey, 1972, p. 231; Torres, 2024).

Por fim, a hermenêutica bíblica, conforme discutida por Schökel, é um ramo específico da hermenêutica geral, voltado para a interpretação de textos religiosos. Ela propõe uma leitura que leve em consideração tanto a dimensão teológica quanto a literária da Bíblia, considerando seu contexto histórico e cultural para uma melhor compreensão de seu significado (Schökel, 1986; 1987; 1990).

Potencialidades e Fragilidades

A hermenêutica, enquanto método para a análise de textos antigos, possui diversas potencialidades, especialmente no que tange à compreensão dos contextos históricos, culturais e linguísticos em que esses textos foram produzidos. Sua abordagem vai além de uma leitura meramente literal, buscando interpretar o

significado mais profundo das palavras, suas intenções originais e os efeitos culturais ao longo do tempo (Dilthey, 1972, p. 229-230).

Uma das principais potencialidades da hermenêutica é sua capacidade de reconectar o leitor moderno com o mundo antigo, permitindo que o intérprete recupere o horizonte histórico e cultural no qual o texto foi escrito. Esse processo, segundo Gadamer, envolve a "fusão de horizontes", na qual o leitor, ao interpretar o texto, combina suas próprias perspectivas com as do contexto histórico do autor, gerando uma nova compreensão (Alves, 2011, p. 22-24; Schökel e Bravo, 1996, p. 61-75).

Além disso, a hermenêutica oferece ferramentas para interpretar os símbolos e metáforas presentes nos textos antigos. Schleiermacher, ao destacar a interpretação gramatical e psicológica, enfatiza que o leitor deve compreender a lógica interna do texto e as intenções psicológicas do autor, o que é especialmente útil para decifrar linguagens simbólicas e alegóricas comuns nos escritos antigos (Roig, 2022, p. 741; Mancilla, 2022, p. 190).

A hermenêutica também permite uma leitura interdisciplinar, combinando aspectos literários, históricos e teológicos, o que é essencial para a análise de textos religiosos, como é o caso da Bíblia. Schökel argumenta que a hermenêutica bíblica, ao integrar exegese e teologia, oferece uma interpretação mais completa e profunda, ajudando a revelar a relação entre o texto sagrado e sua mensagem teológica no contexto cultural em que foi escrito (Schökel, 1988; Schökel, 1992).

Por fim, a hermenêutica abre espaço para uma interpretação dinâmica e não dogmática, onde o texto pode ser revisitado e reinterpretado à luz de novos contextos e novas perguntas, mantendo seu significado vivo e relevante ao longo dos séculos (Torres, 2024, p. 130).

A hermenêutica, enquanto método para a análise de textos antigos, apresenta algumas fragilidades que precisam ser consideradas para uma aplicação eficaz e consciente.

Uma das principais fragilidades está no seu caráter subjetivo. Como Gadamer afirma, o processo de interpretação envolve a "fusão de horizontes", na qual a compreensão é influenciada tanto pelo contexto histórico do autor quanto pelo horizonte cultural do intérprete. No entanto, essa subjetividade pode levar a interpretações muito dependentes da visão contemporânea do leitor, dificultando a reconstrução fiel das intenções originais do autor (Alves, 2011, p. 20-21; Tinoco, 2022,

p. 75). Isso gera o risco de anacronismos, quando o intérprete projeta conceitos e valores modernos em textos antigos.

Além disso, Schleiermacher, embora tenha proposto a importância de reconstruir as intenções do autor, reconheceu a dificuldade em alcançar uma compreensão completa e precisa, uma vez que o processo de interpretação envolve uma série de suposições. A tentativa de entender o autor "melhor do que ele mesmo" implica um esforço que pode ser falho, já que nem sempre há informações suficientes sobre o contexto psicológico e histórico para reconstruir suas intenções (Roig, 2022, p. 744; Sierra, 2014, p. 63-64).

Outro ponto crítico é o risco de isolamento da obra analisada. Dilthey aponta que a hermenêutica, ao se concentrar profundamente no texto em si, pode negligenciar elementos externos ao texto, como influências políticas e sociais, que também moldam seu significado (Dilthey, 1972, p. 231-232). A abordagem pode, assim, ser insuficiente para lidar com as complexas interações entre texto e contexto social mais amplo.

Além disso, a hermenêutica bíblica, como discutido por Schökel, enfrenta o desafio de equilibrar a dimensão teológica e a literária dos textos religiosos. Ao focar em uma leitura teológica, a interpretação pode tornar-se dogmática, excluindo outras leituras possíveis e limitando a pluralidade de significados que o texto poderia ter (Schökel, 1990). Por outro lado, um foco excessivo no aspecto literário pode desconsiderar a profundidade espiritual ou religiosa pretendida pelo autor original (Schökel, 1987).

Por fim, a hermenêutica, ao lidar com textos antigos, pode esbarrar na escassez de evidências textuais ou arqueológicas suficientes para sustentar suas interpretações, levando a conclusões que, embora plausíveis, permanecem especulativas (Torres, 2024, p. 139-140).

Semelhanças e diferenças

A hermenêutica e a Teoria Geertziana (T.G.) compartilham semelhanças importantes, especialmente no que tange à interpretação contextualizada de textos e eventos culturais. Ambas as abordagens buscam compreender os significados simbólicos presentes nos textos, considerando as intenções subjacentes, os contextos

históricos e culturais, e as formas como esses significados são articulados por seus autores (Alves, 2011, p. 18-20).

Uma semelhança fundamental entre a hermenêutica, conforme discutida por Gadamer, e a T.G. é o foco no diálogo entre o intérprete e o texto ou fenômeno cultural. A "fusão de horizontes", conceito central da hermenêutica de Gadamer, ocorre quando o intérprete combina sua própria perspectiva com a do autor ou do contexto cultural estudado, criando uma nova compreensão (Alvez, 2011, p. 22; Sierra, 2014, p. 64; Bilbao, 2022, p. 65-66). De maneira similar, a T.G. também propõe que o estudo dos símbolos culturais, especialmente em textos religiosos, deve ocorrer em um processo dialógico, levando em conta as diferentes camadas de significados e a inter-relação entre símbolos, ethos e disposições culturais.

Outra semelhança está no reconhecimento da importância da historicidade. Tanto a hermenêutica quanto a T.G. enfatizam que o contexto histórico é essencial para a compreensão adequada dos textos. Para Dilthey, por exemplo, a compreensão humana só pode ser realizada dentro de seu contexto histórico-cultural, ideia que ressoa com a abordagem de Geertz, que vê a cultura como um sistema de significados transmitido historicamente (Torres, 2024, p. 123-130; Amaral, 2013, p. 107-109).

Contudo, uma diferença importante entre as duas abordagens reside no escopo e no foco metodológico. A hermenêutica, especialmente em sua vertente filosófica, como em Gadamer e Schleiermacher, tende a concentrar-se no processo de compreensão textual e linguística, buscando interpretar as intenções do autor e o significado subjacente ao texto (Roig, 2022, p. 740). A T.G., por outro lado, vai além da interpretação textual, pois se baseia também na observação etnográfica, analisando os símbolos e rituais dentro de um contexto social mais amplo. Geertz propõe que os símbolos religiosos e culturais são expressões de sistemas mais amplos de crenças e práticas, e que esses sistemas devem ser compreendidos em sua totalidade para que os significados simbólicos possam ser elucidados.

Outra diferença reside na metodologia. Enquanto a hermenêutica se apoia na interpretação subjetiva e filosófica, a T.G. busca uma abordagem mais científica, estruturando sua análise de forma indutiva e comparativa. A T.G. desenvolve uma metodologia específica para estratificar e hierarquizar as estruturas de significados, algo que não está presente de maneira formalizada na hermenêutica (Alves, 2011; Torres, 2024; Bilbao, 2022). A T.G., com sua Hierarquia Estratificada de Estruturas de

Significados (HEES), permite identificar pontos de convergência entre estruturas simbólicas e sociais, enquanto a hermenêutica se concentra mais em uma análise de como os significados emergem no diálogo entre texto e leitor.

Portanto, enquanto a hermenêutica é essencialmente um método de interpretação de textos e significados, a Teoria Geertziana amplia esse escopo para incluir uma análise mais robusta das práticas culturais e sociais, oferecendo uma abordagem interdisciplinar que abarca tanto os textos quanto os contextos em que eles são produzidos e reproduzidos.

Tabela 11- Síntese das semelhanças e diferenças entre hermenêutica e a T.G.

Aspecto	Hermenêutica	Teoria Geertziana
Foco Principal	Interpretação textual e linguística, buscando o significado subjacente.	Análise de símbolos em contextos culturais, incluindo textos e práticas.
Contexto Histórico	Essencial para a compreensão do texto e suas intenções (Dilthey, 1972).	Cultura como um sistema de significados transmitido historicamente.
Método Interpretativo	Baseado na "fusão de horizontes" entre o intérprete e o texto (Gadamer, 2022).	Estratificação e hierarquização dos significados simbólicos.
Processo de Análise	Subjetivo e filosófico, focado na intenção do autor (Schleiermacher, 2022).	Metodologia científica indutiva, observação etnográfica e comparativa.
Amplitude	Principalmente voltada para a análise de textos e linguagem.	Abrange não só textos, mas também rituais, símbolos e práticas sociais.
Objetivo Final	Compreender o significado profundo de textos em seu contexto.	Identificar convergências simbólicas entre cultura, religião e práticas sociais.

3) Análises e discussões das aplicações geertzianas ao Códice.

Para que se compreenda a análise proposta e o caminho que ela percorre para construir suas observações, é necessário expor a passagem estudada. O Evangelho de Marcos relata que Jesus estava em uma montanha, sem mencionar a cidade onde se localizava. Lá, ele esclarece que pretende escolher doze discípulos, que teriam competência e permissão para falar em seu nome e expulsar demônios. Assim, após passar seu recado, Jesus seleciona seus seguidores, e percebe-se que alguns recebem apelidos como forma de distinguir nomes parecidos, como Tiago e Simão. Verifica-se que, apesar do trecho curto, existem algumas peculiaridades. O Evangelho destaca Judas Iscariotes como aquele que entregou a Jesus; também destaca Simão recebendo o nome de Pedro e identificando o segundo Simão como zelota; outro destaque é o Tiago filho de Alfeu; por fim, o livro canônico não somente destaca um apelido, mas contextualiza Tiago e João: eles são identificados como irmãos, como filhos de Zebedeu e apelidados de 'Boanerges', cuja tradução também está presente no versículo, 'filhos do trovão' (Project, 2009).

A Tese investigou todo esse relato, uma vez que pretende uma análise cultural e simbólica. Entretanto, focou em Mc 3,17: "e Tiago, o filho de Zebedeu e João, o irmão de Tiago; e estes ele nomeou de Boanerges, que é 'filhos do trovão'" (N.T.) (Project, 2009). Para fins de comparação, a Bíblia de Jerusalém (BJ) apresenta: "a Tiago, o filho de Zebedeu, e a João, o irmão de Tiago, impôs o nome de Boanerges, isto é, filhos do trovão". Por meio de uma simples comparação, é aceitável afirmar que as diferenças nas traduções não configuram mudanças significativas na interpretação do versículo; infere-se que é mais uma questão de coerência e fluidez linguística do que uma questão semântica.

A metodologia geertziana para a análise dos símbolos sugere que o nome "Boanerges" pode ser investigado em múltiplas camadas de significado, integrando aspectos literais, contextuais, teológicos e pragmáticos. O apelido "filhos do trovão" atribuído a Tiago e João não é apenas um elemento de diferenciação, mas um símbolo cultural que carrega uma profundidade significativa.

Dentro do contexto do evangelho, ele reflete não apenas a personalidade impetuosa dos irmãos, mas também sua futura missão dentro do ministério de Jesus, como líderes espirituais com grande autoridade (Mascilongo, 2020, p. 231-233). A aplicação da Teoria Geertziana, portanto, permite que se compreenda o impacto

dessa nomeação dentro da hierarquia dos discípulos, bem como no contexto mais amplo da cultura judaica do primeiro século, marcada por expectativas apocalípticas e messiânicas.

Partindo do pressuposto de cultura como sistema de significados historicamente transmitidos e expressos em símbolos, é importante pontuar algumas questões que influenciam diretamente nessa compreensão, como o local de redação, o momento da escrita e a autoria do texto. Na Teoria Geertziana, esses elementos não apenas situam o texto historicamente, mas também influenciam diretamente a maneira como os símbolos, como "Boanerges", são compreendidos e reinterpretados ao longo do tempo.

Localização.

De acordo com estudiosos e exegetas da Bíblia cristã, o Evangelho de Marcos foi originalmente redigido em uma região da Palestina. O Códice Sinaítico ($\kappa/01$), manuscrito utilizado como fonte primária, foi produzido em Cesareia Marítima (Project, 2009). Ambos os textos, portanto, foram elaborados na mesma região, sugerindo que a tradição de Marcos, com suas influências culturais e linguísticas, pode ser compreendida dentro desse ambiente específico. Dois conceitos principais reforçam essa localização e contexto histórico-cultural: os aramaísmos e os latinismos.

Os aramaísmos são elementos linguísticos derivados do aramaico, a língua falada por Jesus, que aparecem nos textos do Novo Testamento, incluindo o Evangelho de Marcos. A presença de palavras e frases em aramaico no Evangelho reflete as origens das tradições orais que influenciaram a formação do texto. A língua aramaica, sendo o idioma cotidiano da Palestina no século I EC, era amplamente falada não apenas por Jesus e seus discípulos, mas também pela maioria da população da região (Valva, 2023b, p.689). O uso de aramaísmos sugere uma ligação direta entre o texto e o ambiente linguístico e cultural de Jesus, conferindo autenticidade às tradições orais e às experiências vividas da comunidade original.

Conforme a Teoria Geertziana (T.G.) sugere, a preservação de termos aramaicos como "Boanerges" no texto bíblico representa mais do que uma peculiaridade linguística. Esses termos funcionam como símbolos que sintetizam a cultura, o ethos e a visão de mundo da comunidade à qual o texto se dirige. O nome

dado por Jesus a Tiago e João não apenas os identifica como "filhos do trovão", mas também projeta sobre eles o peso simbólico da linguagem semítica, conferindo-lhes um papel dentro da missão divina, reconhecido pela comunidade judaica da Palestina no século I.

Um exemplo claro dessa influência está em Mc 5,41, onde Jesus, ao curar uma menina, teria dito: "Talítha kum," que significa "Menina, eu te digo, levanta-te". Em outro momento, ao curar um surdo-gago, Jesus teria proferido "Effatha" (Mc 7,34), traduzido como "Abre-te". No Getsêmani, ao orar, Jesus usou a expressão "Abba," traduzida como "Pai". Esses termos aramaicos, preservados pelos copistas, são indicativos da autenticidade e da preservação da tradição oral dentro da narrativa (Iersel, 1998, p.37). O apelido "Boanerges," dado por Jesus a Tiago e João, também é um aramaísmo e é traduzido no texto marcano como "Filhos do Trovão," reforçando a familiaridade da audiência com o idioma e o ambiente cultural em que essas expressões se originaram (Valva, 2023b, p.690).

Além disso, a inclusão das traduções desses termos pelo autor do Evangelho de Marcos sugere uma preocupação em garantir que a mensagem fosse compreendida em contextos culturais e linguísticos diversos. Isso indica que o público-alvo do Evangelho, embora tivesse conhecimento do aramaico, poderia não ser totalmente fluente, refletindo a pluralidade cultural e linguística da comunidade cristã primitiva, que incluía judeus e gentios (Wright, 1975, p.346-347).

Em contrapartida, o Evangelho de Marcos também contém latinismos, ou seja, termos e expressões derivadas do latim, que apontam para a forte influência do Império Romano no cotidiano da Palestina do século I EC (Iersel, 1998, p.34). Embora o uso de aramaísmos conecte o texto ao ambiente judaico-palestino, a presença de latinismos reflete o contexto sociopolítico da época, dominado por Roma. Isso mostra que, embora o Evangelho tenha origem em tradições judaicas, ele também dialogava com o mundo romano, tanto no plano linguístico quanto no cultural.

A análise da Teoria Geertziana (T.G.) também nos permite observar a coexistência de aramaísmos e latinismos no Evangelho de Marcos como uma camada simbólica que reflete a complexidade do ambiente sociocultural da Palestina no século I. Esses elementos linguísticos não são meras representações lexicais, mas operam dentro de uma hierarquia de significados que articulam a tensão entre a tradição judaica e a dominação romana.

A combinação desses universos culturais no texto aponta para a maneira como o Evangelho de Marcos incorpora os símbolos de ambas as culturas, reforçando a natureza sincrética da mensagem cristã primitiva.

Um exemplo de latinismo é a menção ao "centurião" em Mc 15,39;44s, que reconhece Jesus como "Filho de Deus" logo após a crucificação. Este detalhe pode sugerir um posicionamento simbólico do autor, implicando que até mesmo uma figura da autoridade romana reconhecia a conexão supratemporal de Jesus, o que implicaria uma possível crítica ao poder romano e sua incapacidade de compreender a natureza divina da missão de Jesus (Pedrosa, 2016, p.293). A presença de um centurião, uma figura militar romana, no clímax da narrativa também insere o Evangelho de Marcos dentro das realidades de dominação imperial, explorando a relação entre o poder humano e o divino.

Outro exemplo é encontrado em Mc 12,15, onde Jesus menciona o "denário" ao discutir o imposto devido a César. Essa menção não apenas situa a narrativa em um contexto de dominação política, mas também reflete a interação diária entre os judeus e a autoridade romana, especialmente em questões econômicas (Monasterio, 2020, p. 4048-410). Essa referência ajuda a contextualizar a resistência e a crítica ao sistema opressor romano dentro da teologia do "Reino de Deus" proposta por Jesus. A narrativa de Mc 5,9, onde os demônios se identificam como "Legião," também utiliza um termo militar romano para descrever a força que Jesus enfrentava em seus exorcismos, metaforizando a opressão política e espiritual que o povo palestino experimentava (Valva, 2023b, p.689).

Essa coexistência de aramaísmos e latinismos no Evangelho de Marcos reflete o ambiente multicultural da Palestina sob o domínio romano. Enquanto os aramaísmos conectam a narrativa às raízes judaicas e ao idioma falado por Jesus, os latinismos ancoram o texto no contexto da ocupação romana. Esse contraste revela a tensão entre a identidade judaica e a dominação estrangeira, sendo Marcos um texto que dialoga com ambas as realidades.

Conforme sugerido por alguns estudiosos, o Evangelho de Marcos pode ser lido como uma literatura de resistência, onde o "Reino de Deus" é contrastado com o Império Romano (Pagels, 1996, p.212). A inserção de elementos romanos no texto, então, não é apenas descritiva, mas carrega uma conotação crítica, ao mesmo tempo

em que procura tornar o texto acessível a um público mais amplo, incluindo leitores gentios familiarizados com a cultura romana (Pedrosa, 2016, p.294-295).

Esses elementos mostram que o Evangelho de Marcos, embora nascido de tradições judaicas orais e redigido em um ambiente aramaico, foi moldado por uma forte interação com a cultura romana. Ao combinar esses dois universos, o autor não apenas preservou as tradições de Jesus e seus seguidores, mas também adaptou sua mensagem para um mundo em que a influência romana era inescapável. Isso pode explicar a popularidade do Evangelho de Marcos entre as comunidades cristãs gentias do final do primeiro século, que estavam familiarizadas com o contexto romano e que podiam se identificar com a luta espiritual e política retratada no texto (Donner, 1997, p.512-518).

Datação.

O Evangelho de Marcos é amplamente considerado o mais antigo dos quatro evangelhos canônicos, com a maioria dos estudiosos datando sua redação entre 65 e 75 d.C. Essa cronologia está intimamente ligada ao contexto histórico da destruição do Templo de Jerusalém em 70 d.C., durante a Grande Revolta Judaica contra o domínio romano. A destruição do Templo não foi apenas um evento de grande impacto para a comunidade judaica, mas também marcou uma ruptura cultural e religiosa que influenciou diretamente as narrativas do Novo Testamento. Para os seguidores de Jesus, esse período de crise ofereceu um cenário no qual a reafirmação de sua identidade religiosa era crucial, especialmente diante da devastação e incertezas trazidas pela repressão romana (Saulnier, 1983, p. 18-19).

Sob a perspectiva da Teoria Geertziana, essa ruptura representou uma transformação simbólica significativa, onde os eventos históricos e as realidades culturais foram articulados dentro de uma narrativa que buscava dar sentido à experiência da comunidade cristã nascente. A destruição do Templo e a consequente instabilidade política e social da Palestina do primeiro século atuaram como catalisadores na redefinição dos símbolos centrais da tradição judaica, o que permitiu que o cristianismo emergisse como uma nova força simbólica e religiosa.

Para Geertz, símbolos como o Templo ou o próprio Jesus operam como pontos de convergência cultural, onde visões de mundo e ethos são reorganizados em resposta às crises sociais. Assim, o Evangelho de Marcos não só narra os eventos

de vida de Jesus, mas também oferece uma interpretação simbólica da identidade e missão de Jesus em meio à crise e à mudança cultural.

A redação do Evangelho de Marcos, portanto, reflete um momento de profunda instabilidade política e social, com a Palestina sob intensa ocupação romana. A presença de um tom apocalíptico e de urgência ao longo da narrativa sugere que a comunidade cristã primitiva, à qual o evangelho se dirigia, vivia com a expectativa iminente de uma intervenção divina. Esse sentimento de urgência, reforçado por temas escatológicos, revela o anseio por uma libertação da opressão romana e a esperança em uma nova era marcada pela restauração divina (Pagels, 1996, p. 45).

Geertz argumenta que os símbolos religiosos, como o apocalipse ou a destruição do Templo, têm o poder de moldar disposições duradouras em uma comunidade. O tom escatológico presente no Evangelho de Marcos, interpretado pela T.G., pode ser visto como um mecanismo simbólico que oferece à comunidade cristã primitiva uma estrutura interpretativa para compreender e responder aos desafios impostos pelo colapso das instituições tradicionais, como o Templo, e pela opressão romana. Ao mesmo tempo, o texto oferece um modelo de resistência espiritual e cultural, onde a expectativa de uma intervenção divina se torna um símbolo unificador para a identidade cristã.

Alguns exegetas sugerem que, embora Marcos possa ter sido redigido na Palestina, há também a hipótese de que tenha sido escrito em regiões da Síria, como Antioquia, um dos mais importantes centros cristãos do primeiro século. Embora essa questão permaneça em aberto, há consenso de que o contexto sociocultural do evangelho estava fortemente enraizado nas tensões políticas e religiosas da Palestina, especialmente no que se refere às interações entre o judaísmo do primeiro século e a ocupação romana (Echegaray, 1994, p. 76).

O caráter escatológico do Evangelho de Marcos é especialmente evidente em passagens que tratam do fim dos tempos e do retorno de Jesus. Essas seções têm sido interpretadas como reflexões sobre a queda de Jerusalém e a destruição do Templo, eventos que foram devastadores para a identidade judaica, mas que, para a comunidade cristã nascente, também simbolizavam o fim de uma era e a proximidade do Reino de Deus (Jeremias, 1983, p. 24-25).

Nesse sentido, Marcos fornece não apenas um relato histórico-teológico sobre a vida de Jesus, mas também uma estrutura interpretativa para que seus leitores compreendam os eventos catastróficos em curso.

Aplicando os conceitos da T.G., esse contexto de crise pode ser visto como um momento no qual os símbolos religiosos e culturais da comunidade são reinterpretados à luz dos eventos históricos. A destruição do Templo, que representava o centro do culto judaico, exigiu uma redefinição teológica e cultural.

Dentro da análise geertziana, o papel de Jesus como um símbolo messiânico assume nova centralidade, reorganizando as estruturas simbólicas da comunidade cristã primitiva e ajudando-a a enfrentar as incertezas do presente.

A produção do Evangelho de Marcos durante esse período de crise também está ligada à necessidade de consolidação da identidade cristã, distinta tanto do judaísmo tradicional quanto da ordem imperial romana. A destruição do Templo, que representava o centro do culto judaico, exigiu uma redefinição teológica e cultural. Para a comunidade cristã primitiva, a figura de Jesus emergiu como a chave dessa nova identidade, e a redação do evangelho foi uma tentativa de reafirmar essa crença em um período de grande incerteza. O texto marcano, ao narrar os feitos e ensinamentos de Jesus, procura, assim, oferecer um caminho para a comunidade de seus seguidores em meio à devastação do presente (Rocha, 2004, p. 246-248).

A T.G. nos permite interpretar essa consolidação da identidade cristã como um processo simbólico que reconfigura ethos, visão de mundo e disposições motivacionais dentro da comunidade cristã primitiva. A narrativa de Marcos, ao oferecer um relato dos feitos de Jesus, proporciona um sentido renovado de coesão e propósito, utilizando símbolos compartilhados como a destruição do Templo e a promessa do Reino de Deus para unificar a comunidade em tempos de crise.

Por fim, a datação do Evangelho de Marcos entre 65 e 75 d.C. também reflete um período em que a transmissão oral das tradições sobre Jesus começou a ser formalizada por escrito. Essa transição da oralidade para a escrita ocorreu em um momento de urgência, com as memórias da vida e obra de Jesus sendo registradas à medida que os primeiros discípulos e testemunhas oculares envelheciam ou morriam. O evangelho, portanto, não só preserva essas tradições, mas também se alinha com a necessidade de preservar a memória coletiva da comunidade cristã em um contexto de grande mudança e crise (Pagels, 1996, p. 52).

Na perspectiva geertziana, essa transição da tradição oral para a escrita pode ser vista como uma forma de preservar a coesão simbólica da comunidade, garantindo que os elementos centrais da identidade cristã fossem transmitidos de forma confiável em um período de grande transformação. A T.G. enfatiza que os símbolos, ao serem formalizados e registrados, fornecem um ponto de referência cultural e religioso duradouro, permitindo que a comunidade cristã primitiva mantenha sua identidade em meio à mudança e ao conflito.

Esse período de redação também coincide com o surgimento de outras obras cristãs que buscavam oferecer uma resposta às pressões externas, especialmente à medida que o cristianismo se separava do judaísmo e ganhava uma identidade própria. Assim, o Evangelho de Marcos, com sua mensagem escatológica e seu relato dramático sobre a vida de Jesus, contribuiu significativamente para a formação dessa nova identidade religiosa e cultural em meio a um mundo em rápida transformação.

Autoria.

A questão da autoria do Evangelho de Marcos é um tema amplamente debatido entre estudiosos e exegetas da Bíblia cristã. Embora o texto não identifique diretamente seu autor, a tradição da Igreja primitiva o atribui a João Marcos, companheiro de Pedro e Paulo. Essa identificação tem raízes profundas nas pesquisas teológicas, que associam o estilo do evangelho com a pregação simples e direta de Pedro (Simão), indicando que o evangelho pode ter sido escrito a partir das memórias e relatos orais do apóstolo (Valva, 2023b, p. 688).

Sob a luz da Teoria Geertziana, a construção simbólica de João Marcos como autor do evangelho se torna um elemento crucial na formação da identidade cristã primitiva. A tradição que associa João Marcos às pregações de Pedro reflete uma hierarquia de significados que fortalece a autoridade apostólica, conectando o evangelho a uma fonte direta de testemunho e legitimidade (Bíblia de Jerusalém, p. 1696-1697).

A T.G. nos ajuda a interpretar esse vínculo como parte de um processo cultural mais amplo, onde a autoria é simbólica não apenas por seu conteúdo, mas também por quem é associado à produção do texto. O simbolismo de João Marcos

como intérprete de Pedro contribui para a construção de uma narrativa de continuidade entre Jesus, seus apóstolos e a comunidade cristã emergente.

Internamente, o Evangelho de Marcos apresenta certas características que sustentam essa tradição. O estilo do texto é direto, conciso e, em muitos momentos, marcado por descrições detalhadas, o que sugere a influência de uma testemunha ocular. Em Mc 3,17, por exemplo, a apresentação de Tiago e João, descritos como "Boanerges," ou "Filhos do Trovão," é feita de maneira informal, o que pode indicar familiaridade do narrador com esses personagens (Valva, 2023b, p. 688).

Além disso, a narrativa frequentemente confere um destaque particular a eventos em que Pedro está diretamente envolvido, como em Mc 8,29, onde ele reconhece Jesus como o "Cristo," e em Mc 14,66-72, quando Pedro nega Jesus três vezes. Essa ênfase nas experiências de Pedro pode sugerir que ele teve uma influência direta sobre a composição do evangelho.

De acordo com a T.G., essas descrições detalhadas e o foco nos eventos em torno de Pedro podem ser vistas como elementos simbólicos que refletem a visão de mundo e o ethos da comunidade cristã primitiva. A forma como os eventos são narrados e a centralidade de figuras como Pedro são organizadas em uma estrutura de significados que confere autoridade e legitimidade ao texto. A escolha de símbolos, como o destaque dado à negação de Pedro, oferece uma reflexão cultural sobre o papel dos apóstolos na preservação da memória de Jesus e na consolidação da fé cristã.

A figura de João Marcos é mencionada em várias passagens do Novo Testamento, sendo descrito como primo de Barnabé (Cl 4,10) e companheiro de Paulo e Barnabé em suas viagens missionárias (At 12,25; 13,5; 13). Apesar de um desentendimento entre João Marcos e Paulo (At 15,37ss), a reconciliação entre os dois é registrada mais tarde, com João Marcos sendo descrito como "útil para o ministério" (2Tm 4,11; Fm 1,24). Esses relatos, somados às evidências internas do evangelho, fortalecem a atribuição tradicional de João Marcos como autor do texto, atuando como intérprete de Pedro, conforme apontado pela tradição eclesiástica (Pimenta, 2020, p. 173).

Sob a perspectiva da T.G., a inclusão de figuras como João Marcos e Barnabé nas narrativas das epístolas e dos Atos dos Apóstolos reflete como os símbolos de autoridade e de reconciliação são construídos para reforçar a unidade e

a coesão dentro da comunidade cristã (Girard, 1997, p. 515-518). A figura de João Marcos, que inicialmente teve um conflito com Paulo, mas foi posteriormente reintegrado ao ministério, exemplifica como os símbolos de reconciliação e utilidade são utilizados para transmitir uma visão de mundo onde a unidade e a cooperação prevalecem em face de conflitos internos.

No entanto, além das tradições eclesásticas, há outros aspectos que devem ser considerados ao se discutir a autoria. O Evangelho de Marcos foi redigido em um contexto cultural e histórico específico, possivelmente em uma região da Palestina. Essa hipótese é corroborada por evidências textuais e contextuais que indicam uma forte influência das tradições orais judaicas que permeiam o evangelho. A presença de aramaísmos, termos e expressões aramaicas, como "Talítha kum" (Mc 5,41), "Effatha" (Mc 7,34) e "Abba" (Mc 14,36), reforça essa ligação com o aramaico, a língua falada por Jesus e seus discípulos, o que sugere que o evangelho reflete as tradições orais da Palestina do primeiro século (Valva, 2023b, p. 689). Esses aramaísmos são indicativos da autenticidade e proximidade do texto com os eventos da vida de Jesus e de seus seguidores.

Além disso, a presença desses aramaísmos, quando analisada sob a ótica da T.G., pode ser vista como parte da estrutura simbólica que confere legitimidade cultural ao texto. O uso do aramaico conecta diretamente a narrativa às raízes culturais de Jesus e seus discípulos, reforçando a ideia de que o Evangelho de Marcos não é apenas um relato histórico, mas também uma representação simbólica de uma herança cultural que transcende o contexto temporal em que foi escrito. Ao preservar esses elementos linguísticos, o evangelho reafirma sua autenticidade e a continuidade da tradição oral judaico-cristã.

Além disso, o Evangelho de Marcos contém elementos que indicam a influência do Império Romano no ambiente em que foi escrito. A presença de latinismos, como "centurião" (Mc 15,39), "denário" (Mc 12,15) e "legião" (Mc 5,9), mostra que o autor estava ciente da realidade política e cultural do domínio romano sobre a Palestina. Isso sugere que o evangelho foi escrito para um público mais amplo, incluindo leitores gentios familiarizados com o mundo romano (Iersel, 1998, p. 34). A necessidade de traduzir termos aramaicos, como em Mc 7,34, onde "Effatha" é traduzido como "Abre-te," reflete uma preocupação do autor em garantir que a mensagem fosse acessível a um público diverso, possivelmente composto por judeus

e gentios (Valva, 2023b, p. 689). Esse aspecto reforça a ideia de que o evangelho foi composto em um ambiente multicultural e, ao mesmo tempo, revela a intenção do autor em expandir a mensagem cristã além dos limites judaicos.

Além disso, o Evangelho de Marcos foi redigido em um contexto de profunda crise social e política, marcado pela ocupação romana da Palestina e, possivelmente, pela destruição do Templo de Jerusalém em 70 d.C. Esse evento, que devastou a comunidade judaica, também teve implicações significativas para a comunidade cristã nascente. A destruição do Templo e a subsequente repressão romana intensificaram a urgência de reafirmar a identidade cristã, distinta tanto do judaísmo tradicional quanto da ordem imperial. O tom apocalíptico e de urgência presente no evangelho reflete esse contexto, no qual a comunidade cristã aguardava a intervenção divina em meio à crise (Pagels, 1996, p. 52).

A relação entre o Evangelho de Marcos e o Códice Sinaítico (κ /01) também sugere um vínculo geográfico e cultural. O Códice, redigido em Cesareia Marítima no século IV, é uma das mais importantes cópias do Novo Testamento, e sua produção nessa cidade, um importante centro administrativo romano, reforça a influência cultural e política da Palestina romana sobre os textos cristãos primitivos (Project, 2009). Tanto o Evangelho de Marcos quanto o Códice compartilham esse espaço geográfico, o que sugere que a produção textual cristã desse período estava profundamente inserida em um ambiente marcado pela tensão entre a cultura judaica e a dominação romana.

Embora o Evangelho de Marcos não identifique seu autor, a tradição atribui sua composição a João Marcos, com base em uma combinação de evidências internas, contextuais e tradicionais. A narrativa, com suas descrições detalhadas e seu estilo direto, sugere uma conexão com as pregações de Pedro, enquanto os aramaísmos e latinismos indicam que o autor estava profundamente enraizado no ambiente multicultural da Palestina do primeiro século.

O Evangelho de Marcos, portanto, reflete não apenas as tradições orais e teológicas da comunidade cristã primitiva, mas também o contexto histórico e cultural de uma região marcada pela tensão entre o judaísmo e o Império Romano (Rocha, 2004, p. 243).

Contexto Cultural.

O contexto cultural da Palestina entre o século I e o IV, que moldou tanto a redação do Evangelho de Marcos quanto a produção do Códice Sinaítico, foi marcado por uma intensa convergência de influências políticas, sociais e religiosas. Este período compreende não apenas a dominação romana e o surgimento do cristianismo, mas também um cenário de diversas correntes judaicas que, ao longo dos séculos, responderam de maneiras distintas às forças externas e internas.

O ambiente em que esses textos foram criados reflete uma constante interação entre o judaísmo tradicional, as influências helenísticas e romanas, e o crescimento do cristianismo primitivo, que em muitos casos emergiu de dentro do judaísmo. Nesse sentido, os textos religiosos que nasceram nesse período, como o Evangelho de Marcos e o Códice Sinaítico, são produtos diretos desse contexto multicultural e de transformações sociais profundas.

Sob a perspectiva da Teoria Geertziana, o contexto cultural da Palestina pode ser entendido como uma "estrutura de significados" complexa e multifacetada, onde símbolos, práticas e crenças interagem em várias camadas. A interação entre judaísmo, helenismo e cultura romana moldou a forma como os símbolos religiosos e culturais foram apropriados e reinterpretados dentro da narrativa cristã. O Evangelho de Marcos, por exemplo, reflete essa complexa rede de significados ao adaptar tradições judaicas para um público que também estava exposto a influências romanas e gentias, promovendo uma síntese de ideias e símbolos que transcendiam o judaísmo tradicional.

Desde a incorporação da Palestina ao Império Romano em 63 a.C., o controle romano sobre a região foi exercido de maneira direta, por meio de procuradores e prefeitos nomeados por Roma. Esses governantes mantinham uma rígida supervisão sobre a vida política e econômica da população judaica, impondo tributos pesados e utilizando a força militar para suprimir qualquer forma de dissidência. A presença romana em cidades como Jerusalém e Cesareia Marítima, que eram os principais centros administrativos e comerciais da região, também contribuía para a imposição de uma cultura romana que muitas vezes entrava em choque com as tradições locais (Vaage, 1998, p. 16-18).

De acordo com a Teoria Geertziana, esses conflitos entre as tradições judaicas e o poder romano podem ser interpretados como uma justaposição de estruturas sociais e suas respectivas esferas de significados. O poder de Roma,

manifestado através de símbolos como o "denário" (Mc 12,15) e o "centurião" (Mc 15,39), representa uma ordem política e social que entra em contraste direto com o ethos e a visão de mundo representados pela figura de Jesus no Evangelho de Marcos. Esses símbolos, ao serem incorporados na narrativa cristã, adquirem novos significados, permitindo que o texto se comunique com uma audiência mais ampla, ao mesmo tempo que reforça a distinção entre o poder temporal de César e o poder espiritual de Cristo.

A Palestina não era um lugar de submissão passiva. Ao longo do século I, os judeus da região, insatisfeitos com a presença romana, organizaram várias formas de resistência. Um dos grupos mais conhecidos foi o dos zelotes, que defendiam a luta armada contra a dominação romana e estavam dispostos a sacrificar suas vidas em prol da libertação de seu povo. A resistência culminou na Grande Revolta Judaica (66-70 d.C.), que resultou na destruição do Templo de Jerusalém pelas tropas romanas, sob o comando de Tito, em 70 d.C. A destruição do Templo foi um evento de profunda importância simbólica e prática, pois o Templo não era apenas o centro religioso, mas também o núcleo da vida política e econômica judaica (Neufeld e DeMaris, 2010, p. 11-12).

Segundo a T.G., o tom apocalíptico do Evangelho de Marcos pode ser visto como parte de uma construção simbólica que reorganiza as expectativas messiânicas e escatológicas da comunidade cristã. A destruição do Templo é interpretada não apenas como um evento histórico, mas como um símbolo que redefine a relação entre Deus e o povo, uma ruptura que abre espaço para uma nova estrutura de significados onde a figura de Jesus emerge como o novo centro teológico e cultural.

A relação entre o poder romano e o povo judeu também moldou o conteúdo simbólico do Evangelho de Marcos. O texto contém várias referências a figuras e conceitos romanos, como o "centurião" em Mc 15,39 e o "denário" em Mc 12,15, que simbolizam a presença militar e econômica de Roma na vida diária dos judeus. Essas referências indicam que o evangelho foi escrito em um ambiente onde a cultura romana e os conflitos políticos eram uma realidade constante, refletindo a tensão entre o poder temporal de César e o poder espiritual de Jesus (Valva, 2023b, p. 689).

A análise geertziana desse contexto ressalta como os símbolos políticos e espirituais são interligados na narrativa marcana, refletindo a justaposição das diferentes estruturas sociais (religiosa e imperial). O uso de símbolos romanos como

"denário" e "centurião" é uma forma de destacar o contraste entre o reino espiritual que Jesus propõe e a dominação material de Roma. Nesse sentido, o Evangelho de Marcos apresenta uma crítica simbólica à ordem social vigente, usando a narrativa de Jesus como um contraponto ao poder opressor do Império.

O cristianismo emergente também se inseriu nesse panorama. Originalmente uma seita dentro do judaísmo, os primeiros cristãos se viam como herdeiros das promessas divinas feitas a Israel. No entanto, à medida que o cristianismo se expandia, especialmente após a destruição do Templo, começou a atrair um número crescente de gentios, o que levou a uma redefinição de suas práticas e crenças. O Evangelho de Marcos, com seu foco na figura de Jesus como o Messias sofredor, reflete essa transição.

No âmbito da Teoria Geertziana, essa transição pode ser vista como parte de um processo de reconfiguração simbólica, onde os primeiros cristãos reinterpretaram os símbolos judaicos dentro de uma nova estrutura de significados. A figura de Jesus, como Messias sofredor, adquire um novo significado cultural e religioso, capaz de dialogar tanto com a tradição judaica quanto com a realidade multicultural da Palestina dominada por Roma. A combinação de elementos judaicos e romanos na narrativa de Marcos reflete a capacidade do cristianismo nascente de adaptar seus símbolos a diferentes contextos culturais, permitindo a expansão da fé além das fronteiras do judaísmo.

No século IV, esse sincretismo cultural continuou a se desenvolver, especialmente após a conversão do imperador Constantino ao cristianismo. A cristianização do Império Romano, iniciada com o Edito de Milão em 313 d.C., trouxe grandes mudanças para a Palestina e para o mundo mediterrâneo como um todo. Igrejas e mosteiros foram construídos em várias partes do império, incluindo a Palestina, que passou a se tornar um importante centro de peregrinação cristã. Embora o judaísmo ainda mantivesse uma presença significativa na região, o cristianismo agora dominava as esferas política e religiosa do império (Corbain, 2009, p. 49-144).

Em termos de Teoria Geertziana, a produção do Códice Sinaítico pode ser vista como parte da institucionalização de novos símbolos religiosos dentro do contexto romano cristianizado. O códice não apenas preserva o texto bíblico, mas também reflete a transformação do cristianismo de um movimento marginal para uma

religião oficial. A inclusão de tradições e práticas judaico-cristãs no contexto imperial romano simboliza a fusão de culturas e a criação de uma nova estrutura de significados que se torna central no mundo mediterrâneo.

Manuscrito como Instituição Social.

O Evangelho de Marcos, assim como o Códice Sinaítico, enquanto textos religiosos, possuem características que os conectam tanto ao conceito de cultura, quanto ao de símbolo e, por que não, de instituição social. Conforme exposto anteriormente, as epistemologias geertzianas sobre cultura e símbolo permitem situar esses textos nesse lugar conceitual, contribuindo para a formulação da Teoria Geertziana (T.G.). Ambos os manuscritos servem como fontes centrais de significados que moldam as atitudes, crenças e práticas dentro da tradição cristã, sendo culturalmente relevantes no contexto histórico em que foram transmitidos.

No entanto, ao discutir esses textos como "instituições sociais", é necessário observar nuances e diferenças conceituais. Clifford Geertz define cultura como um sistema de símbolos historicamente transmitidos, que permitem a comunicação e a compreensão da realidade (Geertz, 1973, p.89). Nesse sentido, tanto o Evangelho de Marcos quanto o Códice Sinaítico são portadores de símbolos que estruturam as práticas religiosas, transmitindo ensinamentos e valores que moldam a vida espiritual e comunitária dos cristãos.

Ao discutir os manuscritos como instituições sociais, é importante também considerar que, sob a perspectiva da Teoria Geertziana, eles atuam como pilares na Hierarquia Estratificada de Significados. Essa hierarquia conecta as camadas literal, contextual, teológica e pragmática, organizando as estruturas de significados que formam a base das práticas sociais e religiosas dentro da comunidade cristã primitiva.

O Evangelho de Marcos e o Códice Sinaítico, além de transmitir símbolos e narrativas, estabelecem uma rede de significados que informa tanto o ethos quanto a visão de mundo dos fiéis, regulando, assim, as disposições e motivações dentro da sociedade cristã. Em última análise, esses manuscritos funcionam não apenas como elementos culturais, mas também como mecanismos simbólicos que consolidam a coesão da instituição religiosa, garantindo a continuidade da tradição por meio da repetição e da reinterpretação de seus significados simbólicos ao longo do tempo.

Por outro lado, instituições sociais são estruturas duradouras que desempenham funções essenciais na sociedade, estabelecendo normas, padrões de comportamento e regras que orientam as interações sociais (Berger e Luckmann, 1985, p. 77-95). Essas instituições são legitimadas e reconhecidas socialmente, assumindo um papel regulador e normativo nas dinâmicas de grupo.

Dessa maneira, o Evangelho de Marcos e o Códice Sinaítico, enquanto manuscritos religiosos, podem ser compreendidos como elementos culturais relevantes, já que, por meio deles, as tradições e as crenças cristãs são transmitidas e legitimadas, desempenhando uma função simbólica e organizacional dentro da estrutura maior da instituição religiosa.

No entanto, afirmar que o Evangelho de Marcos ou o Códice Sinaítico, em si, são diretamente "instituições sociais" é mais complexo. Embora sejam componentes fundamentais da cultura cristã, eles não são, isoladamente, instituições sociais. Mais precisamente, esses textos podem ser considerados elementos estruturais da instituição social que é a Igreja Cristã, onde desempenham um papel essencial na construção e perpetuação das normas e valores religiosos. A Igreja, como instituição social, sustenta-se em fundamentos como o Evangelho de Marcos, que atua como uma peça-chave na transmissão dos valores e princípios da fé cristã (Donner, 1997, p. 120).

Em termos geertzianos, ambos os manuscritos possuem legitimidade simbólica, organizando a experiência religiosa por meio de narrativas que comunicam significados profundos e duradouros. Eles se integram à estrutura da Igreja ao fornecer orientações éticas e espirituais que moldam a conduta social e religiosa dos fiéis, oferecendo uma base cultural compartilhada. Dessa forma, enquanto o Evangelho de Marcos pode não ser uma instituição social no sentido pleno, ele representa um alicerce cultural dentro da instituição religiosa que é a Igreja, sustentando sua coesão e continuidade.

Por outro lado, e o mais importante do ponto de vista da Tese, ambos os manuscritos, dentro do modelo epistemológico geertziano, podem ser considerados instrumentos culturais e simbólicos que atuam como estruturas institucionais. Ao organizar significados e legitimar práticas sociais e religiosas, os manuscritos desempenham, dentro do cristianismo primitivo, uma função similar à das instituições sociais, fornecendo um espaço para o encontro de normas, crenças e valores (Rocha,

2004, p. 55). Assim, é preciso afirmar que, ao aplicar a T.G., o Evangelho de Marcos e o Códice Sinaítico funcionam como elementos centrais de uma cultura simbólica que regula a vida social e espiritual de seus adeptos.

Em síntese, o Evangelho de Marcos é um componente essencial da cultura religiosa cristã e uma parte central da instituição social que é a Igreja. Mesmo que não possa ser classificado diretamente como uma instituição social no sentido formal, ele exerce um papel vital na manutenção da ordem religiosa, sendo um dos pilares simbólicos que sustentam a coesão da comunidade cristã. Portanto, o manuscrito não só molda atitudes e compreensões religiosas, mas também organiza a experiência social e religiosa dos fiéis, reafirmando seu lugar de relevância dentro da instituição maior (Nogueira, 2015, p. 97).

Análise e estratificação de significados.

Neste capítulo, aplicaremos a Teoria Geertziana (T.G.) à análise do versículo Mc 3,17, presente no Códice Sinaítico (κ/01). O objetivo é proporcionar uma compreensão contextualizada e detalhada do versículo, explorando suas nuances simbólicas e culturais por meio dos critérios estabelecidos pela T.G. A análise será estruturada em torno de seis aspectos principais: estratificação de significados, interconexão de estruturas, contextualização histórica e cultural, relevância social, comparação entre estruturas e adaptação metodológica.

A estratificação de significados permitirá decompor Mc 3,17 em seus níveis literais, contextuais, teológicos e pragmáticos. Esta abordagem revelará as múltiplas camadas de interpretação presentes no versículo, proporcionando uma visão abrangente de seu conteúdo.

A interconexão das estruturas se concentrará nas ligações textuais e simbólicas que Mc 3,17 estabelece com outras partes do Evangelho de Marcos e textos bíblicos correlatos. Esta análise ajudará a identificar os padrões e temas recorrentes, oferecendo uma visão integrada do versículo dentro do corpus bíblico.

A contextualização histórica e cultural situará Mc 3,17 no cenário do primeiro século, explorando as condições políticas, sociais e religiosas da época. Este passo é essencial para compreender como o contexto influenciou a redação e a interpretação do versículo.

A relevância social examinará o impacto de Mc 3,17 na comunidade marcana e suas implicações para os leitores modernos. Esta seção abordará como o versículo foi recebido e interpretado ao longo do tempo, destacando sua significância contínua.

A comparação entre estruturas incluirá a análise de diferentes manuscritos e tradições textuais, proporcionando uma visão comparativa que destaca variações e similitudes. Esta comparação será vital para compreender as dinâmicas de transmissão e preservação do texto.

Por fim, a adaptação metodológica demonstrará como a T.G. foi aplicada na análise de Mc 3,17, evidenciando a flexibilidade e a eficácia do modelo. Esta seção avaliará os desafios encontrados e as soluções adotadas, oferecendo uma reflexão crítica sobre a metodologia empregada.

Com esta estrutura, buscamos uma análise aprofundada e multifacetada de Mc 3,17, alinhada aos princípios da Teoria Geertziana, contribuindo para uma compreensão mais rica e contextualizada dos textos religiosos antigos.

3.1) Estratificação de Significados de Mc 3,17.

A estratificação de significados em Mc 3,17, conforme a abordagem proposta pela Teoria Geertziana (T.G.), permite desvendar as múltiplas camadas de interpretação presentes neste versículo. A aplicação da T.G. garante que a análise seja conduzida de forma holística, contemplando os elementos simbólicos (ethos, disposições, visão de mundo e motivações) dentro de uma estrutura cultural mais ampla. Essa análise será conduzida em quatro níveis: literal, contextual, teológico e pragmático, cada um oferecendo uma perspectiva distinta, mas complementar, do texto.

No nível literal, examinaremos o versículo como ele se apresenta, considerando as palavras e frases em seu sentido direto. Essa etapa inicial é fundamental para estabelecer uma base sólida para as análises subsequentes.

O nível contextual nos levará a explorar o versículo dentro do cenário mais amplo do Evangelho de Marcos, entendendo como Mc 3,17 se conecta com os textos circundantes e contribui para a narrativa geral. Este exame inclui tanto o contexto imediato quanto as ligações com outros trechos do evangelho.

No nível teológico, investigaremos as implicações religiosas e espirituais do versículo, considerando as interpretações tradicionais e contemporâneas. Esta análise é crucial para entender como Mc 3,17 tem sido percebido dentro da tradição cristã e quais mensagens teológicas ele transmite.

Por fim, o nível pragmático enfocará o uso e a função do versículo dentro da comunidade marcana e sua relevância prática. Esse aspecto examina como o versículo teria sido compreendido e aplicado pelos primeiros leitores, destacando sua utilidade e impacto.

Através dessa estratificação de significados, procuramos construir uma análise rica e detalhada de Mc 3,17, que revele a complexidade e a profundidade deste trecho do Evangelho de Marcos.

3.1.1) Significado literal.

O versículo de Mc 3,17 em grego é o seguinte: **Καὶ Ἰάκωβον τὸν τοῦ Ζεβεδαίου καὶ Ἰωάννην τὸν ἀδελφὸν τοῦ Ἰακώβου καὶ ἐπέθηκεν αὐτοῖς ὄνομα Βοανηργές, ὃ ἐστὶν υἱοὶ βροντῆς.**

A análise literal de Mc 3,17 começa pela observação do próprio texto: "A Tiago, filho de Zebedeu, e a João, irmão de Tiago, aos quais deu o nome de Boanerges, que significa 'filhos do trovão'." Nesta passagem, Jesus confere a Tiago e João um apelido especial, "Boanerges". Esse nome, traduzido como "filhos do trovão", reflete uma associação direta com características de força e intensidade, possivelmente atribuídas à personalidade ou ao comportamento desses dois irmãos.

O termo "Boanerges" é uma transliteração do aramaico, o que é relativamente raro no Novo Testamento, e sua presença carrega uma importância tanto cultural quanto simbólica. A palavra combina o aramaico "Beney" (בני), que significa "filhos", e "Regesh" (רג), geralmente entendido como "trovão" (Metzger, 1971, p. 98). No entanto, o uso do aramaico aqui destaca como o autor do evangelho de Marcos mantém uma ligação com as raízes culturais e linguísticas de Jesus e seus discípulos, cujo cotidiano era majoritariamente em aramaico.

Além de "Boanerges", outros exemplos no Evangelho de Marcos reforçam a autenticidade das tradições orais e a preservação dessas expressões aramaicas, como "Talítha kum" (Mc 5,41) e "Effatha" (Mc 7,34). Esses termos aramaicos revelam que o ambiente linguístico em que Jesus viveu e pregou ainda ecoa nas palavras

registradas nos evangelhos, refletindo uma conexão com o idioma falado na Palestina do século I.

É importante observar que a inclusão desses termos, juntamente com a tradução imediata para o grego, indica que o público-alvo do evangelho não necessariamente compreendia o aramaico. A tradução de "Boanerges" como "filhos do trovão" se alinha com o padrão encontrado em Marcos de traduzir expressões aramaicas para garantir a compreensão de uma audiência mais ampla e possivelmente mais diversificada, que incluía tanto judeus quanto gentios. Assim, essa escolha do autor do evangelho revela uma preocupação com a acessibilidade da mensagem cristã a diferentes contextos linguísticos (Valva, 2023b, p. 689).

A estrutura gramatical do versículo também merece atenção. A conjunção καὶ (e) conecta Tiago, filho de Zebedeu, à narrativa anterior, sugerindo continuidade e sublinhando sua importância no grupo dos discípulos. O uso de Ἰάκωβον (Tiago) no acusativo singular indica que ele é o objeto da ação de nomeação por parte de Jesus. Já o genitivo singular τοῦ Ζεβεδαίου (do Zebedeu) identifica Tiago por meio de seu pai, uma prática comum em textos antigos para distinguir indivíduos com nomes similares (Louw e Nida, 2013, p. 732). Da mesma forma, João, identificado como "irmão de Tiago", também é nomeado no acusativo, reforçando o vínculo fraternal e sugerindo que eles atuavam como uma unidade dentro do círculo dos discípulos.

O verbo ἐπέθηκεν (ele deu) está no aoristo indicativo ativo, enfatizando a ação pontual e definitiva de Jesus ao dar o nome de "Boanerges" a Tiago e João. Este uso do aoristo sublinha que o ato de nomeação é significativo e irrevogável, destacando a autoridade de Jesus sobre seus discípulos. O pronome αὐτοῖς (a eles), no dativo plural, especifica que a ação foi direcionada diretamente aos dois irmãos.

A escolha do nome "Boanerges", que se refere a "filhos do trovão", traz consigo um simbolismo teológico profundo. O trovão é frequentemente utilizado nas Escrituras como um símbolo da voz ou manifestação de Deus, como visto em Êxodo 19,16, onde o trovão precede a revelação divina no Monte Sinai. A associação dos dois discípulos com o trovão sugere não apenas o caráter impetuoso de Tiago e João, mas também seu papel potencial como anunciadores poderosos da mensagem de Jesus, cuja autoridade divina seria sentida com a força de um trovão (Malina e Rohrbaugh, 2017, p. 469).

Neste contexto, o apelido "Boanerges" ganha relevância, não apenas como uma descrição de traços pessoais, mas também como um marcador de identidade apostólica dentro da narrativa. A presença de aramaísmos, como o uso de "Boanerges", reforça a proximidade do texto com a cultura e a língua falada por Jesus e seus primeiros seguidores. O Evangelho de Marcos, ao preservar esse apelido em aramaico, mantém viva a tradição oral e permite uma conexão mais autêntica com os eventos e o cenário que o texto descreve.

Além disso, a repetição do parentesco entre Tiago e João no texto (irmãos e filhos de Zebedeu) não é um detalhe menor. Em culturas antigas, as relações familiares possuíam significados profundos, e essas informações sobre os discípulos são cruciais para a formação de uma identidade coesa no círculo íntimo de Jesus. A identificação de Tiago e João como "filhos do trovão" revela não apenas o reconhecimento de suas personalidades vigorosas, mas também um papel particular que eles teriam no desenvolvimento do movimento cristão.

Portanto, a análise literal de Mc 3,17, com base na estrutura gramatical e na presença de elementos aramaicos, nos permite vislumbrar uma compreensão mais profunda dos aspectos culturais e teológicos envolvidos no nome "Boanerges". Esta nomeação não é um mero detalhe narrativo, mas um marcador simbólico e linguístico da missão que esses dois discípulos desempenhariam no futuro da igreja primitiva.

3.1.2) Significado Contextual.

O versículo Mc 3,17, no qual Jesus dá a Tiago e João o apelido de "Boanerges", ou "filhos do trovão", deve ser compreendido dentro de um contexto mais amplo, tanto sociopolítico quanto religioso, da Palestina do primeiro século. Este período foi marcado por tensões crescentes entre a ocupação romana, as diversas correntes do judaísmo e o movimento nascente em torno de Jesus. O contexto da ocupação romana e as complexidades internas do judaísmo influenciam diretamente a interpretação desse versículo e seu significado simbólico.

A escolha dos doze apóstolos, narrada em Mc 3,13-19, ocorre em um momento crucial da trajetória de Jesus, quando ele se organiza para enfrentar os desafios de um ambiente hostil, dominado pela opressão romana e pela resistência das lideranças religiosas judaicas à sua mensagem. É nesse ambiente que Jesus atribui o apelido "Boanerges" a Tiago e João. Este nome, que significa "filhos do

trovão", carrega um significado simbólico profundo. A metáfora do trovão é frequentemente associada à manifestação divina e ao poder, especialmente em momentos de crise e julgamento. Assim, ao nomear Tiago e João como "filhos do trovão", Jesus pode estar sinalizando o papel ativo que ambos desempenhariam em sua missão, sendo vistos como líderes dispostos a enfrentar desafios espirituais e políticos (Bauckham, 2007, p. 66-75).

O contexto social e religioso também contribui para a compreensão do versículo. A escolha dos doze apóstolos reflete uma estrutura simbólica que remete às doze tribos de Israel, estabelecendo uma conexão com a tradição judaica. Contudo, o movimento de Jesus já se movia na direção de uma nova identidade emergente, distinta do judaísmo convencional. O apelido "Boanerges" que Jesus atribui a Tiago e João insere-os nesse processo de formação de uma nova liderança religiosa, baseada no poder espiritual e na transformação social que Jesus propunha.

Dentro deste cenário, o tema do divórcio também ganha relevância, pois o contexto cultural da Palestina do primeiro século era profundamente moldado por questões familiares e normativas. A legislação judaica sobre o divórcio, como evidenciado na Mishná e no Talmude, permitia ao homem divorciar-se de sua esposa com relativa facilidade, algo que Jesus questiona em diversos momentos do evangelho. Em Mc 10,2-12, por exemplo, Jesus confronta diretamente os fariseus sobre o tema do divórcio, afirmando que, embora a Lei de Moisés permitisse o divórcio, isso era uma concessão à dureza do coração humano. Essa posição de Jesus sobre o divórcio reflete um ponto central em seu ministério: a crítica às práticas religiosas que haviam se afastado do espírito original da Lei e o foco no restabelecimento de uma ordem divina mais justa e misericordiosa.

A menção ao divórcio no contexto mais amplo de Mc 3,17 não está diretamente presente no texto, mas ressoa com as tensões familiares e culturais daquele tempo. O apelido "Boanerges", que reflete força e poder, também pode ser lido como uma indicação da postura firme que Jesus e seus discípulos tomariam em relação às normas sociais, incluindo o divórcio. Assim, a liderança de Tiago e João, marcada pela intensidade simbolizada pelo trovão, também pode ser vista como uma disposição para enfrentar as injustiças sociais e espirituais da época, incluindo a maneira como o casamento e o divórcio eram tratados na sociedade judaica.

Ademais, o papel da família na Palestina do primeiro século era fundamental para a identidade e a ordem social. O divórcio, em muitos casos, colocava em risco essa ordem e causava rupturas na vida social. A crítica de Jesus ao divórcio, portanto, pode ser vista como parte de sua proposta de renovação moral e espiritual, desafiando as normas patriarcais que permitiam o abandono fácil das esposas. Nesse sentido, a escolha dos apóstolos, incluindo Tiago e João, reflete uma nova visão de família e liderança, na qual a integridade espiritual e o compromisso ético assumem um papel central.

O ambiente sociopolítico da Palestina, com a ocupação romana e as tensões entre as várias seitas judaicas, incluindo os fariseus, os saduceus e os zelotes, também moldou a maneira como o movimento de Jesus era percebido. A escolha de doze apóstolos, remetendo às doze tribos de Israel, simbolizava a intenção de Jesus de restaurar uma ordem divina em meio ao caos sociopolítico. Nesse contexto, o apelido "Boanerges", atribuído a Tiago e João, reforça a visão de uma liderança forte e determinada para enfrentar os desafios não apenas religiosos, mas também sociais e políticos. O trovão, como símbolo de poder e autoridade, reflete a necessidade de uma renovação espiritual e moral em um momento de grande opressão (Girard, 1997, p. 517).

A oposição crescente dos fariseus e outros grupos religiosos a Jesus e o aumento de sua popularidade, evidenciada pela presença constante de grandes multidões (Mc 3,7-12), também se relacionam com o contexto do versículo. Jesus não apenas seleciona seus apóstolos como líderes espirituais, mas também como líderes prontos para enfrentar a resistência e as crises. Tiago e João, como "filhos do trovão", são figuras chave nessa missão, representando não apenas a força espiritual, mas também a coragem para desafiar as normas estabelecidas, incluindo as leis religiosas relacionadas ao casamento e ao divórcio.

Por fim, a nomeação de Tiago e João como "Boanerges" não pode ser separada de seu papel futuro no movimento de Jesus e no desenvolvimento do cristianismo primitivo. Conforme a narrativa de Marcos avança, esses apóstolos desempenham papéis importantes nos eventos que culminam na paixão e morte de Jesus, e seu apelido pode ser visto como uma prefiguração de sua participação ativa nos momentos mais críticos da narrativa. Isso reforça a ideia de que o apelido "Boanerges" carrega uma carga simbólica que transcende a personalidade dos

apóstolos, estando diretamente ligada ao papel que eles teriam em dar continuidade à missão de Jesus após sua morte e ressurreição (Bauckham, 2007, p. 75).

Assim, ao explorar o contexto imediato de Mc 3,17 e conectá-lo ao cenário histórico, social e cultural da Palestina do primeiro século, podemos entender melhor como esse versículo se integra na narrativa de Marcos e na formação da nova identidade cristã. A escolha de Tiago e João, e o apelido a eles conferido, reflete não apenas a força de sua liderança espiritual, mas também o papel que eles desempenhariam em confrontar as normas sociais e religiosas, incluindo o tratamento das questões familiares, como o divórcio, e as injustiças dentro da sociedade judaica da época.

3.1.3) Significado Teológico.

O Significado Teológico de Mc 3,17, onde Jesus nomeia Tiago e João como "Boanerges" (filhos do trovão), revela profundas implicações em relação à autoridade divina, à missão apostólica e ao papel escatológico de Jesus e seus discípulos no contexto do cristianismo primitivo. A teologia deste versículo reflete a maneira como Jesus, ao conferir um novo nome a dois de seus discípulos mais próximos, está moldando sua identidade e missão, conectando-os diretamente à revelação divina e à continuidade de seu ministério.

A prática de renomear discípulos no contexto bíblico carrega um peso teológico significativo, como evidenciado em outros momentos das Escrituras. O renomear de Abrão para Abraão (Gn 17,5), por exemplo, simboliza uma mudança de missão, de pai de uma família para "pai de uma multidão de nações" (Schnackenburg, 2001, p. 76). A mudança de nome, nesse sentido, é um símbolo de transformação espiritual e vocacional. Quando Jesus nomeia Tiago e João como "Boanerges", ele está sinalizando que esses dois apóstolos assumirão uma missão especial dentro do grupo dos doze, destacando-os por sua impetuosidade e zelo no avanço da mensagem do Reino de Deus.

O trovão, no contexto bíblico, é frequentemente associado à voz de Deus e à sua manifestação. No Antigo Testamento, o trovão precede a teofania no Monte Sinai, onde Deus se revela a Moisés e ao povo de Israel (Ex 19,16). O trovão, assim, simboliza não apenas o poder de Deus, mas sua presença ativa no mundo, muitas vezes acompanhada de julgamento e revelação. No Salmo 29, a "voz do Senhor" é

descrita como um trovão que ressoa sobre as águas e quebra os cedros (Sl 29,3-9), evocando a força transformadora da palavra divina.

Ao chamar Tiago e João de "filhos do trovão", Jesus os associa a esse poder divino e escatológico. Teologicamente, isso sugere que os dois apóstolos seriam instrumentos da revelação de Deus, cuja palavra e ação impactariam profundamente o mundo. Eles se tornam precursores da mensagem de Jesus, como porta-vozes do poder divino, proclamando a vinda do Reino de Deus com a mesma força e autoridade que o trovão possui nas Escrituras (Girard, 1997, p. 519-520). O apelido "Boanerges", portanto, transcende a personalidade individual dos apóstolos e passa a simbolizar sua missão no contexto escatológico do Reino de Deus, que, segundo a teologia do Evangelho de Marcos, estava prestes a se manifestar.

Esse aspecto escatológico pode ser ainda mais explorado no contexto do Apocalipse, atribuído tradicionalmente ao apóstolo João. No Apocalipse, o trovão é uma imagem recorrente que acompanha as visões apocalípticas de juízo e renovação (Ap 10,3-4). A conexão entre João e o trovão, estabelecida em Mc 3,17, pode ser vista como uma prefiguração de seu papel futuro na revelação final dos tempos. Da mesma forma, Tiago, o primeiro dos apóstolos a ser martirizado (Atos 12,2), encarna o compromisso total com a missão de Jesus, até o ponto de entregar sua vida. Seu martírio reflete a intensidade de seu zelo e seu papel como um dos líderes mais proeminentes da igreja primitiva.

Além do contexto bíblico, o uso do trovão como símbolo também ressoa com tradições mitológicas e culturais de outras religiões. Na mitologia grega, por exemplo, Zeus, o rei dos deuses, é frequentemente associado ao trovão como uma demonstração de seu poder sobre o céu e a terra. Thor, na mitologia nórdica, também empunha o trovão como arma, simbolizando sua força e controle sobre as forças naturais. Esses paralelos mitológicos reforçam a universalidade do trovão como um símbolo de poder e autoridade, e ajudam a entender por que Jesus escolhe este termo para descrever a futura liderança de Tiago e João, como Malina e Rohrbaugh destacam (2017, p. 470). Ao fazer essa escolha, Jesus conecta os dois apóstolos à tradição bíblica e alude à grandeza espiritual e força que eles exerceriam no movimento nascente.

O zelo dos dois apóstolos é outro aspecto teológico que merece destaque. Em Lucas 9,54, Tiago e João sugerem a Jesus que invoque fogo do céu para destruir

uma aldeia samaritana que não os recebeu bem, refletindo sua impetuosidade e seu desejo de ver a justiça divina manifestada de maneira imediata. Embora Jesus os repreenda por essa sugestão, o episódio revela a intensidade com que eles abordavam sua missão. O apelido "Boanerges" capta precisamente essa característica: a força, a paixão e o zelo com que os dois irmãos se entregaram ao ministério de Jesus, qualidades que seriam cruciais para a liderança apostólica que ambos exerceriam após a ascensão de Jesus.

Por fim, o apelo escatológico do versículo pode ser entendido dentro do esquema teológico mais amplo do Evangelho de Marcos. Tiago e João, como "filhos do trovão", não apenas simbolizam a força e a autoridade de Deus, mas também a proximidade do julgamento final e da revelação plena do Reino de Deus (Rhoads, Dewey e Michie, 2012, p. 78-81). O trovão, nesse contexto, serve como um prenúncio da intervenção divina iminente, sugerindo que os dois apóstolos teriam um papel central na preparação do caminho para essa revelação. O Evangelho de Marcos, com seu tom apocalíptico e de urgência, reforça a ideia de que Jesus e seus apóstolos estão à beira de uma transformação cósmica, e que o Reino de Deus está prestes a ser plenamente revelado.

A tradição cristã primitiva também reforça esse papel teológico de Tiago e João. Tiago é o primeiro dos apóstolos a ser martirizado, demonstrando sua fidelidade inabalável à missão de Jesus. João, por sua vez, é frequentemente identificado como o autor de textos profundamente teológicos e apocalípticos, como o Evangelho de João, as epístolas e o Apocalipse. Essas obras colocam João em um papel de revelador e intérprete da mensagem divina, ecoando o simbolismo do trovão como portador da voz de Deus.

Em conclusão, o Significado Teológico de Mc 3,17 revela uma dimensão rica e multifacetada da identidade apostólica de Tiago e João, cuja designação como "filhos do trovão" os conecta diretamente à revelação divina, ao poder de Deus e à missão escatológica do cristianismo primitivo. O trovão, como metáfora teológica, destaca a liderança espiritual e o compromisso com a proclamação do Reino de Deus, características que definiriam a trajetória e o legado desses dois apóstolos dentro da tradição cristã.

3.1.4) Significados pragmáticos.

O Significado Pragmático de Mc 3,17, conforme a definição de senso comum apresentada por Clifford Geertz, trata de como o público do primeiro século teria compreendido e interpretado a designação "Boanerges" (filhos do trovão), dada a Tiago e João por Jesus. Essa análise enfoca a maneira prática e imediata pela qual esse símbolo teria sido assimilado no cotidiano dos ouvintes do Evangelho de Marcos, sem a necessidade de uma teologia complexa.

No conceito de senso comum de Geertz, as interpretações emergem de um conjunto de crenças e práticas que parecem naturais e evidentes para aqueles que compartilham a mesma tradição cultural (Geertz, 1983, p. 75). No contexto do judaísmo do primeiro século, o trovão era uma imagem poderosa, associada à manifestação divina e ao poder de Deus. Para o público da época, essa metáfora seria compreendida de forma direta e instintiva. O trovão, frequentemente relacionado à voz de Deus, como em Êxodo 19,16 (quando o trovão acompanha a entrega da Lei no Monte Sinai), e em diversos Salmos (Sl 29,3-9), era um símbolo claro de autoridade e intervenção divina (Girard, 1997, p. 517).

Ao nomear Tiago e João como "filhos do trovão", Jesus utiliza uma linguagem que ressoa com o imaginário cultural comum da época. O público que ouviu ou leu o Evangelho de Marcos teria facilmente associado essa designação a um grande vigor e autoridade. O trovão, como uma força natural impressionante, sugeria que esses dois apóstolos estavam sendo identificados como figuras vigorosas e determinadas dentro da missão de Jesus.

Essa imagem de força e liderança estaria profundamente enraizada no senso comum judaico, especialmente em uma sociedade que vivia sob a opressão romana e nutria a expectativa de um libertador messiânico. O trovão, como símbolo de intervenção divina em momentos de crise, estaria associado à figura de líderes fortes e carismáticos, que pudessem conduzir o povo de Israel à libertação. Nesse sentido, o apelido "Boanerges" poderia ser entendido pelo público como uma legitimação da liderança de Tiago e João, indicando que eles desempenhariam papéis importantes no movimento de Jesus e na libertação espiritual do povo.

De acordo com Geertz, o senso comum também se manifesta nas reações práticas e nas expectativas cotidianas das pessoas (Geertz, 1973, p. 87-89). Quando os ouvintes do Evangelho de Marcos ouviam a designação "filhos do trovão", eles não

necessitavam de uma interpretação teológica elaborada para entender seu significado. Para eles, a metáfora do trovão transmitia instantaneamente a ideia de força e assertividade. O uso de uma linguagem simples e direta permitia que o público comum compreendesse que Tiago e João eram apóstolos vigorosos, com uma missão central na liderança do grupo de discípulos.

Outro ponto relevante é que, para Geertz, o senso comum não é universal, mas culturalmente específico (Geertz, 1983, p. 90). Nesse contexto, o significado de "Boanerges" está profundamente ligado às particularidades culturais do judaísmo do primeiro século, com suas expectativas apocalípticas e esperanças messiânicas. As histórias de libertação e o anseio pela intervenção de Deus, comum no imaginário judaico da época, tornavam a metáfora do trovão uma imagem poderosa e compreensível para aquele público. Assim, a escolha de Jesus de chamar Tiago e João de "filhos do trovão" reforçava seu papel como líderes carismáticos e fortes, em linha com as expectativas messiânicas do povo.

Além disso, o caráter prático da designação de Tiago e João como "filhos do trovão" se reflete também na maneira como o público teria percebido seu papel dentro da hierarquia dos apóstolos. Ao atribuir esse apelido, Jesus os coloca em uma posição de destaque, diferenciando-os dos outros discípulos. Para os ouvintes do Evangelho, essa distinção não exigia uma justificativa teológica detalhada; o próprio uso do apelido já comunicava de forma prática que esses apóstolos tinham uma autoridade especial, reconhecida e legitimada pela própria linguagem utilizada por Jesus.

Essa autoridade e intensidade são evidentes também nas ações futuras de Tiago e João, como quando ambos pedem a Jesus que invoque fogo do céu sobre os samaritanos (Lc 9,54), demonstrando seu zelo e impetuosidade (Girard, 1997, p. 141-142). Essa atitude, captada pelo apelido, não seria vista como um defeito, mas como uma característica necessária para enfrentar os desafios da missão de Jesus. O comprometimento extremo de Tiago, que foi o primeiro apóstolo a ser martirizado (Atos 12,2), reforça essa imagem de intensidade e liderança que o apelido já prenunciava.

Philipp Vielhauer (2005), em sua análise da literatura cristã primitiva, aponta como o uso de apelidos como "Boanerges" ajudava a fortalecer a autoridade dos apóstolos nas primeiras comunidades cristãs. Ele argumenta que esses títulos

não apenas diferenciavam os apóstolos, mas também comunicavam uma expectativa sobre seu papel na expansão da mensagem de Jesus. Nesse sentido, o apelido "Boanerges" teria sido prontamente entendido pelas primeiras comunidades como um sinal da importância de Tiago e João na liderança e no anúncio do Reino de Deus.

Da mesma forma, Henry Halley (1994) ressalta que o apelido "Boanerges" servia como um lembrete prático da autoridade especial de Tiago e João dentro da comunidade cristã nascente. Para as primeiras gerações de cristãos, profundamente marcadas por expectativas escatológicas, o apelido teria uma ressonância prática imediata, associando esses apóstolos ao poder de Deus e ao vigor necessário para a condução da mensagem de Jesus.

Portanto, o Significado Pragmático de Mc 3,17 revela como o apelido "Boanerges" teria sido entendido de maneira direta e acessível pelos ouvintes do Evangelho de Marcos. O trovão, símbolo amplamente reconhecido de autoridade divina, conectava Tiago e João à tradição bíblica de líderes carismáticos e poderosos, e o público daquela época compreendia facilmente essa mensagem. A compreensão prática e imediata, sustentada pelo senso comum, permitia que as pessoas vissem esses apóstolos como líderes vigorosos, comprometidos com a missão de Jesus e prontos para desempenhar um papel central na nova comunidade cristã.

3.1.5) Integração dos quatro significados de Mc 3,17.

A análise dos quatro significados de Mc 3,17 — literal, contextual, teológico e pragmático — conforme o modelo da Teoria Geertziana, revela como esses níveis simbólicos se complementam para formar uma compreensão mais rica e complexa do versículo. O Significado Literal explora a estrutura linguística e narrativa, com o ato de Jesus ao nomear Tiago e João como "Boanerges", evidenciando uma conexão familiar e uma designação carregada de importância no grupo dos apóstolos. O termo "Boanerges", uma transliteração do aramaico, aponta para uma mensagem linguística e cultural que reflete as origens do grupo e a forma como Jesus destacou o caráter dos dois irmãos. A ação de nomeação, representada pelo verbo grego no aoristo indicativo, reforça a ideia de um evento definitivo e carregado de significado.

O Significado Contextual amplia essa análise ao situar o apelido dentro das tensões sociopolíticas da Palestina do primeiro século, onde o trovão representa resistência e força diante das opressões e expectativas messiânicas. A metáfora do

trovão, associada à manifestação divina, ressoa com o contexto de crescente tensão política e religiosa da época, e reflete a expectativa de que os apóstolos, como "filhos do trovão", desempenhassem papéis centrais na renovação espiritual e no enfrentamento das estruturas opressivas. Além disso, o contexto de resistência judaica à ocupação romana e as tensões entre diferentes seitas religiosas reforçam a importância dessa designação simbólica, vinculando Tiago e João a uma liderança combativa e determinada.

O Significado Teológico aprofunda essa interpretação, associando o trovão à revelação divina e à liderança escatológica dos apóstolos. O trovão, como símbolo da voz de Deus em textos bíblicos, reflete o papel desses dois apóstolos como portadores da mensagem divina, e prefigura sua importância no desenvolvimento da igreja primitiva. Tiago e João, ao serem chamados "filhos do trovão", são posicionados como figuras centrais na proclamação da palavra divina, com suas ações e seu zelo ligados ao poder transformador da mensagem de Jesus. Este significado também se conecta à tradição escatológica e apocalíptica, onde João, tradicionalmente associado ao Apocalipse, é visto como um revelador das visões do fim dos tempos, enquanto Tiago, o primeiro dos apóstolos a ser martirizado, representa a fidelidade total à missão de Jesus.

Por fim, o Significado Pragmático, conforme delineado pelo conceito de senso comum de Clifford Geertz, explora como o público do primeiro século teria compreendido e respondido ao apelido "Boanerges". Nesse nível, o trovão, no imaginário popular, era uma metáfora poderosa, associada à manifestação de Deus e à força da natureza. A imagem de "filhos do trovão" teria sido prontamente entendida como uma designação de liderança vigorosa e assertiva, sem a necessidade de uma explicação teológica mais profunda. O senso comum da época, culturalmente específico, ajudava o público a perceber Tiago e João como figuras de grande autoridade, dotadas de uma força espiritual que ecoava o poder de Deus, e desempenhando um papel central no movimento de Jesus.

Esses quatro níveis de interpretação, justapostos, proporcionam uma visão holística do versículo. O nível literal serve como base para as demais interpretações, que são ampliadas pelo contexto sociocultural e histórico. A análise teológica posiciona os apóstolos dentro da missão divina, enquanto o senso comum reforça a compreensão prática e acessível dessa liderança espiritual. A Estratificação de

Significados da T.G. permite que essas camadas revelem tanto as convergências quanto as divergências entre os diferentes níveis, conectando o significado simbólico de "Boanerges" ao ambiente cultural e religioso da época, e destacando o papel central dos apóstolos na propagação da mensagem de Jesus.

3.1.6) Interconexão dos quatro significados de Mc 3,17.

A Estratificação de Significados proposta pela Teoria Geertziana (T.G.) integra os quatro níveis de análise — literal, contextual, teológico e pragmático — para oferecer uma visão completa e interligada de Mc 3,17. Cada camada de significado, ao ser sobreposta às demais, revela a complexidade e profundidade do versículo, oferecendo uma interpretação interdisciplinar que considera aspectos linguísticos, históricos, teológicos e culturais. Essa abordagem permite compreender melhor o impacto e o simbolismo do texto religioso antigo.

O significado literal de Mc 3,17, que se concentra na nomeação de Tiago e João como "Boanerges" (filhos do trovão), oferece uma base sólida para a interpretação. A análise linguística ressalta o uso do termo "Boanerges", que sugere poder e autoridade. Embora, isoladamente, o significado literal possa parecer limitado à identificação dos apóstolos, sua importância se amplia ao ser contextualizado.

No nível Contextual, o simbolismo do trovão reflete as tensões sociopolíticas da Palestina sob domínio romano, onde o povo esperava uma intervenção divina. O trovão, associado à manifestação divina, é uma metáfora que se conecta às esperanças de renovação e libertação. Assim, o nome dado a Tiago e João adquire um significado maior, relacionando-os com um papel importante no movimento messiânico. Portanto, o literal se enriquece ao se conectar ao contexto sociopolítico, expandindo o sentido do apelido.

O significado teológico aprofunda o simbolismo de "Boanerges", conectando o trovão à revelação e à autoridade divina. Jesus não apenas escolhe Tiago e João para seu ministério presente, mas o apelido aponta também para o papel que eles exerceriam no futuro da Igreja primitiva. João, por exemplo, é tradicionalmente vinculado ao Apocalipse, obra que inclui inúmeras imagens de trovões e revelações divinas. Tiago, por sua vez, foi o primeiro dos apóstolos a ser martirizado, reforçando o compromisso intenso previsto no apelido dado por Jesus.

O trovão como símbolo teológico transcende o contexto imediato e conecta a missão dos apóstolos à escatologia cristã. A sobreposição dos níveis literal, contextual e teológico mostra como a T.G. combina esses aspectos para revelar como os símbolos religiosos antigos podem ser interpretados de diferentes maneiras, cada camada oferecendo novas perspectivas.

O significado pragmático, fundamentado no conceito de senso comum de Clifford Geertz, oferece uma nova dimensão ao texto. Ele ajuda a entender como o público do primeiro século teria compreendido o apelido "Boanerges" de maneira prática e intuitiva, sem a necessidade de explicações teológicas profundas. O trovão, para o senso comum da época, era um símbolo imediato de força e autoridade, tornando a imagem de Tiago e João como líderes vigorosos algo facilmente compreendido (Rhoads, Dewey e Michie, 2012, p. 125).

O público do Evangelho de Marcos, especialmente aqueles que viviam sob opressão romana e esperavam uma intervenção messiânica, teria visto no apelido uma representação de poder e liderança. Dessa forma, o sentido pragmático complementa os outros níveis, revelando como o público da época internalizava esses símbolos e os aplicava em sua vida cotidiana.

A principal inovação que a T.G. traz à compreensão de Mc 3,17 está na justaposição dos diferentes níveis de análise. A literalidade do texto é ampliada pelo contexto sociocultural e histórico, e a teologia agrega profundidade à interpretação, enquanto o senso comum oferece uma leitura prática e acessível. Esse processo revela a complexidade simbólica do apelido "Boanerges", que opera simultaneamente em múltiplas esferas de interpretação, conectando-se às tensões sociopolíticas e às expectativas espirituais da época.

Essa estratificação também mostra que os textos religiosos antigos, como o Evangelho de Marcos, são dinâmicos e capazes de comunicar significados múltiplos que mudam conforme o contexto e a perspectiva de quem os lê. O modelo de análise interdisciplinar permite que estudiosos revelem novas camadas de interpretação ao explorar os textos através de várias disciplinas.

Conexões textuais.

As conexões textuais de Mc 3,17 expandem o significado do apelido "Boanerges" e situam Tiago e João dentro de uma rede narrativa mais ampla no

Evangelho de Marcos e nos Evangelhos sinóticos. Esses dois apóstolos aparecem em eventos críticos, como a transfiguração de Jesus em Mc 9,2-13, onde sua proximidade com o poder divino é reforçada. Esse evento conecta diretamente Tiago e João ao simbolismo do trovão, destacando sua importância como figuras centrais no ministério de Jesus.

Em Mc 10,35-45, a ambição dos irmãos, ao pedirem para se sentarem ao lado de Jesus em sua glória, reflete o zelo associado ao apelido "Boanerges". Jesus os adverte sobre a verdadeira natureza do poder no Reino de Deus, que deve ser exercido por meio do serviço. Esse episódio conecta a impetuosidade dos "filhos do trovão" à necessidade de moderação e humildade, temas centrais na formação apostólica.

Nos Evangelhos sinóticos, Tiago e João aparecem em passagens correlatas, como a transfiguração em Mateus 17,1-9 e o pedido ambicioso em Mateus 20,20-28. Em Lucas 9,54, os irmãos sugerem a Jesus que invoque fogo do céu sobre uma vila samaritana, ilustrando sua intensidade emocional. A resposta de Jesus, que os repreende, reforça o tema da moderação do zelo, mostrando a necessidade de transformar essa energia em serviço compassivo.

Essas conexões textuais revelam como Mc 3,17 está inserido em uma narrativa que molda e desenvolve a caracterização de Tiago e João como líderes vigorosos, mas que precisam de orientação contínua de Jesus.

Conexões simbólicas.

O nome "Boanerges" em Mc 3,17 vai além de uma simples designação pessoal e carrega profundos significados simbólicos. O trovão, nas Escrituras, está frequentemente associado à voz de Deus e à sua manifestação no mundo, como em Ex 19,16 e nos Salmos 29,3-9. Ao nomear Tiago e João como "filhos do trovão", Jesus os conecta a essa autoridade divina, sugerindo que eles teriam um papel de destaque na proclamação da mensagem do Reino de Deus.

Culturalmente, o trovão também simboliza poder, e essa associação transcende o contexto judaico, sendo comum em outras tradições antigas, como na mitologia greco-romana, onde Zeus (Júpiter) empunha o trovão como símbolo de sua autoridade. Esse paralelo reforça a ideia de que Tiago e João eram vistos como líderes

de grande impacto, e que seu apelido tinha conotações de força e intensidade (Girard, 1997, p.513-515).

Teologicamente, o apelido "Boanerges" prefigura o papel apostólico dos irmãos na igreja primitiva. Tiago, o primeiro apóstolo a ser martirizado, exemplifica o compromisso extremo e a intensidade implícita no nome, enquanto João, tradicionalmente vinculado a textos teológicos profundos como o Apocalipse, reflete a conexão contínua entre o trovão e a revelação divina. Dessa forma, o nome "Boanerges" encapsula o papel profético e apostólico dos dois irmãos.

Análise das conexões textuais e simbólicas em Mc 3,17.

A combinação das conexões textuais e simbólicas em Mc 3,17 revela a importância central deste versículo para a compreensão do papel de Tiago e João no Evangelho de Marcos. O apelido "Boanerges" não apenas descreve suas características pessoais, mas também reflete uma estrutura simbólica mais ampla que envolve tanto sua missão apostólica quanto seus destinos espirituais.

A análise das conexões textuais mostra como Tiago e João são moldados ao longo do Evangelho, passando de apóstolos impetuosos a líderes apostólicos cuja força e zelo são canalizados para o serviço no Reino de Deus. O simbolismo do trovão reflete tanto sua proximidade com o poder divino quanto a necessidade de moderar sua intensidade por meio do ensinamento de Jesus.

Por outro lado, as conexões simbólicas expandem a compreensão do apelido "Boanerges" para além do contexto imediato, ligando-o a tradições mais amplas de poder divino e revelação, tanto nas Escrituras judaicas quanto em mitologias antigas. Ao nomear Tiago e João como "filhos do trovão", Jesus não apenas reflete suas características de liderança, mas também indica seu papel futuro na transmissão da mensagem divina.

Essa análise conjunta sugere que Mc 3,17 é um ponto crucial de interseção entre revelação divina e formação apostólica, e que o poder do trovão simboliza a continuidade da autoridade espiritual transmitida de Jesus para seus apóstolos, com implicações teológicas profundas para a compreensão do ministério cristão primitivo.

3.2) Estruturas de Significado (ou Estruturas Sociais).

A Teoria Geertziana (T.G.), como aplicada nesta tese, fundamenta-se em uma metodologia que visa compreender os textos religiosos antigos por meio da análise simbólica e cultural. O primeiro passo essencial é a estratificação de significados, que permite interpretar os símbolos de maneira holística, considerando suas múltiplas camadas de significação. Esse processo é particularmente relevante em textos complexos, como o Evangelho de Marcos, que oferece diferentes níveis de interpretação. A análise completa do texto exige a devida consideração de suas dimensões literal, contextual, teológica e pragmática.

Na estratificação de significados, os símbolos são analisados hierarquicamente, com base em uma Hierarquia Estratificada de Estruturas de Significados (HEES). O nível literal examina o símbolo em seu sentido direto e semântico. O contextual analisa sua interação com o fluxo narrativo, expandindo o sentido ao considerar o cenário mais amplo do texto. O significado teológico explora as implicações espirituais do símbolo, trazendo à tona suas conotações religiosas. Já o significado pragmático investiga como o símbolo seria entendido pelo senso comum da época, levando em consideração a visão cotidiana do público original, conforme a abordagem antropológica de Geertz.

Essas camadas, ao se inter-relacionarem, proporcionam uma compreensão mais profunda dos textos religiosos. Contudo, a estratificação de significados é apenas o início. O passo seguinte é a análise das estruturas sociais, que conecta os símbolos às estruturas sociais e históricas em que foram produzidos e transmitidos. Na T.G., essas estruturas sociais são compostas por camadas interligadas, como ethos, disposições, visão de mundo e motivações, que formam uma rede de significados refletindo a dinâmica cultural e religiosa da sociedade.

O ethos reflete a disposição moral predominante de uma cultura, enquanto as disposições orientam comportamentos sociais. A visão de mundo define a compreensão coletiva sobre a realidade, e as motivações impulsionam as ações dentro desse contexto. A comparação entre os significados simbólicos e essas camadas sociais revela pontos de convergência e divergência, ajudando a identificar como as práticas religiosas refletem a vida cotidiana e as expectativas culturais.

No caso do Evangelho de Marcos, a análise das estruturas sociais contextualiza símbolos como "Boanerges" (Mc 3,17), associando-os ao ethos de

liderança espiritual e zelo presentes nas expectativas messiânicas da época. A visão de mundo apocalíptica da Palestina do primeiro século confere ao símbolo do trovão uma conexão com o julgamento divino, reforçando o papel de Tiago e João como líderes espirituais imbuídos de autoridade divina.

Assim, a análise das estruturas sociais na T.G. integra o estudo dos símbolos com as realidades históricas, culturais e sociais em que foram gerados. Isso permite uma interpretação mais rica e detalhada dos textos religiosos, compreendendo-os não apenas em suas dimensões espirituais, mas também no contexto das dinâmicas sociais e políticas de seu tempo.

3.2.1) Estruturas Sociais presente no contexto do Evangelho de Marcos.

As cinco principais estruturas sociais no período de elaboração do Evangelho de Marcos podem ser compreendidas a partir do contexto histórico, político, religioso e cultural da Palestina do século I, profundamente influenciada pelas tradições judaicas e pelo domínio romano. Essas estruturas formaram o pano de fundo para a vida das primeiras comunidades cristãs e moldaram a forma como o evangelho foi redigido e interpretado. A seguir, são analisadas as cinco estruturas mais relevantes:

1. O Império Romano e a dominação imperial.

A estrutura mais abrangente da época era o domínio do Império Romano. A Palestina, uma província sob controle romano, vivia sob os impactos de uma ocupação que afetava todos os aspectos da vida cotidiana, desde a economia até as práticas religiosas. A presença militar romana, juntamente com a cobrança de impostos e as práticas de governança, eram controladas por procuradores e governadores locais, responsáveis pela manutenção da ordem e submissão da população. Esse contexto de dominação gerava tensões contínuas, especialmente entre os judeus, que esperavam um líder messiânico para libertá-los da opressão romana. No Evangelho de Marcos, essa tensão está implícita nas interações entre Jesus e as autoridades, refletindo as expectativas messiânicas da época (cf. Mc 12,13-17) (Theissen, 1979, p. 30).

2. O Judaísmo e seus grupos religiosos.

O judaísmo do século I era plural e fragmentado em diversas correntes religiosas e políticas, influenciando profundamente o período. Os principais grupos que moldavam a vida religiosa e política do povo judeu incluíam:

- Fariseus: Um grupo que seguia rigorosamente a Torá (Lei), com uma crença na ressurreição dos mortos, influente nas sinagogas e entre o povo comum.
- Saduceus: A elite sacerdotal, ligada ao Templo de Jerusalém, que não acreditava na ressurreição e cooperava com o Império Romano para manter seu status e controle sobre o templo.
- Essênios: Uma corrente ascética que se isolava da sociedade, aguardando a intervenção divina para restaurar a pureza de Israel.
- Zelotes: Um grupo revolucionário, que via a resistência militar contra Roma como necessária para restaurar o Reino de Israel.

Esses grupos disputavam poder e influência, e as interações de Jesus com elas no Evangelho de Marcos refletem as complexas dinâmicas de autoridade e religiosidade da época. Jesus é frequentemente retratado em confronto com os fariseus e saduceus, criticando a hipocrisia e a interpretação legalista da religião (cf. Mc 3,1-6) (Bond, 2012, p. 73).

3. A Sociedade judaica e a estrutura familiar.

A sociedade judaica do primeiro século era estruturada em torno da família patriarcal, a unidade central da organização social. O chefe da família desempenhava um papel fundamental na manutenção da fé e da identidade judaica, perpetuando as tradições da Torá, a pureza ritual e a observância das festas religiosas e do sábado. No Evangelho de Marcos, Jesus enfatiza a transformação das relações familiares, sugerindo uma nova ordem em que a comunidade cristã seria a "nova família" de Deus. Essa ruptura com a estrutura familiar tradicional é evidenciada em passagens como Mc 3,31-35, onde a nova família é definida em termos espirituais, baseados na obediência à vontade de Deus (Theissen, 2009, p. 45).

4. A Economia rural e a pobreza.

A economia da Palestina no século I era predominantemente rural e agrária, com uma grande parte da população vivendo em condições de pobreza. As desigualdades sociais eram exacerbadas pela presença de latifúndios, administrados

por uma elite judaica e romana, enquanto a maioria das pessoas trabalhava como camponeses ou pescadores, lutando para sobreviver. A cobrança de altos impostos por Roma e o sistema de dízimos do templo ampliavam a exploração das classes mais baixas. No Evangelho de Marcos, Jesus frequentemente interage com os pobres e marginalizados, criticando as estruturas opressivas da época. Seu chamado para uma inversão das hierarquias sociais (cf. Mc 10,42-45) reflete essa crítica, ao propor uma nova visão de poder e serviço (Stewart, 2010, p. 156).

5. A Cultura helenística.

Embora a Palestina estivesse sob o domínio romano, a cultura helenística ainda exercia uma forte influência. Desde as conquistas de Alexandre, o Grande, a cultura grega permeou a vida cotidiana, especialmente nas cidades mais urbanizadas como Cesareia e Tiberíades. A língua grega era amplamente falada, e as tradições filosóficas e religiosas gregas estavam presentes em muitos aspectos da vida judaica. No Evangelho de Marcos, essa influência pode ser observada tanto no uso do grego koiné quanto em certas ideias filosóficas, como a sabedoria e a cura espiritual, que surgem nas interações de Jesus com as autoridades e o público (Roskam, 2004, p. 72).

Essas cinco estruturas sociais — o Império Romano, os grupos religiosos judaicos, a organização familiar judaica, a economia rural e a pobreza e a influência helenística — formam o pano de fundo essencial para a compreensão do Evangelho de Marcos. Elas moldaram a maneira como a narrativa foi construída e influenciaram as interações de Jesus com seu contexto sociopolítico, além de afetarem as expectativas messiânicas e religiosas de seu tempo.

3.2.2) O Império Romano e a dominação imperial.

O domínio do Império Romano exerceu uma influência abrangente e complexa sobre as estruturas sociais, políticas e religiosas da Palestina no período de elaboração do Evangelho de Marcos. Esse poder imperial permeava todos os aspectos da vida cotidiana, moldando a organização das comunidades judaicas e cristãs e a forma como elas reagiam às pressões externas, especialmente no contexto de opressão e resistência.

A dominação romana, conforme discutida por Theissen (2009, p. 40), estava enraizada em mecanismos como o culto imperial e o sistema de clientelismo. O culto ao imperador, mais do que uma prática religiosa pessoal, servia como um símbolo da integração social e da lealdade política. Pequenos grupos religiosos, incluindo as primeiras comunidades cristãs, desafiavam essas normas ao oferecer uma alternativa messiânica e escatológica, que contestava diretamente as expectativas imperiais. No Evangelho de Marcos, essas tensões são evidentes, à medida que Jesus é apresentado como uma figura messiânica que desafia simbolicamente o poder imperial opressor, oferecendo uma nova visão de realeza que não se alinha com o sistema romano.

Em termos de significados culturais e sociais, o sistema de patronato descrito por Eric Stewart (2010, p. 159) organizava as relações sociais e políticas por meio de uma hierarquia de poder em que os patronos controlavam os recursos essenciais à sobrevivência das populações. Esse sistema reflete a interconexão entre as estruturas de significados, como o ethos de dependência e submissão dos grupos dominados, e as disposições culturais de resistência que emergem no Evangelho de Marcos, onde o título “Boanerges” sugere o zelo e a prontidão para confrontar essas estruturas opressoras.

H.N. Roskam (2004, p. 135-136) analisa o impacto da dominação imperial sobre as elites judaicas e as comunidades da Galileia, destacando a intensificação do controle após a revolta judaica, o que aprofundou a cooperação entre as autoridades locais e Roma. Essa interação é essencial para a compreensão dos símbolos de poder no Evangelho de Marcos. A colaboração entre as elites judaicas e romanas molda o contexto social em que Jesus se posiciona, criando uma oposição entre o ethos imperial e o ethos messiânico que permeia o evangelho. A visão de mundo apocalíptica da época também é refletida na narrativa, com a figura de Jesus desafiando as estruturas estabelecidas, especialmente quando interage com as autoridades romanas e religiosas.

Tom Thatcher (2014, p. 101), ao examinar as memórias do conflito com Roma, destaca que o Evangelho de Marcos pode ser lido como uma resposta ao trauma da guerra e da dominação imperial. Nessa perspectiva, a figura de Jesus emerge como uma reinterpretação messiânica que ressignifica as expectativas judaicas de libertação. Ao propor uma alternativa divina de realeza, Jesus é

apresentado como um líder que confronta as pretensões de poder de Roma, desafiando tanto o sistema religioso quanto o político, o que se alinha ao ethos de resistência que caracterizava as comunidades judaicas da época.

Por fim, Émile Morin (1978, p. 31) discute o impacto das políticas fiscais romanas, como o uso dos recursos do Templo para construir aquedutos, o que gerou revoltas e oposição das camadas populares. A tensão entre os valores religiosos e as demandas fiscais do império intensificava a rejeição às autoridades romanas. No Evangelho de Marcos, essa resistência se reflete nas interações entre Jesus e as autoridades, evidenciando a discordância entre a visão de mundo proposta por Jesus e a ordem romana opressiva.

Essas análises, quando vistas pela lente da Teoria Geertziana (T.G.), revelam que o Império Romano não era apenas uma estrutura política dominante, mas uma fonte de significados que permeavam todas as esferas da vida social e religiosa. A estratificação de significados da T.G. permite que o poder imperial seja compreendido em múltiplos níveis: no literal, como um sistema opressor; no contextual, como parte das interações entre Jesus e as autoridades; no teológico, como um símbolo a ser confrontado pela autoridade divina; e no pragmático, como uma realidade vivida e resistida pelas comunidades. Assim, o Evangelho de Marcos reflete um quadro simbólico denso, onde o poder imperial é desafiado por um novo sistema de valores e significados.

3.2.3) O judaísmo e seus grupos religiosos.

No século I, o judaísmo era uma religião plural, composta por diversos grupos que coexistiam em tensão, tanto no campo político quanto no teológico. Esses grupos refletiam diferentes perspectivas em relação à Lei, ao Templo, à vida comunitária e ao domínio romano. Os principais grupos que moldaram a vida religiosa e política da época eram os fariseus, saduceus, essênios e zelotes, cada um com características peculiares que influenciaram a sociedade e o contexto em que o Evangelho de Marcos foi produzido.

Segundo Theissen (2009, p. 40), essas correntes religiosas surgiram das tensões internas no judaísmo, sendo influenciadas pelas dinâmicas de poder e ocupação estrangeira. Ele observa que os essênios tinham uma doutrina teocêntrica, acreditando que a salvação dependia unicamente da intervenção divina. Em

contraste, os saduceus, mais antropocêntricos, enfatizavam que a santidade era alcançada pelo comportamento humano e pelas responsabilidades sacerdotais ligadas ao Templo, o que os tornava defensores do status quo e colaboradores com Roma. Os fariseus, por sua vez, adotavam uma posição intermediária, argumentando que tanto o agir divino quanto humano eram necessários para alcançar a salvação. Essas diferenças teológicas revelam as diversas maneiras pelas quais esses grupos se posicionavam em relação ao Templo, à Lei e à ocupação romana.

James D. G. Dunn (2005, p. 485), em *The Historical Jesus in Recent Research*, destaca a influência dos fariseus no contexto religioso e social. Embora muitas vezes retratados como os principais opositores de Jesus, os fariseus desempenhavam um papel central no debate sobre a pureza ritual e a observância da Lei, especialmente nas sinagogas e em discussões públicas. Ainda que a influência política dos fariseus tenha diminuído após o período asmoneu, eles mantinham uma forte presença na vida religiosa da época. No Evangelho de Marcos, as disputas entre Jesus e os fariseus se concentram frequentemente em questões como a observância do sábado e a pureza, reflexos das tensões em torno da aplicação da Lei.

Émile Morin (1978, p. 31) amplia essa discussão, descrevendo os fariseus como tecnocratas religiosos que, devido ao seu profundo conhecimento da Lei, exerciam grande influência sobre a vida cotidiana do povo. Morin também observa que, embora os fariseus não controlassem diretamente as finanças ou a justiça pública antes da destruição do Templo, sua oposição ao domínio romano e sua postura independente faziam deles uma força política relevante. Por outro lado, os saduceus, como parte da elite sacerdotal, estavam diretamente aliados ao poder romano e mantinham o controle sobre o Templo, colaborando com Roma para manter a ordem e garantir sua posição privilegiada.

Helen Bond (2012, p. 124), em *Jesus: A Guide for the Perplexed*, sugere que as tensões entre Jesus e os fariseus, presentes no Evangelho de Marcos, podem refletir disputas pós-Páscoa entre a comunidade cristã emergente e o judaísmo farisaico. Ela argumenta que, embora os fariseus fossem rigorosos na observância da Lei, sua influência sobre as sinagogas no tempo de Jesus era menor do que frequentemente se supõe. No entanto, eles mantinham grande prestígio entre o povo, o que explica sua presença contínua nos debates teológicos e a importância de suas interações com Jesus nos evangelhos.

Esses grupos religiosos não apenas moldaram o cenário político e religioso da Palestina, mas também desempenharam um papel crucial na formação das narrativas presentes no Evangelho de Marcos. As interações de Jesus com os fariseus e saduceus, muitas vezes apresentadas em termos de confronto, refletem os desafios às estruturas religiosas e políticas da época. Ao desafiar a interpretação legalista da religião, Jesus propõe uma renovação espiritual que subverte as tradições estabelecidas, apontando para uma nova visão de comunidade e fé, centrada na misericórdia e na justiça divina.

3.2.4) A sociedade judaica e a estrutura familiar.

No século I, a estrutura familiar na sociedade judaica era profundamente patriarcal, influenciando todas as esferas da vida social, religiosa e econômica. O pai exercia autoridade sobre a família, composta por esposa, filhos e outros membros, como escravos e parentes próximos. Seu papel principal era manter a coesão familiar e garantir a continuidade das tradições religiosas e sociais, conforme as normas estabelecidas pela Lei e pelos costumes da época (Malina e Rohrbaugh, 2017, p. 446-447).

Conforme destacado por Émile Morin (1978, p. 31), a família judaica funcionava como uma unidade de parentesco, fortemente conectada à casa (*oikonomia*), onde o pai detinha controle total sobre as pessoas e os bens. O termo hebraico "ba'al" (senhor) reflete a autoridade patriarcal do homem sobre a esposa, enquanto o conceito de "go'el" (redentor) impunha ao patriarca a responsabilidade de resgatar membros da família em situações de dificuldade, como em casos de escravidão ou perda de patrimônio. A solidariedade familiar, baseada nesses papéis, era essencial para a preservação da linhagem e da propriedade, uma característica central da sociedade judaica na época de Jesus, que se estendia também à vida urbana emergente (Malina e Rohrbaugh, 2017, p. 479).

Margaret Y. MacDonald (2010, p. 35-37) ressalta que o conceito de "família" na antiguidade não se limitava a pais e filhos, como no entendimento moderno. O termo grego "oikos" e o latino "domus" designavam tanto a residência física quanto as relações de parentesco, incluindo escravos e bens. A figura do *paterfamilias* era fundamental tanto na organização social romana quanto judaica, sendo responsável pelo controle da família, que incluía a regulação do comportamento, a gestão de

propriedades e a manutenção da ordem familiar. Tais dinâmicas criavam tensões, particularmente entre o poder do marido e o do pai sobre as filhas casadas, manifestando-se em questões de herança e controle econômico.

James D. G. Dunn (2005, p. 112) observa que as relações familiares no tempo de Jesus eram moldadas por uma forte pressão social para a conformidade aos papéis tradicionais. As mulheres tinham pouca ou nenhuma participação na vida pública e estavam subordinadas aos homens dentro da estrutura familiar. No entanto, o ministério de Jesus rompeu com essa ordem patriarcal ao redefinir o conceito de família. Em várias passagens, ele sugeriu que a verdadeira família não era definida por laços de sangue, mas por aqueles que seguiam a vontade de Deus. Essa reinterpretação radical da família é exemplificada no Evangelho de Marcos (Mc 3,31-35), quando Jesus declara que seus irmãos e irmãs são aqueles que fazem a vontade de Deus, subvertendo a centralidade da família biológica.

Essa visão de uma nova família espiritual, sobrepondo-se à biológica, reflete as tensões entre a estrutura familiar patriarcal convencional e os valores propostos pelo movimento de Jesus. Ao redefinir as relações familiares com base na fé e na obediência à mensagem divina, Jesus desafiava a centralidade das normas tradicionais da época, promovendo uma visão inclusiva e espiritual que transcendia as divisões impostas pelo patriarcado.

3.2.5) A economia rural e a pobreza.

A Palestina do século I era majoritariamente rural, onde a economia agrária sustentava a maior parte da população. A maioria trabalhava em pequenas propriedades ou como arrendatários em grandes latifúndios, geralmente controlados pela elite aristocrática ou religiosa. David A. Fiensy observa que essa era uma sociedade agrária e aristocrática, o que resultava em uma distribuição altamente desigual das terras. A elite concentrava a maior parte dos recursos, enquanto os camponeses trabalhavam incessantemente para garantir apenas sua sobrevivência (2010, p. 197). A aristocracia via a terra e o trabalho dos camponeses como meras fontes de renda, o que aprofundava a divisão social entre ricos e pobres.

De acordo com Émile Morin, a pobreza era uma realidade inevitável para muitos. Trabalhadores diaristas recebiam apenas um denário por dia, quantia insuficiente para garantir qualquer tipo de estabilidade financeira. A exploração

econômica era agravada pela pesada tributação e pelo sistema de dízimos exigidos pelo Templo, intensificando a precariedade da vida rural (Morin, 1978, p. 31). O Evangelho de Marcos reflete essa preocupação social ao retratar Jesus frequentemente em contato com os pobres e marginalizados, como exemplificado na parábola dos trabalhadores na vinha (Mc 12,1-8).

Helen Bond acrescenta que a urbanização promovida por figuras como Herodes Antipas trouxe ainda mais pressão às já fragilizadas economias rurais. A construção de cidades como Séforis e Tiberíades gerou impostos exorbitantes, que drenaram as economias locais, levando muitas vilas à pobreza. A urbanização forçada não apenas fragilizou as aldeias camponesas, como também obrigou muitas pessoas a buscarem empregos urbanos que, ironicamente, eram raros (Bond, 2012, p. 76).

Gerd Theissen sugere que o movimento inicial de Jesus representava uma ética contracultural que reagia diretamente à exploração econômica enfrentada pelos camponeses da Galileia. Seus seguidores adotavam um estilo de vida de renúncia material, vivendo da caridade, o que Theissen chama de "andarilhos carismáticos" (Theissen, 2009, p. 110). A crítica de Jesus aos ricos, como exemplificado em Mc 10,25, evidencia a tensão entre o ideal de igualdade promovido por seu movimento e a realidade da aristocracia exploradora da época.

Apesar da predominância da pobreza, há evidências arqueológicas de que algumas regiões da Galileia desfrutavam de uma modesta prosperidade, sustentada por pequenas indústrias locais, como a produção de cerâmica e utensílios de pedra. Contudo, essa prosperidade era limitada a áreas específicas e não alterava significativamente o quadro geral de pobreza que dominava a maior parte das aldeias camponesas (Fiensy, 2010, p. 203-204).

3.2.6) A Cultura Helenística.

A influência helenística exerceu um impacto profundo sobre a Palestina do século I, especialmente no contexto da elaboração do Evangelho de Marcos. O processo de helenização, iniciado com as conquistas de Alexandre, o Grande, e continuado pelos sucessores selêucidas, provocou uma intensa troca cultural entre as tradições judaicas e gregas. Helen Bond destaca que, sob os Asmoneus, a cultura helenística começou a permear vários aspectos da vida cotidiana, particularmente entre as elites judaicas. Isso é perceptível nos próprios nomes de muitos personagens

bíblicos, como Simão e Maria, que refletem a influência da cultura grega (Bond, 2012, p. 58).

Gerd Theissen examina as interações entre a cultura helenística e o judaísmo, ressaltando que essa fusão gerou profundas tensões no judaísmo da época. Durante as tentativas de reformas helenísticas, até mesmo Yahweh foi adorado sob o nome de Zeus em Jerusalém e Samaria. Theissen destaca a assimilação de mitos gregos na Palestina, como o caso da história de Perseu e Andrômeda em Joppe, que foi reinterpretada dentro das tradições locais, exemplificando como o helenismo integrava mitos gregos às tradições judaicas (Theissen, 1979, p. 85).

Richard Horsley, por sua vez, enfatiza a influência helenística sobre a elite judaica, particularmente no campo da filosofia e religião. Ele menciona Philo de Alexandria como um exemplo de como a elite judaica assimilou elementos da filosofia grega, especialmente na teologia. Philo fundiu o pensamento judaico com ideias gregas, incorporando o conceito de Logos, a Razão divina, que unificava esses dois mundos culturais. Horsley argumenta que a interação entre judeus e gregos gerou uma cultura híbrida, onde elementos gregos, egípcios e judaicos se misturavam, como visto em textos como os papiros mágicos gregos (Horsley, 2015, p. 45).

A helenização também se manifestou fisicamente através da fundação de cidades helenizadas, como Tiberíades e Séforis, construídas por Herodes Antipas. Peter Oakes aponta que essas cidades serviam como centros de troca cultural, onde a arquitetura, a língua e as práticas gregas eram predominantes. Essas cidades simbolizavam a lealdade ao Império Romano e à cultura helenística, mas geraram tensões entre os judeus mais conservadores, que resistiam à integração cultural (2010, p. 184).

A influência helenística, com sua filosofia, mitologia e urbanização, moldou não apenas a arquitetura e a língua, mas também o pensamento religioso e filosófico da elite judaica. Gerd Theissen destaca que, apesar das tensões, a helenização forneceu um solo fértil para o surgimento de novas ideias religiosas e filosóficas, muitas das quais influenciaram diretamente o movimento de Jesus. O cristianismo primitivo, que emergiu nesse ambiente cultural, foi profundamente influenciado pela fusão entre judaísmo e helenismo, particularmente em sua visão de uma comunidade religiosa universal, que transcendia as divisões entre judeus e gentios (Theissen, 1979, p. 107).

3.2.7) Análise das cinco estruturas apresentadas.

A análise das cinco estruturas sociais à luz dos onze livros anexados e em diálogo com Mc 3,17, aplicada pela Teoria Geertziana (T.G.), proporciona uma compreensão profunda e contextualizada das interações de Jesus com seu ambiente sociocultural. As estruturas — o Império Romano, os grupos religiosos judaicos, a organização familiar judaica, a economia rural e a pobreza, e a cultura helenística — fornecem o pano de fundo essencial para a interpretação dessa passagem do Evangelho de Marcos, e são fundamentais para aplicar os conceitos da T.G.

Na perspectiva da T.G., aplicada a Mc 3,17, o Império Romano representava uma estrutura de poder dominante que moldava as interações sociais e políticas da época. No versículo em questão, quando Jesus dá a Tiago e João o apelido “Boanerges” (filhos do trovão), esse símbolo pode ser visto como uma metáfora para o zelo revolucionário contra a opressão imperial. O trovão pode ser interpretado tanto como uma força destrutiva quanto como uma representação da resistência ao poder romano, conectando o título à oposição messiânica ao império. Esse contexto reflete o caráter escatológico de Jesus, que desafia o domínio imperial que gerava desigualdades sociais (Theissen, 2009, p. 40).

Gerd Theissen nos permite entender que o culto imperial e a exploração econômica dos camponeses formavam parte de um cenário de opressão que Jesus e seus discípulos desafiavam. A T.G. oferece a possibilidade de interpretar o “Boanerges” como um símbolo de resistência, configurando um ethos de luta espiritual e social contra a opressão romana (Theissen, 2009, p. 40).

No contexto de Mc 3,17, o apelido dado aos discípulos também reflete as tensões entre Jesus e os grupos religiosos da época, como fariseus e saduceus. O trovão simboliza o confronto direto com essas elites religiosas, indicando uma força capaz de abalar as estruturas de poder religioso estabelecidas. Tanto Émile Morin quanto James D. G. Dunn discutem como fariseus, saduceus, essênios e zelotes representavam diferentes visões sobre a Lei e a relação com o poder romano, sendo que os zelotes viam a resistência armada como caminho para a libertação (Morin, 1978, p. 31; Dunn, 2005, p. 485). A T.G., ao identificar o uso de símbolos messiânicos e religiosos, revela a subversão simbólica tanto da autoridade religiosa quanto política vigente em Mc 3,17.

A estrutura familiar patriarcal é outra dimensão que Jesus desafia, especialmente ao redefinir a família como uma comunidade espiritual. O apelido "Boanerges" em Mc 3,17 pode representar a subversão das relações familiares tradicionais, visto que Jesus enfatiza que seus verdadeiros seguidores são aqueles que obedecem à vontade de Deus, superando os laços biológicos (cf. Mc 3,31-35). Margaret Y. MacDonald explora como essa nova visão de família, centrada na obediência espiritual, se opunha às normas familiares patriarcais da época (2010, p. 35-37).

A economia rural da Palestina no primeiro século, marcada por desigualdades e pobreza, serve como pano de fundo para Mc 3,17. O apelido "Boanerges" pode ser lido como um símbolo de justiça social e esperança para os pobres e oprimidos. Jesus e seus seguidores provinham majoritariamente das camadas mais humildes, e suas ações criticavam diretamente as estruturas opressoras do império romano e das elites religiosas (Bond, 2012, p. 76; Theissen, 2009, p. 110). A T.G., ao examinar o simbolismo do trovão, revela uma metáfora para a voz dos marginalizados clamando por justiça, desafiando o status quo econômico.

Por fim, a cultura helenística permeava todos os aspectos da vida na Palestina do primeiro século. O apelido "Boanerges" pode ser interpretado sob a influência helenística, onde símbolos e mitos gregos, como o trovão, são reinterpretados em um contexto judaico-messiânico. Richard Horsley e Peter Oakes argumentam que cidades como Séforis e Tiberíades representavam locais de encontro entre culturas judaicas e gregas, refletindo tensões entre essas influências e o desejo por uma identidade religiosa judaica mais pura (Horsley, 2015, p. 45; Oakes, 2010, p. 184). A T.G. ajuda a entender como o conceito de trovão em Mc 3,17 poderia representar uma releitura simbólica dentro desse contexto cultural.

Sob a ótica da T.G., essas cinco estruturas sociais interagem profundamente com Mc 3,17, revelando uma densa camada simbólica que envolve a figura de Jesus e seus discípulos. O apelido "Boanerges" torna-se um símbolo multifacetado, refletindo tanto o zelo messiânico quanto as tensões econômicas, familiares e culturais que Jesus enfrentava em seu tempo. A T.G., ao integrar símbolos, ethos e o contexto histórico, oferece uma leitura inovadora dos textos religiosos, promovendo uma compreensão mais profunda do ambiente sociocultural da Palestina no primeiro século.

3.3) Hierarquização de elementos simbólicos.

A etapa seguinte da Teoria Geertziana (T.G.) consiste na análise dos elementos simbólicos, quais sejam ethos, disposição, visão de mundo e motivação, os quais devem ser organizados hierarquicamente em estruturas de significados. Neste ponto, o foco da T.G. é identificar como esses elementos se inter-relacionam dentro de um determinado contexto cultural, permitindo uma compreensão mais profunda de sua função simbólica.

A hierarquização proposta por esse modelo possibilita discernir quais elementos assumem papéis centrais no funcionamento dos símbolos religiosos e como eles interagem para sustentar, reforçar ou modificar a visão de mundo, as disposições emocionais e as motivações de uma comunidade religiosa. Ao mapear essas relações, torna-se possível captar as nuances culturais que influenciam tanto a criação quanto a perpetuação dos símbolos.

Esse processo hierárquico é crucial para desvendar a complexidade simbólica presente nos textos religiosos antigos, pois revela como os símbolos interagem com as estruturas sociais e culturais de uma época. A análise hierárquica, portanto, contribui para a identificação de pontos centrais no ethos de uma comunidade e como suas motivações se expressam através de seus símbolos religiosos.

3.3.1) Desmembramento de *Boanerges*.

Ao aplicar a Teoria Geertziana (T.G.) à análise do símbolo "Boanerges," torna-se crucial entender como os elementos simbólicos de ethos, disposição, visão de mundo e motivação se articulam para formar uma estrutura hierárquica de significados. A metodologia da T.G. permite capturar não apenas os aspectos literais e teológicos do símbolo, mas também sua inserção nas dinâmicas sociais e culturais do período. No caso de Boanerges, termo utilizado em Mc 3,17 e atribuído por Jesus a Tiago e João, filhos de Zebedeu, esse "desmembramento" revela camadas complexas que conectam o simbolismo à missão apostólica, à visão teológica do poder divino e às tensões do contexto histórico.

Ethos.

O ethos de Boanerges reflete práticas culturais, valores e o caráter dos discípulos nomeados. O termo aponta para a vigorosa personalidade de Tiago e João, que se destacam por seu zelo e coragem. "Filhos do trovão" sugere força, coragem e predisposição para o confronto, características que eram necessárias para liderar um movimento messiânico em um contexto de opressão romana e religiosa. A tradição judaica da época associava o trovão à manifestação do poder de Deus, reforçando a imagem de Tiago e João como figuras fortes, essenciais para a missão de Jesus em um cenário de intensas tensões sociopolíticas. Sob a perspectiva da T.G., o ethos capturado no título Boanerges liga esses apóstolos a um fervor espiritual que ressoava com o ambiente revolucionário e messiânico da Palestina do século I.

Visão de Mundo.

A visão de mundo associada ao título Boanerges é profundamente enraizada na cosmologia teológica da época. O trovão, na tradição bíblica, simboliza a voz e o poder de Deus. Ao nomear Tiago e João como "filhos do trovão", Jesus os alinha com o poder divino, conferindo-lhes autoridade espiritual para levar adiante a mensagem messiânica. Essa visão transcende as realidades terrenas, conectando os apóstolos a um propósito cósmico, no qual o julgamento e o poder divino estão em ação para transformar o mundo. A expectativa escatológica presente no Evangelho de Marcos associa Boanerges à luta entre o Reino de Deus e as potências mundanas, com Tiago e João posicionados como agentes do poder divino em ação.

Disposição.

A disposição expressa pelo símbolo Boanerges revela a inclinação emocional e espiritual de Tiago e João para a liderança e o confronto. Descritos como impetuosos e ambiciosos, esses apóstolos demonstram uma prontidão para o serviço e para o sacrifício, conforme observado em Mc 10,35-45, quando pedem para se sentarem ao lado de Jesus em sua glória. O trovão, como símbolo, evoca rapidez, força e impacto, qualidades que ressoam com a disposição desses discípulos para enfrentar desafios, até mesmo o martírio. A T.G. ajuda a esclarecer como essa disposição reflete o compromisso inabalável com a missão apostólica, vinculando-a a uma visão maior de sacrifício e liderança espiritual.

Motivação.

A motivação de Tiago e João, encapsulada no símbolo Boanerges, é dupla: evangelística e de liderança. Como "filhos do trovão", eles são chamados a proclamar a mensagem do Reino de Deus com a força e a intensidade de uma tempestade, deixando um impacto duradouro. A motivação evangelística os impulsiona a pregar e a levar a palavra de Jesus com autoridade, enquanto a liderança é reforçada pela missão de guiar a comunidade cristã emergente. A morte de Tiago e o papel contínuo de João como líder espiritual reforçam a durabilidade e a profundidade dessa motivação, evidenciando um compromisso sacrificial com a causa cristã.

Integração com os Níveis de Significados.

O desmembramento de Boanerges em ethos, disposição, visão de mundo e motivação se conecta diretamente aos quatro níveis de significados estabelecidos pela T.G. No nível literal, "Boanerges" refere-se diretamente à designação de Tiago e João como "filhos do trovão". No nível contextual, o termo se relaciona ao lugar que esses discípulos ocupam no ministério de Jesus e na narrativa do Evangelho de Marcos. O nível teológico é expresso na associação entre o trovão e o poder divino, enquanto o nível pragmático reflete a compreensão comum desse título nas comunidades cristãs primitivas como um sinal de força e autoridade apostólica.

Esses elementos, quando analisados em conjunto, revelam as camadas profundas do símbolo Boanerges dentro do Evangelho de Marcos. A análise simbólica, portanto, ilumina as complexidades culturais e teológicas que moldam o papel dos discípulos e oferece uma nova compreensão do contexto sociocultural em que atuaram. Ao integrar os símbolos à estrutura hierárquica da T.G., esse desmembramento oferece uma leitura inovadora e detalhada de Boanerges, enriquecendo a interpretação do texto religioso com uma análise cultural e social pertinente e fundamentada.

3.3.2) A Hierarquia Estrutural do Símbolo *Boanerges*.

Na Teoria Geertziana (T.G.), a análise dos símbolos acontece de maneira estratificada e hierárquica, revelando como diferentes camadas de significados interagem e se organizam dentro de um contexto cultural ou religioso. Ao aplicar essa abordagem ao símbolo "Boanerges", em Mc 3,17, é possível identificar uma hierarquia

clara, tanto nos níveis de significados quanto nas estruturas de significados e sociais. O termo "Boanerges", atribuído por Jesus a Tiago e João, revela implicações simbólicas que vão além de seu sentido literal, desdobrando-se em camadas complexas que refletem tanto a missão apostólica quanto as tensões sociais e culturais da época.

Hierarquia entre os Níveis de Significado.

A análise dos quatro níveis de significados — literal, contextual, teológico e pragmático — estabelece uma hierarquia de como "Boanerges" opera como símbolo no Evangelho de Marcos. Esses níveis interagem de forma interdependente, mas alguns assumem maior relevância no processo de significação.

Do ponto de vista da Teologia (Significado Teológico), este nível é central e ocupa o topo da hierarquia, pois define o valor essencial do símbolo "Boanerges" no contexto religioso. O trovão, associado ao poder divino, ao julgamento e à autoridade de Deus, coloca Tiago e João como instrumentos diretos desse poder. Eles não são apenas discípulos com temperamento forte, mas agentes do poder divino que age por meio deles, tornando o significado teológico o núcleo do simbolismo de "Boanerges". Este nível é determinante para compreender a função espiritual e messiânica dos dois apóstolos.

O Significado Contextual vem em seguida, como um mediador entre o teológico e o pragmático. Esse nível destaca como o símbolo se insere nas dinâmicas sociais, políticas e históricas do primeiro século. A designação de Tiago e João como "Boanerges" precisa ser entendida à luz das tensões entre o movimento messiânico de Jesus e a ocupação romana, além das expectativas revolucionárias do povo judeu. Assim, o contexto histórico oferece a base para interpretar como o simbolismo do trovão interage com as tensões e desafios enfrentados pelo movimento de Jesus.

Já o Significado Pragmático aparece em terceiro lugar, relacionado ao senso comum da época e à maneira como "Boanerges" era compreendido pelo público original. Este nível reflete a percepção popular do símbolo, que ligava Tiago e João ao poder e à liderança espiritual no cotidiano das primeiras comunidades cristãs. Embora fundamental para captar o funcionamento prático do símbolo, o pragmatismo está subordinado às camadas teológica e contextual, que conferem profundidade e significado duradouro ao termo.

Na base da hierarquia encontra-se o Significado Literal, que oferece a leitura direta de "Boanerges" como "filhos do trovão". Este nível fornece o ponto de partida para a análise, mas é insuficiente para capturar toda a complexidade simbólica do termo. Sua relevância se estabelece apenas em combinação com os outros níveis, que ampliam sua significação dentro do Evangelho de Marcos.

Hierarquia entre as Estruturas de Significado.

Na T.G., os níveis de significado são parte de uma estratificação mais ampla de Estruturas de Significados, onde camadas literais, contextuais, teológicas e pragmáticas se relacionam para formar um sistema simbólico coerente. No caso de "Boanerges", a hierarquia entre essas estruturas destaca como o símbolo se organiza culturalmente.

No topo está a estrutura teológica, que fornece o peso principal ao símbolo "Boanerges". O trovão, enquanto símbolo teológico, está diretamente associado ao poder de Deus e à missão divina dos apóstolos. Esta estrutura transcende as demais, colocando Tiago e João em uma relação de portadores do poder divino, e é fundamental para entender o papel central de "Boanerges" no movimento de Jesus.

A estrutura contextual surge como intermediária, conectando o símbolo ao ambiente social e histórico do primeiro século, onde as tensões entre a ocupação romana e as expectativas messiânicas eram intensas. O símbolo, neste contexto, reflete a oposição ao poder estabelecido e a luta pela transformação social. Essa estrutura é vital para situar "Boanerges" no cenário histórico e para entender como ele interage com as dinâmicas de poder da época.

A estrutura pragmática trata de como o símbolo era compreendido nas práticas diárias das comunidades cristãs. "Boanerges" não era apenas um título, mas uma expressão de liderança espiritual. No entanto, essa estrutura é hierarquicamente subordinada às estruturas teológica e contextual, uma vez que sua interpretação prática depende dos significados profundos estabelecidos pelas outras camadas.

A estrutura literal, mais uma vez, ocupa a posição inferior, servindo como base para a interpretação dos outros níveis de significado. Ela oferece uma compreensão imediata do símbolo, mas é insuficiente para capturar a complexidade associada ao termo, necessitando da integração com as camadas superiores.

Hierarquia entre as Estruturas Sociais.

Além dos significados, a T.G. propõe que os símbolos operam dentro de uma hierarquia de estruturas sociais. No caso de "Boanerges", é possível identificar três principais estruturas: religiosa, econômica/política e familiar, organizadas hierarquicamente.

A estrutura religiosa ocupa o topo da hierarquia, já que "Boanerges" opera principalmente dentro da esfera espiritual. A designação de Tiago e João como "filhos do trovão" reflete sua relação com a missão divina e seu papel central na proclamação do Reino de Deus.

A estrutura econômica/política aparece logo abaixo, pois o símbolo também reflete as tensões sociais e políticas da época. Tiago e João, como "filhos do trovão", representam uma força de oposição ao status quo, desafiando as estruturas de poder tanto religiosas quanto políticas. No entanto, esta dimensão do símbolo é subordinada à estrutura religiosa, já que o foco principal da designação é espiritual.

Por último, a estrutura familiar ocupa a base, refletindo as relações imediatas de Tiago e João como membros de uma família judaica. Embora importante, essa estrutura é secundária em comparação com as estruturas religiosa e política, já que o simbolismo do trovão está mais associado à missão espiritual e ao impacto social do movimento de Jesus.

Sobre a Hierarquia Estrutural.

A hierarquia estrutural do símbolo "Boanerges" se evidencia pela centralidade do significado teológico e da estrutura religiosa. Os níveis literais e as estruturas econômicas, políticas e familiares, embora relevantes, ocupam uma posição de suporte dentro dessa hierarquia, subordinando-se aos aspectos espirituais e teológicos mais amplos.

Essa organização hierárquica permite uma compreensão mais profunda do símbolo "Boanerges", ao mostrar como ele se desdobra em diferentes camadas de significados e estruturas sociais. A centralidade do significado teológico e da estrutura religiosa posiciona "Boanerges" como um símbolo de autoridade espiritual, enquanto reflete as tensões culturais, teológicas e políticas da época.

Por fim, ao hierarquizar os significados e as estruturas, a T.G. oferece uma leitura que vai além da superfície, revelando como símbolos como "Boanerges"

operam dentro das redes de significação que moldam o texto sagrado e sua interpretação. Assim, "Boanerges" não apenas simboliza poder espiritual, mas também reflete as dinâmicas sociais e culturais do movimento de Jesus.

3.4) Comparação das Estruturas de Significados.

No desenvolvimento da Teoria Geertziana (T.G.), o quarto passo é dedicado à comparação das camadas de significados dentro de uma mesma estrutura social. A proposta deste passo é examinar os elementos simbólicos—ethos, disposições, visões de mundo e motivações—que constituem a base de análise de um símbolo específico, como "Boanerges" em Mc 3,17, e verificar como esses elementos interagem internamente dentro da estrutura analisada, como a religião, o senso comum ou outro sistema cultural.

Essa comparação interna é fundamental para identificar se há uma coerência entre os diferentes níveis simbólicos que sustentam o símbolo, ou se existem tensões que exigem uma reinterpretação ou revisão. O ethos de um grupo, por exemplo, expressa os valores e o caráter moral que guiam suas ações, enquanto a disposição se refere à prática derivada desses valores. A visão de mundo, por sua vez, descreve como esse grupo percebe e organiza a realidade social e cósmica, e a motivação revela o que impulsiona suas ações e comportamentos.

No quarto passo, a análise se aprofunda na organização hierárquica desses elementos simbólicos, avaliando se eles se sustentam de forma coerente ou apresentam descompassos que possam alterar a compreensão do símbolo. Essa investigação interna, focada em uma única estrutura social, ajuda a identificar as áreas de coesão e as possíveis fontes de conflito entre os significados associados ao símbolo, contribuindo para uma interpretação mais rica e contextualizada.

3.4.1) Análise de "Boanerges" nas Estruturas Sociais.

A análise do símbolo "Boanerges" no contexto do Evangelho de Marcos (Mc 3,17) revela uma complexa interação entre ethos, disposição, visão de mundo e motivação, dependendo da estrutura social em que o símbolo é examinado. Utilizando o quarto passo da Teoria Geertziana (T.G.), que sugere a comparação de camadas de significados dentro das estruturas sociais dominantes, destacam-se tanto as convergências quanto as tensões simbólicas que emergem. As cinco estruturas mais

relevantes para essa análise são: o Império Romano e a dominação imperial, o judaísmo e seus grupos religiosos, a sociedade judaica e a estrutura familiar, a economia rural e a pobreza, e a cultura helenística.

O Império Romano e a dominação imperial.

No período de redação do Evangelho de Marcos, a Palestina estava sob o controle do Império Romano, e essa dominação afetava todos os aspectos da vida cotidiana, desde as práticas religiosas até a estrutura política e econômica. O símbolo "Boanerges", atribuído a Tiago e João, pode ser interpretado como uma resposta simbólica a esse contexto de opressão imperial, revelando camadas de resistência e anseios messiânicos.

O ethos de "Boanerges" no contexto do Império Romano reflete um caráter combativo e de resistência à opressão. A designação "filhos do trovão" simboliza a força e a impetuosidade necessárias para confrontar a dominação romana, algo que se alinha ao desejo de libertação do povo judeu. Esse ethos de resistência se conecta à esperança messiânica de que um líder enviado por Deus libertaria Israel da opressão romana.

A disposição dos discípulos dentro dessa estrutura pode ser vista como uma prontidão para o confronto, seja de forma espiritual ou até mesmo militar. O simbolismo do trovão reforça essa disposição combativa, sugerindo que Tiago e João estavam preparados para agir com assertividade na defesa da missão de Jesus, caso fosse necessário, enfrentando até mesmo as autoridades romanas (Horsley, 2004, p. 55-58).

A visão de mundo de Tiago e João, representada pelo título "Boanerges", carrega um caráter apocalíptico. A expectativa messiânica da época estava ligada à ideia de que uma intervenção divina destruiria as forças opressoras e estabeleceria o Reino de Deus. Nesse sentido, Jesus e seus seguidores eram vistos como parte de um plano divino de libertação, no qual o Império Romano representaria as forças do mal.

A motivação central de "Boanerges" nesse contexto seria a libertação do jugo romano, tanto em nível espiritual quanto, para alguns, militar. Embora o Evangelho de Marcos não descreva Tiago e João como envolvidos em resistência

armada, o simbolismo de "Boanerges" sugere que sua motivação estava alinhada ao anseio messiânico de libertação.

O judaísmo e seus grupos religiosos.

A estrutura religiosa do judaísmo no século I era plural e fragmentada em grupos como os fariseus, saduceus, essênios e zelotes, cada um com suas próprias expectativas messiânicas. O símbolo "Boanerges" se insere nesse mosaico de visões religiosas, sendo interpretado de maneiras diferentes dependendo da posição de cada grupo.

O ethos de "Boanerges", no contexto religioso, reflete o zelo espiritual. Para os fariseus, esse ethos poderia simbolizar a dedicação à observância rigorosa da Lei. Para os zelotes, poderia significar uma disposição combativa pela libertação de Israel. Já os essênios, que buscavam a purificação de Israel, poderiam ver em "Boanerges" um símbolo de purificação e renovação.

A disposição dos discípulos dentro dessa estrutura está ligada à ação radical em prol do restabelecimento da verdadeira prática religiosa. Eles demonstram prontidão para atuar com zelo e intensidade, algo que pode ressoar com diferentes grupos, seja pela pureza religiosa ou pela libertação política.

A visão de mundo de Tiago e João, como "filhos do trovão", pode estar associada à expectativa messiânica, seja de uma restauração espiritual (fariseus) ou de uma libertação militar (zelotes). O título "Boanerges" reforça a ideia de que os discípulos estariam prontos para desempenhar um papel de liderança na transformação de Israel.

A motivação dos discípulos, nesse contexto religioso, revela uma busca por glória e poder, como visto em Mc 10,37, onde pedem para ocupar posições de destaque no reino de Jesus. Isso sugere uma compreensão inicial distorcida de sua missão, que Jesus corrigiria ao longo da narrativa.

A sociedade judaica e a estrutura familiar.

A estrutura familiar era o núcleo da sociedade judaica, e o papel do chefe da família era central. No entanto, o ministério de Jesus frequentemente desafiava essa estrutura, propondo uma nova ordem baseada em laços espirituais.

O ethos de "Boanerges" no contexto familiar reflete um rompimento com a estrutura patriarcal. Tiago e João, ao seguir Jesus, desafiam as normas tradicionais de obediência ao chefe da família, demonstrando uma lealdade superior à missão espiritual.

A disposição dos discípulos está marcada pela total dedicação a Jesus, rompendo com as obrigações familiares tradicionais. O nome "Boanerges" reforça essa prontidão para abandonar suas famílias em favor de uma nova aliança espiritual.

A visão de mundo dentro da estrutura familiar tradicional era centrada na manutenção dos laços de sangue. No entanto, Jesus redefine a família como aqueles que seguem a vontade de Deus, e o nome "Boanerges" reflete essa nova visão, onde os laços espirituais têm precedência sobre os familiares.

A motivação dos discípulos, nesse contexto, revela seu desejo de fazer parte da nova comunidade espiritual de Jesus, mesmo que isso signifique romper com as normas tradicionais.

A economia rural e a pobreza.

A economia da Palestina no século I era predominantemente rural e marcada pela pobreza. Jesus interagiu frequentemente com os marginalizados, oferecendo uma mensagem de justiça social.

O ethos de "Boanerges", nesse contexto, pode ser interpretado como a força dos que resistem à exploração econômica. O trovão simboliza a determinação dos pobres e marginalizados em lutar por justiça social.

A disposição dos discípulos está alinhada à inversão das hierarquias sociais, um tema comum nas pregações de Jesus. Eles estão prontos para agir em prol dos marginalizados, refletindo o ethos de luta por justiça social.

A visão de mundo de Tiago e João envolve a expectativa de um reino onde as hierarquias econômicas seriam invertidas, e os marginalizados, exaltados. O nome "Boanerges" reflete essa disposição para lutar por uma nova ordem social.

A motivação dos discípulos, nesse contexto, é o desejo de ver uma justiça social realizada. O zelo de Tiago e João reflete uma forte motivação para ver os pobres elevados em uma nova ordem social e espiritual.

A cultura helenística.

A influência helenística ainda era marcante na Palestina do século I, e muitos judeus viam a helenização como uma ameaça à pureza da fé judaica.

O ethos de "Boanerges" pode ser visto como um símbolo de resistência à assimilação cultural. Tiago e João refletem o desejo de preservar a identidade judaica em meio à pressão cultural helenística.

A disposição dos discípulos é combativa, recusando a assimilação à cultura grega. Eles representam a luta pela preservação da fé judaica em um ambiente que incentivava o sincretismo.

A visão de mundo dos discípulos, nesse contexto, é voltada para a preservação da identidade e da pureza judaica. O nome "Boanerges" simboliza essa resistência à fusão cultural, em favor de uma tradição religiosa pura.

A motivação de Tiago e João reflete a lealdade à tradição judaica e o desejo de resistir à helenização. Eles estão motivados a preservar os valores de sua fé, mesmo em face das influências externas.

Discussão de "Boanerges" nas Estruturas Sociais.

A análise de "Boanerges" nas estruturas sociais da Palestina do século I revela uma coerência interna entre ethos, disposição, visão de mundo e motivação. No entanto, surgem tensões à medida que as expectativas populares e as realidades espirituais se confrontam. As diferentes estruturas sociais moldam o símbolo de maneiras distintas, mas o título "Boanerges" carrega, em todas elas, uma simbologia de força, zelo e transformação social e espiritual.

3.4.2) Análise de "Boanerges" nas estruturas de significados.

A análise do símbolo "Boanerges" no Evangelho de Marcos (Mc 3,17), sob a perspectiva das estruturas de significados propostas pela Teoria Geertziana (T.G.), revela múltiplas camadas interpretativas que se inter-relacionam para formar uma compreensão profunda do termo. Cada nível de significado — literal, contextual, teológico, pragmático e hierárquico — oferece uma perspectiva distinta do símbolo e ao mesmo tempo revela como esses níveis interagem entre si, enriquecendo a análise simbólica.

O primeiro nível de significado é o literal, em que "Boanerges" é o título dado por Jesus aos discípulos Tiago e João, traduzido como "filhos do trovão".

Literalmente, o termo remete a força, poder e intensidade, sugerindo uma característica pessoal marcante em ambos, como impetuosidade e paixão. O trovão, na sua manifestação natural, é um fenômeno impressionante, e ao associá-lo aos discípulos, Jesus os reconhece como figuras com grande potencial para causar impacto. Esse nível literal fornece a base textual e conceitual para as camadas mais profundas de interpretação, porém, por si só, é insuficiente para capturar a complexidade do símbolo.

No nível contextual, o significado de "Boanerges" deve ser compreendido à luz das circunstâncias políticas, sociais e religiosas da Palestina do século I, um período marcado pela ocupação romana e pelas expectativas messiânicas. A pressão política e econômica sob o domínio romano e o anseio por um messias libertador permeavam a vida da população judaica. Dentro desse cenário, "filhos do trovão" pode representar figuras combativas que estavam preparadas para resistir à opressão imperial e desempenhar um papel na luta pela justiça e libertação. Nesse sentido, como Richard Horsley salienta, o trovão simboliza não apenas força espiritual, mas também a força política e o desejo por transformação social, um tema presente em várias interações de Jesus com as autoridades e elites de sua época (2004, p. 65-67).

No nível teológico, o termo adquire um significado mais profundo ao ser associado à mensagem espiritual e messiânica de Jesus. Na tradição bíblica, o trovão é frequentemente relacionado à voz e ao poder de Deus (Ex 19,16), indicando que Tiago e João não eram apenas apóstolos impetuosos, mas também portadores da mensagem divina, escolhidos para ressoar o evangelho com o mesmo impacto que um trovão. O martírio de Tiago (At 12,2) e a posição de João como uma figura central na igreja primitiva reforçam essa leitura teológica, sugerindo que o título "Boanerges" antecipa sua importância no futuro do movimento cristão, ecoando a força de sua missão e seu zelo espiritual.

O significado pragmático está relacionado à maneira como o termo "Boanerges" era compreendido pelas comunidades cristãs primitivas e pelo senso comum da época. Tiago e João, ao serem chamados "filhos do trovão", podem ter sido vistos como líderes espirituais firmes, com uma postura de autoridade e zelo que inspirava respeito e confiança. A coragem e a determinação atribuídas a eles eram qualidades valorizadas em tempos de perseguição e incerteza, e o título pode ter reforçado sua posição dentro da hierarquia cristã, sendo lembrados como figuras que

transmitiam a mensagem de Jesus com o mesmo vigor e impacto que um trovão durante crises e momentos de necessidade.

No nível hierárquico, a análise de "Boanerges" revela como as diferentes camadas de significados interagem e se organizam de forma dinâmica. O ethos de força e zelo, identificado no significado literal, está diretamente relacionado à disposição combativa de Tiago e João, que, no contexto da ocupação romana e das expectativas messiânicas, representam uma prontidão para enfrentar os desafios que seu movimento enfrentaria. Ao mesmo tempo, essa disposição combativa é complementada por uma visão teológica que vê os dois discípulos como parte de um embate messiânico e apocalíptico. Eles não são apenas seguidores de Jesus, mas agentes de uma missão maior, dotados de autoridade espiritual que ressoa tanto no plano divino quanto no social.

No significado pragmático, a motivação de proclamar a mensagem de Jesus com firmeza e proteger a comunidade cristã reflete o ethos e a disposição de Tiago e João. Entretanto, uma tensão surge entre essa força combativa e a mensagem pacífica e espiritual de Jesus, que priorizava a transformação interior em vez de uma revolução política. Essas tensões refletem as complexas expectativas messiânicas e apocalípticas do primeiro século, nas quais o papel de Jesus e seus seguidores podia ser entendido de maneiras diferentes por grupos distintos, como os zelotes, fariseus e outros movimentos.

Dessa forma, no nível hierárquico, as convergências e tensões entre os significados de "Boanerges" revelam um símbolo que equilibra força, zelo e liderança espiritual. O trovão, que inicialmente pode parecer uma simples metáfora de poder, encapsula um conceito mais profundo, onde os discípulos Tiago e João são agentes tanto de transformação espiritual quanto de liderança prática em um contexto de tensões sociais, religiosas e políticas.

Discussão de "Boanerges" nas Estruturas de Significados.

A análise do símbolo "Boanerges" a partir das estruturas de significados revela a profundidade e a complexidade do termo no contexto do Evangelho de Marcos. Ao aplicar a Teoria Geertziana (T.G.) e estratificar os níveis de significado, torna-se possível uma compreensão mais ampla do termo, que opera simultaneamente em múltiplos contextos: literal, social, teológico e pragmático. A T.G. permite explorar como essas camadas se interconectam e criam uma rede simbólica

complexa, revelando a riqueza semântica de "Boanerges" tanto como uma designação literal quanto como um símbolo messiânico.

Assim, "Boanerges" não apenas caracteriza Tiago e João como discípulos de personalidade forte, mas também os posiciona como líderes fundamentais no plano divino. Eles são representados como figuras cujo impacto ressoaria como trovão, tanto no anúncio do evangelho quanto na formação da comunidade cristã primitiva. Ao explorar essas camadas simbólicas, a T.G. destaca como a designação dada por Jesus insere os discípulos em um panorama mais amplo, cheio de expectativas messiânicas, lutas sociais e transformações espirituais.

3.5) Convergência e divergência nas estruturas de significados.

O quinto passo da Teoria Geertziana (T.G.) é dedicado à identificação de pontos convergentes e divergentes entre as diferentes estruturas de significados, especialmente as sociais, como a religião e o senso comum. Após a análise estratificada dos significados simbólicos e a investigação de suas camadas literais, contextuais, teológicas e pragmáticas, este passo se concentra em examinar como essas estruturas se relacionam, interagem e contrastam entre si.

Esse processo permite explorar em profundidade a forma como símbolos, como o nome "Boanerges" atribuído a Tiago e João (Mc 3,17), operam em diferentes contextos sociais e culturais. Em particular, a análise comparativa das camadas de significados identificadas nas várias estruturas sociais possibilita a compreensão de como os símbolos podem gerar interpretações distintas e até contraditórias, dependendo do grupo social, do ambiente histórico e das expectativas culturais envolvidas. Dessa forma, revela-se a complexidade da dinâmica simbólica no tecido social.

A religião e o senso comum, por exemplo, frequentemente oferecem perspectivas distintas sobre o mesmo símbolo. Enquanto a religião pode atribuir a um símbolo um sentido teológico e transcendental, o senso comum pode apropriar-se desse mesmo símbolo de maneira prática e cotidiana, criando novas camadas de significados que convivem com a interpretação religiosa. Assim, o quinto passo da T.G. busca identificar essas convergências e divergências, analisando como os significados simbólicos dialogam entre as estruturas sociais, culturais e religiosas.

Essa fase é fundamental para o processo hermenêutico dentro da T.G., pois destaca como os símbolos não são apenas representações estáticas, mas estão em constante negociação entre as diferentes forças sociais e culturais. O objetivo deste passo é, portanto, revelar as tensões, os paralelismos e as influências mútuas entre essas estruturas, fornecendo uma visão mais holística do papel dos símbolos nos textos religiosos antigos e na sociedade em geral.

A seguir, será aplicada essa metodologia para identificar as convergências e divergências presentes no símbolo "Boanerges", explorando como ele se manifesta e é interpretado em diferentes estruturas sociais na Palestina do primeiro século, como a religião, a economia, a família e a cultura helenística.

3.5.1) Pontos de convergência entre as estruturas sociais e de significado.

A análise simbólica do nome "Boanerges", atribuído a Tiago e João no Evangelho de Marcos (Mc 3,17), quando interpretada através da Teoria Geertziana (T.G.), revela várias convergências entre as estruturas sociais e de significado da Palestina do primeiro século. Essas convergências surgem à medida que o símbolo é examinado em diferentes contextos sociais — como o Império Romano, o judaísmo e seus grupos religiosos, a estrutura familiar, a economia rural e a cultura helenística — , bem como através das camadas de significados literais, contextuais, teológicos e pragmáticos. Este processo de identificação de convergências permite observar como esses diferentes âmbitos dialogam entre si, refletindo a interconectividade simbólica e cultural da época.

No plano religioso, a principal convergência reside na visão de mundo apocalíptica e messiânica que permeava tanto a expectativa judaica quanto o movimento de Jesus. Tanto no contexto dos grupos religiosos judeus quanto no movimento cristão emergente, o símbolo "Boanerges" reflete a crença comum de que Tiago e João eram figuras de poder e autoridade, associadas ao juízo divino e à ação de Deus no mundo. O trovão, frequentemente relacionado à voz de Deus no Antigo Testamento, é entendido como uma metáfora tanto para a autoridade espiritual quanto para o impacto transformador que os discípulos trariam, o que gera uma convergência teológica significativa entre o judaísmo e o cristianismo primitivo, como destacado por Marc Girard (1997). O ethos de força espiritual e poder é comum nas duas tradições,

evidenciando uma expectativa messiânica que unificava os anseios das diferentes comunidades religiosas.

Outro ponto de convergência importante surge na estrutura familiar e na ideia de autoridade e liderança. No contexto da família patriarcal judaica, a figura do pai possuía uma “superioridade” inquestionável sobre os membros da casa, conforme indica Malina e Rohrbaugh (2017) e Hendrika Roskam (2004). Esse ethos patriarcal convergia com o simbolismo de "Boanerges", que atribui a Tiago e João uma autoridade espiritual equiparada à de líderes. Na estrutura familiar, o poder de liderança era conferido ao chefe de família, da mesma forma que Jesus confere a Tiago e João um papel de liderança espiritual em seu movimento. O ethos de autoridade se reflete tanto nas relações familiares quanto na missão religiosa, onde a liderança espiritual e o poder eram fundamentais para o cumprimento do papel messiânico e para a preservação da ordem social. Essa convergência de autoridade, conforme destacam Rhoads, Dewey e Michie (2012, p.124-128) reforça o papel dos apóstolos como figuras centrais no estabelecimento da nova "família de Deus", um conceito que permeia a narrativa de Marcos (cf. Mc 3,31-35).

A convergência também é notável na estrutura econômica e política, onde o símbolo "Boanerges" reflete o ethos de resistência e força em meio à opressão. Tanto no contexto da economia rural quanto na dominação imperial romana, Tiago e João, como "filhos do trovão", simbolizam a resistência contra as estruturas opressivas que exploravam as classes mais baixas e controlavam a Palestina. Esse simbolismo de resistência aparece em várias passagens do Evangelho de Marcos, onde Jesus e seus discípulos confrontam as elites religiosas e políticas. Assim, o trovão, como símbolo de poder e transformação, converge com a expectativa de resistência ao poder opressor, tanto no nível político quanto no nível econômico. No contexto rural, onde a pobreza e a exploração eram comuns, a imagem de Tiago e João como líderes combativos converge com o anseio popular por justiça e por uma transformação social que subvertesse as hierarquias econômicas impostas tanto por Roma quanto pela elite local.

Na cultura helenística, há também uma convergência simbólica, ainda que mais sutil, entre a força representada pelo trovão e a resistência cultural à helenização. A Palestina do primeiro século estava profundamente marcada pela influência helenística, e muitos grupos judeus buscavam preservar sua identidade cultural e

religiosa em meio à pressão de assimilação. O ethos de preservação cultural e resistência contra a dominação cultural estrangeira encontra eco no símbolo "Boanerges", que representa a força e a firmeza dos discípulos em seu compromisso com a mensagem de Jesus, evitando a assimilação das ideias helenísticas. Embora a mensagem de Jesus transcenda as fronteiras culturais, o símbolo dos "filhos do trovão" pode ser interpretado como uma manifestação dessa resistência à diluição cultural, refletindo a busca por uma identidade religiosa autêntica e não corrompida.

Por fim, uma convergência importante é observada na dimensão teológica. Em todas as estruturas sociais examinadas, o símbolo "Boanerges" está profundamente associado ao poder e à intervenção divina. No nível teológico, o trovão não é apenas uma metáfora para o impacto e a força dos discípulos, mas uma representação do poder de Deus em ação. Tanto no contexto judaico quanto no movimento cristão nascente, Tiago e João, como "filhos do trovão", são vistos como portadores da autoridade divina, cujo papel é preparar o caminho para o Reino de Deus. Essa convergência teológica reforça a centralidade do símbolo dentro da narrativa messiânica e apocalíptica, destacando a importância de Tiago e João como figuras que, com sua força espiritual, contribuirão para a realização do plano divino.

Em resumo, os pontos de convergência entre as diferentes estruturas sociais e de significados do símbolo "Boanerges" revelam uma interconexão entre as expectativas messiânicas, a liderança espiritual, a resistência política e a preservação cultural. Essas convergências demonstram como o símbolo, ao ser interpretado em diferentes contextos, reflete uma narrativa coesa de poder, autoridade e transformação social e espiritual. A Teoria Geertziana, ao aplicar essa análise estratificada e comparativa, ilumina como o símbolo "Boanerges" opera de maneira multifacetada dentro do Evangelho de Marcos, integrando as diversas forças sociais e culturais que moldavam a Palestina do primeiro século.

3.5.2) Pontos de Divergência entre as Estruturas Sociais e de Significado.

Ao aplicar a Teoria Geertziana (T.G.) à análise do símbolo "Boanerges" (Mc 3,17), identificam-se também pontos de divergência entre as estruturas sociais e de significado. Essas divergências evidenciam como as diferentes camadas interpretativas, quando vistas em seus respectivos contextos, podem apresentar tensões e contrastes, tanto dentro das estruturas sociais da Palestina do primeiro

século quanto nas expectativas messiânicas, políticas e culturais associadas ao símbolo. A identificação dessas divergências permite uma compreensão mais refinada das dinâmicas sociais e simbólicas em jogo, ao revelar as limitações e as reinterpretações do símbolo "Boanerges" em diferentes esferas.

A primeira grande divergência ocorre na relação entre o Império Romano e as expectativas messiânicas do judaísmo. No contexto da dominação romana, o símbolo "Boanerges" poderia ser interpretado como uma representação de resistência política, sugerindo que Tiago e João desempenhariam um papel combativo na luta contra o poder imperial. No entanto, dentro da visão teológica apresentada por Jesus, essa expectativa militarista é constantemente desafiada. Embora o trovão possa simbolizar a força e o poder que muitos judeus esperavam de um líder messiânico, Jesus reinterpreta essa força de maneira espiritual, sugerindo um reino que não se alinha diretamente às expectativas de libertação política imediata. Essa tensão gera uma divergência significativa entre o significado contextual e teológico de "Boanerges". A expectativa de muitos judeus, de que os seguidores de Jesus assumiriam papéis revolucionários contra Roma, entra em contraste com a mensagem de Jesus sobre um reino de natureza espiritual, em vez de militar.

Uma divergência adicional emerge no âmbito dos grupos religiosos judaicos. Enquanto os fariseus, saduceus, essênios e zelotes possuíam visões distintas sobre a prática da lei e o papel do messias, o símbolo "Boanerges" pode ser interpretado de maneira ambígua entre esses grupos. Para os fariseus, o zelo de Tiago e João poderia ser visto como uma manifestação de rigor na observância da Lei e um compromisso com a pureza religiosa.

No entanto, esse zelo messiânico não se alinha completamente com a interpretação farisaica tradicional, que enfatizava o cumprimento da Lei em detrimento da ação revolucionária ou militar. Por outro lado, para os zelotes, "Boanerges" poderia ser visto como uma metáfora para a disposição combativa e a resistência armada contra a opressão romana, algo que se distanciava da postura mais espiritual e não militar de Jesus. Essa divergência entre o zelo legalista dos fariseus e o militarismo dos zelotes evidencia uma tensão entre as expectativas dos grupos religiosos e a visão mais ampla e espiritual de Jesus sobre o papel de seus discípulos.

No plano da estrutura familiar, outra divergência significativa é observada entre as normas patriarcais da sociedade judaica e a redefinição das relações

familiares proposta por Jesus. O simbolismo de "Boanerges" sugere força e autoridade, características que, no contexto familiar judaico, estariam associadas à figura do pai como chefe da família. No entanto, a mensagem de Jesus, que frequentemente desafia essas normas familiares, cria uma ruptura com essa expectativa tradicional.

Ao redefinir a família como uma comunidade espiritual (cf. Mc 3,31-35), Jesus desafia a centralidade do poder patriarcal (Malina e Rohrbaugh, 2017, p. 446), sugerindo que a verdadeira autoridade reside na obediência a Deus, e não nos laços sanguíneos. Isso gera uma divergência entre o ethos tradicional da estrutura familiar e o ethos espiritual que Jesus promove. Tiago e João, ao serem chamados de "filhos do trovão", representam essa nova autoridade, mas de uma forma que transcende os laços familiares tradicionais, criando uma tensão entre as normas sociais e a nova visão de comunidade que Jesus propõe.

No contexto da economia rural e da pobreza, a divergência está relacionada à expectativa de transformação social e material imediata. O simbolismo de "Boanerges" pode ser visto como uma representação de força e resistência contra a opressão econômica. Tiago e João, como "filhos do trovão", poderiam ser interpretados como líderes na luta pela justiça social, especialmente para as classes mais baixas que sofriam sob a exploração econômica do Império Romano e das elites judaicas. No entanto, a mensagem de Jesus, embora enfatize a justiça e a preocupação com os pobres, não se centra em uma transformação social ou econômica imediata. Ao invés disso, Jesus propõe uma inversão espiritual das hierarquias sociais, onde os últimos serão os primeiros no Reino de Deus (cf. Mc 10,31). Essa tensão gera uma divergência entre a expectativa pragmática de uma libertação material imediata e o enfoque espiritual e escatológico da mensagem de Jesus, sugerindo que o simbolismo de "Boanerges" poderia ser interpretado de forma divergente pelos que esperavam uma mudança mais prática e tangível.

Outra divergência significativa ocorre no contexto da cultura helenística. Embora a Palestina estivesse sob influência helenística há séculos, muitos judeus resistiam à assimilação cultural, lutando para preservar sua identidade religiosa e cultural em meio à pressão de adoção de costumes gregos. O símbolo "Boanerges", como um emblema de força e zelo, poderia ser interpretado como uma representação dessa resistência cultural.

No entanto, a própria mensagem de Jesus transcende as fronteiras culturais e étnicas, propondo uma nova visão de inclusão universal. Isso gera uma divergência entre o desejo de preservar a identidade judaica e a mensagem de Jesus que, muitas vezes, sugere uma inclusão que vai além dos limites culturais e religiosos. Embora Tiago e João possam ser vistos como figuras de resistência cultural, o próprio movimento de Jesus é caracterizado por uma abertura que desafia as barreiras impostas pela cultura helenística e judaica. Essa divergência se manifesta na tensão entre o zelo pela preservação cultural e a mensagem inclusiva de Jesus.

Por fim, no nível teológico, uma das maiores divergências reside na própria interpretação da missão dos discípulos. O simbolismo de "Boanerges", com sua conotação de força e poder, pode sugerir que Tiago e João desempenhariam papéis centrais e dominantes na liderança do movimento de Jesus. No entanto, essa visão entra em contraste com a própria mensagem de Jesus, que constantemente redefine o poder e a liderança em termos de serviço e sacrifício. Quando os discípulos pedem para se sentarem à direita e à esquerda de Jesus em sua glória (cf. Mc 10,35-45), Jesus os corrige, explicando que a verdadeira grandeza no Reino de Deus não reside no poder ou na autoridade visível (Malbon, 2014, p. 145-146), mas na disposição de servir e sacrificar-se pelos outros. Essa divergência teológica entre o simbolismo de poder de "Boanerges" e a mensagem de serviço de Jesus reflete uma tensão interna no próprio movimento cristão primitivo sobre a natureza do poder e da liderança espiritual.

Em resumo, os pontos de divergência entre as estruturas sociais e de significados do símbolo "Boanerges" revelam tensões importantes entre as expectativas messiânicas, políticas e culturais do primeiro século. Essas divergências mostram como o símbolo pode ser interpretado de maneiras diferentes dependendo do contexto, refletindo as múltiplas camadas de significados que a Teoria Geertziana permite explorar. A análise dessas divergências enriquece a compreensão do Evangelho de Marcos, ao demonstrar que o símbolo "Boanerges" é ao mesmo tempo um reflexo das expectativas populares e um desafio às mesmas, oferecendo uma visão multifacetada do papel dos discípulos na missão de Jesus.

3.5.3) Análise comparativa entre as diferentes estruturas.

A seguir, apresenta-se uma tabela comparativa que organiza as diferentes interpretações e significados do símbolo "Boanerges" (Mc 3,17), conforme a análise comparativa realizada dentro das diversas estruturas sociais e de significados, conforme a Teoria Geertziana (T.G.). A tabela busca ilustrar as camadas de significados — literal, contextual, teológico, pragmático e hierárquico — em relação às principais estruturas sociais presentes na Palestina do século I, como o Império Romano, os grupos religiosos judaicos, a estrutura familiar, a economia rural e a cultura helenística.

Com isso, destaca-se não apenas os pontos de convergência nas interpretações, mas também as divergências e tensões que emergem entre os diferentes contextos, facilitando a visualização das interações simbólicas e os desdobramentos de "Boanerges" em cada uma dessas esferas.

Tabela 12- Tabela de pontos convergentes e divergentes entre as estruturas presentes em Mc 3,17.

Estrutura Social	Significado Literal	Significado Contextual	Significado Teológico	Significado Pragmático	Divergências e Tensão
Império Romano	"Filhos do Trovão" (força e poder)	Resistência ao domínio romano	Autoridade espiritual e messiânica de Tiago e João	Expectativa de libertação política	Divergência entre resistência política e mensagem espiritual de Jesus (reino espiritual)
Grupos Religiosos Judaicos	Discípulos impetuosos	Zelo pela Lei e pureza religiosa	Mensageiros do poder divino	Líderes espirituais nas comunidades cristãs	Divergência entre o zelo militarista (zelotes) e a missão espiritual de Jesus
Estrutura Familiar	Força de caráter	Rompimento com a tradição patriarcal	Nova "família de Deus"	Comprometimento com a nova comunidade espiritual	Conflito entre a estrutura patriarcal e a redefinição de família

					espiritual por Jesus
Economia Rural e Pobreza	Resistência e força	Esperança de justiça social e libertação econômica	Transformação espiritual das hierarquias sociais	Líderes dos marginalizados e oprimidos	Tensão entre transformação econômica imediata e transformação espiritual progressiva
Cultura Helenística	Defesa da pureza cultural	Resistência à helenização	Inclusão universal proposta por Jesus	Símbolo de preservação da identidade judaica	Conflito entre preservação da identidade judaica e mensagem inclusiva de Jesus

Explicação da Tabela:

Significado Literal: O termo "Boanerges", que literalmente significa "filhos do trovão", evoca força e poder. Este é o ponto de partida comum entre todas as estruturas sociais analisadas.

Significado Contextual: Dependendo do contexto (político, religioso, social), o símbolo de "Boanerges" assume diferentes conotações. Por exemplo, no contexto do Império Romano, representa resistência à opressão; nos grupos religiosos judaicos, simboliza o zelo pela pureza e pela Lei.

Significado Teológico: A interpretação teológica de "Boanerges" está centrada na ideia de que Tiago e João são mensageiros da autoridade divina, vinculando o trovão à voz de Deus e à missão espiritual dos discípulos.

Significado Pragmático: No nível pragmático, "Boanerges" reflete a maneira como Tiago e João eram percebidos nas primeiras comunidades cristãs: como líderes espirituais fortes e comprometidos, que personificavam a firmeza e o zelo necessários para guiar a comunidade.

Divergências e Tensão: Aqui são identificadas as tensões e divergências entre os diferentes contextos de interpretação. Por exemplo, enquanto no contexto do Império Romano o símbolo pode ser associado à libertação política, a mensagem de Jesus é claramente espiritual, gerando uma divergência. Da mesma forma, a cultura

helenística sugere uma tensão entre o desejo de preservar a identidade judaica e a inclusão universal proposta por Jesus.

Essa tabela sintetiza as múltiplas camadas de significado de "Boanerges" em cada uma das estruturas sociais, facilitando a compreensão das convergências e divergências de uma maneira visual e estruturada.

3.6) Determinação das características formativas dos elementos simbólicos.

No sexto passo da Teoria Geertziana (T.G.), a análise concentra-se em determinar as características formativas dos elementos simbólicos com base nos pontos de convergência identificados entre as diferentes camadas de significados e estruturas sociais. Esse estágio é essencial para consolidar uma compreensão mais abrangente do símbolo, pois os pontos de convergência revelam as propriedades centrais e os significados fundamentais que sustentam a sua função dentro de um contexto cultural ou religioso.

A partir dessa análise, as camadas de significado — literal, contextual, teológica, pragmática e hierárquica — são refinadas para identificar as dimensões essenciais que moldam o símbolo. Essas características formativas determinam como o símbolo opera, quais são seus valores culturais intrínsecos e como ele influencia e é influenciado pelas estruturas sociais que o envolvem. Ao considerar as convergências entre diferentes camadas, o símbolo ganha uma definição mais precisa, revelando as suas funções na preservação, transformação ou subversão de valores e crenças dentro do contexto religioso e social.

Dessa forma, o sexto passo da T.G. define a identidade e a função do símbolo a partir das convergências observadas, oferecendo uma leitura consolidada que integra as várias esferas de análise, como a religião, a economia, a política e a cultura. Ele permite que o pesquisador capte não apenas as nuances do símbolo, mas também o papel que ele desempenha na manutenção da coesão social ou na provocação de mudanças dentro de uma tradição cultural.

3.6.1) Integração das camadas de significado.

A análise dos símbolos no âmbito da Teoria Geertziana (T.G.) exige uma integração cuidadosa das diferentes camadas de significado, o que permite uma compreensão mais profunda e estruturada dos símbolos religiosos. No caso do termo

“Boanerges” atribuído a Tiago e João (Mc 3,17), observamos como as camadas literal, contextual, teológica, pragmática e hierárquica se inter-relacionam para formar uma análise simbólica coesa e multifacetada. A seguir, examina-se a conexão entre essas camadas, destacando suas contribuições para a formação de um entendimento consolidado do símbolo.

A camada literal fornece a base semântica para a análise, onde o termo “Boanerges” é traduzido como “filhos do trovão”. Essa camada estabelece o ponto de partida mais direto, sugerindo características como força e poder pessoal. A literalidade do trovão evoca uma imagem natural de intensidade e impetuosidade, o que, por si só, atribui a Tiago e João um caráter marcante e expressivo. No entanto, como observado por Theissen (2009, p. 40), a camada literal é apenas uma introdução ao simbolismo mais complexo que se revelará nas camadas subsequentes. O termo, ainda que importante em seu significado direto, precisa ser complementado por camadas mais interpretativas para capturar seu pleno significado cultural e religioso.

A camada contextual, por sua vez, amplia essa interpretação ao situar o símbolo no cenário político e social da Palestina do primeiro século. Sob o domínio romano, as expectativas messiânicas e as tensões entre os judeus e os romanos permeavam o cotidiano da população. Nesse contexto, a designação “filhos do trovão” adquire conotações de resistência e confronto com as autoridades romanas. Segundo Bond (2012, p. 73), a narrativa do Evangelho de Marcos reflete essas tensões políticas, e o título dado a Tiago e João pode ser visto como uma metáfora de oposição ao poder opressor. O trovão, aqui, não apenas indica o temperamento dos discípulos, mas também representa uma disposição combativa frente à ocupação imperial. Essa camada contextual permite uma leitura mais ampla do símbolo, conectando-o às realidades sociais e históricas da época.

A camada teológica exerce um papel central na hierarquia de significados, como mencionado por Morin (1978, p. 31), ao associar o trovão à voz de Deus, um símbolo frequentemente presente nas escrituras hebraicas (cf. Ex 19,16). Nesta camada, Tiago e João são interpretados como mensageiros do poder divino, cuja missão está profundamente ligada à proclamação da palavra de Deus com o mesmo impacto e força de um trovão. O significado teológico se destaca como o núcleo central da interpretação simbólica, pois eleva o símbolo de um contexto meramente humano para o plano divino. A missão dos discípulos é, portanto, compreendida não apenas

como um papel de liderança no movimento de Jesus, mas como uma participação ativa na realização do plano messiânico e escatológico. A morte de Tiago como mártir e o papel de João na igreja primitiva reforçam essa camada teológica, mostrando a permanência e a profundidade do simbolismo do trovão ao longo da história cristã.

A camada pragmática traz à tona como o símbolo de “Boanerges” seria entendido pelo senso comum da época e pelas primeiras comunidades cristãs. Tiago e João, designados como “filhos do trovão”, eram vistos como líderes espirituais firmes e corajosos, cujas ações inspiravam confiança e autoridade entre os seguidores de Jesus. No contexto das perseguições e das incertezas enfrentadas pelas primeiras comunidades, a imagem de líderes fortes e decididos era fundamental para garantir a coesão e a resiliência do grupo (Horsley e Hanson, 1995, p. 57-65). Como afirma Dunn (2005, p. 485), o simbolismo de poder e autoridade espiritual de Tiago e João desempenhou um papel essencial no fortalecimento dessas comunidades emergentes, proporcionando uma base pragmática para a liderança cristã em tempos de adversidade.

Por fim, a camada hierárquica organiza essas diferentes camadas de significado em uma estrutura coerente e interconectada. No caso de “Boanerges”, o significado teológico assume uma posição de destaque, pois a associação com o poder divino é a chave para compreender o impacto do símbolo no contexto religioso. No entanto, essa camada teológica é sustentada pelo contexto histórico e pelo senso comum da época, que reforçam a relevância social e prática dos discípulos. O trovão, inicialmente uma referência literal de poder, se transforma à medida que as camadas interagem, adquirindo conotações de liderança espiritual, resistência social e participação divina. A hierarquia de significados, portanto, coloca o aspecto teológico no topo, mas reconhece a importância das outras camadas na formação de um entendimento completo e profundo do símbolo.

Conforme demonstrado, a integração das camadas literal, contextual, teológica, pragmática e hierárquica revela a complexidade do símbolo “Boanerges” e sua capacidade de representar múltiplos significados dentro do Evangelho de Marcos. O termo, ao ser analisado através da lente da T.G., reflete uma inter-relação densa entre forças sociais, históricas e espirituais que moldam a compreensão do texto. Dessa forma, o processo de estratificação de significados, aliado à organização

hierárquica, permite que o símbolo seja entendido em sua totalidade, promovendo uma análise rica e interdisciplinar.

3.6.2) A convergência entre as estruturas sociais e os significados simbólicos.

No processo de análise simbólica proposto pela Teoria Geertziana (T.G.), a convergência entre as estruturas sociais e os significados simbólicos desempenha um papel fundamental para a compreensão integrada do símbolo no contexto de textos religiosos antigos. Aplicado ao estudo de “Boanerges” (Mc 3,17), esse processo revela como as diferentes estruturas sociais da Palestina do primeiro século — o Império Romano, os grupos religiosos judaicos, a estrutura familiar patriarcal, a economia rural e a cultura helenística — interagem com as camadas de significado literal, contextual, teológica, pragmática e hierárquica. O objetivo deste tópico é demonstrar como essas estruturas convergem para formar um entendimento coeso e multifacetado do símbolo, que reflete tanto as dinâmicas sociais quanto as expectativas espirituais e messiânicas da época.

A convergência mais evidente ocorre entre as estruturas de significado teológico e o contexto político e religioso da Palestina sob o Império Romano. Conforme discutido por Theissen (2009, p. 40), a ocupação romana e as expectativas messiânicas judaicas criavam um cenário de resistência e esperança por libertação. O símbolo “Boanerges”, que evoca trovões — tradicionalmente associados à manifestação do poder divino (cf. Ex 19,16) —, ressoa com essa expectativa de intervenção divina contra o domínio opressor. A convergência entre o significado teológico do símbolo, que associa Tiago e João à autoridade divina, e o contexto social de opressão romana reflete um anseio comum por uma liderança espiritual que seria responsável por confrontar as injustiças políticas da época. Dessa forma, o símbolo não apenas encapsula a força e o zelo dos apóstolos, mas também se alinha ao desejo por uma revolução espiritual e social que transformaria as condições de vida do povo judeu.

Outro ponto de convergência significativo é observado na relação entre o significado literal de “Boanerges” e a estrutura familiar patriarcal da sociedade judaica. Na sociedade do primeiro século, a liderança e a autoridade eram tradicionalmente centralizadas na figura do patriarca, cujo papel era garantir a ordem e a continuidade familiar (Malina e Rohrbaugh, 2017, p. 476). Nesse contexto, o título “filhos do trovão”

pode ser visto como uma extensão simbólica desse ethos de liderança, projetado agora no âmbito espiritual e comunitário. Morin (1978, p. 31) argumenta que o poder e a autoridade do chefe de família no contexto judaico se traduzem em uma expectativa de responsabilidade moral e religiosa, características que são amplamente atribuídas a Tiago e João na narrativa evangélica. O trovão, enquanto símbolo de força e impacto, reflete essa convergência entre os valores patriarcais e o papel dos apóstolos como líderes espirituais. Essa conexão entre o ethos patriarcal e a missão apostólica redefine a autoridade tradicional em termos espirituais, ao mesmo tempo que preserva a estrutura social subjacente de liderança (Malina e Rohrbaugh, 2017, p. 462).

No campo da economia rural, a convergência entre o significado pragmático de “Boanerges” e as condições sociais da época é notável. A Palestina do primeiro século, marcada por uma economia agrária e pelas desigualdades impostas pelo domínio romano, apresentava um cenário de exploração e pobreza. Nesse contexto, o símbolo “Boanerges” reflete a esperança dos marginalizados por justiça social e uma transformação das hierarquias estabelecidas. Segundo Eric C. Stewart (2010, p. 156), os camponeses e pescadores que compunham a maioria da população judaica esperavam que figuras como Tiago e João desempenhassem um papel de liderança na resistência contra a opressão. A força e a intensidade atribuídas ao trovão representam, nesse contexto, a voz dos oprimidos clamando por mudanças sociais. Assim, o simbolismo de poder espiritual se converte em uma expectativa prática de liderança na luta pela justiça econômica, refletindo a convergência entre os valores religiosos e as realidades socioeconômicas da Palestina rural.

A cultura helenística, por sua vez, oferece uma convergência mais sutil entre os significados contextual e pragmático do símbolo. Embora o movimento de Jesus tenha buscado uma visão inclusiva que transcendesse as barreiras culturais e religiosas, o trovão de “Boanerges” pode ser visto como uma expressão de resistência à assimilação helenística. Como observa Horsley (2015, p. 45), a pressão para adotar práticas culturais e religiosas gregas era forte em áreas urbanas como Séforis e Tiberíades. No entanto, muitos judeus viam na preservação da pureza religiosa uma forma de resistência ao imperialismo cultural. O trovão, nesse sentido, simboliza a força daqueles que se mantêm firmes em sua identidade religiosa, recusando a diluição de seus valores diante das influências estrangeiras. A convergência entre o

ethos de resistência cultural e a missão apostólica de Tiago e João reflete a intersecção entre o zelo religioso e a preservação da identidade judaica no ambiente multicultural do primeiro século.

Finalmente, a convergência hierárquica entre todas as camadas de significado revela uma interconexão orgânica entre os níveis simbólicos. O significado teológico de “Boanerges” assume a centralidade, pois define a função principal do símbolo como uma representação do poder divino em ação. No entanto, essa camada é sustentada pela literalidade do termo e pelo seu contexto político, ambos essenciais para entender a relevância histórica e social de Tiago e João. A camada pragmática, por sua vez, assegura que o símbolo mantenha sua aplicabilidade prática para as primeiras comunidades cristãs, que viam nesses discípulos líderes espirituais resilientes, capazes de enfrentar crises e desafios. A convergência dessas camadas, conforme discutido por Roskam (2004, p. 72), resulta em uma compreensão completa e integrada do símbolo, que reflete tanto a autoridade espiritual quanto as tensões sociais e políticas da época.

Dessa forma, a convergência entre as estruturas sociais e os significados simbólicos de “Boanerges” oferece uma análise densa e multidimensional do símbolo, conectando as camadas de significados às realidades socioculturais da Palestina do primeiro século. A T.G., ao proporcionar essa perspectiva estratificada e comparativa, ilumina a complexidade das interações simbólicas que moldam a compreensão dos textos religiosos antigos.

3.6.3) A divergência entre as estruturas sociais e os significados simbólicos.

Na aplicação da Teoria Geertziana (T.G.), as divergências entre as estruturas sociais e os significados simbólicos desempenham um papel essencial na revelação das tensões culturais, religiosas e políticas que moldam a compreensão dos símbolos em textos religiosos antigos. Essas tensões são, frequentemente, o resultado de uma interação complexa entre as diferentes camadas de significados e as expectativas diversas presentes nas várias estruturas sociais da Palestina do primeiro século. A análise do símbolo “Boanerges” (Mc 3,17) demonstra como esses conflitos emergem tanto nas esferas teológicas quanto nos contextos políticos e culturais. Este tópico se concentrará em demonstrar como essas divergências contribuem para uma visão mais aprofundada do símbolo, mostrando como ele é

interpretado de maneiras variadas e, por vezes, contraditórias, em função dos grupos sociais, do ethos religioso e do cenário histórico.

A primeira grande divergência entre as estruturas sociais e os significados simbólicos de “Boanerges” aparece no contexto da dominação romana e das expectativas messiânicas do povo judeu. A ocupação romana representava uma força opressora que controlava politicamente a Palestina, impondo pesadas tributações e reprimindo revoltas locais. No entanto, o significado teológico de “Boanerges”, que enfatiza o poder espiritual e a autoridade divina conferida a Tiago e João, contrasta diretamente com a expectativa comum de uma libertação militar imediata. Embora o trovão possa simbolizar força e resistência, o foco de Jesus em um reino espiritual, em vez de uma insurreição militar contra Roma, gera uma dissonância entre a interpretação pragmática esperada pelas comunidades judaicas e a real mensagem teológica do símbolo. A divergência é, assim, acentuada pelo fato de que, enquanto muitos judeus viam o poder de Deus se manifestando por meio de libertadores messiânicos armados, Jesus redefine essa força como uma transformação interior e espiritual, frustrando expectativas políticas imediatas (Theissen, 1979, p. 30).

Essa divergência também se estende às disposições e visões de mundo dos diferentes grupos religiosos dentro do judaísmo. Enquanto os zelotes, por exemplo, poderiam interpretar o simbolismo de “Boanerges” como um apelo à resistência armada, os fariseus, que priorizavam a pureza ritual e o cumprimento estrito da Lei, enxergariam o zelo de Tiago e João como algo relacionado à obediência legalista. No entanto, o significado teológico de Jesus para seus discípulos como “filhos do trovão” transcende essas interpretações, sugerindo um papel mais elevado e espiritual. Jesus, em sua missão, parece estar corrigindo essa visão distorcida de poder. Em Mc 10,35-45, quando Tiago e João pedem para se sentarem à sua direita e à sua esquerda em seu reino, Jesus os repreende, indicando que o verdadeiro poder no Reino de Deus reside no serviço e no sacrifício, e não na autoridade política ou militar. Esse confronto entre o simbolismo de poder e a realidade do serviço cristão exemplifica uma divergência fundamental entre as camadas de significado contextual e teológica, uma tensão que se reflete nos vários grupos religiosos que operavam na Palestina do primeiro século (Bond, 2012, p. 73).

Outra divergência significativa surge no âmbito da estrutura familiar tradicional. A sociedade judaica do primeiro século era marcada por uma organização

patriarcal rígida, onde a autoridade do pai era central na manutenção da coesão social e religiosa. A designação de Tiago e João como “filhos do trovão” pode ser vista como uma metáfora para a sua liderança espiritual e autoridade no movimento de Jesus. No entanto, essa interpretação confronta diretamente o ethos da família tradicional, uma vez que Jesus redefiniu a família não pelos laços de sangue, mas pela obediência à vontade de Deus. Em Mc 3,31-35, Jesus afirma que seus verdadeiros irmãos e irmãs são aqueles que seguem sua mensagem, subvertendo as expectativas familiares normativas e desafiando o sistema patriarcal. Essa divergência entre a estrutura familiar e o novo conceito de família espiritual representado por “Boanerges” reflete uma tensão profunda entre a tradição cultural e a nova ordem espiritual proposta por Jesus (MacDonald, 2010, p. 37).

Além disso, há uma divergência notável entre as expectativas de transformação social no contexto da economia rural e a mensagem escatológica e espiritual de Jesus. A Palestina do primeiro século era predominantemente agrária, e a grande maioria da população vivia em condições de extrema pobreza, sofrendo sob o peso da exploração econômica romana e judaica. O símbolo de “Boanerges”, ao evocar o trovão e a força, pode ter sido interpretado pelas classes oprimidas como um sinal de uma iminente justiça social. Tiago e João, como líderes do movimento messiânico, poderiam ser vistos como portadores de uma libertação econômica concreta e imediata. Contudo, a divergência emerge quando a transformação pregada por Jesus não ocorre no âmbito material, mas sim no plano espiritual, o que gera uma frustração para aqueles que esperavam mudanças tangíveis em suas condições de vida. A inversão das hierarquias pregada por Jesus — em que “os últimos serão os primeiros” — era, no entanto, uma promessa para o Reino de Deus e não para o mundo imediato, o que intensificava a tensão entre as expectativas sociais e a mensagem espiritual (Azevedo, 2002, p. 164).

Por fim, a cultura helenística oferece uma última dimensão de divergência simbólica. A influência grega na Palestina era uma realidade presente desde as conquistas de Alexandre, o Grande, e continuava a moldar a vida cultural e intelectual da região, especialmente nas áreas urbanas. No entanto, muitos judeus resistiam à helenização, buscando preservar a pureza de sua identidade religiosa e cultural. O trovão, como símbolo de força e resistência, poderia ser visto como uma metáfora dessa luta contra a assimilação cultural. No entanto, a própria missão de Jesus sugere

uma abertura que vai além das fronteiras étnicas e culturais, propondo uma visão inclusiva de salvação que ultrapassava a identidade exclusivamente judaica. Essa abertura é percebida como uma divergência em relação ao zelo por preservar a identidade cultural judaica que muitos de seus contemporâneos, especialmente os fariseus e zelotes, defendiam. Assim, a missão universalista de Jesus, refletida em seu relacionamento com gentios e outros grupos marginalizados, entra em contraste com o simbolismo de resistência cultural implícito em “Boanerges” (Horsley, 2015, p. 45).

Portanto, as divergências entre as estruturas sociais e os significados simbólicos do título “Boanerges” refletem as tensões dinâmicas que permeavam a Palestina do primeiro século. Essas divergências oferecem uma visão mais complexa e rica do símbolo, ao demonstrar como ele pode ser lido de diferentes maneiras dependendo do contexto cultural, político e religioso. A T.G., ao trazer essas tensões à tona, oferece uma lente crítica para compreender como os símbolos religiosos antigos operam dentro de um mosaico cultural diversificado e conflituoso.

3.6.4) A coesão entre as camadas de significado e as estruturas sociais.

Após a análise das várias camadas de significado — literal, contextual, teológica, pragmática e hierárquica — e das interações entre as estruturas sociais, o próximo passo consiste em realizar uma síntese final, demonstrando como a integração dessas camadas gera uma compreensão consolidada e profunda do símbolo “Boanerges” (Mc 3,17). A Teoria Geertziana (T.G.), ao propor uma estratificação de significados e uma comparação entre as estruturas sociais, oferece uma abordagem metodológica que vai além da análise isolada de cada camada ou estrutura, permitindo uma visão holística do funcionamento simbólico no contexto histórico, cultural e teológico da Palestina do primeiro século.

O símbolo “Boanerges”, ao ser desmembrado e reorganizado nas diferentes camadas e estruturas, revela uma interconexão complexa entre a dimensão espiritual e a realidade social. Desde o significado literal, em que o termo evoca uma imagem poderosa de “filhos do trovão”, passando pelo contextual, que insere Tiago e João no cenário de tensões sociopolíticas e religiosas, até o nível teológico, onde o trovão se torna a expressão do poder divino em ação, a análise conduzida ao longo deste capítulo aponta para uma unidade simbólica subjacente. Esta unidade se

manifesta de forma coesa, onde cada camada de significado reforça as demais, formando um sistema simbólico interligado que reflete não apenas a identidade e a função dos discípulos, mas também as expectativas messiânicas e a dinâmica cultural da época.

Um dos aspectos centrais dessa coesão simbólica reside na integração entre as camadas teológica e contextual. A relação entre o poder divino, representado pelo trovão, e a atuação de Tiago e João como agentes desse poder no mundo terreno, reflete uma convergência entre a mensagem espiritual de Jesus e o cenário de dominação romana e conflito religioso da Palestina. O título "Boanerges" encapsula tanto a expectativa de uma intervenção divina no mundo, comum ao imaginário apocalíptico da época (Theissen, 1979, p. 30), quanto a disposição combativa e zelosa necessária para resistir às forças opressoras, seja na forma de uma libertação espiritual ou de uma transformação social. Esse equilíbrio entre o ethos de força espiritual e a visão de mundo apocalíptica estabelece a base para a interpretação coesa do símbolo.

Ao mesmo tempo, a coesão simbólica é reforçada pela hierarquização dos significados, onde o aspecto teológico ocupa o topo da estrutura, mas é sustentado por camadas contextuais e pragmáticas que lhe dão forma concreta no contexto da vida das primeiras comunidades cristãs. O simbolismo do trovão, enquanto manifestação do poder divino, transcende a esfera meramente espiritual e se conecta diretamente ao contexto histórico de resistência e liderança que Tiago e João deveriam desempenhar. Esse simbolismo não é apenas teórico, mas pragmático: ele molda a percepção dos discípulos dentro das primeiras comunidades, onde "Boanerges" é compreendido como um sinal de liderança firme e zelosa, necessária para guiar a nova família espiritual que se formava em torno da mensagem de Jesus (Theissen, 2009, p. 40; Bond, 2012, p. 124).

Outro ponto fundamental de coesão ocorre na integração das estruturas sociais, especialmente na tensão entre a estrutura familiar patriarcal e a redefinição espiritual proposta por Jesus. A análise do contexto familiar mostra que Tiago e João, ao receberem o título "Boanerges", assumem uma nova identidade dentro da estrutura social, que transcende os laços tradicionais de sangue e obediência familiar. Jesus propõe uma nova "família de Deus", composta por aqueles que seguem sua mensagem, e os "filhos do trovão" são designados como líderes dessa nova

comunidade. Aqui, a coesão simbólica surge da interseção entre a ruptura com a tradição familiar e a construção de uma nova ordem espiritual, onde o papel de Tiago e João como líderes espirituais é confirmado tanto pelo ethos de autoridade quanto pela motivação de servir ao propósito divino (MacDonald, 2010, p. 37).

Por fim, a síntese final evidencia como as tensões e divergências entre as estruturas sociais e os significados simbólicos também contribuem para a coesão simbólica, ainda que de forma dialética. As divergências identificadas nas interpretações de "Boanerges" — como a expectativa de libertação militar versus a mensagem de transformação espiritual — não enfraquecem o símbolo, mas, pelo contrário, enriquecem sua complexidade. A resistência política contra Roma e a esperança de libertação econômica, embora não se realizem de forma imediata, encontram eco no nível teológico, onde a verdadeira libertação está associada à escatologia e à realização do Reino de Deus. Essas tensões entre as expectativas populares e a missão de Jesus são parte integrante da coesão simbólica, uma vez que refletem as múltiplas camadas de interpretação que coexistiam nas diferentes estruturas sociais da época (Horsley, 2015, p. 45).

Assim, o sexto passo da Teoria Geertziana (T.G.), ao integrar as camadas de significado e as estruturas sociais, revela uma rede simbólica densa e interconectada, onde as diferentes camadas e estruturas convergem para formar uma compreensão coesa e multifacetada do símbolo "Boanerges". Essa coesão não é estática, mas dinâmica, refletindo a constante negociação entre as expectativas messiânicas, as tensões sociais e a liderança espiritual dos discípulos. Através dessa análise, a T.G. oferece uma abordagem inovadora para interpretar símbolos religiosos antigos, demonstrando como eles operam dentro de um contexto cultural e histórico complexo, ao mesmo tempo em que se articulam com as estruturas de poder e autoridade espiritual da época.

3.6.5) Articulação das estruturas de significado e a construção da identidade do símbolo "Boanerges".

Com base na análise conduzida até aqui, é essencial abordar como as diferentes estruturas de significados e suas camadas convergem para construir a identidade multifacetada do símbolo "Boanerges" (Mc 3,17) no contexto do Evangelho de Marcos. A Teoria Geertziana (T.G.) propõe que essa identidade simbólica seja

articulada pela intersecção entre ethos, disposição, visão de mundo e motivações, estabelecendo uma rede complexa de interações que refletem tanto as estruturas sociais quanto as expectativas religiosas e culturais da época.

No caso do símbolo "Boanerges", a identidade dos discípulos Tiago e João é construída através de um processo simbólico em que elementos espirituais, sociais e culturais se entrelaçam, produzindo um significado robusto e dinâmico. O trovão, como imagem central, é portador de uma força que transita entre o poder divino e a disposição combativa, refletindo tanto a autoridade espiritual conferida por Jesus quanto a prontidão dos apóstolos para enfrentar as adversidades impostas pelo contexto social e político de seu tempo.

No nível literal, o nome "Boanerges", traduzido como "filhos do trovão", já indica uma característica de intensidade e vigor, sugerindo que os discípulos desempenham papéis de grande impacto tanto na esfera espiritual quanto na social. Contudo, essa literalidade inicial se expande à medida que as camadas contextual, teológica e pragmática se sobrepõem, criando uma compreensão mais profunda e contextualizada do termo. A camada contextual, ao inserir o símbolo na Palestina do século I, conecta "Boanerges" ao ethos de resistência contra a dominação romana, ao zelo religioso e às expectativas messiânicas que permeavam a sociedade judaica. Assim, a designação de Tiago e João adquire uma conotação de liderança e confrontação, particularmente em um ambiente onde a opressão imperial e a busca por libertação eram parte integral do imaginário coletivo (Theissen, 1979, p. 30).

No nível teológico, o trovão é frequentemente associado à manifestação do poder de Deus, conforme visto em diversas passagens bíblicas (cf. Ex 19,16; Sl 29,3-9), onde o trovão simboliza a voz de Deus e Sua intervenção no mundo. Dessa forma, o título "Boanerges" transcende o contexto meramente social e se torna um símbolo da autoridade divina que Tiago e João representam como discípulos escolhidos. Essa leitura teológica, ao mesmo tempo que reforça a identidade dos apóstolos como agentes do poder divino, também se articula com as expectativas escatológicas presentes no Evangelho de Marcos, onde o anúncio do Reino de Deus se associa a uma transformação radical das estruturas sociais e espirituais (Bond, 2012, p. 73).

Por outro lado, no nível pragmático, o título "Boanerges" adquire relevância ao ser considerado no cotidiano das primeiras comunidades cristãs. Tiago e João, como "filhos do trovão", seriam vistos como líderes carismáticos e imbuídos de uma

força espiritual capaz de guiar a comunidade em tempos de perseguição e incerteza. Esse pragmatismo se reflete tanto nas atitudes combativas dos discípulos, que em Mc 10,35-45 pedem para se sentarem ao lado de Jesus em sua glória, quanto na percepção de sua disposição em sacrificar suas vidas pela missão apostólica, conforme evidenciado pelo martírio de Tiago e pelo papel de liderança espiritual de João na igreja primitiva (Dunn, 2005, p. 485). Esse dinamismo simbólico, que abrange desde a autoridade espiritual até o papel prático na liderança da comunidade, solidifica a identidade de "Boanerges" como um símbolo central na narrativa de Marcos.

A hierarquização dos significados, proposta pela T.G., permite uma organização clara dos elementos que constituem essa identidade simbólica. Embora o nível teológico permaneça no topo da hierarquia, refletindo a centralidade da autoridade divina que os discípulos encarnam, os níveis contextual e pragmático são essenciais para conferir ao símbolo sua relevância social e prática. A articulação dessas camadas revela que "Boanerges" é um símbolo multifacetado, cuja identidade não se limita a uma interpretação única, mas opera em múltiplos níveis, englobando tanto o zelo messiânico quanto a liderança espiritual e a disposição combativa, como pontuado por David A. Fiensy (2010, p. 197).

Esse processo de articulação das estruturas de significado é fundamental para a construção da identidade de "Boanerges", que se posiciona simultaneamente como um símbolo de resistência contra o poder opressor, de autoridade espiritual conferida por Jesus e de liderança carismática nas primeiras comunidades cristãs. A T.G., ao explorar essas múltiplas camadas, permite que o símbolo seja compreendido em sua totalidade, revelando as dinâmicas simbólicas que moldam não apenas a função de Tiago e João, mas também o papel que o trovão desempenha na narrativa messiânica do Evangelho de Marcos.

Por fim, a identidade de "Boanerges" é consolidada por meio dessa articulação complexa, onde as camadas de significado se inter-relacionam para formar um entendimento profundo do papel dos discípulos no movimento de Jesus. A análise conduzida pela T.G. revela que a identidade simbólica de "Boanerges" é ao mesmo tempo espiritual, social e prática, refletindo as tensões e convergências entre o poder divino, as estruturas sociais da época e o papel transformador dos discípulos no contexto do Evangelho de Marcos.

3.7) Justaposição do Senso Comum e Religião.

Neste sétimo passo da Teoria Geertziana (T.G.), a análise se volta para a interação entre as esferas de senso comum e religião, investigando como essas dimensões culturais operam conjuntamente para configurar e modelar os símbolos. A justaposição dessas esferas é fundamental para compreender como o significado de um símbolo emerge e se consolida dentro de uma cultura. Enquanto o senso comum reflete as percepções cotidianas, práticas e imediatas, a religião fornece um sentido transcendental e normativo, conferindo aos símbolos uma profundidade metafísica e moral. Esta fase do processo busca explorar como esses dois campos interagem e se influenciam mutuamente, revelando padrões culturais que moldam a interpretação dos símbolos, como "Boanerges" em Mc 3,17. Dessa forma, essa integração oferece uma leitura mais rica dos textos religiosos, ao conectar as vivências cotidianas com as disposições espirituais da comunidade.

3.7.1) Esfera do Senso Comum.

A Esfera do Senso Comum, conforme discutida na Teoria Geertziana (T.G.), refere-se a um sistema simbólico que organiza as experiências cotidianas e molda a percepção do mundo de uma comunidade. Nessa esfera, o entendimento da realidade não é fundamentado em uma metodologia formal, mas em uma série de suposições compartilhadas, tácitas e culturalmente enraizadas. O Senso Comum atua como uma lente que interpreta o mundo de maneira prática, acessível e naturalizada, sendo essencial para a estabilização de práticas sociais e simbólicas.

Uma das principais características do Senso Comum é sua praticabilidade. Ele é compreendido como um conjunto de crenças, normas e valores que são aplicados espontaneamente no dia a dia de uma cultura, sem a necessidade de formalizações teóricas. Essas suposições se apresentam como evidentes e inquestionáveis para os membros de uma comunidade, servindo como guia para a interpretação de símbolos e para a resolução de dilemas cotidianos (Geertz, 1973, p. 88). Esse sistema cultural, por sua vez, facilita a rápida assimilação e adaptação a mudanças circunstanciais, reforçando a estabilidade social.

Na análise do símbolo "Boanerges" (Mc 3,17), a Esfera do Senso Comum revela como essa alcunha, atribuída por Jesus a Tiago e João, se estabelece na coletividade como uma expressão acessível e imediata de seu significado simbólico.

Esse nome, no contexto comum da época, carregava conotações relacionadas ao temperamento dos discípulos, ao seu zelo e à sua disposição para o conflito, sendo rapidamente interpretado por aqueles que compartilhavam do mesmo repertório simbólico. O Senso Comum, nesse caso, opera ao oferecer uma compreensão simples e prática da alcunha, sem a necessidade de uma explicação teológica ou acadêmica mais elaborada (Geertz, 1994, p. 66).

Além disso, o Senso Comum se distingue por sua leveza e não metodicidade. Ao contrário de esferas mais estruturadas, como a teológica ou a pragmática, o Senso Comum permite uma maior flexibilidade interpretativa, ajustando-se rapidamente às mudanças sociais e culturais. Isso faz com que ele seja um fenômeno dinâmico, essencial para a sobrevivência de práticas simbólicas, pois sua capacidade de adaptação garante que os símbolos, como "Boanerges", sejam continuamente ressignificados à luz de novos contextos históricos e sociais (Geertz, 1983, p. 74).

Em suma, a Esfera do Senso Comum, dentro da T.G., atua como uma estrutura simbólica essencial que articula o significado de símbolos religiosos e culturais de maneira acessível e espontânea. No caso de "Boanerges", essa esfera oferece uma interpretação prática e imediata do significado do nome, contribuindo para a compreensão coletiva do papel de Tiago e João dentro do movimento de Jesus.

3.7.2) Esfera da Religião.

A Esfera Religião, no contexto da Teoria Geertziana (T.G.) e conforme proposta nesta tese, constitui-se como uma estrutura de significados complexa, que organiza a visão de mundo e o ethos de uma comunidade a partir de símbolos religiosos. A religião, enquanto sistema simbólico, é caracterizada por seu papel central na construção de disposições e motivações duradouras, influenciando profundamente as práticas culturais e sociais. Clifford Geertz descreve a religião como uma força que estabelece concepções de ordem geral, factualmente persuasivas, conectando as esferas do sentimental, físico, social e espiritual (Geertz, 1973, p. 90).

A Esfera Religião distingue-se de outras estruturas simbólicas, como o Senso Comum, ao oferecer um quadro interpretativo mais elaborado e formalizado para a realidade. Nesse contexto, os símbolos religiosos não apenas organizam a vida cotidiana, mas também fornecem respostas transcendentais e normativas sobre a

existência, o propósito humano e a relação com o divino. Esses símbolos são sustentados pela autoridade persuasiva de narrativas sagradas, rituais e doutrinas, que consolidam sua relevância cultural e prática. A religião, portanto, possui uma função normativa que ultrapassa a simples explicação do cotidiano, moldando as crenças e os comportamentos de maneira prescritiva (Geertz, 1994, p. 71).

No caso da análise do símbolo "Boanerges", presente em Mc 3,17, a Esfera Religião revela-se ao estabelecer uma conexão entre a alcunha atribuída a Tiago e João e o papel teológico que eles desempenhariam dentro da narrativa cristã. O nome "Boanerges", traduzido como "Filhos do Trovão", carrega conotações que transcendem o contexto comum, inserindo-se numa dimensão religiosa que reflete o zelo e a autoridade que esses discípulos representariam no desenvolvimento da igreja primitiva. Através desse símbolo, a figura de Jesus emerge não apenas como um líder social, mas também como um agente de transformação espiritual, cujas designações conferem missões específicas a seus seguidores, alinhadas com o plano divino (Geertz, 1973, p. 98).

A Esfera Religião, portanto, é marcada pela transcendência de significados. Os símbolos operam numa camada mais profunda da realidade, conectando o terreno ao espiritual, o imanente ao transcendente. A alcunha "Boanerges" não é apenas uma expressão de características pessoais dos discípulos, mas também uma representação simbólica de seu papel futuro como testemunhas e mártires da fé cristã. Esse entendimento é sustentado pela tradição religiosa e reforçado pela autoridade da figura de Jesus, que utiliza esses símbolos para moldar a identidade e o propósito de seus seguidores dentro de uma estrutura religiosa mais ampla (Geertz, 1983, p. 84).

Além disso, a Esfera Religião destaca-se pela sua capacidade de estabelecer uma coesão social e cultural em torno de símbolos que possuem autoridade sagrada. A religião, nesse sentido, legitima e perpetua essas estruturas de significados por meio de rituais, narrativas e práticas que garantem a continuidade e a relevância dos símbolos ao longo do tempo. No caso de "Boanerges", esse processo é visível na forma como o nome atribuído por Jesus a Tiago e João é perpetuado dentro da tradição cristã, reforçando a relevância teológica e histórica de seu papel na comunidade de seguidores de Cristo (Geertz, 1994, p. 77).

Em síntese, a Esfera Religião, conforme compreendida pela Teoria Geertziana, configura-se como uma estrutura de significados profundamente articulada que interpreta o mundo a partir de uma perspectiva espiritual e normativa. Na análise de "Boanerges", essa esfera oferece uma compreensão ampliada da alcunha, revelando como símbolos religiosos podem carregar significados transcendentais e contribuir para a construção de disposições e motivações que moldam a vida espiritual e social de uma comunidade.

3.7.3) Padrões Culturais Criados pela Interação das Esferas.

A interação entre o Senso Comum e a Religião dentro da Teoria Geertziana (T.G.) desempenha um papel fundamental na formação e perpetuação de padrões culturais. Essas duas esferas, apesar de possuírem características distintas, interagem de forma dinâmica, moldando a maneira como símbolos religiosos e culturais são compreendidos e aplicados pela comunidade. Enquanto o Senso Comum oferece uma interpretação prática e imediata da realidade, a Religião confere a essa mesma realidade uma profundidade normativa e transcendente. Juntas, essas esferas geram padrões culturais que não apenas estabilizam a vida social, mas também reforçam e legitimam as crenças religiosas e os comportamentos associados a elas.

No caso do símbolo "Boanerges", a interação entre o Senso Comum e a Religião pode ser claramente observada. No nível do Senso Comum, a alcunha "Filhos do Trovão", atribuída por Jesus a Tiago e João (Mc 3,17), remete a uma visão prática e acessível da força e autoridade dos apóstolos. O termo, em sua literalidade, evoca imagens de poder, intensidade e dinamismo, associando os discípulos a características de coragem e zelo que seriam rapidamente reconhecidas pela comunidade. Neste contexto, a força interpretativa do Senso Comum permite que o símbolo seja compreendido de maneira direta, conectando-o a disposições que remetem à ação, ao vigor e ao entusiasmo característico de figuras proeminentes dentro de um movimento religioso emergente (Geertz, 1973, p. 88).

Por outro lado, na Esfera Religião, o mesmo símbolo "Boanerges" adquire uma dimensão espiritual e messiânica mais elaborada. A interpretação religiosa associa essa alcunha não apenas às características humanas dos apóstolos, mas à manifestação do poder divino que atuaria por meio deles. Nesse nível, Tiago e João

não são apenas seguidores zelosos, mas também representantes de uma missão sagrada, dotados de autoridade espiritual e chamados a desempenhar um papel fundamental na propagação da mensagem divina. A força e o poder que o Senso Comum identifica em suas ações tornam-se, na esfera religiosa, um reflexo do poder de Deus operando através dos apóstolos, fortalecendo a dimensão messiânica da figura de Jesus e o papel dos discípulos como portadores de sua autoridade divina (Geertz, 1994, p. 71).

A interação entre essas duas esferas, portanto, é o que permite que símbolos como "Boanerges" sejam compreendidos de maneira completa dentro do contexto cultural e religioso da comunidade. O Senso Comum fornece uma base prática para a interpretação do símbolo, facilitando sua inserção na vida cotidiana e nas interações sociais. Ao mesmo tempo, a Religião amplia essa interpretação ao oferecer uma explicação transcendente e normativa, conectando o símbolo a uma visão de mundo que orienta as disposições e motivações espirituais da comunidade. Assim, padrões culturais são formados e perpetuados a partir da interação desses dois níveis interpretativos, permitindo que símbolos como "Boanerges" continuem a exercer influência tanto no plano social quanto no espiritual (Geertz, 1983, p. 74).

Essa dinâmica também revela como as esferas do Senso Comum e da Religião se reforçam mutuamente. O reconhecimento prático da força e autoridade dos apóstolos, por meio do Senso Comum, legitima e consolida a interpretação religiosa do símbolo, ao passo que a dimensão espiritual do nome reforça a importância social e cultural de Tiago e João dentro da comunidade. Ao integrar esses dois níveis, os padrões culturais formados são capazes de englobar tanto o entendimento prático e imediato do símbolo quanto sua função dentro de um sistema religioso mais amplo. Esse processo é essencial para a continuidade e a ressignificação dos símbolos dentro de uma cultura, garantindo que sua relevância permaneça ativa através do tempo (Geertz, 1973, p. 90).

Em suma, a interação entre o Senso Comum e a Religião na Teoria Geertziana permite a criação de padrões culturais robustos que moldam a compreensão e a interpretação de símbolos religiosos, como "Boanerges". Esses padrões são perpetuados pela capacidade dessas esferas de se influenciar mutuamente, conectando a dimensão prática e acessível dos símbolos com sua interpretação espiritual e normativa. Tal interação assegura que os símbolos religiosos

mantenham seu significado tanto nas práticas cotidianas quanto nas crenças mais profundas de uma comunidade, formando assim uma base cultural sólida que orienta as disposições e motivações individuais e coletivas.

3.7.4) Convergência entre Senso Comum e Religião.

A convergência entre o Senso Comum e a Religião na Teoria Geertziana (T.G.) é fundamental para a formação de significados simbólicos profundos, especialmente na interpretação de símbolos religiosos. Embora cada uma dessas esferas opere com características próprias, ambas interagem de maneira complexa e se reforçam mutuamente, criando e perpetuando padrões culturais que moldam a vida coletiva. Essa interação é visível no exemplo do símbolo "Boanerges", conferido a Tiago e João (Mc 3,17), que ilustra como o Senso Comum e a Religião não apenas se complementam, mas se fundem para gerar um significado simbólico consolidado.

No nível do Senso Comum, "Boanerges", ou "Filhos do Trovão", reflete uma interpretação prática e cotidiana do caráter de Tiago e João. A comunidade, observando o comportamento dos apóstolos, provavelmente reconhecia neles uma força natural, uma impetuosidade associada ao vigor e à determinação. A alcunha sugeria, de forma simples e direta, que esses apóstolos eram figuras enérgicas e dispostas a agir com firmeza, qualidades indispensáveis para líderes num movimento religioso emergente. O Senso Comum, portanto, molda a percepção inicial da alcunha com base em experiências observáveis e palpáveis, sem recorrer a formalismos teológicos ou narrativas complexas. Essa visão prática permite que o símbolo seja rapidamente assimilado pela comunidade, criando uma base sólida de interpretação acessível a todos (Geertz, 1973, p. 88).

Entretanto, essa interpretação inicial não permanece isolada no domínio do Senso Comum. A Esfera Religião, ao absorver essa percepção de força e impetuosidade, ressignifica o símbolo e lhe confere um significado espiritual mais profundo. A força reconhecida pela comunidade não é vista apenas como uma qualidade pessoal dos apóstolos, mas como uma manifestação do poder divino que opera por meio deles. Na tradição religiosa, Tiago e João não são apenas "Filhos do Trovão" no sentido literal; eles são representantes da autoridade celestial, escolhidos para atuar como veículos do poder de Deus. O termo "Boanerges", ao passar pelo filtro religioso, adquire uma dimensão messiânica, conectando os apóstolos à missão

divina e à propagação do Evangelho com um vigor que transcende o plano terreno (Geertz, 1994, p. 71).

É nesse ponto que a convergência entre o Senso Comum e a Religião se torna evidente. A visão prática de força e autoridade, percebida e aceita pela comunidade através do Senso Comum, é não apenas validada, mas amplificada pela Esfera Religião. O poder terreno de Tiago e João, como líderes enérgicos e carismáticos, é transformado numa autoridade espiritual, legitimada pela relação com o poder divino. A convergência se dá na medida em que o Senso Comum fornece a base inicial para a interpretação, e a Religião, por sua vez, eleva esse entendimento ao integrá-lo numa narrativa sagrada mais abrangente. Esse processo de amplificação mútua assegura que o símbolo "Boanerges" seja compreendido tanto no cotidiano da comunidade quanto no contexto religioso mais amplo, tornando-se um símbolo culturalmente eficaz (Geertz, 1983, p. 74).

Além disso, essa convergência gera um efeito de retroalimentação, onde a interpretação religiosa reforça o valor prático atribuído pelo Senso Comum. Ao absorver a ideia de que Tiago e João são fortes e impetuosos, a Religião legitima esses traços como atributos espirituais desejáveis, que exemplificam o tipo de liderança necessário para o avanço da mensagem divina. Assim, a força reconhecida no nível prático ganha uma importância teológica, perpetuando-se como parte integral da tradição religiosa. A comunidade, ao reconhecer a autoridade espiritual desses apóstolos, volta a interpretar suas qualidades terrenas de força e zelo como sinais da presença divina em sua liderança, fechando o ciclo de reforço entre as esferas (Geertz, 1994, p. 77).

O exemplo de "Boanerges" demonstra como o Senso Comum e a Religião convergem para criar um padrão cultural coeso, onde a percepção prática e a interpretação espiritual se entrelaçam. Essa convergência não apenas enriquece o significado simbólico do nome, mas também assegura sua perpetuação ao longo do tempo, garantindo que o símbolo permaneça relevante tanto no nível social quanto no religioso. A força e a impetuosidade de Tiago e João, inicialmente percebidas como qualidades humanas, tornam-se, por meio dessa interação, elementos centrais de sua autoridade apostólica, associando-os diretamente ao poder divino e à missão messiânica de Jesus (Geertz, 1973, p. 90).

Assim, a convergência entre o Senso Comum e a Religião, no contexto da Teoria Geertziana, revela-se como um processo essencial para a compreensão e perpetuação de símbolos religiosos. A interação entre essas duas esferas não apenas reforça os significados simbólicos, mas também cria padrões culturais que orientam as disposições e motivações da comunidade. No caso de "Boanerges", essa convergência mostra como as qualidades práticas dos apóstolos foram ressignificadas e absorvidas pela tradição religiosa, fortalecendo sua autoridade e legitimando seu papel no desenvolvimento da fé cristã.

3.7.5) Divergência entre Senso Comum e Religião.

A divergência entre o Senso Comum e a Religião, no âmbito da Teoria Geertziana (T.G.), revela tensões significativas na maneira como símbolos são interpretados em contextos distintos. Embora ambas as esferas se influenciem mutuamente, conforme demonstrado anteriormente, é igualmente importante reconhecer que essas interações nem sempre resultam em convergência. Muitas vezes, o Senso Comum tende a interpretar os símbolos de maneira mais prática, conectada ao cotidiano e às experiências palpáveis, enquanto a Religião confere a esses mesmos símbolos uma profundidade transcendente, ressignificando-os dentro de um quadro teológico. A análise do símbolo "Boanerges", presente em Mc 3,17, exemplifica essa divergência, ao destacar como a percepção prática dos discípulos Tiago e João difere da interpretação religiosa mais elaborada.

No nível do Senso Comum, o título "Boanerges", ou "Filhos do Trovão", pode ser entendido de forma relativamente simples, como uma referência ao temperamento impulsivo e enérgico dos apóstolos. Tiago e João eram, aos olhos da comunidade, discípulos com uma disposição marcadamente ativa e impetuosa, características que poderiam ser associadas a momentos de zelo excessivo ou iniciativa diante de desafios. Essa interpretação prática reflete a tendência do Senso Comum em observar e descrever o comportamento visível e imediato, sem atribuir necessariamente a essas ações um significado espiritual mais profundo. Para a comunidade comum, o nome "Boanerges" poderia ser visto como um apelido que capturava a personalidade desses discípulos, estabelecendo uma conexão com suas atitudes vigorosas e combativas no contexto social e político do movimento de Jesus (Geertz, 1973, p. 88).

No entanto, ao ser filtrado pela Esfera Religião, esse mesmo título adquire um significado muito mais complexo e transcendente. Na tradição religiosa, "Boanerges" não se limita à descrição de um traço de caráter; em vez disso, torna-se um símbolo do poder divino manifestado através de Tiago e João. Ao conferir a esses apóstolos o título "Filhos do Trovão", Jesus não estaria apenas reconhecendo seu temperamento terreno, mas designando-lhes um papel messiânico, vinculando-os à força e autoridade divinas. A "voz do trovão", em contextos bíblicos e apocalípticos, é frequentemente associada à comunicação de Deus com a humanidade, o que eleva o simbolismo da alcunha para além de suas conotações práticas. No nível religioso, portanto, "Boanerges" deixa de ser apenas uma referência à personalidade dos discípulos e se torna um símbolo teológico que reflete seu papel na revelação divina e na propagação da mensagem de Cristo (Geertz, 1994, p. 71).

Essa tensão entre o Senso Comum e a Religião demonstra uma divergência clara nas interpretações. Enquanto o Senso Comum tende a ancorar o significado no comportamento e nas atitudes tangíveis dos apóstolos, a Religião procura ir além do visível, atribuindo a esses comportamentos uma dimensão espiritual. O Senso Comum, ao enxergar a força e a impetuosidade dos discípulos como qualidades humanas observáveis, não exige uma explicação transcendente para o nome "Boanerges". A Religião, por outro lado, incorpora esses traços dentro de uma narrativa sagrada, elevando-os a um plano divino que o Senso Comum, sozinho, não contempla. Essa diferença de foco leva a uma divergência no entendimento do símbolo: o que para o Senso Comum pode ser apenas um apelido indicativo de caráter torna-se, na Religião, uma designação de missão e propósito espiritual (Geertz, 1983, p. 74).

Além disso, essa divergência pode causar tensões dentro da comunidade. O Senso Comum, por sua natureza prática e acessível, favorece interpretações que fazem sentido no cotidiano e nas interações sociais imediatas. Já a Religião, ao exigir uma compreensão mais abstrata e espiritual, pode criar distanciamento daqueles que não compartilham da mesma perspectiva teológica. No caso de "Boanerges", é possível que o nome, entendido de maneira prática pelo Senso Comum, tenha sido recebido de forma diferente por aqueles que não compreendiam ou não estavam imersos na narrativa religiosa mais ampla. A divergência entre essas esferas, portanto, pode resultar em múltiplas camadas de interpretação dentro da própria comunidade,

onde o mesmo símbolo é entendido de formas distintas, dependendo da proximidade com a esfera religiosa ou com as disposições cotidianas (Geertz, 1994, p. 77).

Por fim, essa divergência também reflete a complexidade das camadas de significados dentro da Teoria Geertziana. A tensão entre o prático e o transcendente, entre o visível e o espiritual, revela como os símbolos religiosos são multifacetados e como as esferas podem operar de forma independente, criando interpretações que nem sempre coincidem. No caso de "Boanerges", essa divergência mostra como a Religião ressignifica o Senso Comum, mas ao mesmo tempo se distancia dele, propondo um entendimento que requer uma leitura mais elaborada e comprometida com a narrativa sagrada. Essa tensão entre as esferas, longe de enfraquecer o símbolo, enriquece sua compreensão, ao permitir que diferentes níveis de significado coexistam e contribuam para a construção de um padrão cultural mais complexo (Geertz, 1973, p. 90).

Em suma, a divergência entre o Senso Comum e a Religião, exemplificada no símbolo "Boanerges", destaca como essas esferas podem oferecer interpretações contrastantes de um mesmo símbolo. O Senso Comum fornece uma visão prática e acessível, enquanto a Religião propõe um significado mais profundo e teológico. Essa tensão revela não apenas as diferenças nas abordagens interpretativas, mas também a riqueza simbólica gerada por essas múltiplas camadas de significados, que, ao coexistirem, oferecem uma compreensão mais complexa e matizada da figura dos apóstolos e de seu papel dentro do movimento cristão.

3.7.6) Impacto das Esferas na Formação do Símbolo.

O impacto da interação entre o Senso Comum e a Religião na formação e ressignificação de um símbolo, como observado na Teoria Geertziana (T.G.), permite que símbolos religiosos sejam moldados de forma dinâmica, absorvendo influências tanto práticas quanto espirituais. Essa interação é essencial para que os símbolos não apenas sobrevivam ao tempo, mas também se adaptem às diferentes camadas de interpretação cultural e religiosa. No caso do símbolo "Boanerges", essa dinâmica é clara: ao combinar as visões práticas e cotidianas do Senso Comum com as interpretações normativas e profundas da Religião, o símbolo adquire uma flexibilidade que lhe garante relevância em diferentes contextos sociais e espirituais.

Inicialmente, no nível do Senso Comum, o título "Boanerges" (Mc 3,17), que significa "Filhos do Trovão", teria sido facilmente compreendido pela comunidade como uma referência ao caráter impetuoso, vigoroso e enérgico de Tiago e João. A comunidade judaica da época, marcada por um contexto de tensão política e religiosa, valorizava líderes que mostrassem essas qualidades, interpretando o nome como um reflexo da força e iniciativa que os apóstolos demonstravam em suas interações com o grupo de discípulos de Jesus e com as multidões. Assim, o Senso Comum fornece uma interpretação prática e imediata do símbolo, centrada nas observações cotidianas e nos comportamentos visíveis dos apóstolos. Essa visão mais tangível e acessível do símbolo permite que ele seja rapidamente incorporado às narrativas populares, moldando uma percepção inicial que está enraizada na realidade vivida e observada (Geertz, 1973, p. 88).

Entretanto, a Esfera Religião confere ao símbolo "Boanerges" uma nova camada de complexidade. Ao ser inserido no contexto religioso, o título passa a representar não apenas o temperamento dos apóstolos, mas também sua ligação direta com o poder divino. A "voz do trovão", uma metáfora recorrente em textos apocalípticos e bíblicos, frequentemente está associada à manifestação de Deus ou à revelação de sua vontade. No nível religioso, o título "Filhos do Trovão" sugere que Tiago e João são agentes dessa manifestação divina, portadores de uma autoridade espiritual que ultrapassa o campo das ações humanas. A partir dessa ressignificação, o símbolo não é mais apenas uma descrição das qualidades humanas dos apóstolos, mas sim uma representação teológica de seu papel na revelação messiânica de Cristo. A Religião, ao intervir no processo interpretativo, amplia o símbolo ao conectá-lo a uma missão sagrada, legitimando o papel de Tiago e João como apóstolos investidos da força e do poder que provêm de Deus (Geertz, 1994, p. 71).

O impacto dessa interação é profundo e multiforme. O Senso Comum e a Religião, ao se influenciarem mutuamente, moldam o símbolo de maneira que ele possa ser compreendido em diferentes níveis e contextos. A interpretação prática oferecida pelo Senso Comum assegura que o símbolo seja imediatamente reconhecido e aceito pela comunidade, facilitando sua propagação dentro das interações sociais cotidianas. Por outro lado, a Esfera Religião eleva o símbolo, inserindo-o em uma narrativa sagrada e conferindo-lhe uma autoridade transcendente. Essa relação de reforço mútuo assegura que o símbolo "Boanerges"

mantenha sua relevância cultural e espiritual, permitindo que ele seja continuamente ressignificado ao longo do tempo e adaptado a novos contextos históricos e sociais (Geertz, 1983, p. 74).

Esse processo de formação e ressignificação também permite que o símbolo "Boanerges" se adapte a diferentes audiências e momentos históricos. Por exemplo, no contexto da igreja primitiva, o título poderia ter sido utilizado para sublinhar a autoridade apostólica de Tiago e João, especialmente em momentos de tensão e conflito dentro da comunidade cristã. A impetuosidade dos "Filhos do Trovão", que poderia ser vista de maneira negativa no nível prático, foi reinterpretada pela Religião como um sinal de sua dedicação fervorosa à missão divina. Essa ressignificação serviu não apenas para justificar o temperamento dos apóstolos, mas também para legitimar sua liderança dentro do movimento cristão nascente. Assim, o símbolo é moldado de maneira flexível e dinâmica, absorvendo as interpretações práticas do Senso Comum e as mais profundas da Religião, de modo a atender às demandas de contextos históricos e religiosos em constante mudança (Geertz, 1994, p. 77).

Adicionalmente, o impacto dessa interação também pode ser observado na maneira como o símbolo "Boanerges" é transmitido e preservado ao longo das gerações. O fato de o nome ter sido preservado nos textos bíblicos, e seu significado continuamente reinterpretado dentro de diferentes tradições cristãs, demonstra como a interação entre o Senso Comum e a Religião permite que o símbolo permaneça culturalmente eficaz. A flexibilidade inerente ao símbolo garante que ele possa ser reinterpretado em diferentes momentos e por diferentes comunidades, mantendo sua relevância tanto no plano prático quanto no espiritual. Essa capacidade de adaptação é fundamental para a sobrevivência de símbolos religiosos, pois assegura que eles possam continuar a exercer sua função dentro da vida cultural e religiosa de uma comunidade (Geertz, 1973, p. 90).

Em suma, o impacto das esferas do Senso Comum e da Religião na formação do símbolo "Boanerges" demonstra a importância de uma interação dinâmica para a construção de significados simbólicos complexos e duradouros. Ao combinar as interpretações práticas do Senso Comum com as ressignificações normativas e espirituais da Religião, o símbolo é moldado de maneira flexível, garantindo sua relevância e adaptabilidade. Esse processo de interação assegura que

o símbolo não seja estático, mas sim um elemento cultural e religioso vivo, capaz de responder às demandas de diferentes contextos históricos e sociais, mantendo-se significativo tanto no nível cotidiano quanto no teológico. A Teoria Geertziana, ao destacar essa interação, oferece uma ferramenta alternativa eficiente para entender como os símbolos religiosos são formados, mantidos e ressignificados ao longo do tempo, oferecendo uma compreensão mais rica e detalhada de seu papel dentro da cultura e da religião.

3.7.7) Discussão final sobre as esferas e suas justaposições.

A justaposição entre o Senso Comum e a Religião, conforme discutido na Teoria Geertziana (T.G.), é uma ferramenta crucial para identificar e analisar os padrões culturais que moldam e configuram os símbolos no contexto histórico e religioso da Palestina do primeiro século. Essa interação permite que símbolos como "Boanerges", em Mc 3,17, sejam compreendidos a partir de múltiplas perspectivas, capturando tanto as interpretações cotidianas e práticas da comunidade quanto os significados teológicos e espirituais mais profundos.

No contexto cultural e religioso da Palestina do primeiro século, o Senso Comum desempenhava um papel essencial na mediação dos significados simbólicos. Em um ambiente de tensão social e política, onde as expectativas messiânicas eram intensas e a figura de Jesus começava a ganhar relevância entre as comunidades judaicas, as qualidades práticas de liderança e autoridade eram observadas com atenção. Nesse cenário, o nome "Boanerges" poderia ser prontamente interpretado pela comunidade como uma referência ao caráter enérgico e impetuoso de Tiago e João. Através do Senso Comum, a comunidade via esses apóstolos como figuras vigorosas, que possuíam a força necessária para enfrentar os desafios políticos e religiosos de sua época. Esse padrão cultural, baseado em uma percepção prática de liderança, configurava o símbolo de maneira a refletir os valores e necessidades do ambiente social imediato (Geertz, 1973, p. 88).

Por outro lado, a Religião, enquanto esfera normativa e espiritual, oferecia uma ressignificação desse mesmo símbolo. No contexto religioso, a Palestina do primeiro século estava imersa em uma expectativa apocalíptica, onde a intervenção divina era aguardada para restaurar a justiça e a ordem. Dentro dessa visão, a impetuosidade de Tiago e João, percebida inicialmente de forma prática, ganhava um

novo significado: ela se tornava um reflexo do poder divino que agia por meio dos apóstolos. O título "Boanerges" passava, então, a representar não apenas uma força humana, mas uma autoridade espiritual outorgada por Jesus, que designava esses apóstolos para uma missão messiânica específica. Assim, o símbolo "Boanerges" era moldado pela esfera religiosa para configurar as expectativas teológicas da época, conectando o comportamento prático dos apóstolos a um plano divino mais amplo (Geertz, 1994, p. 71).

Essa justaposição entre o Senso Comum e a Religião permitiu que o símbolo "Boanerges" se estabelecesse como um elemento central na narrativa cristã, refletindo tanto as preocupações práticas do dia a dia quanto as aspirações espirituais e escatológicas. O ambiente cultural da Palestina, com sua mistura de tensões políticas e esperanças religiosas, facilitou a formação de símbolos complexos que podiam ser interpretados de maneiras diferentes por diferentes grupos, sem perder sua eficácia cultural. Esse processo de modelagem simbólica revela padrões culturais subjacentes que operam tanto no nível social quanto no espiritual, demonstrando como os símbolos são constantemente ressignificados e adaptados às necessidades contextuais (Geertz, 1983, p. 74).

No caso específico de "Boanerges", essa justaposição entre as esferas também reflete um padrão mais amplo de como os símbolos religiosos operam dentro de um contexto cultural e histórico em transformação. À medida que o movimento de Jesus crescia e se tornava mais estruturado, a necessidade de legitimar a autoridade dos apóstolos e de conectá-los ao poder divino se intensificava. O título "Boanerges", inicialmente entendido como uma simples descrição de temperamento, tornou-se um símbolo teológico que configurava a identidade e a missão de Tiago e João dentro da nascente tradição cristã. Esse processo revela como a interação entre o Senso Comum e a Religião contribui para a criação de padrões culturais que permitem que os símbolos sejam moldados para atender às demandas históricas e espirituais (Geertz, 1994, p. 77).

Portanto, a justaposição dessas esferas, no caso de "Boanerges", não apenas reforça a importância desse símbolo dentro do Evangelho de Marcos, mas também evidencia a maneira pela qual padrões culturais mais amplos são formados e perpetuados no contexto da Palestina do primeiro século. Através da interação

dinâmica entre interpretações práticas e normativas, o símbolo é continuamente ressignificado, garantindo sua relevância tanto no plano cotidiano quanto no teológico.

A Teoria Geertziana, ao destacar essa justaposição, oferece uma compreensão mais rica de como símbolos religiosos, como "Boanerges", são moldados por padrões culturais que configuram e ajustam sua interpretação às necessidades de uma comunidade em constante transformação. Assim, o símbolo "Boanerges" exemplifica a capacidade dos símbolos religiosos de evoluírem, absorvendo influências contextuais e espirituais para permanecerem culturalmente significativos ao longo do tempo.

3.8) Conclusão do Capítulo de Análises e Discussões.

As Ao longo deste capítulo, a aplicação da Teoria Geertziana (T.G.) ao símbolo "Boanerges" (Mc 3,17) permitiu uma análise aprofundada e multifacetada do texto, revelando diversas camadas de significado que enriquecem a compreensão do Evangelho de Marcos. A hierarquia estrutural desenvolvida pela T.G. demonstrou como o símbolo transcende uma leitura puramente literal, oferecendo um ponto de entrada para explorar as dimensões teológicas, sociais, políticas e pragmáticas da narrativa marcana.

O estudo de Tiago e João, como "filhos do trovão", destacou seu papel não apenas como discípulos de temperamento impetuoso, mas como líderes espirituais com uma missão central dentro do plano divino. A análise teológica revelou que sua designação carrega um significado simbólico profundo, associando-os ao poder divino e à autoridade espiritual que seria exercida por meio deles na disseminação do evangelho.

No nível contextual, a pesquisa mostrou como o apelido "Boanerges" reflete as tensões sociopolíticas da Palestina no primeiro século, posicionando Tiago e João como figuras centrais na resistência ao poder religioso e político da época. A interação entre os significados teológicos e contextuais reforça a ideia de que os símbolos religiosos, em Marcos, estão intrinsecamente ligados às realidades sociais que moldaram o movimento de Jesus.

A inclusão do significado pragmático, conforme a T.G. propõe, revelou como o título "Boanerges" teria sido interpretado e vivido pelas primeiras comunidades cristãs. Esse aspecto pragmaticamente influente reforça a autoridade de Tiago e João,

ao mesmo tempo que oferece uma compreensão mais acessível e prática de sua liderança para os seguidores de Jesus.

Dessa forma, este capítulo demonstrou que a T.G., ao trabalhar com a estratificação dos significados simbólicos e ao interligar as estruturas sociais e religiosas, oferece uma perspectiva inovadora e interdisciplinar para a leitura dos textos religiosos antigos. A análise de Mc 3,17 através do prisma da T.G. não apenas enriquece a compreensão do símbolo "Boanerges", mas também revela novas maneiras de abordar os textos sagrados dentro de seu contexto cultural e histórico.

Esse fechamento do capítulo aponta para as implicações mais amplas do uso da T.G. como ferramenta analítica, que serão exploradas em maior profundidade nas seções subsequentes, reforçando a relevância dessa abordagem para os estudos contemporâneos sobre textos religiosos.

3.9) Síntese dos Resultados.

A aplicação da hierarquia estrutural proposta pela Teoria Geertziana (T.G.) ao símbolo "Boanerges" transforma substancialmente a interpretação do Evangelho de Marcos, oferecendo uma leitura que transcende as abordagens tradicionais, ao integrá-la de forma mais rica e multifacetada.

Primeiramente, ao destacar o aspecto teológico, percebe-se que Tiago e João, ao serem chamados de "filhos do trovão", vão além da mera caracterização como discípulos impetuosos. Eles passam a ser símbolos de poder espiritual, representando uma autoridade divina que transcende suas ações individuais no ministério de Jesus. A metáfora do trovão, aqui, aponta para a autoridade de sua mensagem e o impacto de sua atuação na comunidade cristã, representando a voz potente e imponente de Deus.

A análise da hierarquia contextual revela as tensões políticas e sociais que permeiam a narrativa de Marcos, sugerindo que o movimento de Jesus não se limitava à esfera espiritual. Em vez disso, ele também desafiava as autoridades religiosas e sociais da época, propondo uma reconfiguração radical das estruturas vigentes. Tiago e João, portadores do título "Boanerges", tornam-se figuras-chave nessa resistência, encarnando a força e a coragem necessárias para enfrentar os poderes políticos e religiosos do período.

Por fim, ao integrar o pragmatismo e o literal com as camadas mais profundas de significado, a T.G. nos oferece uma leitura verdadeiramente multidimensional do Evangelho. Os símbolos não operam de maneira isolada. Eles interagem diretamente com as estruturas sociais e espirituais, moldando tanto a narrativa quanto as respostas da comunidade cristã. A abordagem hierárquica mostra como o símbolo "Boanerges" atua como metáfora teológica, símbolo de resistência social e representação pragmática de liderança espiritual.

Alternativas da Teoria Geertziana na compreensão de textos religiosos antigos.

Até este ponto de sua aplicação, a Teoria Geertziana (T.G.) se mostra uma ferramenta metodológica que introduz inovações significativas para a análise de textos religiosos antigos. Essas inovações não são apenas metodológicas, mas também epistemológicas, ao abrirem caminho para uma análise mais articulada, interdisciplinar e culturalmente sensível.

Uma das principais contribuições da T.G. é sua ênfase na análise holística dos símbolos. Diferente de abordagens mais tradicionais que tendem a isolar o símbolo em um nível puramente literário ou teológico, a T.G. trata os símbolos religiosos como expressões culturais profundamente enraizadas em várias camadas de significado. Isso vai além de considerações exegéticas ou críticas textuais, que frequentemente se limitam ao significado literal ou teológico. No caso de "Boanerges", a T.G. demonstra que o símbolo reflete tanto uma função espiritual — representando o poder divino — quanto implicações sociais e políticas, revelando como o trovão se torna uma metáfora de força e autoridade divina.

A estratificação de significados é outra inovação chave da T.G., pois permite uma análise mais profunda e multidimensional dos textos religiosos. Ao trabalhar com múltiplos níveis — literal, contextual, teológico e pragmático — a T.G. oferece uma visão completa e integradora do texto. Essa abordagem revela como os diferentes significados interagem de forma complementar, ao invés de competirem entre si. Por exemplo, o significado literal de "Boanerges" (filhos do trovão) não é simplesmente um rótulo descritivo; ele é repleto de implicações teológicas e sociais que, juntos, constroem uma imagem complexa e poderosa de Tiago e João.

A T.G. também inova ao colocar as estruturas sociais no centro da análise dos símbolos. Enquanto muitos métodos focam exclusivamente no conteúdo textual ou nas questões teológicas, a T.G. propõe que os significados simbólicos emergem diretamente das dinâmicas sociais, políticas e econômicas da época. No caso de Mc 3,17, o título "Boanerges" não apenas confere autoridade espiritual, mas também reflete as tensões entre o movimento de Jesus e as autoridades políticas e religiosas do período. Isso nos permite compreender como o Evangelho de Marcos não se limita ao plano espiritual, mas se posiciona como um documento que também aborda questões de poder e resistência.

A T.G. é única ao integrar cultura e religião como fenômenos indissociáveis. Muitas metodologias exegéticas ou teológicas tratam a religião de maneira separada da cultura, como se fossem esferas distintas. No entanto, a T.G. argumenta que a religião é um sistema cultural de significados e, portanto, deve ser lida dentro de seu contexto cultural. No Evangelho de Marcos, a T.G. oferece uma leitura que revela as interações complexas entre a narrativa de Jesus e as estruturas sociais da Palestina do primeiro século, sugerindo que as ações e ensinamentos de Jesus eram, ao mesmo tempo, respostas a dinâmicas culturais e religiosas.

A T.G. também inova ao incluir o senso comum como um elemento central na análise dos textos religiosos. Em muitas metodologias, o senso comum é ignorado ou considerado irrelevante para a compreensão do texto, que geralmente é lido por meio de lentes teológicas ou literárias. No entanto, a T.G. reconhece que o senso comum é uma estrutura de significados que molda as práticas cotidianas e as interpretações religiosas. Isso nos permite compreender como o título "Boanerges" foi recebido e compreendido pelas comunidades cristãs primitivas, reforçando a autoridade e o carisma de Tiago e João.

Finalmente, a T.G. se destaca por sua flexibilidade metodológica, permitindo que ela seja adaptada a diferentes contextos e questões. Em vez de ser um modelo rígido, a T.G. pode ser combinada com outras abordagens, enriquecendo a análise dos textos religiosos sem perder sua coesão. No caso de Mc 3,17, a T.G. nos permite explorar tanto o impacto teológico e espiritual do símbolo "Boanerges" quanto suas implicações pragmáticas na vida cotidiana das primeiras comunidades cristãs.

Comparação com outros métodos.

Ao comparar a T.G. com abordagens tradicionais como a crítica textual, crítica histórica ou hermenêutica, torna-se evidente que a T.G. oferece uma leitura mais ampla e interdisciplinar dos textos religiosos antigos.

A crítica textual concentra-se em reconstruir a versão original dos textos, com foco em variantes textuais. A T.G., por outro lado, se preocupa com os significados culturais e simbólicos dos textos, sem a necessidade de reconstituir sua forma original.

A crítica histórica foca em situar o texto no tempo e nas circunstâncias em que foi produzido. A T.G., além de fazer isso, explora as dinâmicas sociais e políticas que moldam os símbolos e a narrativa do texto, oferecendo uma visão mais profunda das interações sociais presentes no Evangelho de Marcos.

A hermenêutica tradicional busca interpretar o significado teológico dos textos, mas a T.G. amplia essa abordagem ao incluir a cultura e as estruturas sociais como parte essencial da análise. Isso permite uma leitura mais integrada e multifacetada.

Síntese.

A Teoria Geertziana (T.G.) apresenta uma leitura inovadora e interdisciplinar que transforma a maneira como compreendemos os textos religiosos antigos. Ao integrar símbolos, estruturas sociais, senso comum e cultura, a T.G. permite uma análise multifacetada que vai além das metodologias tradicionais. A T.G. revela como os símbolos no Evangelho de Marcos, especialmente o "Boanerges", operam em múltiplos níveis, conectando o literal ao teológico, o contextual ao pragmático, e fornecendo uma compreensão mais profunda e contextualizada da narrativa.

Considerações Finais.

A aplicação da Teoria Geertziana (T.G.) à análise de textos religiosos antigos, especificamente no Evangelho de Marcos, provou-se uma metodologia inovadora e eficaz, capaz de desvelar camadas de significado que abordagens mais tradicionais poderiam não ter alcançado. Este estudo centrou-se na análise de Mc 3,17, em que Tiago e João são chamados de "Boanerges" — "filhos do trovão" — e evidenciou o poder da T.G. em revelar os significados simbólicos, culturais, históricos e sociais intrínsecos ao texto.

Sem a abordagem da T.G., o título "Boanerges" poderia ser interpretado de maneira superficial, como uma simples referência ao caráter impetuoso e zeloso de Tiago e João. A crítica textual ou métodos exegéticos tradicionais poderiam focar-se em aspectos teológicos ou literários, negligenciando as dimensões mais profundas e interconectadas que o símbolo carrega. No entanto, a T.G. permitiu que esse título fosse reinterpretado como um símbolo multifacetado, que reflete não apenas a personalidade dos discípulos, mas também seu papel teológico, seu status social e seu impacto na comunidade cristã primitiva.

Ao adotar a T.G., a análise revelou que "Boanerges" vai além de uma designação pessoal. A T.G. mostrou que o título funciona como um símbolo de poder e autoridade espiritual, ligando Tiago e João diretamente à missão escatológica de Jesus. Em vez de serem vistos apenas como discípulos impetuosos, os dois irmãos são posicionados como líderes apostólicos centrais, com uma missão específica e um papel significativo na proclamação do Reino de Deus. Essa análise mais densa seria difícil de alcançar sem a estratificação simbólica oferecida pela T.G., que interpreta o trovão como uma metáfora poderosa para a manifestação divina.

Além disso, a T.G. revelou como o título "Boanerges" está imerso nas tensões sociopolíticas da Palestina do primeiro século. Sob o domínio romano, o uso de símbolos que evocam poder, como o trovão, não era apenas uma questão teológica, mas também um ato de resistência. A T.G. demonstrou que Tiago e João, ao serem chamados de "filhos do trovão", não estavam apenas recebendo um título espiritual, mas também sendo associados a uma forma de resistência ao poder imperial romano. Essa interpretação, que conecta os significados teológicos e contextuais do título, permite uma leitura mais completa do Evangelho de Marcos e reforça a ideia de que o movimento de Jesus desafiava não apenas as autoridades

religiosas, mas também as estruturas políticas dominantes. Sem a T.G., essa leitura mais abrangente e interconectada poderia não ser visível, limitando a análise a uma dimensão espiritual e teológica isolada.

A T.G. também destacou o papel de "Boanerges" na coesão comunitária. A análise revelou que o título não era apenas uma metáfora teológica, mas também funcionava como um símbolo de liderança e autoridade nas primeiras comunidades cristãs. Para essas comunidades, que enfrentavam tensões e desafios internos e externos, Tiago e João, como "filhos do trovão", ofereciam um exemplo de zelo e liderança que fortalecia a unidade e a coesão do grupo. Sem a T.G., a importância desse símbolo para a formação de identidades comunitárias e para a estrutura social das primeiras comunidades cristãs poderia ter sido subestimada.

Um dos avanços mais significativos da T.G. é sua capacidade de estratificar os significados de um texto, operando simultaneamente em diferentes níveis — literal, teológico, contextual e pragmático. Essa abordagem integrada permitiu que o título "Boanerges" fosse analisado em sua totalidade, revelando a complexidade que outros métodos poderiam não captar. Ao invés de focar apenas na teologia ou na exegese literal, a T.G. conecta esses níveis de significado, mostrando como os símbolos, como "Boanerges", refletem e moldam as interações sociais e espirituais da época. A justaposição dos diferentes níveis de interpretação é um avanço metodológico crucial, pois oferece uma leitura mais rica e inter-relacionada, que outras abordagens, ao focarem em apenas uma ou duas dimensões, poderiam não conseguir alcançar.

Outro aspecto essencial revelado pela T.G. foi a transformação pessoal de Tiago e João. O título "Boanerges" não apenas simboliza o zelo espiritual dos irmãos, mas também representa a transformação e o rompimento com as expectativas familiares e sociais da época. A T.G. permitiu que essa mudança fosse analisada em profundidade, mostrando como Tiago e João, ao seguir Jesus, não apenas deixaram suas famílias e tradições, mas assumiram uma nova identidade, alinhada à missão do Reino de Deus. Esse processo de transformação pessoal e espiritual, que envolve sacrifício e ruptura com as normas sociais, é crucial para entender o papel dos discípulos na narrativa de Marcos e teria sido subestimado sem a análise simbólica e contextual proporcionada pela T.G.

Além disso, a T.G. demonstrou como o título "Boanerges" tinha uma função pragmática importante na narrativa. A liderança apostólica de Tiago e João, reforçada

por esse apelido, não era apenas uma questão teológica, mas também um meio de consolidar e legitimar a autoridade dos irmãos dentro da comunidade cristã primitiva. A análise pragmática da T.G. mostrou como o título funcionava no cotidiano dessas comunidades, reforçando a importância de Tiago e João como líderes espirituais e figuras de autoridade reconhecidas. Sem essa abordagem, o impacto prático de "Boanerges" na vida comunitária poderia ter sido ignorado ou minimizado, limitando a análise ao nível teológico ou literário.

Ao longo deste estudo, ficou claro que a T.G. oferece uma leitura multifacetada dos textos religiosos, integrando diversos níveis de significado e permitindo que eles interajam de maneira complementar. A análise de "Boanerges" através da T.G. mostrou que o título não pode ser plenamente compreendido sem levar em conta suas implicações teológicas, sociais, culturais e pragmáticas. A T.G., ao proporcionar essa análise estratificada, permite uma leitura mais completa do Evangelho de Marcos, revelando a interconexão entre símbolos, contexto histórico e significado comunitário. Sem essa abordagem, a interpretação de "Boanerges" poderia ter ficado limitada a um nível isolado, sem explorar as inter-relações mais amplas entre esses diferentes níveis de interpretação.

Outro ponto revelado pela T.G. foi a complexidade das traduções e interpretações do termo "Boanerges" ao longo do tempo. Sem essa análise, nuances das raízes semíticas e possíveis erros de copistas não teriam sido adequadamente considerados, deixando de lado uma compreensão mais precisa do significado original. A T.G. permitiu que o termo fosse recontextualizado, revelando como as tradições orais, as mudanças linguísticas e as traduções impactaram a forma como o termo era interpretado em diferentes épocas e contextos. Esse aspecto é essencial para entender a evolução do significado de "Boanerges" e teria sido negligenciado sem a abordagem detalhada da T.G.

A relevância da T.G. para as Ciências da Religião vai além de sua aplicabilidade para a análise de textos religiosos antigos. Ela representa uma metodologia robusta e interdisciplinar que pode ser aplicada em diferentes contextos e tradições religiosas. Ao conectar cultura, religião e sociedade, a T.G. permite que os textos religiosos sejam estudados de maneira mais integrada e contextualizada, revelando significados que outros métodos mais rígidos poderiam não captar. Sua capacidade de integrar os níveis literal, teológico, contextual e pragmático torna-a uma

ferramenta valiosa para a compreensão dos textos religiosos e seu impacto nas comunidades ao longo da história.

Além de suas contribuições metodológicas, a T.G. também oferece uma nova perspectiva sobre o papel dos símbolos religiosos na formação de identidades comunitárias e no fortalecimento da coesão social. A análise de "Boanerges" mostrou como os símbolos religiosos não são estáticos, mas atuam como agentes dinâmicos que moldam e são moldados pelas interações sociais e políticas. Esse insight é crucial para entender como as tradições religiosas se desenvolvem e como os símbolos funcionam em diferentes contextos históricos e culturais.

A T.G. também revelou a importância de compreender os símbolos religiosos não apenas em seu contexto original, mas também em sua evolução ao longo do tempo. Ao recontextualizar "Boanerges", a T.G. permitiu que as nuances históricas, linguísticas e culturais fossem consideradas, oferecendo uma compreensão mais completa do termo. Isso reforça a ideia de que os textos religiosos são documentos vivos, que evoluem e se adaptam conforme as circunstâncias históricas mudam, e que a análise simbólica deve levar em conta essa dinâmica histórica.

Em suma, a aplicação da Teoria Geertziana na análise de Mc 3,17 não apenas confirmou sua eficácia como metodologia para a análise de textos religiosos, mas também revelou novas perspectivas sobre a inter-relação entre símbolos religiosos, cultura e sociedade. A T.G. mostrou que a análise de textos religiosos antigos não pode se limitar a uma abordagem teológica ou literária, mas deve considerar o contexto cultural, social e político em que esses textos foram produzidos. Ao integrar essas diferentes dimensões, a T.G. oferece uma abordagem mais completa e enriquecedora, capaz de revelar os significados profundos e interconectados presentes nos textos religiosos antigos.

Dessa forma, a Teoria Geertziana representa um avanço significativo nos estudos de textos religiosos antigos, proporcionando uma metodologia robusta e versátil que pode ser aplicada em diferentes tradições religiosas e contextos históricos. Ao conectar os níveis simbólico, teológico, cultural e pragmático, a T.G. oferece uma abordagem interdisciplinar que não só enriquece a compreensão dos textos religiosos, mas também expande as possibilidades de pesquisa nas Ciências da Religião. A T.G., ao lidar com as complexidades culturais e históricas dos símbolos,

permite uma análise que vai além das interpretações convencionais, proporcionando uma leitura mais dinâmica e contextualizada.

Esse avanço metodológico oferece uma ferramenta valiosa para a investigação de textos religiosos antigos, como o Evangelho de Marcos, permitindo que novas camadas de significado sejam exploradas e que conexões antes invisíveis entre cultura, religião e sociedade sejam desvendadas. O símbolo "Boanerges", como exemplo central desta análise, demonstrou o quão profunda pode ser a contribuição da T.G. para a interpretação de passagens bíblicas, ao revelar sua multifacetada relação com as tensões políticas, sociais e religiosas de sua época.

A partir desse estudo, é possível concluir que a Teoria Geertziana não só valida sua aplicabilidade na análise de textos religiosos, como também se destaca por oferecer uma leitura interdisciplinar e multifacetada, que outros métodos não seriam capazes de proporcionar com a mesma abrangência. A T.G. trouxe uma nova lente para o estudo de símbolos religiosos, como "Boanerges", evidenciando como esses elementos simbólicos atuam em diferentes níveis — teológico, pragmático, contextual e literal —, criando uma visão mais completa e sofisticada dos textos religiosos antigos.

Assim, ao aplicar a T.G., a pesquisa sobre o Evangelho de Marcos foi enriquecida, demonstrando que os textos religiosos podem ser interpretados não apenas sob o prisma teológico, mas como produtos culturais profundamente conectados às realidades sociais e políticas do seu tempo. A T.G., portanto, abriu novas perspectivas e consolidou-se como uma ferramenta fundamental para o estudo dos textos religiosos, permitindo que futuros estudos nas Ciências da Religião possam seguir abordagens mais amplas e contextualmente informadas.

Referências

- ABADIA, L. R.; SOUSA, C. Â. D. M. Como fazer Análise de Conteúdo? Relato de experiência de uma oficina de metodologia da pesquisa. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, SP, Vol. 25, n. e023003, mar. 2023. 1-18.
- ACHTEMEIER, P. J. **Invitation to Mark**: a commentary on the Gospel of Mark with complete text from the Jerusalem Bible. New York: Image Book, 1978.
- ACHTEMEIER, P. J. **Mark**: proclamation commentaries. Philadelphia: Fortress Press, 1986.
- AGNOLIN, A. **História das Religiões**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- AGUIAR, A. T. D. O Método Histórico-Crítico e uma visão elevada da escritura. **Práxis Teológica**, [s.l.], Vol. 19, n. 1 - Fluxo Contínuo, 2023. p. (1-18) e1690. Disponível em: <Disponível em <https://adventista.emnuvens.com.br/praxis/article/view/1690>>.
- ALAND, K.; ALAND, B. **O texto do Novo Testamento**: introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- ALEXANDER, D.; ROSNER, B. S. **Novo dicionário de teologia bíblica**. Santos - SP: Editora Vida, 2009.
- ALMEIDA, M. A. D. A.; FUNARI, P. P. A. Exegese Bíblica: vantagens, desvantagens, limites e contribuições na interpretação moderna da Bíblia. **Caminhos**, Goiânia, Vol. 14, n. 1, jan/jun 2016. 45-57.
- ALVES, M. A. Da Hermenêutica Filosófica à Hermenêutica da Educação. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, Vol. 33, n. 1, jan./jun. 2011. 17-28.
- AMARAL, M. N. D. C. P. Wilhelm Dilthey: filósofo da vida e clássico da filosofia hermenêutica. **Revista USP**, São Paulo, Vol. 1, n. 96, dez./fev. 2013. 103-109.
- ANGLADA, P. R. B. **Manuscritologia do Novo Testamento**: história, correntes textuais e o final do Evangelho de Marcos. Ananindeua: Knox Publicações, 2014.
- ARAGÃO, G.; SOUZA, M. Transdisciplinaridade, o campo das Ciências da Religião. **Estudos Teológicos.**, 58, nº1, janeiro/junho 2018. 42-56.
- ARAÚJO, A. D. M. A verdade da crítica: o método histórico-crítico de August Ludwig (von) Schlözer e o padrão histórico dos juízos. **História da historiografia**, Ouro Preto, Vol. 8, n. 18, agosto 2015. p. 93-109.

ARAÚJO, J. L. D.; PAZ, E. P. A.; MOREIRA, T. M. M. Hermenêutica e saúde: reflexões sobre o pensamento de Hans-Georg Gadamer. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, 46, n. 1, 2012. 200-207.

ASAD, T. **Formações do Secular**: cristianismo, Islã, modernidade. São Paulo: Editora Unifesp, 2021.

ASLAN, R. **Zelota**: a vida e a época de Jesus de Nazaré. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

AZEVEDO, C. Do Modernismo em William Faulkner: as I lay dying. **Faculdade de Letras. Universidade do Porto**, 2004. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4219.pdf>>. Acesso em: 02 junho 2023.

AZEVEDO, W. O. D. **Comunidade e Missão no Evangelho de Marcos**. São Paulo: Loyola, 2002.

BALANCIN, E. M. **O Evangelho de Marcos**: quem é Jesus? São Paulo: Editora Paulinas, 1991.

BARBAGLIO, G. Curandeiro em um mundo de curandeiros - Parte II. **Ciber Teologia - Revista de Teologia e Cultura**, Edição 11 - Ano III Maio/Junho 2007. 34-43.

BARBAGLIO, G. Jesus: um curandeiro em um mundo de curandeiros - Parte I. **Ciber Tecnologia - Revista de Tecnologia e Cultura**, São Paulo, Edição 10 - Ano III Março/Abril 2007. 25-35.

BATTEN, A. Brokerage: Jesus as social entrepreneur. In: NEUFELD, D.; DEMARIS, R. E. **Understanding the Social World of the New Testament**. Abingdon, England.: Routledge, 2010. p. 167-177.

BAUCKHAM, R. James and the Jerusalem Community. In: SKARSAUNE, O.; HVALVIK, R. **Jewish believers in Jesus: the early centuries**. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2007. p. 55-95.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **A Cultura no Mundo Líquido Moderno**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BEJAN, C. A. **Intellectuals and Fascism in Interwar Romania**. Londres: Palgrave MacMillan, 2019.

BERGER, P. L. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. 24^a. ed. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

BÍBLIA de Jerusalém. 1^a Edição; 12^a Reimpressão. ed. São Paulo: Paulus, 2017.

BILBAO, F. T. Ciencia, científicos y verdad: los aportes de la hermenéutica de Hans-Georg Gadamer y de la conceptualización de Max Weber a la historia de la ciencia. **Historiografías**, Zaragoza - España, 24, n. 1, jul./dez. 2022. 55-70.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOCK, D. L.; KOMOSZWESKI, J. E. **O Jesus histórico: critérios e contextos no estudo das origens cristãs**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

BOND, H. K. **The Historical Jesus**. New York, United States: T&T Clark, 2012.

BRITO, Ê. J. D. C. Introdução à Parte IV: Ciências das Linguagens Religiosas. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciências da Religião. 1^a Edição**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 439 - 442.

BROWN, R. E. **An Introduction to the New Testament**. New Haven & London: Yale University Press, 2016.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARDOSO, J. B. **Metodologia da Pesquisa Científica e Produção de Texto Acadêmico, para Alunos da Graduação e da Pós-graduação**. 1^a. ed. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

CARDOSO, M. B.; FARIAS, I. M. S. D.; BARRETO, M. C. Diálogos sobre a pesquisa qualitativa com Antonio Chizzotti. **Revista Cocar**, Belém- PA, Vol. 15, n. 33, dez. 2021. 1-8.

CARLOMAGNO, M. C.; ROCHA, L. C. D. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, Curitiba - PR, Vol. 7, n. 1, jan./jun. 2016. 173-188.

CESAREIA, E. D. **História Eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2000.

CHARLESWORTH, J. H. **Jesus Dentro do Judaísmo: novas revelações a partir de estimulantes descobertas arqueológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CHAUÍ, M. **Um Convite À Filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.

CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G. **A Descoberta do Jesus Histórico**. São Paulo: Paulinas, 2009.

CHEVITARESE, L.; CORNELLI, G.; SELVATICI, M. **Jesus de Nazaré: uma outra história**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2006.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. 6ª. ed. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CLIFFORD, J. **Predicament of Culture: twentieth-century ethnography, literature, and art**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1988.

CLIFFORD, J. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

CLIFFORD, J. Introdução: Verdades parciais. In: CLIFFORD, J.; MARCUS, G. E. **A Escrita da Cultura: poética e política da etnografia**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2016. p. 31-61.

CLIFFORD, J.; MARCUS, G. E. **A Escrita da Cultura: poética e política da etnografia**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2016.

COMPANY, A. P. Boanerges meaning. **Abarim Publications**, 2024. Disponível em: <<https://www.abarim-publications.com/Meaning/Boanerges.html#.VaKTHflViko>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

CORBAIN, A. et al. **História do Cristianismo: para compreender melhor nosso tempo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CROSSAN, J. D. **O Nascimento do Cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2004.

CRUZ, E. R. Estatuto Epistemológico da Ciência da Religião. In: PASSOS, D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas / Paulus, 2013. p. 37 - 50.

CRUZ, E. R. Epistemologia. In: USARSKI, F.; TEIXEIRA, A.; PASSOS, J. D. **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulina: Loyola: Paulus, 2022. p. 292-297.

CULPEPPER, A. R. **John: the son of Zebedee, the life of a legend**. Minneapolis: August Fortress Publishing, 2000.

DILTHEY, W. The Rise of Hermeneutics. **New Literary History**, [s.l.], Vol. 3, n. 2, dez./mar. 1972. 229-244.

DONNER, H. **História de Israel e dos Povos Vizinhos**. São Leopoldo: Sinodal, v. 1: dos primórdios até a formação do Estado., 1997.

DONNER, H. **História de Israel e dos Povos Vizinhos**. São Leopoldo: Sinodal, v. 2: da divisão do reino até Alexandre Magno., 1997.

DORÉ, J. **Jesus: a enciclopédia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

DUNN, J. D. G.; MCKNIGHT, S. **The Historical Jesus: in recent research**. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, v. Vol. 10, 2005.

DURKHEIM, É. **As Formas Elementares de Vida Religiosa. 3ª Edição. 3ª Reimpressão**. São Paulo: Paulus, 2018.

DUTRA, L. H. D. A. **Introdução à Epistemologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

ECCO, C.; SALES, O. L. P. F. D. Ciência da Religião no Brasil: ensaio para a autonomia afirmada e a expansão do horizonte prático de atuação. In: STERN, F. L.; COSTA, M. O. D. **Ciência da Religião Aplicada: ensaios pela autonomia e aplicação profissional**. Porto Alegre - RS: Editora Fi, 2018. p. 79-97.

ECHEGARAY, J. G. **Arqueología y evangelios**. Estalla - Navarra: Editorial Verbo Divino, 1994.

ECK, E. V. Mission, identity and ethics in Mark: Jesus, the patron for outsiders. **HTS Theologiese Studies/Theological Studies**, Cape Town - South Africa, Vol. 69, n. 1, jan./jun. 2013. 1-13.

EDWARDS, J. R. **O Comentário de Marcos**. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.

EHRMAN, B. D. **Jesus existiu ou não? 1ª Edição**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2014.

ELIADE, M. **Histórias das Crenças e das Ideias Religiosas II: de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIADE, M. **Tratado de História das Religiões 5ª Edição**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

ELIAS, A. Nascimento de William Faulkner. **FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**, 2022. Disponível em: <<https://www.fflch.usp.br/38153>>. Acesso em: 02 abril 2023.

ENGLER, S.; STAUSBERG, M. Metodologia em Ciência da Religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus: Paulinas, 2013. p. 63-73.

ENGLER, S.; STAUSBERG, M. Metodologia em Ciência da Religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 63-73.

- EVANS, C. A. The Jewish Christian Gospel Tradition. In: SKARSAUNE, O.; HVALVIK, R. **Jewish believers in Jesus: the early centuries**. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2007. p. 241-277.
- FABIAN, J. **O Tempo e o Outro: como a antropologia estabelece seu objeto**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- FERNANDES, C.; VINHAS, L. I. Da Maquinaria ao Dispositivo Teórico-Analítico: a problemática dos procedimentos metodológicos da Análise do Discurso. **Linguagem em Discurso**, Tubarão - SC, Vol. 19, n. 1, jan./abr. 2019. 133-151.
- FERREIRA, F. A. A Teoria do Discurso e Análise do Discurso: de Ernesto Laclau a Michel Foucault. **Perspectivas**, Palmas - TO, Vol. 4, n. 2, julho 2019. 81-93.
- FERREIRA, V. J. **A dimensão política da práxis de Jesus no Evangelho de Lucas**. Goiania, Goiás: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, v. Dissertação de Mestrado, 2009.
- FEYERABEND, P. K. **Ciência, um Monstro: lições trentinas**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- FIENSY, D. A. Ancient economy and the New Testament. In: NEUFELD, D.; DEMARIS, R. E. **Understanding the Social World of the New Testament**. Abingdon, England.: Routledge, 2010. p. 194-206.
- FILHO, J. A. O Método Histórico-Crítico e seu horizonte hermenêutico. **Estudos de Religião**, São Paulo, Vol. XXII, n. 35, julho/dezembro 2008. p. 28-39.
- FISCHER, A. A. **O Texto do Antigo Testamento: edição reformulada da introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein**. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- FISHER, A. A. **O Texto do Antigo Testamento**. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- FOUREZ, G. **A Construção das Ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: Editora UNESP, 1995.
- FREEDMAN, D. N. **The Anchor Bible Dictionary**. New York - USA: Doubleday, 1992.
- FREYNE, S. **A Galileia, Jesus e os Evangelhos**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GEERTZ, C. **Islam Observed: religious development in Morocco and Indonesia**. Chicago: The University Chicago Press, 1968.
- GEERTZ, C. **The Interpretation of Cultures - selected essays**. New York: Basic Books, Inc. Publishers, 1973.

- GEERTZ, C. **Agricultural Involution**: the process of ecological change in Indonesia. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, 1974b.
- GEERTZ, C. **Myth, Symbol, and Culture**. New York: W. W. Norton & Company Inc., 1974b.
- GEERTZ, C. **The Religion of Java**. Chicago: University of Chicago Press, 1976.
- GEERTZ, C. **Negara**: the theater state in nineteenth-century Bali. New Jersey: Princeton University Press, 1980.
- GEERTZ, C. **Local Knowledge**: further essays in interpretative anthropology. New York: Basic Books, 1983.
- GEERTZ, C. **Nova Luz Sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GEERTZ, C. **Observando o Islã**: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- GEERTZ, C. **Atrás dos Fatos**: dois países, quatro décadas, um antropólogo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- GEERTZ, C. **O Saber Local**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas. 1ª Edição**. Rio de Janeiro: LTC, 2015a.
- GEERTZ, C. **A Vida Entre os Antros**: e outros ensaios. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015b.
- GEERTZ, C. **Obras e Vidas**: o antropólogo como autor. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018.
- GEERTZ, C.; GEERTZ, H. **Kinship in Bali**. Chicago: University of Chicago Press, 1975.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa. 2ª Edição**. São Paulo: Atlas, 1991.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6ª Edição**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIRARD, M. **Os Símbolos na Bíblia**: ensaio de teologia enraizada na experiência humana universal. São Paulo: Paulus, 1997.
- GONZAGA, D. Kenneth Burke: as imagens de uma ideia e as ideias de uma imagem. **Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos.**, Goiânia, Goiás, 2015. 92-100.
- GONZAGA, D. **O Drama Como Método de Investigação da Linguagem: uma interpretação do dramatismo de Kenneth Burke**. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás., p. 125. 2015.

- GORMAN, M. J. **Introdução à Exegese Bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- GRANGEIRO, A. C. C. **Tempo e Memória na Obra de William Faulkner**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, p. 239. 2011.
- GRANGER, G.-G. **Filosofia, Linguagem, Ciênica**. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2013.
- GRESCHAT, H.-J. **O que é Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- GRESCHAT, H.-J. **O que é Ciência da Religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.
- GUERRIERO, S. Clifford Geertz. In: USARSKI, F.; TEIXEIRA, A.; PASSOS, J. D. **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus, 2022. p. 488-490.
- GUIMARÃES, A. E. **O Sagrado e a História: fenômeno religioso e valorização da História à luz do anti-historicismo de Mircea Eliade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- HAHN, S.; MITCH, C. **O Evangelho de São Marcos: cadernos de estudo bíblico**. 1ª Edição. São Paulo: Ecclesiae, 2014.
- HALLEY, H. H. **Manua Bíblico: um comentário abreviado da Bíblia**. São Paulo: Editora Vida Nova, 1994.
- HERZFELD, M. **Intimidade Cultural: poética social no estado-nação**. Lisboa, Portugal: Editora 70, 2008.
- HIGHET, E. A. Hermenêutica da Religião. In: PASSOS, D.; USARSKI, F. **Compêncio de Ciência da Religião. 1ª Edição**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 457 - 468.
- HOCK, K. **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- HORSLEY, R. A. **Arqueologia, História e Sociedade na Galileia: o contexto social de Jesus e dos rabis**. São Paulo: Paulus, 2000.
- HORSLEY, R. A. **Jesus e o Império**. São Paulo : Paulus, 2004.
- HORSLEY, R. A. **Jesus and Magic: freeing the Gospels stories from the mordern misconceptions**. Cambridge, United Kingdom: James Clarke & Co., 2015.
- HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S. **Bandidos, Profetas e Messias: movimentos populares no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1995.
- HUEBENTHAL, S. et al. **Christology in Mark's Gospel: Four Views**. Grand Rapids, MI: Zondervan Academic, 2021.
- IERSEL, B. M. F. V. **Mark: a reader-response commentary**. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1998.

- INGLIS, F. **Clifford Geertz: culture, custom, and ethics**. Cambridge, UK: Polity Press, 2000.
- IOANID, R. The sacralised politics of the romanian Iron Guard. **Totalitarian Movements and Politicial Religions.**, Londres, Reino Unido., 5, n. Issue 3, 10 Agosto 2004. 419-453.
- JAYME, J. G. Uma Reflexão sobre a Ação Social em Webber e Geertz. **Temáticas.**, Campinas, São Paulo, jan/dez 1998. 195-221.
- JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisa de história econômtco-social no período neotestamentário**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- JÚNIOR, C. A. **Antropologia e Interpretação: explicação e compreensão nas antropologias de Lévi-Strauss e Geertz**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993.
- KAN, S. An Unorthodox Boasian: life and work of Alexander Goldenweiser. **BEROSE**, 2021. Disponível em: <<https://www.berose.fr/article2366.html?lang=fr>>. Acesso em: 12 março 2023.
- KONINGS, J. **A Bíblia, sua História e Leitura: uma introdução**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1992.
- KONINGS, J. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e das Fonte Q**. São Paulo: Loyola, 2016.
- KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas. 8ª Edição**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- LAKATOS, M.; MARCONI, M. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1992.
- LECOURT, D. **A Filosofia das Ciências**. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.
- LEMAIRE, A. **História do Povo Hebreu**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- LENNOX, J.; GOODING, D. **A Definição do Cristianismo**. Porto Alegre: A Verdade, 2014.
- LIMA, M. A. C. Ciência da Religião, Ciências da Religião, Ciências das Religiões? In: TEIXEIRA, F. **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 197-250.
- LIMA, M. R. P. Marshall Sahlins (1930-2021): provocações de uma antropologia inquieta como legado para o futuro. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, V.II.01, janeiro - abril 2021. 325-328.

- LOPES, A. N. O dilema do Método Histórico-Crítico na interpretação bíblica. **Fides Reformata**, São Paulo, Vol. 10, n. 1, 2005. p. 115-138.
- LOUW, J. P.; NIDA, E. A. **Léxico Grego - Português do Novo Testamento Baseado em Domínios Semânticos**. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- MACDONALD, M. Y. Kinship and family in the New Testament. In: NEUFELD, D.; DEMARIS, R. E. **Understanding the Social World of the New Testament**. Abingdon, England.: Routledge, 2010. p. 29-43.
- MALBON, E. A. **Mark's Jesus: characterization as narrative Christology**. Waco, Texas.: Baylor University Press., 2014.
- MALINA, B. J.; ROHRBAUGH, R. L. **Evangelhos Sinóticos: comentário à luz das ciências sociais**. São Paulo: Paulus, 2017.
- MANCILLA, M. Ética Dialética da Interpretação: a hermenêutica romântica de Friedrich Schleiermacher. **Trans/Form/Ação**, Marília, Vol. 45, n. 3, jul./set. 2022. 179-200.
- MARALDI, E. D. O. Método. In: USARSKI, F.; TEIXEIRA, A.; PASSOS, J. D. **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus, 2022. p. 666-670.
- MARCHINI, W. L. Êmico / Ético. In: USARSKI, F.; TEIXEIRA, A.; PASSOS, J. D. **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus, 2022. p. 280-281.
- MARCONI, M.; LAKATOS, M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARQUES, W.; PEREIRA, O. J. Sujeito e Identidade na Análise do Discurso. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista - SP, Vol. 9, n. 9, agosto 2020. 1-12.
- MASCILONGO, P. Jesus escolhe e reúne. In: DORÉ, J. **Jesus: a enciclopédia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 231-239.
- MEDEIROS, A. As ideias são lugares: entrevista com Michael Herzfeld. **Etnográfica - Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia.**, Online, V. 2 (1), agosto 1998. 1-18.
- MEIER, J. P. **Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

- MEIER, J. P. **Um Judeu Marginal**: repensando o Jesus histórico. Volume 2, Livro 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MEIER, J. P. **Um Judeu Marginal**: repensando o Jesus histórico. Volume 3, Livro 1. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- MELLO, R. G. D.; VALENTIM, M. L. P. Análise do Discurso: diálogos epistemológicos em Foucault e Heidegger. **Logeion - Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, Vol. 7, n. 2, mar./ago. 2021. 24-43.
- MENDES, N. M. **Sistema Político do Império Romano do Ocidente**: um modelo de colapso. Rio de Janeiro: Lamparina, 2002.
- MENDES, R. M.; MISKULIN, R. G. S. A Análise de Conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa**, [s.l.], Vol. 47, n. 165, jun./set. 2017. 1044-1066.
- MONASTERIO, R. A. Jesus e os poderosos. In: DORÉ, J. **Jesus**: a enciclopédia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 407-414.
- MONTEIRO, P. Talal Asad: para uma crítica da teoria do símbolo na antropologia religiosa de Clifford Geertz. **Cadernos de Campo**, São Paulo, V.19, N.19, março 2010. 259-261.
- MORIN, É. **Jesus e as Estruturas de seu Tempo**. 2ª. ed. São Paulo: Paulus, 1978.
- MÖRTH, I.; FRÖHLICH, G. HyperGeertz@WorldCatalogue: A multilingual all-inclusive documentation. **HyperGeertz@WorldCatalogue**, 2022. Disponível em: <<http://hypergeertz.jku.at/geertzstart.html>>. Acesso em: 05 abril 2023.
- MUÑOZ, R. **O Deus dos Cristãos**. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- MURAOKA, T. **A Greek-English Lexicon of the Septuagint**. Louvain, Paris.: Peeters., 2009.
- MURPHY, C. M. **The Historical Jesus for Dummies**. New York, United States: Wiley Publishing Inc., 2008.
- MYERS, C. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- NESTLE, E.; NESTLE, E. **Novum Testamentum Graece. 28ª Edição**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil; Deutsche Bibel Gesellschaft, 2012.
- NEUFELD, ; DEMARIS, R. E. **Understanding the Social World of the New Testament**. New York - NY: Routledge, 2010.
- NOGUEIRA, P. A. D. S. Linguagens Religiosas: origem, estrutura e dinâmicas. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião. 1ª Edição**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 443 - 456.

NOGUEIRA, P. A. D. S. **Narrativa e Cultura Popular no Cristianismo Primitivo**. São Paulo: Paulus, 2018.

OAKES, P. Urban Structure and Patronage. In: NEUFELD, D.; DEMARIS, R. E. **Understanding the Social World of the New Testament**. Abingdon, England: Routledge, 2010. p. 178-193.

OLIVEIRA, C. Z. D.; CAMPOS, J. B.; OLIVEIRA, M. A. A. D. A Análise do Discurso: uma abordagem teórico-metodológica em pesquisa de formação docente. **Momento Diálogos em Educação**, Rio Grande - RS, Vol. 31, n. 3, set./dez. 2022. 41-67.

OLIVEIRA, V. D. **Uma Introdução à Filosofia da Mente de Gilbert Ryle**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

OTTONI, P. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. **Retropectiva. DELTA**, São Paulo, 18:1 2002. 117-143.

PAGELS, E. **As Origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

PALS, D. L. **Nove Teorias da Religião**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

PAROSCHI, W. **Origem e Transmissão do Texto do Novo Testamento**. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

PASSOS, D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas / Paulus, 2013.

PEDROSA, E. D. S. O contexto militar em que o Evangelho de Marcos foi escrito. **Revista Batista Pioneira**, Ijuí - RS, Vol. 5, n. 2, dezembro 2016. 291-308.

PESSOA, S. S.; CRUSOÉ, M. D. C. A Técnica de Análise de Conteúdo na Pesquisa Qualitativa: práticas de formação continuada para coordenadoras pedagógicas no município de Cordeiros - BA. **Momento - Diálogos em Educação**, Tubarão - SC, Vol. 31, n. 3, 2022. 161-178.

PIMENTA, H. E. Jesus de Nazaré – magia e resistência no evangelho de Marcos. In: CORNELLI, G.; COUTINHO, L. **Estudos Clássicos IV: Percursos**. Coimbra: Annablume; Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. p. 168-191.

PINSKY, J.; PINSKY, C. B. **História da Cidadania**. 2ª Edição. São Paulo: Contexto, 2003.

PIRES, F. P. Liberdade e Religião no Existencialismo de Jean-Paul Sartre. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v.2, janeiro - dezembro 2005. 3-21.

POTER, J. R. **A Bíblia - Guia Ilustrado das Escrituras Sagradas**: história, literatura e religião. São Paulo: Publifolha, 2009.

PROJECT, C. S. Codex Sinaiticus. **Codex Sinaiticus**: experience the oldest Bible, 2009. Disponível em: <<https://codexsinaiticus.org/en/>>. Acesso em: 17 agosto 2021.

PYE, M. Integração metodológica na Ciência da Religião. **Revista Rever.**, maio/agosto 2017. Nº 2. 162-178.

QUEIROZ, J. J. Mitos e suas Regras. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião. 1ª Edição**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 499 - 512.

REIMER, H.; REIMER, I. R. À Luz da Crítica Histórica: sobre o método histórico-crítico no estudo da Bíblia., São Leopoldo, v. 59, n. jul/dez, 2019.

REINHARDT, B.; DULLO, E. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de Campo**, São Paulo, V.19, N.19, março 2010. 263-284.

REZENDE, R. H. **Formas Arquitetônicas Clássicas em Edifícios Religiosos do Período Bizantino**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. 1-92 p.

RHOADS, D.; DEWEY, J.; MICHIE, D. **Mark As Story**: an introduction to the narrative of a Gospel. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2012.

RIES, J. **A Ciência das Religiões**: história, historiografia, problemas e método. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

ROBERTS, J. M. **O Livro de Ouro da História do Mundo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ROCHA, I. E. Dominadores e dominados na Palestina do século I. **História**, São Paulo, Vol. 23, n. 1-2, 2004. 239-258.

RODRIGUES, C. C. L.; GOMES, A. M. D. A. Teorias Clássicas da Psicologia da Religião. In: PASSOS, D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 333-345.

RODRIGUES, V. B.; ANTUNES, A. C. G.; WADA, E. K. Análise Crítica do Discurso: possibilidade para a análise de dados em pesquisas qualitativas em hospitalidade. **SEMEAD - Seminários em Administração**, São Paulo, novembro 2017. 1-12.

ROIG, G. B. Teoría hermenéutica completa, de Friedrich D. E. Schleiermacher. **Cuadernos Salmantinos de Filosofía**, Palma - Mallorca (España), Vol. 49, 2022. 739-744.

ROSEN, L. Passing Judgment: interpretation morality, and cultural assessment in the work of Clifford Geertz. In: SHWEDER, R. A.; GOOD, B. **Clifford Geertz By His Colleagues**. Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 2005. p. 10-19.

ROSKAM, H. N. **The purpose of the Gospel of Mark in its historical and social context**. Leiden - Netherlands: Koninklijke Brill NV, 2004.

ROSKAM, H. N. **The purpose of the Gospel of Mark in its historical and social context**. Boston.: Brill Leiden., 2004.

RUEDELL, A. Hermenêutica e Linguagem em Schleiermacher. **Natureza Humana**, São Paulo, 14, n. 2, 2012. 1-13.

SAHLINS, M. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SAINT Paul History: USS St. Paul. Direção: Mike Popadiuk. Produção: Mike Popadiuk. Intérpretes: Katherine Lenaburg. [S.l.]: The Saint Paul Office of Media Services. 2004.

SAINT Paul History: USS St. Paul. Direção: Mike Popadiuk. Produção: Mike Popadiuk. Intérpretes: Katherine Lanaburg. [S.l.]: The City of St. Paul, Office of Media Services. 2004.

SAMPAIO, R.; LYCARIÃO, D. Eu quero acreditar! Da importância, formas de uso e limites dos testes de confiabilidade na Análise de Conteúdo. **Revista de Sociologia e Política**, [s.l.], Vol. 26, n. 66, jun. 2018. 33-47.

SANTOS, R. A. D.; CRUZ, E. R. D. Cinco conceitos de religião. **Último Andar**, São Paulo, N.32, dezembro 2011. 181-215.

SAULNIER, C. **A Palestina no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1983.

SCHIAVO, L. O Simbólico e o Diabólico: a vida ameaçada. **Phoinix**, Rio de Janeiro, n. 8, 2002. 230-243.

SCHIAVO, L.; SILVA, V. D. **Jesus, Milagreiro e Exorcista**. 3ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

SCHMIDT, B. E. A Antropologia da Religião. In: USARSKI, F. **O Espectro Disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 53-95.

SCHNACKENBURG, R. **Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos**. São Leopoldo - RS: Editora Unisinos, 2001.

SCHNELLE, U. **Introdução à Exegese do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2004.

SCHÖKEL, A. **Hermenêutica de la Palabra I: hermenéutica bíblica**. Madrid - España: Ediciones Cristiandad, 1986.

- SCHÖKEL, L. A. **Hermenéutica de la Palabra II: interpretación literaria de textos bíblicos**. Madrid - España: Ediciones Cristiandad, 1987.
- SCHÖKEL, L. A. **Hermenéutica de la Palabra III: interpretación teológica de textos bíblicos**. Madrid - España: Ediciones EGA, 1990.
- SCHÖKEL, L. A.; BRAVO, J. M. **Apuntes de Hermenéutica**. Roma - Italia: Editorial Trotta, 1996.
- SCHREINER, J. **Introducción a Los Métodos de La Exegesis Bíblica**. Barcelona: Editorial Herder, 1974.
- SELLIER, P. **Para Conhecer a Bíblia: um guia histórico e cultural**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico. 23ª Edição Revisada e Atualizada. 10ª Reimpressão**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SHWEDER, R. Cliff Notes: the pluralisms of Clifford Geertz. In: SHWEDER, A.; GOOD, B. **Clifford Geertz By His Colleagues**. Chicago, Illinois.: University of Chicago Press, 2005. p. 1-9.
- SHWEDER, R. A.; GOOD, B. **Clifford Geertz by his colleagues**. Chicago, Illinois.: University of Chicago Press, 2005.
- SIERRA, W. Hermenéutica y Pluriculturalism. **CÁLAMO / Revista de Estudios Jurídicos.**, Quito - Ecuador, Vol. 1, n. 2, diciembre 2014. 58-74.
- SILVA, C. M. D. D. **Metodologia de Exegese Bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.
- SILVA, C. M. D. D. Quem tem medo do método histórico-crítico? **ReBíblica**, Rio de Janeiro, Vol. 4, n. 8, julho/dezembro 2023. p. 214-255.
- SILVEIRA, E. S. D. **Como Estudar as Religiões: metodologias e estratégias**. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- SKARSAUNE, O.; HVALVIK, R. **Jewish believers in Jesus: the early centuries**. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2007.
- STERN, F. L. Ciência da Religião. In: USARSKI, F.; TEIXEIRA, A.; PASSOS, J. D. **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas: Loyola: Paulus, 2022. p. 143-149.
- STERN, F. L.; COSTA, M. O. D. **Ciência da Religião Aplicada: ensaios pela autonomia e aplicação profissional**. Porto Alegre - RS: Editora Fi, 2018.

- STEWART, E. C. Social Stratification and Patronage in Ancient Mediterranean Societies. In: NEUFELD, D.; DEMARIS, R. E. **Understanding the Social World of the New Testament**. Abingdon, England: Routledge, 2010. p. 159-166.
- STEWART, E. C. Social Stratification and Patronage in Ancient Mediterranean Societies. In: NEUFELD, D.; DEMARIS, R. E. **Understanding the Social World of the New Testament**. New York - NY: Routledge, 2010. p. 156-166.
- STUART, D. **Manual de Exegese Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- TEIXEIRA, F. **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil**: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.
- TEIXEIRA, F. Ciência da Religião e Teologia. In: PASSOS, D.; USARSKI, F. **Compêndio da Ciência da Religião**. 1ª. ed. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. p. 175-183.
- THATCHER, T. **Memory and Identity**: in ancient judaism and early christianity. Atlanta, United States: SBL Press, 2014.
- THEISSEN, G. **O Novo Testamento**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- THEISSEN, G. **A Religião dos Primeiros Cristãos**: uma teoria do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulinas, v. 2009, 2009.
- TINOCO, P. R. Hans-Georg Gadamer: entre la ontología y la hermenéutica filosófica. **STOA - Revista del Instituto de Filosofía**, Ciudad de México, Vol. 13, n. 26, 2022. 70-77.
- TORRES-LONDOÑO, F. História das Religiões. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus: Paulinas, 2013. p. 217-229.
- USARSKI, F. **Constituintes da Ciência da Religião**: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.
- USARSKI, F. **O Espectro Disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- USARSKI, F. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013. p. 51-61.
- USARSKI, F. História da Ciência da Religião. In: USARSKI, F.; PASSOS, D. **Compêndio da Ciência da Religião**. 1ª. ed. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. p. 51-61.
- USARSKI, F. Religião. In: USARSKI, F.; TEIXEIRA, A.; PASSOS, J. D. **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas: Loyola: Paulus, 2022. p. 781-785.

USARSKI, F.; PASSOS, D.; TEIXEIRA, A. **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus; Paulinas; Edições Loyola, 2022.

VAAGE, L. E. Que o leitor tenha cuidado! O Evangelho de Marcos e os cristianismos originários da Síria-Palestina. In: PIXLEY, J., et al. **Cristianismos Originários Extrapalestinos (35-138 dC)**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ribla, 1998. p. 11-31.

VALVA, A. Autoritarismo e Rudez de Jesus Marciano: perspectivas e interpretações a partir do Evangelho de Marcos. In: REIMER, I. R. **A Honrosa Arte de Curar e Cuidar**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023a. p. 317-349.

VALVA, A. Os Irmãos Boanerges: a importância de Mc 3,17 para a compreensão da comunidade de Marcos. **Encontros Teológicos: Ano Vocacional - corações, graça e missão.**, Florianópolis, 38, n. 2, Maio-Agosto 2023b. 685-710.

VALVA, A.; ECCO, C. Hesitações e convicções na espiritualidade de Pedro: aproximações histórico-antropológicas sobre as passagens de Mt 14,22-33 e Mc 9,2-8. In: FILHO, J. R. F. M.; ECCO, C. **Espiritualidades: múltiplos olhares**. Porto Alegre.: Editora Fi, 2022. p. 47-69.

VASCONCELLOS, P. L. Metodologia de estudos das "escrituras" no campo da Ciência da Religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 469-483.

VASCONCELOS, P. L. Metodologia de Estudos das "Escrituras" no Campo da Ciência da Religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião. 1ª Edição**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 469 - 484.

VEIGA, D. S. O messianismo de um galileu e sua visão de um novo tempo e um novo templo. In: CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G.; SELVATICI, M. **Jesus de Nazaré: uma outra história**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2006.

VELHO, O. O que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais? In: TEIXEIRA, F. **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 233-250.

VERMES, G. **O Autêntico Evangelho de Jesus**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

VIEIRA, K. A. L. Análise de Conteúdo: hermenêutica na educação. **Arquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte - MG, Vol. 6, n. 13, jan./abr. 2018. 85-104.

VIEIRA, M. D. G. **Mulheres na Bíblia e na vida de Jesus: o caso de Marta e de Maria**. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Escola Superior de Teologia - Instituto Ecumênico de Pós-graduação, v. Dissertação de Mestrado, 2010.

- VIELHAUER, P. **História da literatura cristã primitiva**: Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos. Santo André - SP: Editora Academia Cristã, 2005.
- VILHENA, M. A. Ritos Religiosos. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião. 1ª Edição**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 513 - 524.
- VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE JR., W. **Dicionário VINE**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. 1ª Edição. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2002.
- WALLACE, D. B. Crítica textual e o critério de constrangimento. In: BOCK, D. L. **O Jesus histórico**: critérios e contextos no estudo das origens cristãs. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 103-140.
- WALLACE, D. B. Crítica Textual: e o critério de constrangimento. In: BOCK, D. L.; KOMOSZWESKI, J. E. **O Jesus histórico**: critérios e contextos no estudo das origens cristãs. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 103-140.
- WALTON, J. H. **O Pensamento do Antigo Oriente Próximo e o Antigo Testamento**: introdução ao mundo conceitual da Bíblia hebraica. São Paulo: Vida Nova, 2021.
- WIEBE, D. **Beyond Legitimation**: essays on the problem of religious knowledge. New York, USA: St. Martin's Press, 1994.
- WIEBE, D. **Religião e Verdade**: rumo a um paradigma alternativo para o estudo da religião. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- WILLAIME, J.-P. **Sociologia das Religiões**. São Paulo: Editora Unifesp, 2012.
- WRIGHT, G. E. **Arqueologia Bíblica**. Madrid - Espanha: Ediciones Cristiandad, 1975.
- YARROW, A. L. Clifford Geertz, Cultural Anthropologist, is dead at 80. **The New York Times.**, 2006. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2006/11/01/obituaries/01geertz.html>>. Acesso em: 03 abril 2023.
- ZILLES, U. **Profetas, apóstolos e evangelistas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1992.